

ANTÓNIO DOS SANTOS VICENTE



SERRAS ALTAS DESCAMPADAS

ASSIM ERA ENTÃO A VIDA!...

Em todas as aldeias rurais
Quem vivia da agricultura
A vida era difícil e dura
P'ra um povo digno, honrado
A miséria fez no passado
Um viver de restrição
P'ra extrairem da terra o pão
Os sacrifícios eram gerais
Filhos acompanhavam os pais
Tão cedo... Tão pequeninos...
Traçados eram os destinos
Sem tempo para se ser criança
Mesmo a luz clara esperança
Que ilumina os lindos sonhos
Morria nos agouros medonhos
Que tanta vez lhes acontecia!
Ali se nascia e morria
Sem conhecerem outros meios
Trabalhavam por dias inteiros
Alguns com fortes debilidades
Não havia limites de idades
Nem reformas nem lazer
Com fome e sem pão para comer
E sem quaisquer ajudas sociais
Assim estes vivenles mortais
Com alimentação regrada
Levanlavam a sua enxada
Com energia, mas sem força!
Razão por que tanta gente moça
Morriam antes do tempo...
Aumentando o sofrimento
Como a Ába e tantas mães
Viúvas, e privadas de bens
Sem terem p'ros filhos sustento.

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra em homenagem a todos os pais e mães das Beiras, e não só, que por razões de miséria viam com alguma tristeza e saudade a desagregação dos filhos mais velhos do convívio familiar. Atirados para o mundo das aventuras, levavam consigo a responsabilidade de ajudar a criar os irmãos mais novos que ficavam atrás.

Esta dedicação vai também para esses jovens de então, que deixavam as suas aldeias com pouca ou nenhuma instrução, sem profissão, levando consigo apenas a grande vontade de vencer. E muitos conseguiram, mesmo sem terem alguém para os proteger, orientar e defender.

Foram estes, aqueles a quem a vida muito ensinou, que vieram a ser a assistência social dos seus familiares, o orgulho da sua terra e a dignidade dum cidadão.

Dedico este livro a mães e pais
E aos filhos de sentimentos nobres
Condenados p'lo crime de serem pobres
Bem novos deixavam as aldeias rurais.

A miséria empurrava os beirões
Para esse mundo de aventuras
As provas eram difíceis e duras
Impostas pelos egoístas patrões.

Jovens, iam caindo no mundo cão
Onde reinava o poder da ambição
Pensando apenas em explorar!

Uns queriam aumentar a riqueza
Outros, era combater a pobreza
Que na aldeia existia no lar.

O Autor



SERRAS ALTAS DESCAMPADAS

A CONSCIÊNCIA

Como é maravilhoso ter...
Uma consciência treinada
Quando há tantos infelizmente
A quem tal coisa não diz nada.
Consciência é algo abstracto
Não se pode ver nem apalpar...
É o óleo da dignidade
E um leme para nos guiar.
Um viver sem consciência...
É caminhar sem direcção
Seguindo os impulsos do mal
Sem respeito ou compaixão.
Corações sem consciência
Fazerem bem eu nunca vi!...
E vão impondo ao semelhante
O que não pretendem para si.
Com uma consciência limpa
Tendências más jamais tereis
Se ela estiver bem treinada
É mais forte que todas as leis.
A consciência é conselheira
Que todos devemos consultar
A fim de evitar o caminho
Que nos leva ao meu lugar.
Consciência, tu és para mim...
Uma coisa que muito ordena
Sem ti o povo sofre e chora
O que me dá tristeza e pena.
Com alma, consciência e amor!
Deus assim o Homem criou
Mas logo perdeu sua imagem
Quando a lei divina rejeitou.

INTRODUÇÃO

A finalidade porque o autor escreveu este livro, é em parte, para que nem tudo seja esquecido, do que foi o viver da pobre e humilde gente rural. Com maior agravo, nas aldeias do Interior. E, também, para testemunhar coisas inéditas e reais que ali se viviam... algumas, que já hoje custam a acreditar... como no caso dos **"Barbeiros Médicos, das Parteiras Amadoras, dos Pastores Veterinários"** etc.

Nesta obra há alguns pontos dignos de realce, e de significativa importância, para as futuras gerações. Muito em especial, às oriundas das Beiras.

O seu conteúdo é uma luz viva do que foi o triste cenário desse povo aldeão. E, é bom escrever-se o passado, para transmitir aos vindouros, algo sobre as suas origens, sem que tudo seja apagado pela esponja do tempo.

Na primeira parte, deverá chamar-se: coragem, sacrifício, sofrimento miséria e dor. Na segunda: revolta, amor e justiça.

Na metade inicial desta obra, relata as passagens vividas dumha mulher, mãe de treze filhos, ficando viúva quando todos eram menores e, na maioria de tenra idade. Cheia de dívidas, e ainda com o imposto a pagar ao Estado, o chamado inventário de menores! A tal penalidade aplicada ao cônjuge vivo, pela morte do que partia. Sem agasalho e sem pão para lhe dar; assim como sem tecto, para albergar toda a família!

Mas esta infeliz... era apenas uma... entre tantas, e tantas mais... por estas aldeias isoladas do interior, e não só! Afastados dos grandes meios urbanos; esquecidos e ignorados pelo sistema, sem meios nem recursos, para enfrentar as inesperadas eventualidades a que todos estavam sujeitos.

Dentro desse mundo de incertezas... aqui viviam no mar das tormentas, agarrando com unhas e dentes, ao leme da sua nau, tentando guia-lo ao porto da tranquilidade. Mas sempre em vão! E, como o imprevisto, era, e continua a ser cheio de desventuras... os ventos da desdita faziam o barco rumar às marés negras, e contra os vagalhões da instabilidade.

Sem nunca verem o raiar da luz da justiça social - nem mesmo um simples abono de família - aceitavam tudo isto, não como um mal, mas sim como uma normalidade...! Ou então, um castigo de Deus em desconto dos seus pecados. Por essa razão, esses pobres não tinham ligações nem contactos com os governos **Desumanos** e, sempre que afectados por calamidades... pediam ajuda a Deus, e não aos homens.

Assim, o afã em obter o pão para os seus obrigou esta mãe aos longínquos e difíceis caminhos de Arganil e Pampilhosa, para, nos dias de mercado, comprar sardinhas ou louça, para depois revender pelas aldeias. - Às vezes, com um filho nos braços. A fim de conseguir uns tristes e míseros vinténs para o sustento da família.

O Sol, a Lua e as Estrelas, são o vivo testemunho desses olhos cansados e marejados de choro, com lágrimas de sofrimento e dor. Tal como o ranger e tiritar de dentes, sem se saber, se de nervos, se de frio, ou de fome!

Debaixo desses pesados carregos, ia enfrentando inauditas tempestades pelas íngremes serras desses lugares. Mas esta era a sua sorte! Estava presa aos grilhões da escravatura chamada miséria, não conseguindo a alforria da sua libertação.

Foi esta mãe, e tantas outras desconhecidas, vítimas da desgraça, a quem se pode e deve chamar, de **mulheres dignas e heroicas**. Puras... e imaculadas... não se poluindo em vícios de nenhuma espécie. - Coisa tão usual nos tempos que correm.

Criaram rebanhos de filhos, mas sem ajudas sociais! Ensinaram e incutiram-lhes nas mentes e no coração, o respeito pelo semelhante, a honestidade e honradez, uma herança vinda já dos seus avôs. Estas deveriam ser chamadas de "**MÃES NACIONAIS!**"

Na segunda parte desta obra, há também pontos dignos de salientar...! As dificuldades existentes nas nossas aldeias; e a falta de recursos em obter o pão levava muitos infantes a alinharem nas fileiras do trabalho antes da própria idade. Esta, a razão porque tantos jovens perdiam a escolaridade, e sem terem tempo de serem crianças. Tornando-se, assim, mais maduros e responsáveis antes de atingirem a maioridade.

Muitos destes, a miséria os empurrava para o mundo da emigração forçada, mas tantos não chegaram ao fim da etapa. Uns, por falta de sorte, indo cair em patrões sem escrúpulo nem consciência; trabalhando em excesso, e a comida nem sempre era a que o estômago pedia...! Com salários baixos e muitas vezes negados... com sorte... quando não apanhavam tareia ao exigiam o que era seu. Coisa então muito comum, para com os indefesos empregados, no mundo da exploração. Mas, foi destes que saíram os grandes beirões, que hoje controlam em grande parte o comércio e a indústria nas grandes cidades, empregando tantos milhares de citadinos.

Outros, sem orientação e ninguém que os orientasse... deixavam-se embalar pelo som coral da fantasia, sedução da própria idade... vindo a cair no abismo, que os levaria à ruína, à doença, e à morte.

O Nino, prova neste livro, que nada há mais forte que a gentileza e a amizade; nem melhor ajuda, que a feita por amor! Coisa que todos podem fazer... sem a necessidade de ser rico, intelectual ou poderoso; ou ter que ser adulto para se praticar o bem.

As suas acções, escritas nesta obra, mostram que nem todas foram pacíficas; devido às injustiças praticadas a que sempre se opôs. Contudo, deviam ser lidas com ponderação... para compreenderem que no Mundo só pode haver mais paz, e melhor justiça, quando forem respeitados os direitos e deveres de cada um. Quer pelos que servem... como pelos que são servidos. Sem o cumprimento desta verdade, não é possível evitar as lutas e discórdias no campo laboral, e não só! Nem acabar com as batalhas infrutíferas, entre os que necessitam de mais pão, e os que procuram mais milhões.

É uma obrigação e um dever... dar o rendimento a quem nos paga... e uma legitimidade... pagar o justo a quem trabalha!

Toronto, Canadá/ Janeiro de 2000.

COMEÇO DUMA RELAÇÃO

Desde as aldeias mais pequenas, até às maiores cidades, todas as povoações do universo tiveram um começo semelhante. Só que umas cresceram, em tamanho e em população, quer devido à sua localização geográfica, quer ao seu solo fértil e produtivo, enquanto outras, pela pobreza dos seus terrenos, ou pelo isolamento, desapareceram, ou nunca passaram de pequenas aldeolas.

Hoje, em muitos desses lugares, os terrenos encontram-se incultos e abandonados, as casas a caírem em ruínas. Isto vê-se por toda a parte, neste nosso Portugal, especialmente nas regiões mais descuradas das Beiras e de Trás-os-Montes.

Calesdado é um lugar que fica a seis quilómetros a norte da Pampilhosa da Serra, um quilómetro e meio a sudoeste de Capescones, espremido entre duas pequenas encostas, virado ao nascente. Não faltavam por ali água em abundância, nem o amistoso Sol matinal, que faziam deste lugar o mais fértil e produtivo daquelas redondezas. Não vai longe o tempo em que dali vinham as primeiras novidades das gentes de Capescones.

Além de ter bons terrenos agrícolas, ficava escondido nas encostas altaneiras, difícil, portanto, de ser localizado pelas quadrilhas de ladrões que usavam roubar de aldeia em aldeia. Era, por isso, o sítio ideal para se viver em paz e tranquilidade.

Terá sido essa a razão pela qual se mudaram para lá dois cunhados, vindos duma aldeia dos arredores, no tempo da instabilidade nacional do século dezanove. Por essas alturas, as guerras civis entre Miguelistas e Liberais semeavam no país o terror da fome, a miséria, o crime, a pilhagem e o vandalismo. As seitas mais temidas eram os Brandões, os Ferreiras, os Cacas e os Peceladas. Mas havia outros.

Ambos os casais ali tiveram alguns filhos. Mas a linhagem genética não os fez vingar como habitantes deste lugarejo escondido entre serras e arvoredos. Começaram, também, a ser roubados. Não pelos profissionais, que eles tanto temiam, mas sim pelos vizinhos, no escuro da noite. Por tal razão, tiveram que se

mudar para Capescones, levando consigo todos os haveres. E para lá voltavam, todos os dias, para trabalhar, regressando a casa pela noite. Deixavam apenas as ferramentas, escondidas entre o mato, e nada mais.

Foi uma aldeia que não vingou, e perdeu até os seus fundadores. Existem ainda, na presente data, algumas terras de cultivo, pertencentes aos netos e bisnetos dos primitivos casais.

Das duas casas onde viveram, uma ainda está de paredes intactas; da outra, apenas restam os escombros, para assinalar a presença humana que por ali passou. Assim, Calesdado, já pouco mais tem para nos oferecer, além da saudade desses únicos moradores, que há muito partiram, chamados Natunes e Damiela.

Em Capescones, os dois cunhados foram viver para junto da ribeira, em casas quase pegadas, onde lhes viriam a nascer os restantes filhos. Tais habitações, as mais antigas da aldeia, hoje já desabitadas, entregues apenas às leis do tempo.

Do Ti-Natunes e da esposa, Frinolda, vieram oito filhos: três rapazes e cinco raparigas. A mais nova, era tratada pelo diminutivo carinhoso de Aba. Todos eles se tornaram excelentes pessoas, e as companheiras e companheiros que tomaram por cônjuges também o foram.

Nenhum conseguiu acumular riqueza. Mas todos viviam sem dificuldades de subsistência, embora com muito trabalho. Apenas a Aba viria a conhecer grandes problemas e dificuldades de nutrição. Apesar de ser uma bonita rapariga, e das mais espertas das irmãs, não foi feliz no casamento.

Para Aba, quis o destino que a sua vida fosse um verdadeiro cenário de sacrifícios, sofrimentos e miséria. Isso valeu-lhe a compaixão de todos quantos conheciam as suas desditas.

Mas nunca os contratempos que teve de enfrentar lhe fizeram baixar os braços, ou a impediram de lutar, mesmo quando já viúva. Mãe da mais numerosa família daquelas redondezas, nos tempos difíceis da segunda guerra mundial, a sua coragem contra os imprevistos tornaram-na heróica, bem merecedora do título de mãe nacional.

Não havia estabilidade.
Ninguém os podia defender
A única autoridade
Era um regedor sem poder.

Não havia p'ra eles medidas
Quer no campo, quer nas muradas
Uns roubavam-nos às escondidas;
Os outros, era às descaradas.

Por tudo isso, os dois casais
Deixaram as suas habitações
Cansados, já não podiam mais
Com esses nocturnos ladrões.

Capescones foi a aldeia
Para onde eles se mudaram
Em casas, junto à ribeira
E ali seus filhos criaram.

Dos oito que lá cresceram
Só uma sofreu, como ninguém!
As serras bem conheceram,
Os sacrifícios dessa mãe...

Serras altas, descampadas,
São o testemunho desse sofrer
Com as lágrimas derramadas,
Carregada, já sem mais poder.

Vivia-se o pós-guerra, de 1914 a 1918. Os rapazes válidos, especialmente os solteiros, eram poucos. Uns tinham morrido na guerra; dos que voltaram, já poucos regressaram às aldeias de onde haviam partido. Alguns ficaram a servir o exército, outros a polícia, em diferentes corporações, na busca dum vida mais fácil e com mais segurança social. Para não terem que esmolar, ou

passar fome, nos dias finais da vida. Como, infelizmente, viria a acontecer a muitos dos familiares que ficaram.

Assim, as raparigas, especialmente nos meios rurais, tinham poucas possibilidades de escolha, entre os rapazes das suas preferências. Arranjar-se um rapaz, são, escorreito e trabalhador, mesmo que a diferença de idades fosse de dez ou mais anos, e sem precisar de ser bem parecido, era considerado um bom casamento. Raramente tais homens eram rejeitados, por aquelas que pensavam em constituir família.

Se algumas preferiam esperar, ou mesmo ficar solteiras, logo se chegavam as casamenteiras, para convencer as desinteressadas ou indecisas a fazê-lo. E nem faltavam os tais arco-íris, enfeitados com as cores mais jubilosas, e as bem-aventuranças, a esconderem as cores negras dos sacrifícios invisíveis e espinhosos, que em seguida sempre aparecem. Foi o que aconteceu com essa jovem tão bonita, que respondia pelo diminutivo de Aba.

Havia em Ojafa um homem, ainda jovem, de nome Tanónio Centive, que acabava de ficar viúvo, aos trinta e dois anos de idade, e com uma filha de quatro. Novo, e em tais condições, como óbvio e justo, necessitava duma nova esposa, e uma segunda mãe para aquela filha. Mas isso fazia qualquer candidata pensar duas vezes. Além de não poder ter lua-de-mel, havia o problema de ser madrasta, um nome desventurado ainda que muitas tenham sido verdadeiras mães. Mas, que seja do meu conhecimento, nunca se ouviu uma canção, ou um poema, embora singelos, dedicados a estas mulheres.

O jovem viúvo era a dignidade em pessoa. Além de ser também um bom trabalhador. Fazia um pouco de tudo, e com alguma perfeição. E era dotado de muitas outras qualidades. Os treze anos de diferença, pouca importância tinham, nem o facto de já ter sido casado e ser pobre. Mas sim a filha. Isso dava que pensar. Criar filhos de outrem nunca foi tarefa fácil.

Ainda que pobre, ele descendia de uma família rica, distinta e nobre. Sua mãe vinha duma linhagem de condes e condessas. Mas a lei dos morgadios e primogenituras, haviam despojado a avó das riquezas e dos brasões.

Segundo lhe contara a mãe, Osória, o avô, que fora lente de leis, era um dos maiores opositores da lei dos morgadios. Como o pai de Osória era o primogénito, o seu avô, antes de morrer, pediu ao filho mais velho que dividisse os bens do casal em partes iguais com os irmãos. E foi isso mesmo o que ele fez!

Mas, segundo dizia a filha Osória, tal custou-lhe a liberdade, e depois a vida. A família desceu às crateras da pobreza. A história reza tantas injustiças, de homens que pagaram com o sangue e a vida, pela defesa dos seus ideais, para criarem um mundo mais justo e mais humano. Fora isso o que acontecera ao seu pai.

Segundo consta, este jovem viúvo ia muitas vezes a Pampilhosa, sede do concelho, para tratar de vários assuntos, por ser um homem que sabia ler e escrever bem, coisa pouco comum no seu tempo, por aquelas aldeias do interior. Capescones era a rota por onde tinham de passar.

Era assim que, por vezes, se encontravam as pessoas, que por esta ou aquela razão ali se deslocavam, fazendo juntas esse percurso de sete quilómetros. Sobrava-lhes o tempo para longas conversas, para se fazerem conhecimentos e até para se criarem amizades.

Não se sabe ao certo como aconteceu o conhecimento entre Centive e a jovem Aba. São das tais histórias que os pais nem sempre revelam aos filhos. Mas pensa-se ter sido nesse caminho, o princípio do seu conhecimento. Depois, vieram os contactos e a troca de informações entre ambos.

E daí resultaria o pedido de namoro. Poucos meses mais tarde consumaram o infeliz casamento, que teve lugar na Primavera de 1919.

Com a linda moça ele casou
Mas tão infeliz foi o seu lar...
Porque muitos filhos alcançou
E sem comida para lhes dar.

Ele com trinta e três anos
Ela com vinte Primaveras
A vida dá-nos desenganos
Juntos com ilusões e quimeras.

A pequenita, órfã de mãe
Tinha agora seis anitos
Influenciada por alguém
Pôs naquele casal conflitos.

Por inveja ou por ciúmes
Começou tudo a correr mal
Iniciando-se azedumes
E problemas no jovem casal.

INÍCIO DUMA VIDA CONJUGAL

No dia seguinte ao do casamento, que se realizou em Capescones, os nubentes seguiram para Ojafa, terra de Tanónio. Não para uma lua-de-mel, mas de puro fel, como a jovem esposa nem imaginava.

Não foi necessário muito tempo para ela se aperceber de que na vida que assim encetava não havia a luz da esperança, duma felicidade desejada. Para ela, nem sequer houve aqueles bons tempos de núpcias, como é habitual nos recém-casados.

Havia uma filha. E, mesmo não sendo sua, tinha a obrigação e a responsabilidade de lhe dispensar toda a atenção e carinho, para lhe atrair a confiança. A boa relação entre ambas seria a mola real para salvaguardar a paz no agregado familiar. Mas tal nunca foi possível.

Os familiares da mocita jamais aceitaram a jovem mulher. Para eles, seria sempre uma intrusa. Ela bem tentou para construir uma relação sã e harmoniosa. Mas não teve êxito, sem o qual não pode haver paz nem felicidade. E assim começaram os primeiros problemas conjugais, que os levariam a uma separação, embora temporária.

No primeiro casamento, o Tanónio não fora feliz. Não porque a esposa fosse má companheira. Segunda constava, ela fora até uma pessoa excelente e dedicada. Tivera apenas a fatalidade e a pouca sorte de a perder. A morte levou-a cedo, quando ainda não tinha trinta anos de vida. Primeiro morrera-lhe o filho primogénito; pouco depois foi a jovem mãe. Assim, deixou o marido viúvo, e uma filhinha de tenra idade. São estes golpes fatais que tiram todo o colorido da vida. Até mesmo o prazer de viver.

Tanónio esperava encontrar no segundo casamento a felicidade que não tivera no primeiro. Mas os muitos filhos e o pouco alimento para lhes dar, fizeram da sua vida, um verdadeiro cenário.

A razão pela qual a nova esposa não foi bem aceite por alguns dos familiares da mocita, foi que havia duas irmãs da falecida, ambas solteiras e jeitosas, que se julgavam mais competentes para

ocuparem o lugar deixado vago pela defunta.

Tal rejeição, em favor duma mulher estranha, feriu-lhes os sentimentos. Seria mais aceitável se o jovem viúvo escolhesse uma das cunhadas para segunda esposa. Até porque havia já uma criança, que vinha sendo criada na companhia das tias, desde a morte da mãe.

Foi esta uma das principais razões das dificuldades de aceitação da jovem desconhecida. Segundo se constava, a criança era incitada pelas tias a desobedecer-lhe. A certeza, porém, é que a jovem madrasta tudo tentou para convencer a criança a ser sua amiga. Mas nunca o conseguiria.

À medida que a miúda crescia, no corpo e na idade, cresciam também os problemas no lar daquela família humilde e pobre, gerando-se um clima tenso e de discórdia.

A jovem Aba começava a sentir mexer dentro do seu ventre uma nova vida. Isto ainda mais triste e desiludida a deixava, ao pensar no casamento que fizera. Os doze quilómetros entre Ojafa e a sua aldeia, separadas pelo viso de duma serra, pareciam-lhe a divisão de dois continentes. Embora abrangida pelos mesmos raios solares, estes não lhe pareciam tão brilhantes e amistosos como os da terra onde nascera. Não lhe aqueciam a alma, nem davam luz às trevas da sua solidão, onde não existia sequer o calor humano. Sentia no coração a saudade do velho lar, que deixara para trás e onde tudo era diferente: até a abundância do pão.

Lembrava-se da casa onde cresceria, junto à ribeira, cujo caudal se fazia ouvir as vinte e quatro horas do dia, e onde as rãs coaxavam durante a noite, como que a quererem despertar os mais sonolentos para começarem os regadios nocturnos. O convívio desses batráquios, os seus mais próximos vizinhos, lembrou-na com saudade de Capescones. Faltavam-lhe também a voz dócil da mãe, que já não ouvia a chamar por si, e a companhia das irmãs amigas que ali deixara. Em tudo isso ela pensava, com tanta intensidade quanto maior era o seu sofrimento, no lar triste onde vivia.

Os casamentos são como jogos
Que prémios nem sempre dão
Há os fingidos amorosos
Mostrando-se sempre bondosos
Assim escondendo o que são.

A pobre Aba não previra
O que lhe iria acontecer
Essa filhota que já havia
Um martírio lhe faria
Junto a um triste viver.

Nessa terra desconhecida
De nome chamada Ojafa
Não foi muito bem recebida
Pelas irmãs da falecida
Não tendo delas a graça.

Com discórdias e intrigas
Falta a paz e a moral
A criança junto das tias
Ganhava ênfase às teimosias
E assim se separar o casal.

DE VOLTA À CASA PATERNA

A sogra de Aba era a única mulher da povoação que sabia ler. Descendia de gente instruída, gente de conhecimentos e haveres. Não só ela era esclarecida, como era também bondosa. Sempre tentou ajudar a nora, quer através de conselhos, como intervindo pessoalmente, como mediadora, para que houvesse paz e união entre o casal. A boa senhora bem sabia que a nora estava a sofrer as consequências de ter casado com o filho.

Que culpa tinha esta jovem, de o marido não ter escolhido uma delas? Ou o que remediam com isso? Estas anormalidades revoltavam a esposa, e ainda mais ao ver que ele próprio se voltava contra si.

Os dias iam passando, num viver conjugal, já quase dividido, entre si, marido e a filha dele. Faltava um pouco de compreensão, para ligar aquela família desunida.

Os esforços da jovem esposa, em se tornar agradável, iam-se esgotando, juntamente com a paciência. Tudo tem os seus limites. O marido continuava a ignorar os problemas que lhe apresentavam, sem que os combatesse, e ficasse do seu lado. Por isso, já saturada ela resolveu dizer, chega!

E assim pôs um ponto final em todas aquelas anomalias, voltando à casa materna, o que tantas vezes desejava. Estava, até, arrependida, de dela ter saído. Só que, agora, levava no ventre uma vida, que iria nascer em poucos meses.

Tinha deixado a casa paterna ainda não havia um ano. Poucas vezes ali voltara, não por lhe faltar vontade, mas para evitar contar à família toda a sua dor.

Agora, que voltava, todos iriam saber o que sempre evitara. Sabia bem que ia ser recebida sem entusiasmo, nem alegria, mas com muito carinho e amor. Iria ocupar de novo o seu lugar. Mas, como se encontrava já a mais de metade da gravidez, todo aquele trabalho que bem conhecia, e sabia fazer, não era para si. Dar-lhe-iam outro, mais de acordo com as suas capacidades.

Se por um lado era verdade que nunca os familiares lhe dispensaram tanta atenção e carinho, não era menos certo que lhe estavam estampados no rosto todos os sinais da tristeza e da dor. Mas, o tempo, que é um grande médico, tudo cura. E também ela se curaria desse golpe, ganhando forças e recuperando a coragem, para criar a nova vida que carregava, fruto da desilusão, e que iria nascer muito em breve.

Em Ojafa, Tanónio Centive voltava aos tempos solitários da sua vida de viudez. Triste, e cheio de remorsos pelo que podia e devia ter feito, e não fizera, reconhecia ser em parte culpado por aquela separação. Concluíra que a filhota, ainda que pequena, desempenhara um grande papel na desarmonia conjugal.

A partir daí, o pai pôs a filha a viver mais tempo sob os cuidados da sua mãe. No convívio da avó paterna, a criança perdeu muitas das suas desobediências e teimosias, coisas comuns da própria idade.

Esta senhora, de trato fino, era amante da paz e da justiça, sempre a favor da razão. Detestava enredos e zangas entre as pessoas - ou não fosse ela neta e filha de professores de leis. Sempre que tal acontecia, lá estava ela, para uma reconciliação.

Foi isso que fez entre o filho e a nora, por quem sempre tivera uma boa relação de amizade. O seu regresso a casa dos pais não lhe trouxera nenhuma surpresa ou novidade, por ter acompanhado de perto toda a evolução.

Foi a senhora Osória - que sempre viu na nora uma pessoa de excelentes qualidades - quem mais sentiu a dor, por ter testemunhado o clima de instabilidade que pairava sobre ela.

A insistência com o filho num armistício conjugal, era constante. Ele reconhecia a sua meia culpa, e temia enfrentar não só a esposa, como também os seus familiares. Mas, ao fim de algumas semanas, ganhou coragem e deslocou-se a Capescones, à procura duma resolução construtiva.

Não se verificou qualquer reacção negativa por parte dos familiares da esposa. Antes pelo contrário. Foi recebido com todo o respeito e sem restrições, nesse diálogo, para tentar uma reconciliação. Mas a esposa estava moralmente magoada, e não estava disposta a receber mais injúrias e humilhações, só porque

tivera a infelicidade de ter casado com um homem viúvo, e já com uma filha.

Tanto ela tentara, sem êxito, para fazer daquela mocinha a sua primogénita. Em troca, recebera toda a espécie de vexames. Nem mesmo o apoio do marido se revelara, para que houvesse paz no lar, já que faltava o pão desejado. Estava disposta a viver apenas para o filho que iria chegar em breve, o fruto inocente dum casamento que não dera certo.

Aba a jovem bonita!
Criada junto à ribeira
Bem estimada na aldeia
Pela gente desse lugar
Por ironia ou por azar
Ou pensando no futuro
Enamorou-se dum viúvo
Mas foi infeliz e sem sorte
Para Ojafa foi o seu Norte
Sem nada ali conhecer
Onde o casal foi viver
Numa casa bem pequenina
Junto duma filha que tinha
Da sua mulher falecida
A Aba foi mal recebida
Até mesmo indesejada
As tias da sua enteada
Não usaram boa maneira
Por isso a casa ficou cheia
Em completa desarmonia
E como a paz não conseguia
Voltou de novo à sua aldeia.

A PRIMEIRA DOS TREZE FILHOS

Cerca de três meses depois de regressar a Capescones, nasceu aquela que viria a ser a primogénita de uma irmandade de treze, uma das maiores famílias das Beiras.

A criança, uma menina, era forte e saudável, e também bastante acariciada e querida por todos os familiares. Mesmo depois da unificação dos pais, a recém-nascida ficou ali a viver até à idade de seis anos, quando deixaria a família materna, para se juntar aos irmãozitos já nascidos em Ojafa, que ela não conhecia.

A razão pela qual os pais a quiseram levar, não foi por lhe quererem dar uma educação e criação melhor do que recebia da avó, mas antes para lhe incumbirem responsabilidades, tal como era uso nas grandes famílias.

A jovem esposa voltara, devido à persistência do marido e até de familiares, mas sem vontade nem alegria, tal como uma condenada levada ao presídio - a fim de cumprir a sua pena - voltou a Ojafa, ao seio da miséria que deixara. Esta decisão foi correcta e digna, mas muito cruel e infeliz. Poder-se-ia até descrever como uma das mais sacrificadas e sofredoras da época.

Foi uma heroína, que os responsáveis e governantes do tempo sempre desconheceram e ignoraram. Só seria lembrada muito mais tarde, quando os filhos já estavam criados, e sem ter necessidades.

Ao deixar a casa materna pela segunda vez custou-lhe ainda mais. Sabia não encontrar uma vida fácil. Contudo, iria lutar com todas as suas forças e capacidades. Estava em causa a reunificação dum lar. E, mesmo que o futuro se lhe não mostrasse feliz, nem risonho, era a sua sina, a sua cruz e a sua vida. Só ela teria que enfrentar o que escolhera e prometera perante Deus e o mundo, no dia do seu enlace matrimonial.

A primogénita do casal
Em Capescones, foi o local
Onde ela viria a nascer
O Centive, a partir de então
Com o fim de uma união
Bastantes vezes as ia ver.

Ao fim de alongadas conversas
Junto a outras tantas promessas
A infeliz mulher aceitou...
Mas fez uma decisão errada
E lá volta, a pobre coitada
Mas a sua filhinha deixou.

Por essa serra descampada
Vai uma mãe amargurada
Por onde já passara tanta vez
Quanto mais ela avançava
Mais da filhinha se lembrava
E da decisão que ela fez.

Agora, ao avistar Ojafa
Imaginou uma desgraça
E a Aba ficou com medo.
Foi o destino que a avisou
Que a partir dali começou
O seu mais tormentoso degredo.

Em Ojafa, no velho sobrado
Tinha o seu sangue gelado
Nada o fazia aquecer...
Sem adivinar, calculava
A sorte que a esperava
Que mais feliz era morrer.

OS DONS DUMA FAMÍLIA

Na velha casa em Ojafa nada mudara. Tudo estava como dantes. Apenas o soalho tinha agora algumas saliências, devido aos pedaços de madeira que tapavam os buracos feitos pelo caruncho, juntamente com o uso e o tempo. Os dois quartos existentes, só à medida do enxergão, pareciam-lhe ainda mais acanhados, assim como a única janela da casa mais pequena. Mesmo com a sua pequenez, abaixo do normal, nunca tinham conhecido vidros. E, quando aberta, a luz parecia ter vergonha de entrar, sem força para fazer iluminar o interior dessa pequena casa, triste e pobre.

A primeira pessoa a visitá-la foi a sogra, mulher que sempre acreditou no seu regresso. Abraçou-a, feliz pela sua presença, oferecendo-se para tudo o que lhe pudesse ser prestável.

Neste encontro entre sogra e nora, houve um diálogo de encorajamento, que só a experiência duma mulher sábia saberia fazer. Essa mulher pobre, mas de sangue azul, e da mais apurada inteligência, disse-lhe:

- Minha filha...neste mundo imperfeito da humanidade, o grande mal de todos nós, é pensarmos demasiadamente no nosso bem-estar, esquecendo e ignorando o semelhante. O egoísmo e a ânsia pelo poder são as principais causas pelas quais o nível social e jurídico se tornam imperfeitos. As injustiças chegam até às altas camadas da nobreza. Umas vezes por malvadez, outras por ignorância, o que não quer dizer que esta última seja um mal menor. São o fruto da nossa imperfeição. Olha! A grande dignidade humana está em todo aquele que sofre e sabe perdoar. Ainda que nem sempre seja fácil esse perdão, especialmente quando somos traídos, por aqueles em quem mais confiamos e consideramos. Por isso, é sempre muito importante conhecer as pessoas, para não sermos traídos por falsas amizades. Quanto aos que não gostam de nós, é apenas uma questão de tempo. As nossas qualidades mostrar-lhes-ão quem somos. Meu avô, além de ser rico e nobre, era também um grande homem de leis. Usava dizer: "Não é dos inimigos declarados que tenho de me acautelar, mas

sim dos amigos mascarados que desconheço!" E, quando da sua luta para a abolição da lei dos morgadios, mesmo sendo ele um primogénito, dizia ser aquela a mais discriminatória de todas as leis. Foi aqui que teve a prova dessa realidade, traído por alguns daqueles em quem mais confiava.

Segundo a neta, ele dera todo o seu ser, e o melhor da sua vida, assim como o conforto e bem-estar dos seus familiares, a fim de endireitar um mundo torto, o que não conseguiu. Opunha-se a esse e a outros males, que só beneficiavam os ricos e poderosos, ficando uns com excesso, e os outros sem pão para comer.

Como honesto e digno Professor de leis, sempre esteve ao lado dos fracos e indefesos, dos trabalhadores explorados, e dos pobres ignorados. Por isso foi traído por esses aleivosos, de falsa amizade, e outros de quem já esperava, por o considerarem um traidor da nobreza.

A partir daqui não é preciso explicar mais o que lhe aconteceu. Segundo dizia a neta, Osória, o seu pai sempre respeitara os ideais do seu avô. Foi punido, também, como não podia deixar de ser. Assim, de ricos passaram a pobres; e de nobres a humildes.

Como ainda era muito jovem, só mais tarde compreenderia a razão por que tudo isso acontecera.

Mas porquê assim? É porque quando existe um ideal a favor da razão e da justiça, está sempre acima do nosso conforto, e dos bens que possuímos. Tal como ela usava dizer:

- Quando se perde algo em favor duma causa digna e justa, não é vergonha nem humilhação, mas antes, uma honra e uma glória.

A sogra Osória tirou o lenço do bolso do seu avental preto, para com ele limpar algumas lágrimas que lhe rolavam pelas faces enrugadas, que ainda mostravam os traços de alguém que descendia da fidalguia.

A nora, que até ali nada dissera, e apenas ouvia o que a sogra contava, perguntou:

- Explique-me porque aconteceu tudo isso!

-Não! Não é coisa que te possa explicar, porque não irias compreender. Apenas ficarias ainda mais pensativa e confusa, ou poderias até fazer ideias erradas. Mesmo eu, com alguma instrução e experiência, tendo ainda vivido os problemas da transição, também não consigo compreender muito bem... Se todos somos humanos, qual a razão por que existe tanta maldade e egoísmo? Há sempre ódio e vingança contra os que tentam algo em favor dum mundo melhor; dos que defendem os explorados e oprimidos; os que choram as injustiças duma sociedade cega e surda. Com os políticos que não vêem as lágrimas, nem ouvem os gritos desalentados daqueles que nada mais pedem que não seja o pão da vida. Desde que o Mundo é Mundo, segundo reza a história, sempre houve homens, em todas as camadas sociais, que se sacrificaram e arriscaram as vidas em prol do bem comum. Aventurando o conforto e o bem-estar dos seus familiares, por serem dignos dos ideais em que acreditam. E ai da humanidade, quando deixar de haver homens que lutem pela justiça e bens sociais! Foi sempre o sangue destes que obrigou os responsáveis a mudarem a sua direcção, para um caminho de mais justiça social. Mesmo contra a sua própria vontade. A prova dessa realidade é que, poucos anos depois do meu avô deixar de fazer parte dos vivos, a lei dos morgadios - pela qual ele tanto lutara, e a causa da nossa ruína - foi abolida. Assim como outras, que só desfavoreciam os pobres. Contudo, nunca nos foram restituídos os bens que nos foram tirados.

A nora, que nada conhecia sobre a linhagem do marido, não perdera uma só palavra de tudo quanto ouvira. Queria, mais tarde, transmiti-las aos filhos. Mas parece que apenas um deles, o Nino, viria a gravar na mente pequenina essa história, que a mãe lhe contaria um dia, a caminho de Arganil. Tal filho não degenerou, vindo a ser um exemplo vivo dos seus antecessores.

Depois deste diálogo, a jovem mulher agradeceu à sogra, beijou-a, como que a dar-lhe a despedida daquele dia tão agitado. Depois, olhando-a de novo, viu saltar-lhe dos olhos já cansados duas lágrimas, que lhe escorreram pelo rosto, indo desaparecer entre as pregas da face enrugada. Fora conhecadora da riqueza, mas fora na pobreza que vivera quase toda a sua vida. Segundo

dizia, nunca se sentiu diminuída nem humilhada, porque ao lembrar-se que era filha e neta de alguém que tudo perdera em favor do bem-comum, sentia-se na obrigação de reconhecer que, acima das riquezas e do conforto, estão os valores humanos e morais.

Osória tinha bem na mente
Os confortos da riqueza
Mulher digna, inteligente
Descendia de fina gente
Fez parte da grande nobreza.

Muito boa conselheira
No sangue lhe estava a lei
Com sua própria maneira
De bons ideais foi herdeira
Duma gente digna da grei.

Nesse tempo da monarquia
Duma coisa há a certeza
Que liberdade não havia
Como também não se podia
Nunca ir contra a nobreza.

Por isso a lei dos morgados
Foi sempre muito protegida
Os mais velhos eram herdados
Os outros para seus criados
P'rá riqueza não ser partida.

No tempo do Clero e nobres
E povo que nada podia
Todo o defensor dos pobres
Era p'ra nobreza um Herodes
Logo levado p'ra enxovia.

QUANDO NÃO HÁ PÃO...

Aba deixara a sua filha em Capescones, aos cuidados da mãe e das irmãs. Sabia que estava melhor com elas, que consigo. Não porque elas lhe quisessem mais, mas porque tinham outras condições que ela não possuía. Mas era mãe e tinha saudades da filha. Tinha até uma ponta de ciúme, por aquela criança ir ganhando mais amor e afeição às suas tias e avó que a si própria, ao mesmo tempo que ia esquecendo a sua legítima mãe. Mas trazê-la para Ojafa ainda não era possível.

De novo na terra do marido, a jovem esposa lembrava-se do passado, e das causas porque tivera de deixar este lugar. Temia que as coisas voltassem ao antigo. E voltar agora, mesmo com razão, seria ferir o seu orgulho e a própria dignidade. Felizmente, ainda que com todas as falhas e mal-entendidos, nada de extraordinário se consumou. As relações entre a jovem madrasta e enteada melhoraram, mas nunca foram boas, não chegando a haver uma relação de mãe e filha.

A criança entrara entretanto para a escola. A idade ajudava-a também a compreender melhor as coisas. E assim iam vivendo o dia-a-dia, sempre a dar para o lado do frio e da agressividade, com respingos e teimosias. A moça foi sempre pouco dócil, e tal defeito passou de criança a adulta.

Quando já era mulher e com boas condições de vida, muito podia ter feito para auxiliar os irmãos, especialmente quando o pai morreu, deixando a família banhada na miséria e privações. Mas ignorou-os por completo, sem mesmo levar a esses meios irmãos, um simples carinho humano.

Estava-se então em meados da década de mil novecentos e vinte. As dificuldades eram grandes, e maiores ainda para os que não tinham terras suas. Quem não tinha terras, não podia fugir às rendas, por vezes em condições poucos favoráveis. Havia muito trabalho e pouca produção. E quando falta o pão, falta a paz, como é sabido. Logo surgem complicações de toda a espécie. Não é por mero acaso que se ouve dizer a cada passo que "Casa onde não há pão, todos ralham, mas ninguém tem razão!" Era este o

motivo pelo qual tantas vezes discordavam. Os proventos eram tão magros, quase nulos, que não chegavam para as necessidades mais básicas da família. Ainda que todos trabalhassem como verdadeiros escravos, nem mesmo assim conseguiam ter uma alimentação adequada.

As colheitas que recolhiam pelo S. Miguel, não davam para o alimento anual da família, mesmo trabalhando sem descanso. Se as terras fossem suas, com metade do esforço teriam o suficiente para o ano inteiro. Mas como eram de renda, tudo era diferente.

A grande preocupação do Centive era ter terras que lhe garantissem o milho para o pão da família, no ano inteiro, sem que tivesse de trabalhar as terras que não eram suas, algumas vezes pagando dois terços para o dono e retendo apenas um para si.

Com o fim de conseguir o seu desejo, trabalhava como ninguém. Quantas vezes pela noite dentro, à luz do luar, ou da velha lanterna, para, na manhã seguinte, ir dar mais um dia de trabalho, para os outros, a troco de uns magros vinténs.

Essas pequenas moedas de prata, logo ele as guardava no canto escuro duma gaveta, junto de algumas já ali existentes, a pensar em comprar mais um bocadito, sempre que houvesse dinheiro para isso.

Mas essas caravelas eram poucas. E, por isso estavam sempre bem contadas. E, se por necessidade, a esposa dali desviajava alguns tostões para o governo da casa, logo começavam os tais mal entendidos. Um, porque queria comprar as vinhas; o outro porque tinha que comprar riscado para fazer os bibes dos filhos. No fundo, quem tinha razão?

O Tanónio usava dizer que não era por ganância, mas tendo terras suas, melhorava a vida da família, com mais abundância e menos trabalho. E um maior sacrifício temporário, era melhor do que trabalhar uma vida inteira em terras de renda. Quando as terras fossem suas, então sim, haveria mais abundância, sem necessidade de trabalharem tanto. E o dinheiro que agora era para comprar milho, e comerem broa seca, seria depois usado em conduto para todos.

Mas era sobre a esposa que caía a responsabilidade, de pôr na mesa as três refeições diárias, e as roupitas para os cobrir. Estas eram as nuvens das suas tempestades. Qual dos dois tinha razão? É difícil arriscar uma resposta!

O Centive era um homem de excelentes qualidades, estimado e respeitado por toda a gente. Era alguém que preenchia os três principais requisitos que qualquer ser humano deve e pode ter: respeitador, pontual nas suas contas e honesto. Isto sem falar em tantos outros dons, que o faziam uma pessoa digna e estimada. Contudo, era um pouco tímido e acanhado. Em especial se tivesse que pedir algo para si.

Não era um homem aventureiro. Mesmo sabendo ler e escrever com alguma perfeição, com uma redacção invejável, era uma pessoa recatada. Nunca tentou a sorte, em lugares mais convidativos, e de vida mais abundante.

A Aba acabava de dar à luz o seu segundo filho. Sem que tivesse feito algum repouso durante a gravidez, nem mesmo de se proteger dos trabalhos mais pesados. Permaneceu sempre nas terras, até uma hora antes do parto, quando teve os primeiros sinais de dar à luz.

Como andava um pouco distante da terra, parou o trabalho e tomou o caminho da aldeia, para não ter o parto na fazenda - como veio a acontecer com um dos filhos - quando passava pelo lugar de Toima, onde morava a Ti-Maira dos Janos, a parteira amadora da aldeia. Nesses tempos, quase todas as mães tinham muitos filhos. Mas não os davam à luz em maternidades, nem eram assistidas por médicos especializados, ou tratadas por parteiras diplomadas.

Cada casa era a maternidade dos seus próprios filhos, sem as mínimas condições de higiene, pela natureza dos recursos tão precários. Era quase sempre nesse cubículo chamado quarto que as crianças nasciam - quando não acontecia na horta - apenas com espaço para o enxergão e uma cadeira.

Ali nasceu aquela menina, mais os restantes onze irmãos, sempre debaixo da orientação da boa senhora Ti-Maira dos Janos. Como o quarto não tinha janela, todos viram como primeira claridade a luz mortiça da candeia, o primeiro símbolo da miséria que

os esperava.

Em Capescones, a primogénita continuava sob os cuidados da mãe e irmã, com quem já não havia contactos por bastante tempo, devido ao trabalho, e também ao seu estado de gravidez.

Quando a irmã teve conhecimento do parto, logo veio a Ojafa, a fim de ajudar por algumas semanas nessa doença temporária. Depois de restabelecida, Aba acompanhou a irmã a Capescones, para mostrar a menina à mãe e restantes familiares.

Aba que já não via a sua filhita há bastante tempo. Achou-a muito crescida para a sua idade, prova de que era bem tratada. Esta, ao ver a mãe, olhava-a com alguma estranheza, sem dela se aproximar, como se fosse uma pessoa desconhecida. Ao tentar acariciá-la, a pequena fugia, para se ir refugiar junto da avó e da tia, olhando a mãe indecisa e desconfiada.

Quando lhe perguntavam se queria aquela bebé, que era sua irmã, manifestava esse desejo, mas não queria aquela mulher. As crianças são assim... Quando não têm confiança com as pessoas, não importa qual seja o grau de parentesco, só depois de algum tempo se sentem à vontade.

A jovem mãe reconhecia com alguma mágoa que, não sendo criada consigo, esse amor por si se refrearia a cada dia. O amor materno, que lhe era devido, passaria para a tia e para a avó, e até o nome de mãe acabaria por esquecer.

Levá-la consigo não era possível, nem estava na sua agenda. Também não seria justo tirá-la do convívio da sua mãe e irmã. A criança só se voltou a sentir livre e feliz depois da mãe ter partido, e ela ficar só, junto daquelas que mais desejava.

A vida em Ojafa, para este casal, tornava-se cada vez mais difícil e miserável. O trabalho era em excesso e exaustivo, e o produto colhido estava muito aquém das necessidades para cobrir a subsistência da família.

Os nascimentos continuavam com intervalos de menos de dois anos. Ainda a segunda filha não tinha vinte meses, já a mãe estava para ter a terceira. A casa era cada vez mais pequena, e o pão cada dia mais escasso.

Com o nascimento desta última, as coisas tornaram-se ainda mais complicadas, em todos os aspectos, para esta família

sentenciada a uma vida cheia de dificuldades e miséria. A mãe não podia agora ir para o serviço do campo, com uma filhinha de vinte meses e outra de peito. Com um serviço de casa também maior, tudo dependia de si, sem poder contar com ajudas de ninguém.

A enteada Ruianda, estava com dez anos, teria que deixar a escola antes do limite de idade, por ter de alinhar também nas fileiras do trabalho. A sua ocupação foi como pastora do rebanho da casa, que também era de renda. A criação anual era dividida em partes iguais para cada um. Quanto ao leite que elas produziam, era para o arrendatário.

A pobre moça, sempre contrariada e resmungona, às vezes até com justa razão, lá seguia para o monte acompanhada das outras pastoras, pois são muitas destas crianças menos afáveis, as que mais sofrem e fazem sofrer, devido às suas frustrações e antipatias.

Também trabalhava por vez mais que as suas posses, no meio de tantas privações e miséria. Esta era a sina das pessoas rurais, que viviam por essas aldeias isoladas, sem as mínimas condições duma vida digna. Só podiam contar com aquilo que a terra dava, mas nunca antes do cereal entrar nos celeiros.

Não havia assistência às pessoas, nem subsídios se as terras não produziam, como nos dias actuais. Mas, para esta família, tais dificuldades eram apenas um princípio, daquilo que no futuro os esperava.

A terceira criança nascera, sendo também uma menina. E, tal como as suas irmãs, era também saudável e escorreita. O pai é que não se mostrou muito feliz por voltar a ser uma rapariga. Desejava, como é óbvio, um rapaz. Do primeiro casamento houvera um, mas morrera. Justificava-se assim, o seu desejo. No meio de tantas dificuldades, dezoito meses depois aparece o quarto filho. Desta vez era um rapaz, o que deixou o pai mais feliz.

A vida estava ainda mais complicada. Além das dificuldades do pão, que era preciso trabalhar para ele, a mãe não podia andar no campo e olhar pelas crianças ao mesmo tempo. Isto levou o casal a pensar, com certa preocupação, em encontrarem uma saída para este dilema.

Não vendo outra alternativa, ambos concordaram em ir buscar a Capescones a pequenita Maira, que estava aos cuidados da tia e da avó.

Os pais reconheciam não ser uma boa ideia, mas julgaram que, entre outras, aquela seria a melhor. Também comprehendiam, não ser muito justo tirar a menina do convívio daqueles familiares, assim, de chofre. Tinham-na criado até àquela idade, com tanto carinho e afecto, e agora viam-na partir sem mais nada. Tal coisa não era justa, nem humana.

E como poderia uma inocente, com menos de seis anos, ter o entendimento para tomar conta de outras crianças, quando ela própria ainda precisava de ser guardada? Não. Não foi na realidade uma boa decisão, ainda que tenham achado ser a mais adequada e conveniente. Assim, no meio de choros, lágrimas de saudade e de dor, com gritos angustiosos da pequena, por não querer deixar a avó e a tia, assistiu-se a um cenário comovente, que chocaria qualquer observador, mesmo com o coração empedernido.

A mãe, depois de não conseguir levar a filha por meios convincentes, agarrou-a, mesmo contra a sua vontade, e arrastou-a consigo. Já à distância, a miúda escapou-se-lhe e correu em direcção à casa da avó, enlaçou os bracitos à volta do pescoço da tia, gritando que não queria ir com aquela mulher. "Não quero! Não quero!" repetia.

Aba sentiu o coração retalhar-se-lhe de dor, tal como sua mãe e irmã. Despediu-se delas, agarrou de novo na filha, sem mais exequias, e partiu. A criança, acompanhada pela sua progenitora - quase uma desconhecida - tentava fugir-lhe a cada passo.

Os pezitos infantis faziam mover as pedras da estrada, à frente daquela mãe desconhecida, mas o seu pescocito não seguia a direcção do caminho, mas antes tudo o que deixava atrás. Tal como duas condenadas, ambas escaparam os vales e outeiros, no alto dessas serras descampadas, para cumprir uma pena, pelo crime da sua pobreza.

Quem nasce debaixo do signo da pobreza, é tal como quem nasceu escravo, que dificilmente sai da escravatura.



Alimento é coisa sagrada.
Sem haver direitos especiais
Enquanto que para uns é negado
Tantos outros o têm demais.

O pão é um direito social.
Se pudesse... quem me dera!
A todos o daria por igual...
E baniria a fome da terra.

O dinheiro, tal como o pão
São os pesos duma balança
Mas há por aí tanto papão
Já sem alma e sem esperança.

Oh dinheiro, és um malvado!
Mas toda a gente te procura
E para te terem a seu lado
E cometerem tanta loucura!

És o rei de todo o poder.
Tudo fazes à tua vontade
Fazes os inocentes morrer
Por falta de humanidade.

São esses humanos tubarões
Compram tudo o que é prazer.
E tantos procuram uns tostões
Para darem aos filhos comer.

O dinheiro faz os seus barões
Mais divórcios e amantes
Crimes, prostitutas e ladrões
Como doenças repugnantes.

Todo o que nasceu escravo
Terá que morrer em escravidão
E o pobre a ser condenado
A trabalhar e pedir pão.

Maira, a primogénita do casal, que há pouco mais de um ano viera para Ojafa, fizera sete anos. Tal como regia a lei, era suposto entrar na escola nesse ano. Até porque a sua meia irmã, Ruilanda também já o tinha feito. Este era outro problema que o casal tinha que enfrentar.

Ambos os cônjuges desejavam que a filha fosse para a escola. Mas como isso poderia ser? E quem tomaria conta das três outras criancinhas? E, ainda para ajudar, já esperava o quinto filho. A decisão final estava agora no Professor. Se ele insistisse, teria mesmo de frequentar a escola, de contrário aplicar-lhes-iam uma multa, que já era bastante pesada. O direito à escola tinha começado a ser obrigatório nas aldeias.

Por isso, iriam pedir ao responsável pelo ensino o favor de a dispensar das aulas. Para seu azar, foram atendidos. Desta maneira, era mais um golpe na sua juventude, este o maior de todos. Foi a única dos irmãos que nunca conheceu uma escola!

Durante os primeiros tempos da primogénita em Ojafa, a mãe instruiu a filha, em como deveria olhar pelos seus irmãos, impondo-lhe essa responsabilidade, para assim poder andar mais tempo no amanho das terras.

Como a criança fosse bastante cuidadosa, talvez mais por instinto que por compreensão, a mãe ganhou confiança na pequenita e passou a andar mais tempo fora. Ainda que preocupada, pois bem sabia que era também uma criança, tal como as outras, necessitando ela mesma de ser guardada. Era demasiada responsabilidade para a sua idade. Contudo, as coisas lá iam correndo de maneira normal.

Na casa dos Centives, os sacrifícios eram cada vez mais; a família cada dia maior. E o pão menos abundante. Começariam agora, os primeiros dos grandes males que estavam para vir.

Sempre ouvi à mãe dizer
Aos que não queriam estudar
Quem não sabia ler nem escrever
Era como não poder falar.

A Maira muito gostava
Até de aprender a preceito
Mas a esta pobre coitada
Tiraram-lhe todo o direito.

A necessidade a obrigara.
Na escola a não dar entrada
Pois o trabalho era um dever.

Nos montes guardando o gado
Uma colega teve o agrado
Ensinando-a a ler e escrever.

A MISÉRIA FAZ VÍTIMAS

A pequenita Maria dos Anjos, segunda filha do casal, acabava de completar os quatro anos, dando já por algum tempo sinais de doença. Deixou de mostrar a sua graça, tão comum numa criança alegre e bem disposta, sempre que a barriguita estivesse a meio termo.

Começou a andar triste e a não comer com aquele apetite que lhe era costumeiro. O corpito ia-lhe ficando mais franzino e mirrado a cada dia que passava. A sua carita era agora pálida e perdera todo o rosado, sem forças e até a traquinice deixara de existir. Estes eram os sinais da sua doença. Quanto menos comia, mais a barriguita lhe crescia, devido à inflamação provocada por qualquer desarranjo interno.

Por estas aldeias isoladas das Beiras do Interior, não havia médicos, nem transportes ou acesso fácil para se fazerem chegar os doentes às longínquas cidades com recursos hospitalares. Assim, muitas crianças morriam, antes de atingirem os cinco anos de idade. As causas principais destas doenças eram as fracas condições alimentares, quer na quantidade, quer na qualidade, de acordo com as suas idades. Também não eram vacinadas para se protegerem de certas doenças que por ali eram até desconhecidas.

Sujeitas a quaisquer vírus que entrassem nelas, raramente resistiam, devido às suas debilidades. Apenas era dada uma vacina, quando pela primeira vez se entrava na escola, pelo barbeiro da aldeia. Este era o único clínico daquela gente. E, por sinal, bem melhor do que muitos que há por aí com canudos de doutores médicos.

As doenças que o Barbeiro ia detectando, e passando receitas de acordo com os seus males, a fim de os combater, eram aviadas nas farmácias concelhias, quando havia dinheiro para comprar a medicina. Mas, muitas vezes, a receita ficava na gaveta da mesa, até que aparecessem algumas migalhas, que dessem para ela ser aviada. E, enquanto tal não acontecia, iam optando pelas mezinhas caseiras, que às vezes até curavam! E sempre eram mais baratas que as da farmácia.

Se as doenças eram daquelas que trazem o visto, quando apareciam os tostões para os remédios, já não havia doentes para os tomarem, por já terem partido para o lugar que a todos nos espera.

A falta de higiene era também um dos grandes problemas para atrair doenças, em especial para estas criancinhas de tenra idade. Não por culpa das mães, mas das circunstâncias e das dificuldade em que viviam.

Tudo isto acontecia na maioria das famílias pobres e com muitos filhos, em que alguns morriam nos primeiros anos de vida. Foi o que aconteceu à família dos Centives. Esta criança enferma, tal como a sua irmã, agora com dois anos, ambas já por muito tempo vinham sendo alimentadas com o mesmo trato dos adultos.

Ainda que a mãe reconhecesse não ser aquele o trato apropriado para as suas idades, era o que tinham ao alcance dos seus recursos, sempre os mesmos e escassos.

Mercearia, em casas de gente pobre, era coisa desconhecida. Salvo, por vezes, um bocado de bacalhau, que compravam, não para o pessoal da casa, mas para darem aos obreiros, quando ali trabalhavam. Para os membros da família, era o caldo de couves, com uma pinga de azeite e umas batatas. E ia-se com sorte, quando havia uma sardinha, dividida por dois! Aos domingos, havia um bocadito de toucinho e a uma fatia de broa, para quem a tinha.

As castanhas, feijão e outros produtos que a terra produzia eram os alimentos diários para adultos e crianças. Mas sempre que houvesse a fatia da broa, as pessoas já se consideravam felizes. A gente pobre é boa de conformar.

A bebé, quando deixou o leite materno, e antes de passar ao regime normal de alimentação, tal como era uso, começou com os calditos de farinha de trigo, e um pouquinho de açúcar. Este, mais adiante, seria substituído por azeite, por ser mais acessível ao bolso da família. Diziam ser também para se habituarem a comer os alimentos dos adultos.

O seu estado agravava-se, assim como a preocupação dos pais, que logo mandaram chamar o "Barbeiro" para examinar a pequenita. Feito o exame, por este médico sem diploma, e nem mesmo a instrução primária, não foi para ele difícil descobrir-lhe

o mal, que de imediato transmitiu à mãe:

- A doença da sua filha é muito grave! Ainda que bastante me custe dizer-lhe. Por isso vou ser realista. As possibilidades de cura, nestas idades, e lugares sem recursos, são quase como um milagre, que não está ao alcance de qualquer Santo. Em cada cem doentes, é raro escapar um, por estas paragens isoladas e sem recursos. A sua filha teria muitas possibilidades de se salvar... e muitas se salvam... se vivesse numa cidade, junto dum hospital. Naqueles aonde já há preparamos, e médicos especializados neste tipo de doenças. Mas, aqui, e num lar pobre na ponta de uma serra, sem meios de transportes e a mais de oitenta quilómetros da cidade, não sei o que lhe diga... Reze à senhora dos desprotegidos, por um milagre! Mas como são tantos a fazerem-lhe pedidos, não sei se será atendida... Talvez se compadeça de vós, pois apesar de nunca me ter feito nenhum favor, acredito mais nela, que nos políticos que nos governam.

Este homem, era mais realista que conformista. Mas era um coração puro e humano. E continuou:

- Contudo, vou-lhe passar uma receita, de acordo com o seu mal. Se a puder e quiser aviar... porque este remédio é demasiado caro para bolsos de famílias que esgotam a broa nos açafates da cozinha. E as farmáciais não fiam, a menos que haja uma segurança.

O Barbeiro ordenou à mãe que pusesse a doente a caldos de galinha. Deixou sobre a mesa o papel da receita, deu as boas-tardes e saiu, prometendo voltar no dia seguinte.

Quando o pai Centive chegou, pela noite, a esposa contou-lhe o resultado do exame feito pelo Barbeiro. Disse-lhe qual era o seu mal, e as poucas possibilidades de sobreviver. Perante esta situação, ambos os cônjuges, desolados, pensavam nas palavras do Barbeiro, e na receita que deixara sobre a mesa. Agora faziam cálculos à vida, e aos dinheiritos reservados para a compra das vinhas. Calcularam o quanto iriam gastar nos remédios, e nas palavras desencorajadoras do clínico. Por fim, a esposa disse:

- Ele, às vezes, também se engana... E para que os santos da nossa devoção nos ouçam, é sempre melhor fazermos a nossa parte.



Esses tostões amealhados, tirados ao seu próprio sustento e ao da família, eram destinados a tal propriedade, que há muito tratava, e iria ser posta à venda no fim das colheitas. Com este chão, mesmo ficando a dever algum dinheiro, já teriam o pão necessário para os gastos da família, nos anos de boa produção. Esta ansiedade era a razão de todos os sacrifícios e privações. Mas o imprevisto ia-lhes desfazendo a grande ilusão das suas vidas.

Assim, ficou assente usarem o dinheiro reservado àquela compra para os remédios da filha. No dia seguinte, lá vai a pobre mãe, levando consigo o quinto filho, com apenas algumas semanas, e deixá-lo-ia em Capescones, junto dos familiares, enquanto ia à Pampilhosa aviar o tal medicamento.

A distância era de cerca de vinte quilómetros para cada lado, por caminhos de gado, descendo e subindo, desde as ribeiras até ao viso da Serra da Amarela. O custo foi além dos seus prognósticos, tal como lhe dissera o Barbeiro. Era, na realidade, um medicamento muito caro! Mas, se ao menos lhe fizesse bem, daria o dinheiro por bem empregue.

Nos primeiros contactos com a medicina, houve uma reacção inicial e a criança mostrou algumas melhorias. A felicidade dos pais, fazia-os esquecer do dinheiro gasto, e as doses foram-se repetindo. O Barbeiro estava também feliz, mas confuso. Mas depois de alguns meses, com melhorias e pioras à mistura, esgotou-se tudo o que havia reservado à compra da propriedade. Dois dias antes de terem que ir comprar mais remédios, pensaram em pedir algum dinheiro.

Mas nessa noite a criancinha achou-se pior, e nem as doses dobradas fizeram qualquer efeito. As esperanças começaram a desvanecer-se e os pais começaram a pensar nas palavras de aviso do Barbeiro. Ele sabia o que dizia. Já conhecia bem a doença. E, quanto ao tal milagre, os santos são como os especialistas: cada um tem a sua especialidade. É provável que o santinho a quem pediam não fosse o apropriado àquela doença. Além disso, os pedidos são muitos, e nem sempre podem atender a todos. E, como são mais sinceros que os políticos, quando não podem servir a todos, não servem a ninguém.

Depois que todo o dinheiro da família se foi, o bom do Barbeiro não passou mais nenhuma receita, por ver que se estavam a meter num buraco cada vez mais fundo, sem quaisquer esperanças de um resultado satisfatório. Como a criança só queria a mãe, este clínico improvisado, ordenou-lhe que estivesse junto dela, naqueles derradeiros dias da sua vida. Foi o que ela fez. Quando as dores lhe apertavam o corpito, agarrava-se à progenitora, como que ela fosse o único alívio da sua dor.

Estava-se nos princípios do Outono, quando as folhas das árvores mudam de verde para amarelo e muitas outras cores. É um cenário, lindo no reino vegetal, que logo se torna triste, com a queda das pétalas, que vão tombando e apodrecendo nas bouças e nos caminhos, pisadas pelos transeuntes, sem se aperceberem que elas foram em vida, os filtros do ar que respiramos. Sem que se saiba bem porquê, é nesta época do ano que as pessoas mais fracas têm menos hipóteses de resistirem aos seus males. Assim, esta criança, depois de alguns meses de duro sofrimento, acabou por sucumbir, vencida pela doença que vitimou a sua passagem relâmpago por este mundo de dor.

A estrela d'alva anunciava mais um dia, nessa madrugada triste e já fria do Outono. O coração regelado daquela mãe chorava a perda da primeira vida que lhe saíra do ventre, e que tudo ela fizera para a salvar. Era a primeira dor e saudade, dos quatro filhos que viu morrer.

Há um adágio do povo que diz que um mal nunca vem só. E, para a família dos Centives, esse provérbio foi uma realidade que não falhou. Mais males estavam para vir.

Mal tinham aliviado a dor e o luto pela morte da sua Anja, adoecia agora a Ziquita, a terceira filha, sentenciada aos mesmos sofrimentos e condenada a morrer pela mesma doença.

Tal como a primeira, começou por perder o apetite e as forças, pondo a mãe em sobressaltos, e a temer o pior. O seu coração não lhe costumava mentir! Foi de imediato chamar o Barbeiro, a fim de observar a inocente, que contava pouco mais de dois anos de idade, e já condenada a morrer.

Este "Médico Barbeiro", que conhecia mais de doenças que de cortar cabelos e barbas, examinou-a com cuidado, e começou a coçar a cabeça e a frazir a testa, mas sem nada dizer. Foi a mãe que quebrou aquele silêncio perguntando:

- Senhor Masio... o que é que me diz da minha menina? É o mesmo mal da minha Anjita... não é?

O homem, que parecia ter o seu consciente muito distante, dando a ideia de não ter ouvido a pergunta daquela pobre amargurada, continuou em silêncio. Foi ela que de novo repetiu:

- É o mesmo problema da minha santinha que Deus tem?

O Barbeiro, tendo a certeza dessa verdade, não queria ser tão cruel, para não juntar mais uma dor à outra ainda tão viva, na mente e na alma daquela mãe. Mas foi-lhe dizendo, em meias palavras:

- Espero que esteja enganado, desta vez...

As lágrimas começaram a correr contínuas pelas faces da mulher, por começar a imaginá-la já no caixão. O Sr. Masio, tal como alguém que quer aliviar uma dor, mas não encontra palavras para o fazer, disse-lhe:

- Se tiver um frango, mate-o e faça-lhe uns caldinhos. Amanhã virei vê-la de novo.

Tal como o Barbeiro dissera, a mãe ainda nessa noite foi à capoeira, e como não tinha frangos, trouxe o galo que não fora comido por estar reservado para dar ao Padre. Era costume oferecer-lhe algo, sempre que o prior não levantava o folar, quando vinha a casa dar a cruz a beijar, no Domingo de Páscoa.

Como o galo estava destinado àquele representante de Deus, a mãe, pensando estar a cometer um pecado, por não ser fiel à promessa que a si fizera, rezou uma oração em desconto da sua falta.

À medida que ia dividindo a carne em pequenas doses, para os caldinhos da enferma, pensava nas palavras do Barbeiro, que na altura não percebera. Compreendia agora o que ele lhe quisera dizer. Tinha o mesmo mal da sua Anjinha e ia também morrer! Não devia, por isso, gastar mais dinheiro, para não complicar mais a vida, visto que não havia cura, e que tudo o que se gastasse seria perdido. Ele não o dissera, mas fora como se o fizesse.

Usava-se dizer: "Gastem-se os anéis, mas que fiquem os dedos!" Da primeira, gastaram-se os anéis, mas desta vez, já não existiam mais. Apenas os dedos, cada vez mais sumidos e mirrados pelo trabalho e pouco alimento. Iria pedir dinheiro, e tentar tudo para a salvar, mesmo com orações e promessas. Talvez os santos, desta vez, fossem diferentes. Não! Esta filhinha não podia morrer. Os santinhos iriam ouvir a sua prece. Duas punições, assim, não se dariam...

Tal como o Barbeiro prometera, na noite do dia seguinte e depois de fazer a ronda, nas visitas domiciliares, ali apareceu. Perguntou-lhe como a doente passara a noite, e voltou a examiná-la. Depois de apalpar a barriguita da inocente, verificou que os sintomas e dores internas eram as mesmas da irmã. Concluiu não estar enganado, e nada mais havia a fazer. Antes de sair, pensou para consigo: "Quanto mais rápido Deus a chamar, melhor será para ela, assim como para os pais

Este Sr. Masio era um perfeito médico sem diploma, que faria inveja a muitos profissionais. Não gostava de ver gastar dinheiro, em especial quem o não tinha, quando sabia que tal era inútil. Como tinha um vasto conhecimento de curas naturais - este era o seu grande forte - usava tratar os seus doentes de bolsos vazios com essa medicina. E com ela curou e salvou mais vidas do que com os remédios recomendados pelos boticários.

Conhecedor do que acontecera com a doença que vitimara a primeira das filhas do casal, com a qual gastaram todos os vinténis que tinham, sem nada conseguirem, não queria que tal coisa viesse a acontecer. A esperança, por vezes, também nos cega e atraiçoa, quando ela é mais forte que a realidade. E o bom homem não queria que fossem gastar o que não tinham, perdendo, além da filha, os poucos bens que possuíam. E tornar mais magro e difícil o pão daquele lar.

O Barbeiro, com palavras directas, que muito bem sabia dizer, sem magoar, explicou àquela mãe:

- Senhora Aba! Se não houvesse vida, não haveria morte. Pelo que todo o ser vivo, assim que nasce, está condenado a morrer. Foi sempre assim. E assim será, enquanto o mundo existir. E, neste cenário da vida, todos os dias pessoas vão nascendo e

morrendo. A morte não escolhe idades, nem categorias sociais. É uma realidade que todos temos que enfrentar com coragem e serenidade.

Com a outra, nada se conseguiu com os remédios da farmácia. Para esta, vamos mudar de sistema. Vamos às mezinhas naturais, e esperemos pelo milagre que não foi concedido à primeira. O Barbeiro debruçou-se sobre a mesa, tirou da algibeira do colete o bloco das receitas, e escreveu duas; uma referente aos tratamentos naturais; a outra, para a farmácia, caso optassem por aquela. Feito isso, deu as boas-noites, e saiu, dizendo que voltaria no dia seguinte.

A fé é sempre o que nos salva. Estes pais estavam mais confiantes nos remédios da farmácia, que nos naturais, mesmo que não tivessem salvo a sua menina, falecida havia seis meses. Guiados por essa convicção, foram pedir algum dinheiro e, no dia seguinte, lá foram a caminho da Pampilhosa, para aviar mais uma receita, para a sua filhinha doente. Ao contrário das outras vezes, a Aba não se demorou em Capescones, nem na ida, nem na volta. Mas, mesmo assim, só chegaria a casa nove horas depois dali ter partido.

Nesse percurso de cerca de quatro horas para cada lado, a pobre mãe não fez outra coisa que não fosse chorar e rezar, a fim de obter um milagre para a sua menina. Estava-se em plena Primavera. Quase todas as pessoas andavam nos campos, no amanho das terras.

Nessa meia tarde de Abril, quando aquela mãe chegou à Portela, viu as pessoas nos campos, e não viu os seus familiares, estremeceu. As pernas perderam a acção, e a força do andar. Não! Não podia ser o que estava a imaginar. Junto do cemitério, duas pessoas que vinham em sua direcção, ao avistá-la, mudaram de caminho, para não se encontrarem com ela. Foi só à entrada da porta, que teve a certeza, que o seu coração lhe dissera a verdade. A sua filhinha estava morta! Tinha expirado havia duas horas.

No meio de lágrimas de dor, foi dado conhecimento aos familiares de Capescones, que uma vez mais acorreram em apoio destes desprotegidos da sorte. Deram conhecimento ao Ti-Carrobas, cunhado da Aba - o homem que fazia os caixões - na

altura a trabalhar no Quinoceiro, uma terra da freguesia, para vir fazer o caixão da sobrinha. Em seis meses, perdera duas filhinhas: uma de quatro e outra de dois anos e meio. Mas a morte dos filhos não ficou por aqui:

A terceira vítima foi um rapaz quando ainda não tinha três de idade. Não morreu com a mesma doença das irmãs, mas devido às mesmas necessidades.

Em Ojafa, o lar dos Centives
Era pobre, de poucos bens.
Esses amealhados vinténs
Que à barriga lhes foi tirado
Para comprar mais um bocado
Dessa terra que ele tratava
Pois com ela eliminava
No lar a escassez do pão
Mas essa grande ilusão
Era mais uma que gravava.

Há tantas contas que fazemos
São tantas vezes malogradas
As moedas, à barriga tiradas
Para comprar essa herdade
Contra a força da vontade
Levou um rumo diferente
A filhinha ficou doente
Com coisa muito esquisita
E todo se foi p'ra botica
A fim de salvar a inocente.

Essas receitas do Barbeiro
Para a compra da medicina
Não deram àquela menina
O resultado esperado
E esse dinheiro poupadão

Para o sonho que já via
Foi p'ra botica concelhia
Sem uma cura para o mal
Assim choraram todo o real
E também a morte da filha.

Como um mal nunca vem só
Aos pobres tudo aparece!
A outra filha adoece
E agora já sem dinheiro
Logo se chama o Barbeiro
Para examinar a menina
Disse à mãe o mal que tinha
Aliando-se à sua dor
E para o mal não ser maior
Começou na sua mezinha.

A SAÍDA DA FILHA RUILANDA

A enteada Ruilanda, agora a caminho dos catorze anos, tornara-se uma moçoila bonita e forte, no seu corpo esbelto de adolescente, já a querer desabrochar em mulher. Compreendia que a sua idade já não era para guardar gado, coisa que ela sempre detestara, mesmo tendo por companheiras outras raparigas em iguais circunstâncias, quer na idade, quer no físico.

A sua persistência em não querer ser mais pastora chegara aos ouvidos do pai. Este, mesmo compreendendo algumas razões dessa recusa, quis convencer a filha a ficar por mais algum tempo, para que a irmã Maira tivesse uma oportunidade de ir à escola. Mas, para Ruilanda, a vida de pastora terminara. E o sonho da irmã também findou por ali.

Havia já algum tempo que a filha mais velha de Centive manifestava desejo de ir viver com uma tia, que morava em Arganil. Constava-se que tinha uma vida privilegiada e que gostava muito daquela sobrinha. Só que o pai nunca acedera a esse desejo, não só por lhe fazer falta, mas também por a querer educar à sua maneira. Mas, como as contrariedades traziam rebeldia e desarmonias no agregado familiar, não houve outra alternativa que não fosse deixá-la ir, na busca do seu próprio destino.

Assim, a tia da Ruilanda veio ali e levou a sobrinha consigo, onde se manteve por cerca de dois anos, sem nunca mais voltar a Ojafa. Aos dezasseis, foi a vez de deixar aquele lugar, e ir para Lisboa, viver com outra tia, que era vendedeira na antiga praça da Figueira, e que a encaminhou para a vida do comércio, mantendo-a junto de si até à altura do casamento. Tinha então dezanove anos. O marido, pessoa de excelentes qualidades - era também da freguesia de Lamecol, concelho de Góis. Ambos eram trabalhadores e poupadinhos. Como tinham uma casa barata e tiveram apenas uma filha, as despesas eram poucas, e cada mês faziam os seus depósitos no Banco da sua área. Tinham muitas possibilidades de poder ajudar os irmãos, mas Ruilanda não era da qualidade de ajudar. Em especial àqueles irmãos. E nem deixava que o marido o fizesse. Nunca se manifestou nela o dever da cari-

dade. Os familiares pobres nada representavam para si.

O rebanho da casa foi guardado temporariamente pelo Majoqui Centive, irmão do Tanónio, homem que nunca tivera outra vida que não fosse a de pastor. Mas, quando mudou o gado para outro lugar, não mais pôde olhar pelo rebanho do irmão.

A Maira, ainda que criança, sentira muita a perda das duas irmãs, de quem muito gostava. Agora, só tinha os irmãozitos, Soutuga e Séjo, mas não lhe faltavam ocupações e responsabilidades. Se a meia irmã tivesse ficado mais algum tempo com o gado, teria ido também à escola, o que ela tanto gostava. Assim, voltava a ser punida. E, desta vez, como pastora.

Ruilanda, no seu entender
Pastora, nunca mais quis ser
Era para si um degrado
Em Arganil tinha uma tia
Que uma oferta lhe fazia
De ali lhe arranjar emprego.

Mostrando-se contrafeita
Esta jovem insatisfeita
P'ra junto da tia se mudou
De Lisboa outro familiar
Quis que fosse p'ra lá morar
E a primeira tia deixou.

Agora que estava casada
Com vida sempre abastada
Nunca teve uma atenção
Por aqueles pobres coitados
Descalços e esfarrapados
Às vezes chorando sem pão.

Estava-se em 1930. Maira tinha nove anos, quando, no auge da idade escolar, foi empurrada, contra a sua vontade, para o serviço de pastora. Foi uma ocupação que ela viria a desempenhar por cerca de oito anos, sem interrupções.

Pastorear gado não era muito aconselhável para raparigas, já mulheres, porque nunca se sabia a qualidade de homens que por ali passavam. Essa era a razão pela qual tantas delas odiavam aquele serviço, que, em abono da verdade, era mais apropriado para rapazes. Contudo, havia muitas raparigas que, ao deixarem a escola, o faziam, até que fossem rendidas nessa ingrata tarefa por algum irmão, ou irmã. A todos calhava a vez, até ao último da família.

Era nestes anos de pastor, após a saída da escola, que quase todos os jovens tinham o maior desenvolvimento físico. Não só devido à idade, mas também por andarem de costas direitas durante o dia, e sem grandes problemas de alimentação, pois sempre tinham leite para beber.

Ser-se pastor não era um trabalho pesado, difícil ou perigoso. Era, até, bastante divertido e sadio. Desde o meio da Primavera, aos princípios do Outono, os pastores usavam juntar-se logo à saída da aldeia, misturando os seus rebanhos. A partir daí, conviviam, brincavam, faziam jogos, comiam por vezes em comunhão, e repartiam as merenda por aqueles que as não tinham. Era uma espécie de irmandade, ainda que por vezes acontecessem desentendimentos. Era muito raro um pastor andar só, por aqueles montes, especialmente os jovens. O mesmo não acontecia de Inverno, nos dias pequenos e frios, em que o gado pastava nas fazendas e testadas, e nos chamados montes baixos, nos arredores das povoações.

Como no tempo quase todos tinham gado, havia muitos pastores e pastoras. Estas raramente se juntavam ao grupo dos rapazes, mas também não os perdiam de vista, por se sentirem mais protegidas. A idade que atraía os dois sexos ainda não tinha chegado. Por essa razão, moços e moças quase sempre tinham os seus convívios separados,

Com a Maira como pastora, a mãe tomava de novo a responsabilidade do serviço doméstico, assim como o encargo de olhar

pelas crianças. Não tinha muito tempo de sobra, para trabalhar no campo. Sempre que tais serviços a chamassem, ela tinha que levar os filhos consigo, uma tarefa dura e arriscada. Enquanto a mãe se ocupava dos seus afazeres, não muito longe de si estava o mais pequenino, deitado na esteira, e o outro junto dela, sob um olhar vigilante, não só pelo perigo dos répteis, atraídos pelo cheiro do leite materno, mas também por causa de outros que sempre os espreitavam.

Nos montes de Ojafa, no Verão
Junto aos de S. Jorge da Beira
Com os rebanhos no sertão
Pastores com taleigos sem pão
Tinham a fome por companheira.

Montes de todos, e de ninguém
Com limites, e sem fronteiras
Havia alguns homens, também
Mas todos se entendiam bem
Sem nunca faltar brincadeiras.

Pelos altos, junto das fontes
Onde seus rebanhos pastavam
As pastoras, em outros montes
Traçavam novos horizontes
E só à noite se juntavam.

Tantas vezes a pobre Aba foi trabalhar para o campo, com um filho nos braços e outro na barriga!

Ainda o Séjo não tinha dois anos, já lhe nascia outro, o sexto da família, por sinal também um rapaz. Deram-lhe o nome de Natónio, mas era também conhecido pelo diminutivo de Nino. Com este intervalo de menos de dois anos, nasceram todos os filhos, até chegar ao último: o número treze, a conta do azar. E que azar!...



Tantos filhos, nascidos num berço pobre e sem recursos, já mostra por si o azar daquela mãe, e o que seria a sua vida de sacrifícios e de penúria. Mas se fosse apenas isso...

O grande Calvário da sua vida viria depois.

Os dias foram passando.

No meio de tantas privações, com os mais velhos na escola, e os mais novos ainda não entrados, mas já a tomarem conta dos mais pequenos, as coisas iam andando. Na ausência dos pais, os maiores comiam o que pertencia aos mais pequenos. E assim aqueles apanhavam doenças e fraquezas.

Tal como na lei da selva, os mais fortes saíam favorecidos, na luta pela sobrevivência. Essa falta, sempre que chegasse ao conhecimento da mãe, era punida severamente e sem qualquer compaixão. Comer o que era dos irmãos era considerado um crime. Mas como as tarefas só doíam na ocasião, e a fome era sempre mais aguda, tais faltas repetiam-se constantemente.

O Soutuga, o mais velho dos rapazes, acabava de fazer o último exame da instrução primária. Saído da escola, logo foi substituir a irmã, Maira, agora já com dezassete anos, e ainda pastora. Infelizmente, não era a única. Havia-as até mais velhas! Foi com uma dessas que a Maira aprenderia a ler.

O seu novo trabalho, como sempre acontecia quando deixavam de ser pastoras, era o serviço do campo. E assim ficou, até aos dezoito, quando deixou a terra, para ir servir em Lisboa.

Como também ela mostrasse vontade de procurar novos horizontes, um sonho geral, a mãe pediu a uma sua sobrinha, uma certa costureira da alta, com certos conhecimentos na classe dos nobres. Não tardou uma resposta, para que a prima viesse para a capital, debaixo da sua orientação.

Ambos os cônjuges concordaram com esta decisão. E assim a Maira partiu, levando consigo a sua trouxa, que pouco mais seria que uma muda de roupa interior. Mas nessa pequena bolsa, sua companheira - visto que mala não havia - levava uma grande responsabilidade, o compromisso da lei do tempo: os mais velhos tinham que ajudar os mais novos. E ela conhecia bem essas regras e deveres. Quando deixou o lar materno, a família ainda não estava completa, pois mais dois irmãos viriam ainda a nascer.

Lisboa, cidade sempre acolhedora, estava cheia de gente bem intencionada, misturada com tantos outros sem moral nem consciência: as chamadas feras humanas, que nunca olham a meios para alcançarem os fins. Sempre com a teia armada, a fim de apanharem a presa, para saciarem a sede dos seus prazeres. Era assim antigamente. Valiam-se da fraqueza e da ingenuidade destas ovelhinhas indefesas, amordaçando-as se possível, para em seguida as deixarem no desespero, como um visto para a prostituição e o suicídio.

Hoje, a honra, para a maioria, já pouco importa. Mas, nesse tempo, a pureza da virgindade duma moça era o seu mais valioso tesouro, e a esperança da sua felicidade, sem a qual ficariam diminuídas, em relação às outras.

No presente, tal coisa já nada diz, e, em muitos casos são elas mesmo a puxá-los para esse fim. Quando casam, sabe Deus quantos já conhecem! Mas será que tal coisa significa uma jovem com pretensões a casamento? Claro que não! O resultado de tais condutas está nas separações e divórcios dos actuais enlaces matrimoniais. Poucos são os quem têm sucesso.

Nesses tempos, como a pureza duma jovem era a prioridade da sua vida, as raparigas que iam servir, em especial para os grandes meios, tinham como primeira preocupação arranjar uma casa de respeito e honesta, o que nem sempre era fácil. E quantas pobres não tiveram que pagar bem caro o valor da sua honra, quando empregadas em casas de gente sem dignidade nem moral?

A mãe Aba nunca tinha saído da aldeia, mas ouvira muitas coisas a esse respeito. Aconselhou bem a filha, para que tivesse juízo e muita cautela, quando não conhecesse as pessoas. E foi sempre o que ela fez, sem que alguém lhe pudesse apontar a mínima coisa que a diminuisse nos seus valores pessoais.

A Maira, a mais castigada
Na guarda da irmandade
A escola foi-lhe negada
Sem ter uma oportunidade.

Foi uma colega pastora
A qual nunca pôde olvidar
A única professora
Que teve para a ensinar.

O irmão Soutuga a rendeu
No pastoreio a chefia.
Por algum tempo ali viveu
Mas essa vida não queria.

A Maira levou p'rá cidade
Na trouxa os conselhos da mãe
P'ra nunca ganhar amizade
Sem conhecer as pessoas bem.

Viam-se tantos à espera
Pelos mercados municipais
Cada um era uma fera
Para morderem as serviçais.

Muita mocinha foi mordida!
E em seguida abandonadas
Umas caíam na má vida
E outras traumatizadas.

No ano seguinte, o Séjo fez também o seu exame, e logo foi substituir o irmão Soutuga, passando este para o serviço do campo. Com os seus treze anos, já fazia bastante serviço, na companhia do pai. A mãe não tinha tempo disponível, pois estava prestes a ter o penúltimo filho.

Acontece que começou a construção de uma estrada, e o Soutuga arranjou ali trabalho. Ainda que não lhe pagassem muito, pois, mesmo que já trabalhasse como um adulto, apenas o remuneravam como rapaz. Contudo, esse dinheiro, mesmo pouco, já era uma ajuda para os pais.

Era o mais velho dos rapazes. Estava agora com dezasseis. Ao ver os da sua idade a irem para Lisboa, começou-lhe a mexer também na mente essa aventura. A estrada onde usava trabalhar ficaria concluída em pouco tempo, e depois voltava a não haver onde ganhar um tostão. Assim, escreveu a um familiar, na Capital, pedindo-lhe ajuda para que lhe encontrasse um emprego.

Passados dois meses recebeu uma carta do primo, dizendo-lhe já ter emprego para ele e pedindo-lhe que viesse o mais depressa possível. Como o Nino também ia fazer o seu exame, tomaria ele o lugar de pastor, e o Séjo o do Soutuga.

Poucos dias depois, a mãe preparou as poucas coisas do filho, e este partiu, ao encontro duma vida mais próspera. Lisboa era a terra das oportunidades, para tantos jovens. Mas nem todos encontraram o caminho da felicidade. Especialmente aqueles que não tivessem sobre eles um supervisor de mão forte, que os orientasse no caminho que conduz à vida. Felizmente, o Soutuga, tal como a irmã, não navegaram nas águas poluídas, dos mares agitados das fantasias da mocidade.

Como a roda do tempo não pára
Uns fugindo à fome e encontrões
É triste trabalhar e não ver nada.
Revolta quem nada faz e tem milhões.

Em busca de vida melhor e de pão
Jovens deixavam as suas aldeias
Segundo p'lo mundo, sem direcção
P'ra tantas desilusões e canseiras.

Pela pobreza eram condenados
E tantos deles eram apanhados
Pelos sem consciência nem moral.

Fugindo às leis e aos seus deveres
Olhando às riquezas e prazeres
P'ra muitos, tudo isso era normal.

A DOENÇA DO PAI CENTIVE

Aos nove de Outubro de 1942 nasceu o último filho da numerosa família dos Centives. Deram-lhe o nome Arrute, mas costumavam tratá-lo por Turra. Mesmo sendo bom moço, foi um dos que mais problemas causou àquela mãe. Não por fazer maldades, mas sim pelas suas fatalidades. As suas levianas aventuras eram sempre culminadas por acidentes. Graves, alguns deles e que lhe podiam custar a vida, ou deixá-lo aleijado para sempre.

Felizmente, graças a Deus, e ao barbeiro Balina, isso não viria a acontecer. O velho clínico Masio morrera de repente. Este, mais jovem, era bastante inteligente. Tal como a maioria dos irmãos, cultivou-se em adulto, para melhor vingar na vida. O Turrita foi o número treze dos filhos que aquela mãe deu à luz, nos cerca de vinte anos de vida conjugal. E talvez não tivesse sido o último, se o pai não tivesse morrido pouco depois.

Eram apenas a Maira e o Soutugo, os únicos que estavam fora. Desde o Séjo, com catorze, ao Turrita com apenas alguns meses, tudo ali vivia à mercê do que a terra produzia. Estava-se nos princípios do Inverno de 1943, no auge da segunda guerra Mundial. O tempo era de grande miséria e escassez alimentar, quando o pai Centive adoeceu.

Na vida deste casal, desde o primeiro ao último dia, nunca houve outra vida que não fosse de sacrifícios e de privações. Houvera alguns desentendimentos entre eles, pelas precárias condições financeiras, como é óbvio nas famílias pobres.

O Centive foi sempre um pai bastante extremoso, em especial com a sua órfã. Mesmo depois desta ter deixado a casa, contactava amiudadamente com ela, através de correspondência. Mas, a partir de certa altura, essa comunicação deixara de existir. O pai nunca se manifestara neste sentido. Sabia que a filha tinha uma situação financeira desafogada, por isso pediu-lhe ajuda. Não para si, pois ele preferia passar miséria que pedir; mas pelos filhos. Tal pedido de auxílio, não somente foi ignorado, mas ainda disse para alguém: "Se não tinha posses, porque os fabricava?"

A Ruilanda dizia a verdade. Mas há coisas que nem sempre se podem, nem devem dizer. E muito menos a respeito dum pai, agarrado aos preconceitos religiosos. Tinha dito uma coisa acertada, mas infeliz! A razão dos muitos filhos, nas aldeias, estava na origem de não os evitarem, porque tal era considerado um grande pecado. Este sentimento de temor, ou ignorância, era o responsável por muitas misérias. Mas era essa a fé que professavam. Assim, o pai considerou as palavras da filha como uma falta de amor e de respeito, que feriam o seu orgulho e dignidade. O elo que os ligava quebrou-se. As relações entre pai e filha esfriaram para sempre.

O Centive era muito temente do Senhor, e não queria perder essa boa relação com ele. Não era pecado fazer filhos, para sofrerem as maiores dificuldades. Mas era uma ofensa evitá-los. Era o vigário de Deus quem o afirmava. E como Deus algum remédio havia de dar, lá vinha mais um, à conta do nosso Senhor. Era por este motivo que nas nossas aldeias havia uma natalidade descontrolada.

Faltando-lhe agora o pão
Que a filharada pedia
Ajuda-me, que Deus um dia
Também te irá ajudar!
E se não te puder pagar...
Ficar-te-ei grato e feliz
Mas só que a filha não quis
Os meios-irmãos ajudar
Ainda por cima, foi contar
A quem ao pai veio dizer
Que não estava p'ra manter
Filhos que ele estava a fabricar.

Sempre fui contrário ao aborto, porque tudo o que é vida tem direito a nascer. Mas sempre estive ao lado do controlo da natalidade. Já nesse tempo havia métodos para isso, mesmo nas aldeias. A prová-lo, estavam esses homens mais espertos e que

melhor viviam, que apenas tinham um, ou dois, consoante os seus desejos.

Pôr filhos no mundo, sem ter alimentos para lhes dar, só serve para sofrerem e serem escravos da sua própria miséria, Não! Sou humano, e não posso ver ninguém cumprir uma pena, por faltas que não cometeu.

Aos que casavam pela igreja, o padre que os recebia, usava fazer uma palestra sobre o casamento, antes de darem o laço matrimonial. Nessas preparações deviam ensinar-lhes a verdade, ao invés do tal adágio: "Deus algum remédio lhes há-de dar!"

Estava-se nos fins de Novembro de 1942. A Serra da Estrela mostrou o seu primeiro casaco branco da temporada, tal como um aviso que o Inverno viria mais cedo. A Catraia da Traminha ficava a cerca de 16 quilómetros de distância de Ojafa. Era ali que as pessoas esperavam os familiares, vindos de Lisboa ou de qualquer outra parte. A camioneta do correio fazia o transbordo dos passageiros para as localidades vizinhas.

A Ruianda, que há muito não tinha contactos com a família, vinha passar algumas semanas à terra do marido, aldeia de Lamecol que ficava a uns dez quilómetros dessa Catraia, no sentido oposto a Ojafa. Os filhos escreveram aos pais para ali virem buscar algumas coisas que eles mandavam pela irmã. Como era longe e parte do que mandavam era pesado, sugeriam que fossem os dois.

O pai Centive não estava na disposição de fazer aquela caminhada de um dia, para se encontrar com alguém que não desejava ver. A esposa também não estava nada optimista acerca desse encontro, devido ao desprezo a que ela sempre os votara. Mas, como eram os filhos que mandavam, mesmo contrafeita, insistiu com o marido que deviam ir. Não por ela, mas pelos outros. Mesmo que ela lhes quisesse dar alguma coisa, só aceitariam se assim o entendessem. Durante esses dias, afirmando ele que não ia, e ela que ele devia ir, depois de muita insistência, lá acabou por aceder.

Toda aquela noite fizera muito frio e chuva, puxada por um vento agreste do Norte, que só abrandaria pela manhã. Contrafeitos e receosos em serem apanhados por uma dessas tempestades, na longa caminhada, lá partiram, um atrás e outro à frente.

Ela levava como agasalho o velho xaile franjas, o único que tinha para o uso do trabalho e para se adomigar. Ele envergava um gabão, já com mais anos que o número de casas e botões, e mais pano em remendos que o tecido original. Era tudo o que havia!

Duas horas depois da saída, já no meio do caminho, nos alpes em plena serra, as nuvens esmagavam com vermelhaços crepusculares a luz desse dia matinal. A água começou a derramar-se em gotas grossas e constantes. O vento era de uma força inaudita, que parecia arrancar os matos desse sertão, assim como esta ou aquela árvore solitária, tornando ainda mais difícil a viagem dos dois pobres caminhantes.

Em menos de cinco minutos, ambos ficaram sem um fio enxuto. A viagem tornou-se-lhes ainda mais difícil, deixando-os com menos forças para enfrentarem as iras da tempestade. Mas já não dava para voltar. Teriam que continuar, mesmo contra a força da chuva e do vento, por veredas e atalhos, para encurtarem a distância.

E assim continuaram, empurrados pelo vento, com dois passos para a frente e um para trás. A água entrava-lhes pela cabeça, para lhes sair pelos pés. As botas do Centive pareciam também não aguentar mais. Já no fim do uso, abriam-se cada vez mais os buracos existentes, nos seus "chaps... chaps".

Aqueles dois coitados mais pareciam duas sombras, que seres humanos, vencidos pelas agressividades do tempo. Por fim, pararam. E ele voltou-se para a mulher:

- Não te devia ter dado ouvidos!

A esposa, num tom humilde, de quem quer pedir desculpa por uma falta cometida, respondeu-lhe:

- Fui, na realidade, uma teimosa, em te convencer. Não devíamos ter saído da nossa casinha! Desculpa!

Ao virar do outeiro, o vento era ainda mais forte. O Centive agarrava o velho gabão com mais força, mas um torpor frio quase lhe paralisava os movimentos, como que se os dedos lhe tivessem sido anestesiados. Ao fim de quatro horas e meia, num percurso de tormentas, chegavam à Catraia tão desejada, desanimados e vencidos pelo rigor da viagem e do tempo.

O estabelecimento da senhora Traminha estava cheio de gente: uns que chegavam, e outros que esperavam pela vinda do carro, para partirem para outras lugares. Ali comiam e bebiam alegremente, em cada mesa da grande sala. Mas, de repente, tudo se calou, tal como que surpreendidos por alguma anormalidade. Era aquele casal de peregrinos, que acabava de entrar.

O Centive planeava o que fazer, em caso da filha não actuar com correcção. Tencionava dizer duas palavras acerca do que ela lhe dissera, sobre o fabrico dos filhos. Mas acabou por desistir da ideia. Tal como a esposa lhe lembrou, o melhor, é sempre o que fica por dizer.

Após os cumprimentos, frios e secos, a filha começou a falar, em jeito de discutir. O pai, de mãos trémulas, pela fraqueza do frio e da fome, mal conseguia ter-se de pé, segurava com alguma dificuldade o saco para onde a Ruianda ia metendo o que os outros filhos lhes mandavam.

À medida que as dádivas iam caindo na bolsa, ela deitava fora o veneno que lhe ia na alma, com insultos e provocações ao pobre pai, tolhido de vergonha. Talvez porque ele nada lhe dizia, a voz foi-se-lhe alterando, até chamar a atenção de todos os presentes que, nos seus olhares condenavam a acção daquela filha.

Perante aquele cenário de estupidez e de maldade, sem nenhum respeito por si, que com tanto carinho a criara, o pai virou o saco ao contrário, enrolou-o, e deixou-lhe as coisas aos pés. Depois disso, fez sinal à mulher para saírem. Com lágrimas nos olhos, ainda disse à filha:

- Criei-te o melhor que pude, mesmo com prioridade sobre os outros filhos, por seres uma órfã. Esta é a paga que tens para me dar! Mas já aí levas uma filha, que talvez um dia te venha a pagar como tu me estás a fazer.



Sem mais, pegou no braço da mulher e saíram.

A senhora da Catraia, que tudo presenciara, veio à porta chamá-los, para não se meterem à serra em tais condições, oferecendo-lhes uma muda de roupa, dormida e comida. Mas, humilhado e derrubado pelo peso da dor, já à distância, Centive nem se virou para trás. Apenas a mão, hirta, se lhe agitou com alguma dificuldade, para agradecer a gentileza da senhora

A chuva continuava a ser puxada pelo vento. Mas já não o molhava, porque ele nada sentia. O comportamento daquela filha abafava-lhe todo o sofrimento. Não foram a força, nem coragem, que o motivaram a meter-se ao caminho. Foi, antes, a revolta que sentiu, por aquela humilhação, recebida em frente de tanta gente.

Essa reacção não durou muito, porque a fraqueza era mais forte que o querer. Já fora da vista da Catraia, num barroco entre dois desfiladeiros, debaixo da chuva intensa, o pai Centive sentou-se sobre uma pedra molhada - mas não tanto quanto ele - para descansar as pernas, já sem energias.

- Sentes-te mal, Tanónio? - perguntou-lhe a mulher!

- Sim! Sinto-me fraco e oprimido!

- Mete alguma coisa na boca! Isso é apenas fraqueza, por não teres comido nada! Logo passa... Não te apoquentes! Temos muitos filhos. Alguns hão-de olhar por nós, se chegamos a velhos.

- Eu queria era morrer aqui...

Perante tal dilema, pareceu que até a chuva e o vento tiveram compaixão daqueles pobres infelizes. Ou talvez fosse vergonha, por não terem para com este casal a mesma gentileza que tivera a Senhora Traminha. Poucos minutos depois, a chuva parou. Também o vento não se fez mais ouvir, durante as três horas e meia de caminho. Como a esposa se mostrasse menos fatigada, passou para a frente, sacudindo com uma pequena verdasca as cantarinhas pousadas nos matos que obstruíam o carreiro por onde passavam. Fracos e exaustos, finalmente chegaram à casa tão desejada, sem nada trazerem dessa viagem, a não ser sofrimento, dor, e a doença que o levaria à morte.

Iriam agora tirar a roupa molhada que os cobrira por cerca de nove horas.

A dor daquele casal foi grande; mas a desilusão dos outros

filhos não foi menor. Os pais receberam as fustigadas do vento agressivo nos ápices daquela serra, menos severas, mesmo assim, que os olhares altivos daquela filha.

Em casa, o entusiasmo da filharada, desfez-se tal como a espuma das ondas, junto das areias da praia. Sabiam que eles tinham ido buscar uma encomenda vinda de Lisboa, mandada pelos irmãos, que não conheciam, além dos nomes e das fotografias penduradas nas taipas da sala.

"O que seria que lá vinha?" era a pergunta que pairava nas mentes inocentes daquela miudagem. Só aos mais pequenos, que ainda não tinham o uso da razão, tal coisa os não incomodava. Todas as conversas destes inocentes iam parar àquilo que cada um esperava receber: uns era uma flauta de beiços igual à do (...); outros era uma navalha de meia lua, igual à do filho da professora, ou uma bola; outros umas botas, umas calças... camisas... blusas e assim por diante. E, como quem espera, desespera, esta miudagem, a cada cinco minutos, iam perguntar as horas ao senhor da loja em frente, para não faltarem nas contas da chegada.

Quando o chefe do grupo dos menores pensou estar na hora da vinda dos pais, ordenou a um irmãozito para estar de vigia, no lugar da Lomba, a fim de anunciar a chegada dos pais, para eles os irem ajudar.

Finalmente, o enviado avistou-os no outeiro, mas sem nada. Sem saber a razão para tal, ficou confuso e correu, para ir contar ao irmão. Este, não acreditou no que ouvia e, julgando estar a ser enganado, ainda lhe quis bater! E logo mandou um segundo, para fazer a confirmação. Mas a resposta foi a mesma. Agora tinha a certeza daquela triste realidade. Poucos minutos depois, os pais entravam em casa.

Vencidas pela desilusão, as crianças enroscaram-se pelos cantos do sobrado, a curtirem os monos da sua tristeza. Pareciam aliar-se à dor dos pais. A mãe, ao ver os filhos daquele modo, estranhou, por não ver neles a euforia a que se habituara. Chamando o mais velho, perguntou-lhe qual a razão de tais amuas. Este, sem sair do seu lugar, como que a cumprir uma penitência, respondeu-lhe:

- É porque "vomecês" não nos trouxeram nada!

Os mais pequenos, para quem essas esperadas prendas não os entristeciam, não alinharam na greve dos irmãos. Ao verem a mãe, mostraram-se risonhos e felizes, começando por lhe fazerem queixumes. Quando o Nino chegou a casa com o gado, logo os irmãos lhe contaram o que tinha acontecido. Mas, para o pastor, não foi nenhuma novidade. Vira-os passar à distância, de mãos vazias, e logo se apercebeu do que se passara. Já tinha doze anos, via as coisas muito à distância para a sua idade. Ele próprio avisara os pais que não deviam ir. Ela que viesse ver a família, se não tinha vergonha dos irmãos, pois a terra do marido não era tão longe assim.

O entusiasmo era grande
Na miudagem mais pequena
Dava para rir, ver essa cena
Do que diziam e pensavam
A encomenda que esperavam
Que tudo trazia sem faltas
E se uns queriam flautas
Outros desejavam navalhas
As mocitas, blusas de malhas
Mas um era calças e botas
Um mais pequeno era notas
Para poder comprar mais pão
Mas só se falava no Lorão
Sem saberem onde ficava
Nem dessa difícil jornada
Que estavam fazendo os pais
Vento chuva e coisas mais
Que um corpo frágil sentia
E ao chegar ao fim do dia
O chefe desta aliança
Impôs à sua ordenança
Na lomba, fazer vigia.

O pai foi para a cama sem nada comer. A mãe foi de imediato tratar do seu Turrazito, ainda de poucos meses, para em seguida tratar dos outros filhos. Após as coisas estarem em ordem, a pobre esposa foi prestar os primeiros socorros ao marido, começando por lhe medir a febre, tal como era hábito naquelas aldeias.

A maioria das pessoas não tinha termómetro para medir a febre. Usavam pegar no pulso do paciente, e contar-lhe as pulsações, ao mesmo tempo que lhe punham sobre a testa a costa da mão. Consoante o calor da testa e o número de batidas, logo se sabia se tinha ou não febre, e qual a sua elevação. Foi isso que a Aba fez, concluindo estar alta, fora da normalidade.

No dia seguinte, mandou chamar o Barbeiro. Este, depois de examinar o doente, verificou que tinha uma pneumonia dupla, coisa bastante perigosa. E nem sempre os remédios faziam o efeito esperado. O novo clínico passou a receita para os medicamentos de acordo com o seu mal, dizendo não haver tempo a perder.

Ordenou que lhe pusessem uns pachos de álcool puro, depois de amornado em banho-maria, sobre a região pulmonar, a cada duas horas. Quanto à comida, apenas uns caldos de farinha de trigo, com algum açúcar misturado. Sempre que bebesse água, teria que ser fervida e tépida. No dia seguinte, ainda bem cedo, o Séjo, o filho mais velho do agregado familiar - que contava catorze anos - seguiu para a farmácia da Pampilhosa, para comprar os remédios para o pai. Ao passar por Capescones, numa breve visita aos tios, deu-lhes a notícia do acontecido.

O tio Arres e a tia Mileia, os mais dedicados tios, e também os que mais podiam, perguntaram ao sobrinho que dinheiro ele levava para os remédios.

- Cinquenta escudos - disse o rapaz. - Toma mais vinte escudos! A farmácia é sempre cheia de surpresas, quando se compram medicamentos...

Na Pampilhosa, a farmácia ainda estava fechada, tendo que esperar alguns minutos pela abertura. Mas não tardou. Era o primeiro freguês desse dia. Sentia-se algum frio. O Sol, já de pouca vida, começava a despontar por sobre os cabeços circunvizinhos, numa luz meia amarelada. O Séjo, junto da porta da botica, apreciava o automóvel ali estacionado. Era um dos poucos na-

quela localidade. As aldeias com estradas eram poucas, e menos as pessoas, com dinheiro para se darem a esse luxo tão dispendioso.

Depois de alguns minutos de espera, ouviu a farmacêutica chamar por si.

- Aqui tem os seus remédios! São 60\$00!

O rapaz julgou ter ouvido dizer trinta escudos. Puxou pela nota de cinquenta e deu-a à senhora. Esta, ficou com a nota suspensa, e num tom de voz um quanto agreste, repetiu:

- São sessenta escudos...

O Séjo recordou a frase do tio Arres: " As farmácia são cheias de surpresas." Procurou num dos bolsos os vinte escudos e deu-os à Senhora. Se não fosse o dinheiro do Tio, não teria que chegasse para aviar a receita completa. Estes sessenta escudos eram, no tempo, igual ao salário de um homem por doze dias de trabalho. Ou seja, cinco escudos por dia.

No regresso, voltou a passar pelos tios, para lhes dizer adeus, e entregar os dez escudos que restavam. Os tios não os quiseram receber, e disseram ao sobrinho para os entregar à mãe. A casa destes familiares era como um pequeno armazém de mercearia; havia sempre com abundância e vontade de dar. Carregaram o Séjo de tudo um pouco, sem faltar o riscado e outros panos, para a mãe fazer roupitas aos miúdos. Esta encomenda serviu para esquecer a do dia anterior, que não chegou, e alegrar aquela miudagem, ainda não refeita da deceção.

À meia tarde, o Séjo chegou a Ojafa com os medicamentos, que entregou à mãe, assim como o que trouxera dos tios, incluindo os dez escudos. Dinheiro que sobrara dos vinte escudos que os tios deram. A mãe mandou um dos filhos ir dizer ao Sr. Balina, que já tinham chegado os remédios, tal como tinha ficado assente.

Enquanto o Barbeiro não vinha, a pobre mulher, ia apartando as coisas que a irmã dera ao filho. A canalha miúda não largavam a mãe para ver o que havia de novo. Com aquelas coisas que o Séjo trouxera, os filhos ficaram recompostos do desaire do dia anterior. Assim, sem esperarem, receberam, e voltava a sua felicidade

O filho que levara a mensagem ao Barbeiro regressou, sem o conseguir encontrar, deixando o recado à mulher. O pai Centive ainda não tinha registado nenhuma melhora, mesmo com o tratamento que lhe estavam a fazer. Tomara os caldos de farinha, mas a poder de muito custo e insistência da esposa.

Cerca de uma hora depois, o Barbeiro Balina chegou. Antes de visitar o doente, foi confirmar se os remédios eram na realidade os que ele receitara. Mas nisso não teve dúvidas. Agora sim, foi ver como se encontrava o patriarca da família.

- Então como está o nosso Centive? - perguntou o senhor.

- Não estou nada melhor! Tenho uma farfalheira no peito, e umas dores que me apanham as costas e não me deixam respirar.

- Estas doenças são assim, nos primeiros dias... Mas depois volta tudo ao normal.

- Deus o ouça...

- Vou-lhe dar uma injecção, e vai começar os tratamentos, já! Amanhã vai estar melhor.

Depois de tratar o doente, veio para junto da mulher, dar-lhe instruções, como os remédios deviam ser dados, e a que horas. Tal como o que devia comer. Como ainda tinha outros doentes a visitar, despediu-se, dizendo que voltaria no outro dia pela manhã.

Já depois do senhor Balina ter saído, a mãe chamou o filho, e perguntou-lhe quanto tinham custado os medicamentos.

- Foram 60\$00. Se o tio Arres não me desse esses 20\$00, só com os 50\$00 que me deu, não podia trazer os remédios.

- Oh, meu Deus!... E se ao menos fizessem bem...

Do quarto saiu um forte gemido. A mãe deu por concluída a conversa que tivera com o filho, sobre os remédios do pai.

Os cinquenta escudos, que o filho levara para comprar a medicina, era todo o dinheiro que havia em casa dos Centives. Estava reservado para comprar alguns alqueires de milho, que, por muito favor e em segredo, o Ti-Simião da Caldeira lhe prometera arranjar.

As arcas estavam quase vazias, e as bocas eram muitas, a pedirem pão. Além de não haver dinheiro, também poucos eram os que tinham o renovo para vender. O sofrimento da guerra não estava só na linha de combate: eram também para os que não

tinham alimentos.

A maioria dos géneros só apareciam no mercado negro, a custo três ou quatro vezes superior ao seu valor real. E ninguém se podia queixar! Quem tinha dinheiro comprava; quem não tinha passava fome.

Se para esta família já era difícil conseguir o pão, agora, sem nenhum ganhos, e a farmácia a comer mais que todas as bocas existentes, era um verdadeiro desastre.

No dia seguinte, tal como prometera, o bom do Barbeiro lá estava de novo, para ver o doente e a reacção dos remédios. Depois conversar com o Centive, e ouvir os seus lamentos, voltou para junto da a pequena sala a coçar a cabeça, e a engelhar a testa. Indicativo de quem não estava muito seguro das coisas que estavam a acontecer. Este homem, que sempre se despedia com uma graça, desta vez, nada mais disse que o desejo de boas noites.

O senhor Balina, todas as noites, depois de vir das aldeias, visitar os seus doentes, passava por ali, para ver como se encontrava o enfermo. A cada dia notava que o seu estado era mais grave. O efeito dos remédios parecia ser pouco, ou nada, o que preocupava não só o doente, mas também a esposa, e até o próprio clínico

As semanas foram passando, com o pai Centive sempre a tomar os remédios às horas marcadas. Mas sem qualquer resultado positivo.

Talvez um mês se tivesse passado desde que caíra à cama quando, um dia, logo após ter tomado os medicamentos, teve uma crise forte de dores, como ainda não tinha tido. A esposa, de imediato parou com a medicina, e recorreu aos métodos naturais que sempre vira fazer à mãe, quando atacados por estes males. Pôs-lhe os emplastos e ventosas, e o doente sentiu naquela noite significativas melhorias.

No dia seguinte, a esposa contou ao entendido na saúde o que se passara e o que fizera. O senhor, depois de ouvir a mulher, disse-lhe:

- As ventosas e emplastos são bons em certas doenças, mas nem sempre são recomendáveis. Tudo depende do mal e da sua gravidade. Conforme ele se achou bem, podia-lhe ter agravado até

o mal. O estado do seu marido não está para emplastros, nem vasos. É uma situação um pouco delicada. Escreveu nova receita e entregou-a à esposa.

- Aqui tem! Amanhã mande o seu filho à Pampilhosa, aviar este medicamento.

Num gesto disfarçado, a senhora Aba chamou o Barbeiro de parte, e perguntou-lhe:

- O senhor Balina faz uma ideia de quanto possam custar esses remédios? Como tenho que arranjar dinheiro para os comprar, desejaría saber o quanto devo pedir.

- Quanto custaram os outros?

- Sessenta escudos! - disse a senhora.

- Sessenta escudos?! Como pode ser isso, se ainda não há dois meses, quando os receitei para o Ti-Augusto, que Deus levou, custaram apenas vinte e oito? Deve haver engano, com certeza... Se o não há, estamos mal da nossa vida!... Mas estes são um nadiinha mais baratos que os outros.

Os banqueiros da casa, já por muito vinham sendo os senhores A. Trimans e A. Anucção dos Pecos. Mas, como o primeiro vivia mesmo em frente da porta, foi este que valeu, uma vez mais, na compra dos novos remédios. Ainda essa noite lhe foi pedir mais cinquenta escudos. Com os dez que ainda tinha, dos vinte que o cunhado lhe dera, juntou tudo e deu-o ao Séjo. E lá voltou ele à Vila, pela manhãzinha do dia seguinte. Não só na missão de aviar a receita, mas também de perguntar à farmacêutica se não teria havido engano no preço dos remédios anteriores, visto ainda dois meses antes eles custarem menos de metade.

Quando passou em Capescones, já era de dia. Mas o moço não foi ver os familiares, para não perder mais tempo. Queria chegar à Vila, antes de abrir a farmácia, cujo horário era às nove.

Quando ali chegou, e como a botica estivesse ainda fechada, resolveu ir dar uma volta pela terra, a fim de passar o tempo. Esse passeio não demorou muito, por se lembrar que o melhor era estar junto ao local, para não perder a vez. Quando voltava de novo para junto da farmácia, parou sobre a ponte do Rio Unhais, deitando à água algumas pequenas partículas, para ver os cardumes dos peixes que se aproximavam, em busca de alimentos.

O sino da igreja matriz deu a meia hora, chamando a atenção do Séjo. Este, logo mudou os olhos em direcção da Farmácia, vendo que já mais alguém ali esperava, perdendo assim o primeiro lugar.

Conservou-se junto da ponte, mas sempre com os olhares fixos no indesejado estabelecimento. De repente, o homem que ali esperava deixou de se ver. O Séjo, sem qualquer hesitação, correu para junto do local, e voltava a ser o primeiro freguês.

Os clientes começaram a vir e, quando chegaram as nove horas, já havia quatro pessoas para o mesmo fim, deixando o dinheiro, que fazia falta para o pão de cada um.

Já passavam alguns minutos das nove, quando apareceu finalmente a farmacêutica acompanhada da sua ajudante. Todos tiraram o chapéu, ouvindo-se a voz da salvação. Mas, em resposta às saudações apenas se fez ouvir a voz da menos qualificada. Como o Séjo já tinha observado antes essa anomalia, não se dispôs a tirar a gorra desta vez.

Poucos minutos depois, a Doutora, já vestida de bata branca, do lado de dentro do balcão, perguntou-lhes:

- Quem está primeiro?

- Sou eu! - diz um sujeito.

- Isso é que não é! - disse o Séjo. - Quando o senhor chegou, eu estava ali, junto à ponte.

- Mas o lugar de espera é junto da farmácia!

- Então porque não esperou, lá também? Quando aqui cheguei pela segunda vez, o senhor não estava cá! Por isso, o primeiro sou eu.

A farmacêutica não pode conter um sorriso disfarçado, ao ver o expediente do rapaz, ao mesmo tempo que lhe pedia a receita. Não faltava esperteza e capacidade aos filhos do Centive. Apenas lhes faltava o pão, mas mais se queixavam do mesmo mal.

Foi nessa altura que o Séjo lhe perguntou:

- Senhora Doutora. Segundo disse o Barbeiro, os remédios que levei há quinze dias, custaram mais do dobro do que era normal! Não terá havido algum engano?

- Infelizmente não, rapaz! São os resultados da guerra! E, de momento, nem sequer temos esse remédio.

- Mas não é esse que eu venho aviar.

Depois da receita aviada, que custou um pouco menos que a anterior, o Séjo voltou de imediato, tal como a mãe o avisara. E, como não podia deixar de ser, ao passar por Capescones, foi visitar os tios. O casal Arres, uma vez mais o carregaram. Às duas da tarde, depois de palmilhar cerca de quarenta quilómetros, estava de volta com os novos remédios.

À ordem do clínico barbeiro
Com o medicamento parou
Pondo de parte o primeiro
Uma segunda receita passou.

Bem cedo, o mensageiro vai
Pelo caminho apressado
Comprar os remédios do pai
Com o dinheiro emprestado.

A doença é pior que o fogo!
Quando não se tem assistência
Destroi uma casa num todo
Mesmo além da residência.

Eram os efeitos da guerra!
Que tudo fazia aumentar
Tudo escasseava na terra
Pondo tanta gente a chorar.

A guerra leva ao pódio
O pranto, miséria e maldade
Semeando o terror e o ódio
Egoísmo e instabilidade.

Neste período de doença, que até nem foi muito longa, os frascos da medicina encheram o armário do pequeno quarto, ao mesmo tempo que o rol crescia no livro de crédito do bom

samaritano senhor Trimans. Como o doente estava em juízo perfeito, tais coisas faziam aumentar ainda mais o seu sofrimento, não só físico, como também emocional. Quando se apercebeu que o seu mal não tinha salvação, contestou a compra dos remédios, recusando-se a tomá-los. Estes foram os momentos mais penosos da sua vida, com maiores dificuldades para a esposa, quem mais o assistia.

A boa mulher, ainda que quisesse estar sempre junto dele, para lhe prestar toda a ajuda possível, não podia, devido a outros afazeres. O serviço do campo estava sob a sua responsabilidade. Os filhos trabalhavam debaixo das suas ordens. A partir da data da recusa dos medicamentos, os planos foram alterados, no lar desta família pobre e em desgraça.

Durante o dia, os filhitos mais pequenos, vinham para junto do leito do pai, fazendo perguntas e queixumes a que ele não podia responder nem disciplinar. Um porque o irmão lhe batera; outro porque alguém lhe comera a fatia da broa que a mãe lhe deixara. Outro por isto, e outro aquilo. Tudo isso o incomodava, sabendo que a sua doença estava a fazer ainda mais negra a miséria e a fome daquele lar.

Nos dias em que a mãe trabalhava no campo, ao chegar a casa, perguntava ao filho responsável pelo pai, e como tudo tinha corrido. Se tinha tossido muito, se tomara os remédios, se tinha comido nas horas marcadas, etc. Foi quando o rapazito disse à mãe o que se passara. Além de não querer a medicina, vira o pai a chorar, quando alguns irmãos lhe disseram ter fome. A mãe, depois de ouvir o filho, dirigiu-se ao cubículo onde estava o marido, para saber como ele se encontrava.

A mulher viu-o mais combalido que nunca, com a voz a mudar de tom, e as feições cada vezes mais pálidas e a perderem a sua normalidade. Depois de alguns segundos de silêncio, foi ele quem abriu o diálogo, dizendo:

- Após terminarem os remédios existentes, não me comprem mais, porque não os irei tomar. A medicina não me tem feito nada. Cada vez me sinto pior. Além disso, é a ruína da nossa casa. Não há dinheiro para comprar pão para os filhos que têm fome, mas tem que haver para comprar os remédios, que me estão a matar.

Oh, meu Deus, porque não me dais a morte, para alívio do meu sofrimento, e não diminuir mais o pão desta casa.

Todas estas coisas o incomodavam. Não era só a doença, mas também os dinheiros gastos em seu benefício, sem ver nenhum resultado. Eram, ainda, os trabalhos que recaíam sobre a esposa. E ele numa cama, sem a poder ajudar. O viver, para si, já não fazia sentido algum.

Essa cisma complicava ainda mais o seu estado doentio. Foi a partir desse ponto que a corajosa esposa deixou o serviço da lavoura, para se ocupar exclusivamente do marido. Mesmo que o Barbeiro já lhe desse a entender da gravidade dele, e as dificuldades que ele tinha em se salvar. Esta mulher de "armas" nunca entrou em pânico perante tal calamidade, antes encarou a situação com serenidade e cabeça fria.

A Aba sempre trabalhara debaixo da orientação do marido. Mas, agora, tinha que tomar novas decisões. Assim, foi obrigada a fazer algumas mudanças dentro do agregado familiar. Ainda que, algumas, contra a sua própria vontade.

Como andavam três filhos na escola, foi junto da professora pedir para que ela lhe dispensasse a mais velha, das aulas da tarde, a fim de tomar conta dos irmãos mais novos. Pediu outra vez ao cunhado para lhe tomar conta das cabras, por algum tempo. O Nino deixou temporariamente o gado, para ajudar a mãe nesta crise laboral.

A casa não tinha dinheiro. Apenas algumas terras, sobre as quais podia pedir alguns empréstimos, para combater a doença do marido e a criação dos filhos. Perder os bens em tais circunstâncias não era desonra nenhuma. Tinha confiança nos filhos. Se não o conseguissem todos, alguns viriam a ser dignos e capazes de pagarem as dívidas contraídas, para recuperarem os bens perdidos.



A MORTE DO PAI CENTIVE

O mal, quando vem, chega a todos, e nunca vem só. Foi o que aconteceu com a mãe Aba. O cunhado que actualmente lhe guardava o gado ficou também doente. Assim, o Nino teve de voltar ao pastoreio guardando um duplo rebanho: as suas e as do tio. E tudo se alterou de novo, até que outras mudanças se fizessem.

Esta mãe, ainda que analfabeta, era possuidora dumha inteligência rara, e com um poder de fixação fora do vulgar. Sempre manifestou o seu desgosto por não saber ler. Talvez por isso, tudo fez para que os filhos fossem letRADOS.

Os que andavam na escola, depois de terminarem as aulas, iam ao seu encontro, receber as ordens para os trabalhos a fazer no campo. O mais velho dos que ainda não haviam entrado na escola, tinha a tarefa de acarretar a água da fonte, para o consumo da casa e dos animais. Acender a fogueira e pôr as panelas ao lume, sempre que a mãe não estivesse era também trabalho seu. Não era tarefa fácil para uma criança, mas era uma maneira de os fazer adultos e responsáveis, além de afinados e espertos.

Junto ao acanhado cubículo onde se encontrava o doente, sempre que a mãe não estava, era uma tentação dos filhotes virem-lhe fazer companhia, a fim de terem a sua atenção, e não cessavam entre eles os conflitos.

O pai, ainda que lúcido, já mal falava, sem poder impor a sua autoridade neste tribunal de menores. A mãe não os queria ali, para não o molestarem. Mas, como o pequeno chefe andava na ocupação da água, os outros eram livres.

O doente só conseguia descansar virado para o lado da parede. Mas, sempre que pressentia os miúdos, logo se voltava, para os observar, seguindo-os com os olhos coberto de lágrimas. Estas cenas repetiam-se a cada momento, sempre que as crianças vinham para junto de si.

Alimentavam as esperanças
Pelas melhoras que não vinham
As vezes iam-se as heranças
Com aqueles que morriam.

Para o moribundo doente
Aumentava o seu sofrer
Bem lúcido e consciente
O seu desejo era morrer.

Às vezes tomar não queria
Essa medicina aviada
A morte já não temia
Mas as dívidas que deixava.

Estava mais morto que vivo
Ainda lhe iam pedir pão
P'rós filhos era um abrigo
A justiça e a protecção.

A mãe pegou na velha candeia de azeite e dirigiu-se para junto do enfermo, onde ambos conversaram por alguns minutos. Numa voz que já não parecia a sua, ouvia-se ele repetir:

- Eu já disse e volto a dizer! Não vou tomar mais nenhum medicamento. Nem quero que mais remédios sejam comprados para mim, porque não os irei tomar! Só se forem coisas caseiras...

A esposa impunha a sua teima, insistindo com firmeza, que ele teria de continuar. Que se gastassem os anéis, mas que ficasse os dedos. Os filhos quando, adultos, pagariam todas as dívidas, tal como os de tantas outras famílias já tinham feito. Sem dizer mais palavra, foi buscar os remédios e obrigou-o a tomá-los.

A partir daqui e até à morte do bom homem, a esposa jamais saiu da sua companhia, deixando os serviços rurais apenas aos cuidados dos filhos. Quanto aos mais pequenos, estes agora ficavam longe da vista do pai. Pela manhã, eram levados para casa dum a tia e vizinha, para não perturbarem o sossego do infeliz

condenado. Mas, este, a todo o instante perguntava por eles, que agora não via nem ouvia.

O doente, que esteve sempre lúcido até aos finais da vida, sabia que aqueles frascos que enchiam a prateleira, eram o pão que estava a faltar em casa, assim como a desgraça daquele lar. No seu constante lamentar, iam-se ouvindo as palavras:

- Oh meu Deus! Não prolongues mais a minha vida...

Numa certa manhã fria, nos meados do Inverno, quando a aurora começava de novo a despontar no horizonte, Deus ouviu a sua prece, tantas vezes repetida. Terminava assim o sofrimento de alguém que, na sua passagem pela terra, apenas conhecera trabalho e miséria, sacrifícios e pobreza. Dentro da sua imperfeição, como qualquer mortal, sempre usou uma consciência bem treinada, sem o instinto de ofender ou prejudicar quem quer que fosse. Respeitava e foi respeitado.

Creio que desceu à terra sem o peso do remorso, por qualquer maldade tencional. Pobre, mas digno; simples, mas amado; de poucas falas, mas boas obras; de pouca sorte, mas resignado.

A família perdeu assim o seu chefe, mas mantendo-se unida por algum tempo. A casa ficava agora mais pobre e vazia. E também empenhados até às orelhas, sem pai, sem pão, e sem o mínimo dos recursos para enfrentar a rudeza dos tempos, que a cada dia se mostravam mais escuros e complicados.

Os filhos sentiram a falta dum pai carinhoso e amigo, que alguns não chegaram a conhecer. A esposa, mulher de talento e de coragem, encarou a realidade da vida, e todas as suas dificuldades. Lutou contra a sorte e o tempo, para que os filhos pudessem viver junto de si, sem a privação do primeiro alimento - a fatia da broa - mas tal coisa nem sempre foi possível à corajosa mulher.

Ainda que todos permanecessem juntos da mãe por algum tempo, as dificuldades do dia-a-dia eram tantas que contrariaram a sua vontade, e a família acabou por se dividir.

O patriarca tanto lutou!
P'ra morrer pobre, como Jesus
Mas para a esposa que ficou
Foi bem pesada a sua cruz.

Sua linhagem de nobreza
Quis o destino arredio
Empurrá-los para a pobreza
Devido à lei do morgadio.

Nesse tempo, em Portugal
Só a Santos e Deus se pedia
A assistência social
A nenhum pobre socorria.

Além do Sol, luz e a morte
As chuvas e ventos anuais
Do calor e frios do Norte
É que as partes eram iguais.

Neste Mundo cego e louco
De gente mal intencionada
Uns têm muito, outros pouco
E a maioria, sem "nada".

Se o pão que a terra produz
O dividissem pela razão
O Mundo teria outra luz
E ninguém morreria sem pão.

Depois do seu chefe morrer
A casa ficou mais vazia
Pela lei do sobreviver
Tantas contas a mãe fazia!

Estava-se no auge da segunda guerra. A escassez de bens de consumo era total. O dinheiro era também pouco e difícil de se encontrar, na bolsa dos pobres. Tudo era vendido na candonga, a preços sem lei nem controlo. O milho era a coisa mais procurada, por ser o primeiro alimento dos pobres. Só era conseguido por grande favor a quem tinha dinheiro para o comprar e sem regatear preço.

As crianças, como tinham fome, não entendiam essas dificuldades, pois não foram elas que criaram as guerras e seus problemas. Choravam a cada momento, pelo pão que lhes faltava.

A pobre mãe vivia rodeada por um rebanho de filhos, quase todos de tenra idade. Sem dinheiro, com dívidas a pagar, e a saúde a fazer-lhe negas, não sabia para que lado havia de virar o leme. Não lhe faltavam a coragem nem inteligência para guiar a nau. Mas faltava-lhe o mantimento, sem o qual tudo era impossível.

A dívida contraída com as doenças das filhas e do marido foi de cerca de dois terços de todos os valores existentes. Mas, como se estes males não bastassem, ficou ainda com o problema das finanças, visto haver filhos menores. Chamavam a isto, inventário de menores!

Era como um imposto que os entes queridos nos deixavam. A esta pobre viúva e mãe, foi-lhe aplicado um pagamento de 1995\$00. Era muito dinheiro, para a época, em que o salário de um homem- quando havia trabalho- ainda era de 5\$00 por dia. Esta quantia era igual a um terço de todos os bens existentes da família. Junto com a dívida, os bens da casa ficavam reduzidos a nada. E esse dinheiro tinha que aparecer, ainda que fosse roubado à Igreja.

A braços com tal situação, a infeliz mulher levava as mãos à cabeça, sem saber onde ir buscar o dinheiro para satisfazer o mais injusto e vergonhoso, de todos os impostos que jamais se viram, em qualquer tempo, à face da terra.

Por essa razão, falou com a professora e o padre - as pessoas de mais capacidade da aldeia - a fim de escreverem a quem de direito, para uma ajuda financeira, assim como à abolição de tal imposto.

Se escreveram ou não, nunca se soube, ainda que a professora o confirmasse. Contudo, ela nada recebeu. Nem sequer uma palavra de conforto.

A secção de finanças concelhia nada tinha a ver com a desgraça e problemas de cada um. Mas o seu chefe, compreendendo a situação, teve o bom senso de dar mais algum tempo de espera, sem aumento de encargos fiscais. Mas nada mais pôde fazer, porque nada dependia de si.

Sempre que qualquer pai ou mãe descia à cova, e deixava filhos menores, não havia compaixão em aplicar a tal lei, à qual ninguém se podia negar, sob pena de levarem os bens à praça, e serem vendidos em hasta pública.

A dívida ficou muito maior, como também as dificuldades de adquirir o pão-de-cada-dia para os filhos. Iam-lhe valendo os bondosos senhores A. Trimans e A. Anuacção dos Pecos, sempre prontos a emprestar-lhe dinheiro para as suas necessidades. Ai de toda a família, se não tivessem sido estes dois homens!... Se o mal já fora muito, teria sido ainda maior.

O trabalho de olhar pelos filhos já era demasiado pesado para a viúva. Mas, devido à sua situação de pobreza, e sem ter de onde lhe viesse um centavo, começou por ir aos mercados semanais de Arganil, e quinzenais, na Pampilhosa, a fim de comprar sardinhas, para depois as vender em Ojafa e terras ali agregadas.

A distância para Arganil era de 23 quilómetros, para cada lado, por serras descampadas e íngremes, sempre por maus caminhos, onde não faltava o vento e o frio.

Para chegar a horas de poder comprar a sua mercadoria, tinha de deixar a casa às quatro da madrugada, quantas vezes debaixo de frio, chuva e vento. Quando não era surpreendida por fortes nevões! Sempre sem um agasalho apropriado ao rigor das intempéries.

Teria de ali chegar cedo, antes da afluência do público, porque, depois, era quase impossível obter o desejado.

Mesmo sendo um pouco mais longe, e até pior caminho, para Arganil, tinha preferência por este mercado, devido a ter companhia para a jornada. O homem estafeta, que diariamente ia buscar o correio àquela localidade para vir deixando pelas aldeias

desse itinerário, era de Ojafa. De companhia, tornava-se mais confortável a caminhada.

O mesmo não acontecia no trajecto da Pampilhosa, em que raramente tinha companhia. A descampada serra da Amarela não era para os pouco afoitos, de noite, e para uma só pessoa. Era perigosa, pelos muitos lobos que por ali andavam naqueles tempos, bem como pelas pessoas maldosas que ali passavam com frequência.

Algumas pessoas se viram em apuros com as feras, que os atacavam. Contavam-se histórias de viajantes que por eles foram devorados, quando por ali passavam durante a noite.

Havia ainda as superstições de bruxas, almas-do-outro-mundo e fantasmas, que enchiam de pânico os mais valentes, ao menor vulto, ou ruído, quando passavam em determinados lugares.

Sempre que ia ao mercado, a mãe destinava de véspera o que os filhos deviam fazer no dia seguinte, assim como o que iriam comer, e como tudo deveria ser repartido, para não haver abusos, nem imposição da lei do mais forte.

Tal regulamento tinha que ser cumprido na íntegra, pois não havia compaixão no castigo pela violação deste princípio. O pão era escasso, mas tinha que ser dividido proporcionalmente, coisa que os políticos governantes nunca chegaram a aprender. E não darem ao que ganha dez, apenas um, e ao que recebe cem, darem-lhe mais dez. São estas percentagens que fazem o desnível na sociedade.

A razão por que a mãe era bastante severa ao punir estas faltas, porque sabia o mal que os mais velhos tinham causado aos mais novos. Ao comerem o alimento que a eles pertencia. Não queria que tais faltas se repetissem.

Foi assim que aconteceu numa certa ocasião em que foi vítima dumha doença, que perdeu o leite, quando amamentava o filho recém-nascido. Experimentou leite de cabra e de ovelha, mas não resultou. Perante esta delicada situação, e como os recursos eram muito limitados, na aldeia, optou por várias soluções, acabando por escolher a que o bebé provou que mais gostava.

Esse alimento improvisado era composto por um pouco de

farinha de trigo, dissolvida em água tépida, de modo a ficar rala como leite, à qual ela juntava um pouco de açúcar. Punha-a depois num frasco e servia-a com um bico.

Nas aldeias, em casas de famílias numerosas, os mais velhos tomavam conta dos mais novos. A casa dos Centives não fugia à regra - como já atrás se disse. Neste caso, era outra criança, com menos de seis anos, que olhava por aquele inocente, encarregada de dar os alimentos ao irmão, enquanto a mãe e os outros trabalhavam no campo. Mas como o mais velho também tinha fome, em vez de dar a comida ao irmão, comia-a ele próprio!

Quando, um dia, a progenitora lhe perguntou se fora ele que bebera tudo, o ladino do irmão respondeu, com todo o à-vontade:

- Oh, sim! E mais que fosse...

Só veio a conhecer a verdade quando o bebé ficou doente. Mas continuou a guardar o irmão. O caso, contudo, nunca mais se repetiu. Não por respeito, ou por compreensão: apenas por medo!

Não sei se seria devido às dificuldades, se à maneira como eram criadas, as crianças desses tempos tornavam-se maduras e responsáveis antes da própria idade.

Era quase sempre ao filho mais velho a quem era dada a tarefa e a responsabilidade da chefia da casa. Mas, no caso da mãe Aba, ela nunca permitiu que um irmão batesse noutro. A disciplina estava debaixo do seu controlo. Apenas eram reportadas as faltas; a punição dava-a ela se assim o entendesse.

Geralmente, nos dias de mercado, o irmão-chefe orientava as coisas de maneira a poderem ir ao encontro da mãe, para lhe aliviarem o carrego, nesse percurso de várias horas.

Aba era uma mãe extremosa, mas dura para com os filhos. Mas, mesmo com toda a disciplina imposta, muita coisa falhava. Os filhos mais jovens quase sempre eram vítimas dos mais velhos, visto que pouca diferença havia nas suas mentalidades, ainda com a agravante da miséria existente.

As tareias aplicadas aos mais rebeldes tornaram-se coisa corriqueira, dando a ideia que as mesmas, aplicadas de cinto ou de corda, já nem faziam doer. Como se não bastasse já àquela mãe o sacrifício de angariar o alimento para os filhos, ainda tinha a

preocupação constante do que lhes pudesse acontecer. Para estar junto deles, não poderia angariar o pão de que necessitavam. Tinha que continuar assim, até que Deus desse um novo rumo à sua vida.

Quando chegava a casa, fatigada fisicamente da caminhada e do frete, com o corpo a pedir um pouco de descanso, raras vezes o conseguia. Os mais pequenos logo se juntavam, para fazerem os seus queixumes, quase sempre em voz de choro, para dar maior ênfase às suas reclamações, cirandando à sua volta, a cada passo que ela dava. Isto deixava-a ainda mais triste e desalentada, por ver que não lhes podia dar a atenção e o carinho de mãe que eles reclamavam.

No mesmo dia em que vinha do mercado, quase sempre usava dar uma volta pela terra, para vender o que podia. Se algo restasse, iria, no dia seguinte, dar a volta pelas outras terras circunvizinhas. Muitas pessoas gostavam de lhe comprar a ela, para a ajudarem.

Quando regressava da venda, logo ia fazer as contas, não deixando de ser interessante ver a maneira como as fazia. Conhecia muito bem o dinheiro; contudo era analfabeta. Mas ninguém a conseguia enganar. A escrita da sua matemática era representada por traços e pontos, uns maiores do que outros. Fazia-os em diferentes posições, a lembrar a escrita de Morse, coisa que só ela percebia. Sabia quem lhe ficava a dever, e a quem ela devia. Parecia incrível, a perfeição da sua contabilidade. Em tais condições, não sei quem eram os analfabetos: se ela, que não conhecia a nossa escrita, ou os outros, que não compreendiam a dela!

Às vezes falando, para si só, ouvia-se dizer:

- Estou bem contente! Ainda ganhei dinheiro, e fiquei com algumas sardinhas para comer...

Noutras ocasiões, chorava de tristeza, lamentando não ter feito o seu dinheiro. Como tal coisa podia acontecer? Amaldiçoava então a fornecedora, que a enganara nas sardinhas. O que não era verdade! Eram, isso sim, os filhos, que, pelo escuro da noite, lhas vinham tirar e, em seguida, as comiam, mesmo cruas e sem broa, tal como gatos famintos.

Passou anos nesta vida, atravessando esses Alpes das serras

daqueles lugares, com cargas superiores às suas forças, palmilhando quilómetros e quilómetros, sempre por difíceis caminhos. Fazia-o por vezes debaixo de fortes tempestades, descalça, e mal agasalhada, e até sem comer. A juntar a tudo isso, os treze partos que tivera começavam a debilitá-la fisicamente.

Sempre que chegava do mercado, estendia-se sobre a cama, lamentando as suas dores. Eram as costas que lhe pareciam estarem abertas, a falta de ar, que mais adiante se identificou como bronquite asmática, tal como a espinha torcida e alguns discos gastos, em resultado dos pesos excessivos e das intempéries que sofreu.

Cada semana ela afirmava que essa seria a sua última. Iria pôr alguns dos filhos a servir, mesmo sem grandes soldadas. Seriam menos bocas a comer e sempre vinha alguma coisa para a ajuda dos outros, pois ela já não podia mais! Se não parasse, afirmava ela, ainda acabaria por morrer, na ponta duma daquelas serras, sem a ajuda de ninguém. Mas, depois de recuperar algumas forças, logo ela contrariava o seu dito:

- Não! Não posso parar! Se paro, onde irei eu buscar o sustento da família e o dinheiro para comprar o milho, que está pelo preço da morte? Não! Tenho que aguentar por mais algum tempo, até que alguns filhos possam ir para Lisboa, e ajudarem a criar os mais novos.

Os dias foram passando, e a pobre mulher sempre teimando por aqueles caminhos do purgatório, empurrada pela necessidade. Só que agora mudara o ramo de negócio: em vez de sardinhas, vendia louça. Segundo dizia, a conta das sardinhas nunca dava certo. Nem podia dar, com os filhos a roubarem-na a toda a hora...

Com as panelas, nunca havia enganos, e até lhe faziam um desconto para a revenda. Apenas havia o contra de ser mais perigoso, se se partissem. Se tal acontecesse, com uma só peça, lá se ia o ganho de quatro ou cinco. Era só uma questão de cuidado e atenção. Até mesmo as contas eram mais fáceis e simples de fazer.

O pão é difícil e magro!
No lar das famílias pobres
Aonde com fome se chora
P'ra o conseguir sai bem caro
Enquanto no solar dos nobres
Se estraga e se deita fora.

Em todo o tempo e idade
Tudo acontece aos mais pobres
Quando menos se espera!
Punido pela infelicidade
Esse inventário de menores
Era uma real quimera.

Pediam à virgem Maria
O alívio de tal desgraça
Escondida nos xailes pretos!
Mas ai deles! O que seria?
Sem esse bom homem de Ojafa
E bom samaritano dos Pecos.

As guerras trouxeram senhas
P'ra comprar a mercadoria.
Sem darem tudo ao primeiro.
Mas a pobreza não tem manhas
Por isso, comprar não podia
Porque não havia dinheiro.

Nas serras altas, descampadas
Aonde os lobos eram reis
Ninguém se podia afotar.
No escuro das noites cerradas
Não havia respeito nem leis
Passar ali, seria arriscar.

Com o medo das superstições
Das bruxas, em luzes e chamas
No percurso dessas viagens.
E dos homens, sem corações
Os chamados feras-humanas
Mais ferozes e selvagens.

Pela luz do Céu estrelado
Lá ia a pobre sozinha
Pelos visos das cordilheiras
Para chegar cedo ao mercado
A fim de comprar a sardinha
Para vender pelas aldeias.

Quando a casa ela chegava
Cansada, mas sem azedumes
E sem ter forças, nem acção.
A miudagem logo a rodeava
P'ra fazerem seus queixumes
E terem a sua atenção.



O DESÂNIMO VENCE A CORAGEM

O marido morrera havia já dois anos. A esposa ficara com um rebanho de filhos para criar, sem posses para o fazer, carregada de dívidas e sem saúde. Tudo caíra sobre os seus ombros. Era um fardo demasiado pesado para as suas forças.

Já se vivia no rescaldo da guerra, o tempo mais difícil para os pobres daquelas aldeias. As minas tinham fechado, juntamente com muitos outros postos de trabalho, deixando a maioria sem um lugar onde se ganhasse um simples chavo.

A escassez era ainda maior e, por isso, os alimentos eram mais caros. Mas, tal como se usava dizer, a barriga não quer fiado. Os produtos tinham que ser comprados a qualquer preço e - como já atrás se referiu - ainda por grande favor.

Do alimento dos pobres, que era o milho, já não existia nas arcas de Aba um simples grão; nem mesmo para alimentar os ratos, que também ali conheciam a fome. A pobre mulher punha no bolso do avental o dinheiro que acabava de pedir, e ia ao encontro dos candomgueiros, implorar, pelo amor de Deus, um alqueirinho de milho para matar a fome aos seus filhinhos. E quantas vezes voltava para casa a chorar, por não conseguir pagá-lo, àquele preço dos demónios!

Como não visse outro caminho, e ainda que fosse contra a sua vontade, tirou outro dos filhos da escola, pondo-o a servir como pastor, em troca de uns alqueires desse tão procurado cereal. A filha São, a mais nova das raparigas, começou a perder a cor e a ficar sem apetite, coisa que nunca faltava à canalha. Isso fez a pobre mãe tremer e correr de novo para o Barbeiro.

Mas este, não se encontrava na localidade. Andava a visitar os doentes, em sítios da sua área. A esposa ficou com o recado para ele ir ver a menina, assim que lhe fosse oportuno.

Dada a urgência com que a mãe apresentara o caso, logo que o homem chegou, foi visitar a criança. Depois de a examinar, escreveu uma receita, que entregou à mãe, dizendo-lhe ser de urgência aviarem aquele remédio. Tais palavras deixaram-na ainda mais preocupada.

No dia seguinte era mercado na Pampilhosa. Tal como era usual, estava a fazer conta de sair à hora costumeira. O dinheiro que tinha era só o do negócio. Não dava para comprar o remédio e a mercadoria. E, àquela hora da noite, onde poderia ela desenrascar-se? Por casualidade, veio à porta, e viu que o bom samaritano, que morava mesmo em frente, ainda tinha luz na loja.

Com o coração nas mãos, dirigiu-se para lá, bateu à porta e explicou-lhe a razão porque o incomodava, àquela hora. O bom homem abriu a gaveta, sem fazer quaisquer comentários e retirou de lá uma nota de 50\$00.

- Chega? - perguntou. - Eu penso que sim...

- Bem-haja, senhor! Bem-haja... E que Deus lhe pague... por tantos favores que me tem feito...

- Pois sim... Olhe! Vá com Deus! Estimo as melhorias da sua filha...

Já em casa, a mãe ficou ainda a fazer alguns trabalhos, mas obrigou os filhos a irem para a cama. Os dois que dormiam consigo - os mais pequenos, como é óbvio - já lá se encontravam, um para os pés, o outro para a cabeceira. Outros quatro ficavam num compartimento ao lado, pelo mesmo processo: dois para cima e dois para baixo. Os restantes, como eram rapazes, e mais velhos, dormiam no palheiro, onde usavam guardar o pasto para os animais comerem durante o Inverno. Mas, como a palha precisava de apanhar ar, as janelas tinham de ser mantidas entreabertas. Deste modo não lhes faltava nem frio, nem ar. A casa residencial não tinha tamanho nem condições para albergar toda a família debaixo do mesmo tecto.

Quando a mãe se deitou, toda a filharada dormia, excepto a Sãozita, que logo se agarrou ao seu pescoço dizendo: - Dói-me tanto a minha barriga! Estou doente. Mas eu não queria morrer...

- Não! Não vais morrer, minha filha. Tu vais ficar boa! Amanhã, trago os remédios e tudo vai passar.

A menina beijou a mãe e virou a cabecita para tossir de novo. Esta lamentação da filha deixou a mulher ainda mais triste e pensativa. Enquanto não pegou no sono, fez uma prece a Deus pela saúde da pequena.

No dia seguinte levantou-se ao primeiro cantar dos galos,

pelo qual ela sempre se orientava, tal como a maioria das pessoas que não tinham relógios. Nem mesmo o da torre trabalhava. Valia, a estas gentes, essas aves domésticas, para lhes dizerem as horas. Assim, muito antes da Aurora despontar no Nascente, uma vez mais ela se meteu ao caminho. Mas desta feita, levava por companhia a angústia e o agouro que palpitavam uma realidade.

Por aquele caminho, que ela bem conhecia, atravessou visos e vales, sem deles se aperceber. Nem os medos nem os lobos, que tanto temia, lhe deram algum abalo, no escuro do fim da noite.

O seu subconsciente, como que num bailado de abelha obreira, à volta do néctar duma flor, vagueava-lhe sem cessar: ia aos dois filhos que já tinha em Lisboa, e de onde lhe vinham às vezes uns tostões para minorar as suas necessidades, para aqueles que ainda tinha à sua volta. Mas, a sua maior preocupação, era aquela menina. O consciente, como que para lhe dar algum alívio, ia-lhe mostrando algo colorido de outras mães, outrora também mártires como ela, mas agora com os filhos já crescidos, iam usufruindo de alguma felicidade. Não. Tanta sorte, não seria para si, pensava. Quando os filhos chegassem a ser adultos, já ela teria morrido.

Sem dar pelo tempo, nem pelo caminho, tinha percorrido os vinte e poucos quilómetros da viagem. Chegara à Pampilhosa quase que por instinto, como que num sonho. A farmácia, aos dias de mercado, abria mais cedo. Estava já abrir. Aviou o medicamento, para logo seguir ao seu negócio. A despesa na botica foi de 32\$50, o equivalente a mais de seis dias de trabalho dum operário, e doze de uma mulher.

Por sorte, ou por azar, o fornecedor onde usava comprar as mercadorias não veio nesse dia, o que a forçou a recorrer a outro, a quem já tinha comprado algumas vezes.

Esse vendedor, segundo lhe contou, estava a fazer a promoção de uma nova fábrica. Assim, em cada três peças, oferecia-lhe uma.

Ao ver este especial tão atraente, a mulher começou a pôr na cesta, mais e mais peças, de acordo com o dinheiro e com as forças, acabando por empregar também os 17\$75 que lhe haviam restado dos 50\$00 destinados aos remédios da filha.

Depois de ter pago a mercadoria, pediu ajuda ao tendeiro, pôs a cesta à cabeça, e deu início ao percurso de regresso. O peso era mais do que o usual, devido ao especial conseguido. Mas era uma oportunidade a não perder.

Pela manhã, com o pensamento ocupado pelos muitos problemas da sua vida, nem dera pelas pedras escorregadias do caminho. O mesmo não acontecia agora, com o sol já a queimar. A carga que levava sobre as costas fazia-a parar a cada passo, para descansar.

O frete era grande. Mas a jornada era ainda maior: quatro horas a andar por caminhos alcantilados e em mau estado, a subir cumes íngremes das serras, sempre com o credo na boca. Todo o cuidado era pouco! Uma simples escorregadela podia ser um desastre, o fim do seu débil negócio.

Para aliviar as costas, lá ia descansando a cada pouso que encontrava, alguns que ela própria fizera. Depois de ganhar novas energias, voltava uma vez mais à caminhada.

Aba, que sempre fora uma mulher corajosa, estava a cair em desânimo. Continuava a percorrer no túnel escuro da sua vida, sem alcançar a luz da saída. Ainda a tratar das chagas dumha desgraça, logo lhe surgia outra, e mais outra. E assim começou a esmorecer. O espírito de lutadora, que sempre a animara, cedia lugar ao pessimismo. A amargura, a perturbação e o terror, venciam a esperança da felicidade, em que sempre acreditara. Agora só pensava na morte, como a libertação e alívio de todos os males e tormentos. Mas ela não podia morrer ainda. Tinha filhos pequenos e já órfãos de pai, a necessitarem da sua protecção.

Durante todo o caminho não deu descanso à cabeça. Ocorriam-lhe mensagens imaginárias, que ela não conseguia descrever.

Guiada pelo instinto, já no alto da cordilheira, os olhos não viram o céu deixar de brilhar, escondendo a sua luz. Foi apenas despertada desse silêncio por um forte trovão, para, pouco depois, começarem as bátegas, grossas, anunciando uma temível tempestade. Estava a cerca de uma hora da aldeia, da casa tão desejada e ainda tão distante.

A mulher tremeu de susto. As pernas perderam a força e os

pés como que colados ao chão não queriam andar. O peso da louça que a fazia vergar, deixou também de o sentir.

Os relâmpagos começaram a ver-se em duas frentes. A chuva caía, acompanhada de fortes rajadas de vento, a rasourar os matos mais salientes. Estava longe de qualquer abrigo e de pousos para apoiar a cesta e refugiar-se da tempestade. A única saída para salvar a carga. Era um viso plano, onde não poderia descarregar sem ajuda de alguém.

A sua prece não se fez chegar aos santos do altíssimo, nem as intempéries tiveram compaixão do seu padecimento e da carga que levava - o tudo que possuía. A tempestade cobria todas as redondezas; a tarde, já a meio, ficou tão escura como o breu.

Em poucos segundos, a pobre mulher ficou alagada como se tivesse caído num poço. O vento fazia-a dançar como um pião, no estreito caminho de cabras. Os nervos abaforam as dores que tanto a incomodavam. Toda a sua força e energia se concentrava em segurar a cesta, a fim salvar a louça e o negócio, o seu pão.

Lavavam-lhe as lágrimas as bagas da chuva, juntamente com o suor extraído pela prensa que a estrangulava. Ao passar junto dum muro, foi empurrada por um remoinho de vento, que a fez estatelar-se no chão, com a cara magoada e um braço e algumas costelas partidas. A louça ficou feita em cacos. A pobre mãe ficou inerte. Um torpor paralisou-lhe os movimentos, como que anestesiada numa sonolência pesada.

Naquele estado de semi-inconsciência, tal como que num sonho, revia a sua vida, cheia da batalhas perdidas, e em que a miséria saíra sempre vencedora. Faltava-lhe o alimento, a arma mais poderosa, mesmo em tempos de paz.

Tinha chorado a morte do marido, dos três filhos, e sabe Deus que mais! O que lhe iria ainda acontecer? Nada mais tinha a seu favor que o humanismo dos senhores Trimans e Nuacção dos Pecos e algumas pessoas de boa vontade. Mas, mais tarde ou mais cedo, teria que lhes pagar. Eles não eram os culpados dos seus padecimentos e desaires. Reconhecia neles a grande compaixão de nunca pedirem qualquer documento, como segurança pelo dinheiro emprestado, ou tentar saber se o montante da dívida estava acima dos bens existentes. Na realidade, o que ela lhes

devia, já tinha ultrapassado os seus haveres. Já nada tinha de seu.

Os dinheiros deixados na farmácia foram o fogo deitado à sua casa; o inventário de menores, uma calamidade. Agora, este acidente era uma desgraça sem solução à vista.

Ninguém quer saber de ninguém! Havia um padre, uma professora, um presidente da junta e um regedor. Mas era o mesmo que nada...

Será que não tinham capacidade de fazer chegar uma mensagem a quem de direito, apresentando a sua necessidade, e pedindo um auxílio para melhorar a sua precária situação? Ou não seria falta de vontade e de amor? Nem mesmo a carta que um dia pedira à professora para lhe escrever tivera qualquer resposta. Ou seria que ela escrevera? Se ao menos eles compreendessem a sua escrita...!

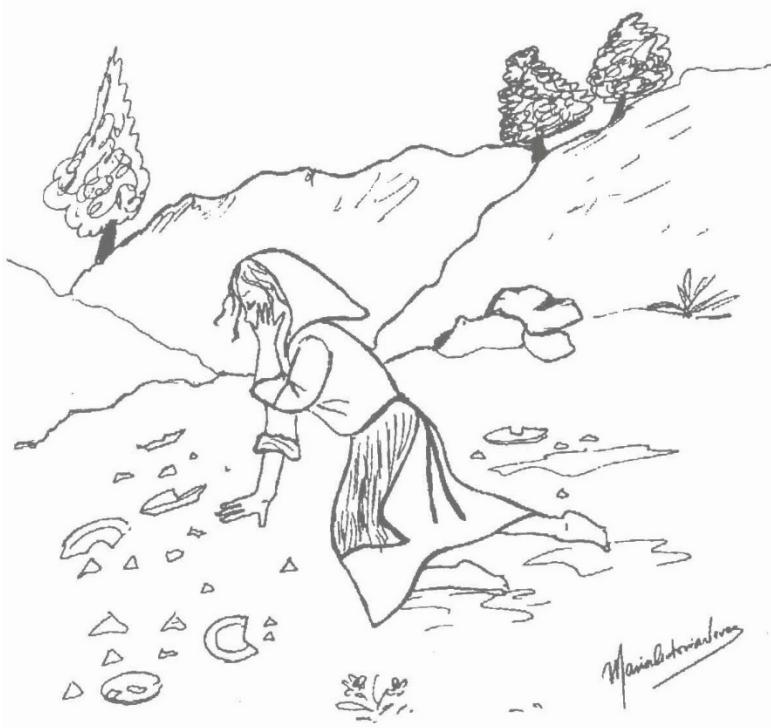
Se a essas crianças faltasse também a mãe, seriam obrigados a fazer alguma coisa. Assim, enquanto ela vivesse, os problemas eram de quem os tinha. E cada qual que se amanhasse...

Mas o que fazia mais confusão àquela pobre mulher era que, mesmo por aquelas aldeias, quando alguém se manifestava contra a política do governo, acabava na cadeia. Porquê, então, não denunciar a sua miséria, e tantas outras que por ali existiam?

Talvez ajudada pela chuva intensa que continuava a cair, Aba recuperou de novo os sentidos. Por instantes, julgou tratar-se dum pesadelo, pois tal coisa era uma punição muito cruel, para poder ser real. Mas não era sonho.

Só deu pelo seu estado crítico quando, ao tentar levantar-se, com a ajuda do braço, as dores lhe deram a perceber a realidade da sua condição. Mas havia outras coisas...

Com bastante sacrifício, levantou-se e arrastou-se até à estrada. Estava tal como se tivesse caído numa cisterna. Já nada mais tinha que molhar. No seu interior, cegava de desânimo e desespero.



Sem mais querer saber da cesta e da louça, seguiu com dificuldade o caminho de casa, cambaleante, devido à força do vento. Já nem pensava na infelicidade e desaires da sua vida, nem mesmo nos filhos, a causa de tantas labutas e tormentos. Mesmo a Sãozita, a enferma, e a menina dos seus olhos, era lembrada. Pela primeira vez viu como saída o suicídio.

Em todo esse tempo que levou a chegar a casa, fez cálculos a tudo que mais fácil seria para a sua vida, e algo lhe mostrava o suicídio. Com isso em mente, ao chegar a casa, apenas ali encontrou os mais miúdos, junto da fogueira na cozinha. Tal como de costume, ao pressentirem a mãe, vieram logo ao seu encontro. Só que, desta vez, quando a viram naquele estado, quase não a reconheceram.

Sem nada ouvir deles, e nem nada tendo para lhes dizer, olhava-os apenas. Mas não os via. Beijou-os, um por um, coisa que nunca fazia, o que deixou as crianças ainda mais confusas. Depois, fechou-os todos na cozinha, e trancou-lhes a porta, para não poderem sair.

Em seguida, foi ao lugar onde usavam pôr as cordas do mato e retirou a que lhe pareceu mais apropriada para a desesperada tentativa. Puxando dum cadeira, subiu sobre ela e passou a corda sobre a trave, por entre o espaço dos caibros, enfiando a cabeça no laço que fizera, que ajustou bem em volta do pescoço.

Com a operação feita, só faltava tombar a cadeira e o suicídio estaria consumado. Os filhos, assustados, espreitavam por entre as gretas do taipal, sem compreenderem o significado. Por casualidade, ou por milagre de Deus, algo aconteceu, nesse derradeiro momento. Os filhotes, especados sobre o soalho esburacado da cozinha, observavam, intrigados, tudo o que a mãe fazia. Mas, porque o lugar não dava para todos poderem espreitar, Turrita, o mais jovem da família, agora já com três anos, pôs-se às costas de um deles. Mas logo se estatelou, empurrado por um dos outros, que também queria dar uma espiadela. Do providencial desastre, resultou que o petiz ficou com a cabeça partida e o sangue a espalhar por todo o lado. E de pronto começaram os gritos de socorro, chamando pela mãe, quando ela ia já a levantar o pé para derrubar a cadeira.

Os gritos de angústia do garoto obrigaram-na a retirar o laço do pescoço, para o socorrer. Ainda voltaria a subir ao assento da cadeira, mas, desta vez, apenas para retirar o laço, ainda pendurado na trave. O apego maternal salvara aquela vida, já no último segundo, evitando uma desgraça ainda maior.

E o Barbeiro voltou a ser chamado, para cuidar dos dois enfermos.

Ao apalpar-lhe o braço, logo viu que se encontrava partido em dois lugares, assim como algumas costelas. Depois de feito o tratamento, recomendou-lhe que evitasse quaisquer esforços, para não agravar mais a situação, ou mesmo ficar aleijada para sempre.

O bom senhor voltou a chamar-lhe a atenção para o perigo que corria a sua saúde, devido à vida que levava. A Pampilhosa e Arganil iriam ser a sua morte, preveniu-a.

- Mas o que posso eu fazer, se os filhos me pedem pão e não tenho de onde ele venha?

- Reconheço as suas dificuldades. Contudo, aconselho-a a pedir, se tem quem lhe empreste, e os seus filhos pagarão, quando crescerem! Ou quer que também fiquem órfãos de mãe?

- Eu só queria ver se conseguia levar a minha cruz ao Calvário!

- Ao Calvário? Aí já a senhora chegou muitas vezes. Mas não tente mais...

A mulher ouvia as palavras do Barbeiro; mas era a ela a quem os filhos pediam pão.

No dia seguinte - que estava um bonito dia - já com mais um pouco de ânimo e coragem, embora cheia de dores, voltou ao local da queda, para ver se recuperava a cesta e alguma peça que tivesse ficado inteira. No meio dos destroços, apenas encontrou cinco pratos, aos quais, mais tarde, os filhos chamaram as "cinco chagas". Quanto à cesta, rebolara encosta abaixo. Viria a ser encontrada por um pastor, tempos depois, a cerca de um quilómetro de distância, entalada entre os ramos baixos de um medronheiro.

Como a mãe andava sempre por fora, na sua luta, muitas coisas se passavam em casa, e que ela desconhecia. Agora, que não podia trabalhar, tinha mais tempo para avaliar o que antes não

pudera fazer.

Ao passar revista ao governo da casa, ficou revoltada. Quase lhe ia dando um ataque, quando verificou que todo o governo da casa, tal como castanhas, chouriço, presunto, toucinho e tudo o que era controlado para as refeições do dia-a-dia, tinha desaparecido como um ciclone que passa e só deixa destroços. A casa estava quase limpa de tudo aquilo a que se chama alimentos.

Os filhos maiores, os presumíveis autores de tal façanha, quando interrogados pela mãe, negaram veementemente. Não tinham sido eles, e nem sabiam quem pudesse ter sido! Mantinham, assim, secreta, a confidência entre cúmplices. Por isso, como consequência de tão louvável decisão, todos, culpados e inocentes, teriam de apanhar... Mas como, no presente a mãe não lhes podia bater, seria uma sentença adiada. A ira, entretanto, ir-se-ia desvanecendo e o risco da tareia seria menor.

As guerras são sempre más
Feitas por loucos dementes
Não para morrer quem as faz
Mas sim os que são inocentes.

As guerras deixam lacunas
E todos os males ela assola
Com ela, uns fazem fortunas;
Outros choram e pedem esmola.

Mas adoeceu-lhe desta vez
A sua Sãozita coitada
Já lhe tinham morrido três
Era mais uma condenada.

Pelo escuro da noite cerrada
Sem mesmo pensar no perigo
Por essa serra descampada
Enfrentava vento e frio.

Pela Serra da Amarela
Nunca a lobeda ali faltava
Mas parecia terem pena dela
A sua ferocidade amansava.

Sem ter pouso nem abrigo
Pelo vento foi empurrada
Caiu...Tudo foi destruído
E ainda ficou maltratada.

Presa aos grilhões da má sorte
E à pobreza ingrata da vida
Pensou ser mais feliz na morte
E no suicídio a saída.

Grande desânimo a venceu
Contra a sua vida atentou
Mas um milagre aconteceu
E que a vida lhe salvou.

NO AUGE DA MISÉRIA

No seu estado de convalescença, já Aba tinha mais tempo para cuidar dos filhos, em especial da Sãozita, que continuava cada vez pior. Remédios farmacêuticos - além dos primeiros, que nada lhe fizeram - não compraram mais. Apesar de caros, parece que ainda a punham pior. Quando a mãe ia junto dela, para lhos dar, chorava, dizendo que ainda lhe doía mais a barriguinha.

Ao terceiro dia naquela confusão, a mãe contou ao Barbeiro, que lhe ordenou de imediato para parar com eles. E, uma vez que não havia posses para experimentar outros, a mãe ia-lhe fazendo as suas medicinas caseiras, tal como já antes fizera com os filhos que Deus tinha levado. Em especial ao Quinzito, o que menos medicamentos tomara na sua doença.

A doentinha, consoante aumentava o seu sofrimento, chegava-se ainda mais à mãe, a fim de receber um pouco de carinho. Era como se procurasse nisso o alívio para as suas dores. Mesmo com o seu padecimento, ela não queria morrer! A cada passo fazia perguntas sobre a morte; se todos iam para o Céu; se era lá que estavam o pai e os irmãos que ela não conhecera; ou por quem eles rezavam diariamente, depois da ceia. Queria saber se lá se passava fome e se havia guerras; se as crianças eram também pobres; se andavam descalças e esfarrapadas, como ela e os irmãos; se não havia doenças, nem frio, como na casa onde viviam, etc. etc. E a todas as perguntas a mãe ia respondendo que não.

Com mezinhas, umas suas, outras aconselhadas por alguém, a criança encontrou algumas melhorias temporárias, dando alguma esperança àquela pobre mulher. Mas não tardou a concluir que eram as melhorias da morte.

Numa manhã fria, nos finais do Outono, com as árvores já despidas das suas folhagens, a menina piorou. Agarrada à mãe, chorava, negando-se mesmo a tomar o caldinho de galinha que matara para lhe dar. Na sua experiência, devido aos que já tinha perdido, a pobre mulher via naquilo o sinal da morte da sua filhinha adorada.

Sentada no colo da mãe, a doente enlaçava os bracitos magros em volta do pescoço maternal, pedindo-lhe:

- Reza depois da ceia, e pede ao pai que me venha esperar, mais os meus irmãos, porque eu vou morrer... Eu quero morrer!

Com o coração apertado pela dor, a mãe, tentou esconder a cara para derramar algumas lágrimas. Mas a filhinha observou-a. Aconchegou-se uma vez mais contra ela e perguntou-lhe:

- Não estás zangada comigo, pois não? Olha que eu continuo a gostar muito de ti! Quando chegar ao Céu, vou pedir a Deus para melhorar o teu braço, e ter dó de ti! E também para nos encher as arcas de milho, e a todos os pobres sem pão. Para que não tenhas que andar a sofrer os maus tempos pelas serras... Havemos de ter bastante broa, como têm as pessoas ricas. E não vai haver mais guerras, nem fome, para que os meus irmãos que andam a servir, voltem para a casa, irem à escola e estarem todos juntos. Não me vou esquecer de pedir a Deus por si...

Dito isso, a criança despegou os bracitos do pescoço da mãe, e pediu-lhe para a ajudar a voltar à cama.

Com o coração oprimido pela dor, animando a sua Sãozinha, a mulher ainda lhe dizia:

- Não... minha filha! Tu não vais morrer!

- Vou sim, minha mãe! Eu quero ir para o Céu! Não quero viver mais...

Já deitada, esta inocente, que nada mais conheceu no mundo dos mortais que não fosse sofrimento e miséria, fez à mãe um último pedido:

- Deixe-se estar ao pé de mim...

E deu-lhe um beijo. A mãe fez-lhe a vontade.

A criança agarrou a mão da mãe, puxou-a para si, e disse:

- E como vai ser... se eu não conheço o meu pai, nem meus irmãos, para os procurar no Céu?

- Deixa minha filha! Sossega, agora... Não penses nisso, que te faz mal! No Céu são todos conhecidos...

A filhita encarou a mãe num olhar já baço, apertou-lhe a mão com alguma dificuldade, para logo a largar, sacudida por um forte suspiro. Era o fim duma vida, que não chegara a atingir a idade escolar. O quarto filho que lhe morria não pela mesma doença, mas pelo mesmo mal: a falta de assistência médica, e a escassez alimentar.

A Sãozita, com apenas seis anos, foi dos irmãos, a que morreu com mais idade. Talvez por isso, e por ser muito dócil, a mãe sentiu mais a sua morte. Não se podia conformar com essa realidade, que a deixaria psicologicamente abalada.

Sempre que tivesse uma nesga de tempo, lá estava ela sobre o muro do cemitério, o olhar parado sobre a campa da filha, com a face cansada banhada de lágrimas.

Nas orações nocturnas, depois da ceia, por vezes eram repetidas as benditas glórias, em louvor da sua Sãozita. Para em seguida ficar em constantes soluços. Chegou a dar até a ideia de ter mesmo perdido a sua responsabilidade familiar.

Levou muito tempo, e não foi fácil, voltar à normalidade. Mesmo já depois de restabelecida da dor, ao falar-se na menina, os olhos ficavam-lhe rasos de água.

Com as dificuldades físicas e mentais da mãe, a vida no lar dos Centives piorou. Alguns dos mais pequenos, mesmo sem pedirem nada, chegavam-se junto das casas mais abastadas da aldeia, e por ali permaneciam, em busca dum pouco de pão.

Havia na aldeia uma senhora, conhecida por vários epítetos: Ti-Maira dos Janos; Ti-Parteira, por ser quem assistia nos partos na povoação; Ti-Conserta, por andar sempre a tentar a paz entre as pessoas desavindas; e também por "mãe dos pobres". Este era ainda o que melhor lhe assentava.

Esta Senhora, que também foi mãe de nove filhos, conhecia bem as necessidades e a dor da pobreza. Todos os filhos estavam bem apegados no mundo social, quer em Portugal, quer no Estrangeiro. E, como eram bons e amigos dos pais, davam-lhes um certo privilégio de abundância e conforto alimentar.

Este casal, já na casa dos sessenta e tantos, eram ambos pessoas excelentes. A felicidade deles era a alegria e o bem-estar do seu semelhante.

Logo pela manhã, o fumo saía por entre as lajes do telhado da Ti-Maira dos Janos da Mitoa, o anúncio de mais uma sopa da caridade, que ela fazia para dar às crianças famintas locais, e aos pobres ambulantes que por ali faziam paragem, vindos dos concelhos vizinhos de Arganil e Góis, onde usavam pedir, para depois seguirem outros destinos.

Aquele fumo era a alegria e o calor humano dos desprotegidos sem pão. O cheiro da cozedura do feijão era a certeza do conforto dos estômagos vazios e famintos. Infelizmente, tudo o que é bom não dura sempre, e este bem também se acabou.

Estava-se No Outono de 1944, ano em que morreu muita gente pelas aldeias da freguesia, e não só. Entre outros, o padre e esta santa, Ti-Maira Dos Janos. Com esta perda, os pobres e mendigos deixaram de ter um abrigo para satisfazerem as suas necessidades alimentares. Os fumos matinais na casa da Mitoa não mais se viram e o aroma do feijão a ser cozido não mais se espalhou nos ares da aldeia.

Os garotos bem sabiam desta verdade. Contudo, era-lhes difícil aceitá-la, e ainda mais esquecê-la, quando o estômago dava horas. Por algum tempo, ali abordavam ainda, movidos pelo instinto e empurrados pela necessidade, um hábito que a fome não deixava esquecer. As crianças juntavam-se por ali, como que a reviver a saudade. Sem nada dizerem umas às outras, olhavam-se, desconfiadas e tristes. Talvez recordando os dias felizes do passado e das palavras amigas: "Comei meus meninos!"

Talvez com isto no pensamento, um a um iam deixando o local, para no dia seguinte voltarem de novo, quase sempre à mesma hora. Mesmo os pedintes viajantes, ao passarem pela terra, vindos de diferentes lugares, mesmo a saberem que nada mais havia para eles, faziam ali uma paragem, para meditarem naquela perda. E rezavam uma oração, em louvor daquela alma generosa.

Tenho pena do que não pede sem ter pão
E detesto o que não devia pedinchar
Tantos sem uma justificada razão
Só porque trocam o pedir por trabalhar.

Há aquele que pede com necessidade
E o que sem precisar pede e pedia
Que vão estendendo a mão à caridade
Fazendo disto o seu modo de vida.

Há os que vivem na miséria encoberta
Não esmolam por vergonha ou acanhamento
Vão vivendo nessa pobreza sempre certa
Sem nunca manifestarem tal sofrimento.

Há o que pede na rua junto da esquina
Robusto com saúde na própria idade
Fazendo deste meio como uma rotina
Confundindo o bom senso da caridade.

Há tanta criança que luta pelo pão
Como velhinhos já cheios de debilidade
São estes que me retalham o coração
São os merecedores da solidariedade.

O Nino continuava a ser o pastor da casa. Sempre que o rebanho estava na povoação, usava guardar também o gado dum tio, de quem recebia uma merenda grande e bem aviada de conduto. Era a coisa melhor que lhe podiam dar.

Como havia terras de cultivo longe do povoado, usavam mudar para lá o rebanho, alguns meses, durante a Primavera e o Verão. Em tais ocasiões, o gado do familiar era entregue a diferentes pastores. E lá se ia a tal merenda especial...

Nesses lugares, era hábito, logo pela manhãzinha, ir roçar mato para a cama dos animais - o estrume, para o adubo das terras. No caso do Nino, depois de executar esse trabalho, esperava pelo

irmãozito, o estafeta do almoço e da merenda - quando a havia - para, em seguida, ir fazer o pastoreio.

Sempre que a fome o apertava, mesmo com as leis mais severas, não era fácil cumprirem-se os regulamentos, por parte das crianças mais carenciadas.

A mãe mandava a comida para o filho, mas o irmão, como também tinha fome, comia-a pelo caminho. Algumas vezes chegava com pouco; outras, mesmo sem nada. Inventava uma desculpa, com este ou aquele argumento. A necessidade foi sempre boa condutora da mentira. A verdade é que a comida nunca chegava completa às mãos do Nino.

Por esta razão, o pobre pastor tinha que olhar à volta das hortas, primeiro pelas da mãe e depois as das vizinhas, por algo que pudesse comer.

Este rapaz, a entrar nos quinze anos, foi, até à morte do pai, aquele que mais tareia apanhou, tanto daquele, como da mãe. Não porque fosse mau, mas pela lábia que possuía, coisa fora do normal para a sua idade. Os pais detestavam esse expediente, com receio de que abrisse a privacidade da casa. Não era por acaso que ele era conhecido pelo "Gaiato do expediente." Isto, numa idade em que ainda usava bibe.

Os seus ouvidos não perdiam a mais simples conversa, e para tudo ele tinha uma sugestão, na maioria das vezes, galardoada com um forte tabefe. A sua língua não tinha freio, nem os olhos miopia. Tudo o que via e ouvia, fosse na rua ou em casa, era divulgado! Para qualquer pergunta, tinha sempre uma resposta, de deixar as pessoas pasmadas. O seu dom de palavra era fora do vulgar, fazendo sempre sentido aquilo que dizia.

Por não existiram grandes diversões na aldeia, os fidalgos locais, assim como alguns vindo de Lisboa e outros pontos, iam buscá-lo, para os entreter, dando-lhe em troca algumas moedas, que logo eram trocadas por bolachas ou figos secos, na venda mais próxima, que em seguida partilhava com os irmãos.



Este catraio, com menos de quatro anos era, por si só, um espetáculo, pelo que dizia e inventava. Sabia aldrabar com tanta classe que nem os políticos, nas suas campanhas eleitorais, o conseguiram igualar. Parecia um advogado de palmo e meio, defensor de causas perdidas, a responder aos jornalistas. Mas os pais não gostavam disso, com receio de que ele contasse coisas privadas do lar.

As recomendações feitas pelos pais eram constantes: "Aquilo que se ouvir em casa não se conta na rua!" Mas o miúdo, mesmo com as tareias que levava, não conseguia ser fiel a tal promessa.

Numa ocasião, dava ele o seu espetáculo habitual para a elite local, no lugar da Cruz. Os pais calharam a passar no momento em que a peça estava no melhor, e levaram o fedelho consigo, preso por uma orelha. E a comédia ficou a meio. Tal coisa não caiu bem aos presentes, que reprovaram a acção.

Minutos depois, o pequeno actor era punido, e o choro fazia-se ouvir pelos espectadores que ainda ali permaneciam, protestando. O professor, um dos assistentes, deixou os seus companheiros, dirigiu-se a casa do Centive, e chamou os pais à atenção:

- Não é possível baterem assim numa criança, que ainda não tem quatro anos! Tudo o que ele faz não é por mal, porque ainda não conhece o mundo da maldade. A sua capacidade mental está muitos anos além da sua idade. A culpa não é dele... pelo que não pode, nem deve, ser punido. O que existe no seu filho é tal como um vulcão, que tem de fazer aberturas na crista terrestre para expelir as substâncias em fusão. Coisas estranhas da própria Natureza. Também em nós, humanos, há fenómenos que não podemos entender. Tal como a lava dum vulcão, essa criança tem de expandir tudo o que tem além da sua normalidade. Proibi-lo de fazer isso, é um erro e um crime muito sério, podendo até atrofiar-lhe a mente para sempre.

A partir daqui, e a fim de evitar coisas, o garoto passou a andar sempre junto dos pais. Mas, tal como dissera o professor, como não tinha com quem falar, e sem lhe darem a devida atenção, perdeu todo o avanço, vindo mesmo a ficar atrás do seu normal.

Deixou de ser um palrador, para ser um amuado. Não sabia defender-se, nem mesmo quando inocente e acusado. A sua memória fracassou, sendo um dos mais fracos da sua classe. Ficou alguns anos assim. Com sorte, veio a recuperar, na mudança de idade, já depois da escola. Uma coisa que ele nunca perdeu foi a capacidade de lutar pelos meios de sobrevivência. Primeiro começou por fazer orações aos Santos da sua devoção, para lhe tirarem a vontade de comer, ou então por algo mais de alimento.

Estes seus pedidos nunca foram aceites, pois não só lhe faltava o pão, como cada vez tinha mais fome. Assim, seguiu aquele adágio que diz: "Roubar para comer não é pecado!"

Em tudo o que fosse comida, e sempre que tinha fome, era um Zé do Telhado em miniatura. Só não assaltava, nem matava. Tudo fazia, fazia-o com uma perfeição, nunca sendo visto, nem acusado. Mesmo que a mãe lhe recomendasse, vez após vez, e debaixo de fortes ameaças, para não tocar em nada que não fosse seu, as palavras entravam-lhe por um ouvido e saíam pelo outro.

Foi por querer manter essa disciplina, sempre acima das carências familiares, que começariam os problemas entre a mãe e o pequeno pastor. Um dia, já nos fins da Primavera de 1945, o rebanho estava a fazer esterco, para o adubo das terras das Padrelas. Tal como era costume, o Nino foi para ali pela manhã, roçar mato para o gado, e depois do almoço seguiu com os animais para o monte. O habitual.

O irmão, a quem a mãe encarregara de lhe levar a comida, como também tinha fome, comeu-a pelo caminho. Até mesmo a merenda estava reduzida a metade. Como a barriga não tinha fiador, teria que tentar um assalto, fosse aonde fosse!

A desculpa inventada pelo irmãozeco de sete anos, foi de que a comida lhe caíra do cesto, e nada pudera aproveitar. Quanto à merenda, fora apenas aquilo que a mãe lhe dera e, mesmo assim, ainda era mais do que ficara para eles. Nesse ponto, talvez ele tivesse razão; mas, quanto ao almoço, não era essa a verdade!

O pastor, sabendo que estava a ser enganado pelo rapazeco, rejeitou o pequeno pedaço de pão, devolvendo-o ao irmão, para que o levasse de novo para a mãe. Em tais condições, não poderia fugir a uma boa malha.

Perante tal situação, o mocito contou toda a verdade:

- Sabes... fui eu que a comi! Eu não o queria fazer, mas tinha tanta fome... Agora vou apanhar uma tareia!

O Nino, na sua sensibilidade, dom que sempre o acompanhou, aceitou a côdea da broa e prometeu nada dizer à mãe. Não gostava de ver a criança levar tareia, só porque o estômago a obrigara a cometer tal acto.

Nesses dias grandes de Junho, nas serras, onde não faltavam o ar puro e as águas cristalinas, o apetite era voraz, para estes corpos, em idade de desenvolvimento.

Esta estação do ano, não era das que mais preocupava o Nino, para arranjar alimentos. Já com o gado fora do curral, pensava onde ira arranjar o seu farnel.

No Portelo da Serra, a uns dois quilómetros das Padrelas, já no meio do monte, havia algumas árvores com frutos a dar sinal de maduros. Era ali que iria ser a Misericórdia daquele dia. Só tinha de ter a certeza que não andava lá ninguém, para fazer o assalto. Para ter essa certeza, era carregar-se de pedras e, quando ali chegasse, correr aquela área à pedrada sem que fosse visto. Se houvesse alguém logo davam sinal.

Com isso em mente e para disfarçar, encaminhou o rebanho em outra direcção. Mas ele ficou-se para trás. As pessoas que por ali andavam nas suas lidas, já tinham caminhado para a aldeia. Agora, era ir colher o que melhor conviesse. Foi isso mesmo o que o Nino fez.

Havia ali uma enorme figueira, com figos lampos já maduros - mais nas extremidades dos ramos - fora do alcance do dono, onde a passarada costumava saborear a docura dos apetitosos frutos, sem pedirem licença a ninguém. Nisto, as aves tinham vantagem sobre os humanos.

O Nino, com toda a sua experiência nestes serviços, estava preparado para todas as eventualidades. Apanhou tudo o que se podia comer, sem deixar rastro para pesquisas. Após a operação, voltou para junto do rebanho.

O dono da figueira, homem que vivia sem dificuldades, pela tarde ao ter conhecimento do acto, fez um escabeche que ecoava

pelas encostas daquele lugar. E, mesmo sem saber quem fora o autor da proeza, apontava para aqueles que por ali tinham os gados, pelo que o Nino era também um dos suspeitos.

Se o dono ficou zangado, não menos o ficaram os gaios, os pintassilgos, os rouxinóis e muita outra passarada, que assim tinham que procurar, por mais uma semana, alimento em qualquer outra parte. Se pudessem falar, por certo o acusariam.

A mãe, sempre confiara nos filhos até àquela data. Nunca lhe tinham envergonhada a cara. Mas, como não era estúpida, sabia que o faziam pelo medo, e não pelo respeito pois "casa sem pão, faz o filho ladrão!" Não lhes conhecia essa faceta mas, por vezes, a necessidade faz das suas. E aquilo não era nenhum roubo de igreja...

Com isto a mexer-lhe nos sentidos, resolveu ela mesmo ir ajudar à ceia do gado, em vez de mandar um filho, para esconjurar o Nino. Não tivesse sido coisa da sua autoria...

O pastor, que já tinha recebido de volta a capacidade perdida, não teve dúvidas em saber qual a finalidade e a razão que ali a trouxera essa tarde, em vez dum dos filhos. Ficou com medo, mas manteve-se calmo. Conhecia-a bem! Iria ser interrogado, como mandavam as regras. E tal não falhou.

Depois de tudo arrumado, Aba, verificou em redor do curral, ou por ali perto, para ver se havia alguém, como precaução, para que as conversas entre si e filho não fossem ouvidas por estranhos. Para, logo em seguida, o puxar para dentro.

A interrogadora, em tais ocasiões, fazia-se sempre acompanhar da vara da disciplina. Era uma mãe extremosa e corajosa, mas sem compaixão para com os filhos, em transgressões deste quilate. E tal como era seu uso, lá estava a corda, debaixo do velho xaile, uma vez mais.

O Nino, nessa esconjuração feita pela progenitora - que na época quase todas tinham braço forte, mão de ferro e ideias fixas - numas dizia que sim, noutras não. E lá passou o teste, convencendo a mãe da sua inocência. Mas o pior não tinha ainda chegado!

A mãe tinha apanhado uns feijões na horta, para a sopa do dia seguinte, e foi-os depositar no taleigo usado na merenda do filho. O pastor ficou sem pinta de sangue, quando viu a mãe a benzer-se com um figo amassado, que encontrara no fundo do bornal.

- Mofino malvado! Foste tu o dos figos!? Vou-te matar com tareia! Sois a minha vergonha! Vós quereis-me levar à cova...

Ao mesmo tempo, desferia sobre o rapaz fortes correadas. Este, com a coragem e firmeza dum mártir da "PIDE" deixou que ela descarregasse sobre si toda a ira daquela mulher indignada para, em seguida, lhe dizer, num ar de aprumo e sereno:

- Mãe! Se quiser bater mais faça-o porque é a última vez. Repare nos rapazes da minha idade! Alguns já começaram a ter barba na cara, enquanto eu tenho apenas pelugem, o símbolo da fome. Repare nos meus pés gretados, por andar descalço pelos montes, sofrendo as intempéries do frio e calor.

Tirou a camisa, que mais parecia um farrapo e mostrou-lhe as costas, em que os ossos se podiam contar um a um. Mas a mãe bem o sabia.

- Não tenho o vício de roubar, nem tão pouco roubei nada que não seja para comer. Tenho rezado muito a Deus e a Santos por uma ajuda, sem que nada tenha obtido. O que quer que eu faça? Onde está o pecado por ir aqui e além em busca da sobrevivência? As avezinhias também o fazem e ninguém as incomoda.

- Mas tu não és uma ave! És um ser humano!

- Mais valia que o não fosse. Mas como o sou... tenho necessidades, tal como elas! Se não gosta que toquemos em nada, eu tão pouco! Mas há algo dentro de nós, mais forte que a sua disciplina, e a nossa própria vontade: a miséria! Quantas vezes tem batido nos meus irmãos, por comerem o que vem destinado a mim? Quantas mais, que desconhece, por eles evitarem dizer-lhe, para não serem espancados? Onde está o mal? Na nossa miséria...

A mãe via agora a fragilidade do corpo do filho, e os vergões na pele que amparava as costelas do semi-esqueleto que ele era. Sentiu remorsos. Teve pena dele e apeteceu-lhe chorar, abraça-lo e pedir-lhe desculpa, mas isso não podia fazer. Mas susteve-se e ouviu as suas lamentações até ao fim.

- Nós não somos culpados de virmos ao mundo, como tão pouco o somos de sermos pobres e o pai ter morrido! A mãe, com pouco mais de quarenta anos, diz estar farta de viver. Eu, com apenas catorze, penso também já ter vivido demasiado. A partir daqui, não mais ouvirei as suas ameaças sobre furtos, antes actuarei ao alarme das minhas carências...

Vestindo de novo o farrapo da camisa, pegou no velho casaco que o acompanhava no serviço do pastoreio, e, sem mais nada dizer, desapareceu por entre os pinhais, já no crepúsculo da noite.

A mãe, pensava naquele filho que, mesmo a viver consigo, ela não conhecia. Que bem que sabe falar e com tanta personalidade! Voltou a recordar os primeiros anos de vida do garoto, e as tareias que lhe deram por usar esse dom, no entretenimento dos fidalgos da terra.

Nessa noite havia um lugar vago, e uma ausência, no agregado familiar. O Nino não apareceu. Ninguém sabia notícias dele. A mãe ficou em sobressalto, como era de calcular.

Depois da tareia, deixou o rebanho, mas não seguiu o caminho da aldeia. Tomou o percurso que o gado usava para subir o monte. Era já lusco-fusco. A escuridão da noite caiu antes de chegar ao campo da bola, no cruzamento da estrada para as aldeias da freguesia.

E ali se sentou, junto duma das balizas, a pensar qual o rumo a tomar. Foi então que se recordou dum desafio entre os estudantes da freguesia e os Lusitos de Ojafa, equipa da qual fizera parte, e marcara um golão. O Nino tinha um certo jeito para a bola e gostava de vir a ser um jogador. Mas o pensamento voltou-se-lhe de novo para si, para discernir onde ficar essa noite.

Ir para a povoação, nem pensar! A família depressa o descobriria, pelo que tinha que ficar longe da terra para não ser visto. Como era Verão, ficaria em qualquer lugar, mesmo dentro dum pinhal fechado, onde os lobos não entravam durante a noite. Contudo, nestas zonas da Beira interior, ficar ao relento não era aconselhável, devido à humidade nocturna.

A cerca de trezentos metros do referido campo, havia umas terras de cultivo denominadas por Fonte das Meadas, onde existia um palheiro. Ali, não era fácil ser procurado. E foi para lá que o instinto o levou.

Teve alguma dificuldade para entrar, visto a porta estar fechada à chave, e não a querer arrombar. Como era leve e saltava bem, entrou pela única janela, meia aberta, para a circulação do ar, necessária aos pastos ali armazenados. Para evitar de ser visto pelas pessoas que vinham trabalhar para as hortas pela manhã, e como tinha pensado em ir pedir emprego numa Barragem em construção no Alto do Raice deixou o palheiro ainda pelo escuro da noite.

Tomando caminhos e atalhos, pelos visos das altas serras da rocha depois de quatro horas e meia de percurso, no seu andar pedestre, chegou finalmente ao local desejado.

O encarregado a quem se dirigiu, aovê-lo descalço e mal vestido, magrinho e com cara de fome, disse-lhe, talvez por piedade:

- Desculpa, meu rapaz! Nada tenho, que tu possas fazer.

Triste e desalentado, admirou, por alguns minutos, as grandes obras em curso para o escoamento do caudal do Rio Raice, furando a serra, por meio dum túnel, para levar estas águas à albufeira da Barragem de Sta. Zulia.

A sua grande admiração era como podiam as duas equipas, a furarem uma de cada lado, juntarem-se, nas profundezas da serra! Isto era para si um mistério que não podia compreender.

Como já ia a caminho da tarde, e sem nada ter ainda mastigado, decidiu ir à povoação mais perto, a casa dum ricaço, que usava ter três criados, para ver se tinha um lugar para si.

Bateu à porta, veio uma senhora de tipo fino, já para o final dos cinquenta, e que deveria ser mãe, ou sogra do importante doutor, que apenas ali vinha de férias.

- O que deseja? - perguntou-lhe ela.

- Era para ver se precisavam dum pastor!

- De momento não!

- Então... por favor... se me pudesse dar alguma coisa para comer, que ainda hoje não comi nada...

- De onde vem, e a quem pertence?

- Sou de Ojafa, filho dum senhor que morreu e deixou muitos miúdos...

- Oh! Já sei... Dum tal senhor Centive?

- Isso mesmo!

- Espere um pouco!

Era nesta terra onde viviam as pessoas mais ricas da freguesia, a única da zona que já tinha estrada alcatroada, vinda de Arganil. Havia lá uns doutores, de quem se dizia serem de grandes amizades com o ditador Salazar. E de ser ali que ele vinha também passar férias.

Passados alguns minutos, veio uma jovem, que devia ser criada, trazer-lhe uma grossa fatia de broa e um naco de queijo, como ele nunca antes tivera nas mãos outro igual.

- Olhe, a senhora disse para esperar!

E retirou-se.

Enquanto comia, ia mirando o palacete e mais outro, a pouca distância. Como seria bom servir naquela casa! Mas já não perdera tudo, pensava.

O seu pensamento foi perturbado pela senhora, que o chamou.

- Olhe lá... vai já direito a Ojafa?

- Vou sim senhora!

- Então pegue, leve este saco, e vá com Deus.

Logo à saída da aldeia, Nino não resistiu por mais tempo, para ver o que vinha lá dentro. Eram duas broas, dois bolos de pastor e dois enormes queijos, arrumados dentro dum cartucho. Talvez para não untarem algumas roupas que estavam juntas, e que eram três pares de calças, três camisas, um par de sapatos e umas botas. Tudo usado, mas limpas, e ainda em perfeito estado.

Com o Sol já a subir as encostas do Rio Raice, Nino sentou-se sobre uma carqueja, pensando no que iria fazer com tudo aquilo. Mesmo que nada entregasse, nada se estragaria! Os seus dentes dariam caminho a tudo, antes que tal coisa viesse a acontecer. Mas, e os irmãos? E a Mãe? Não! Eles também teriam que comer. Como não pensava em voltar para casa, nem sabia por quantos dias mais estaria sem patrão, ia tirar uma parte para si e o

restante fá-lo-ia chegar aos seus familiares.

Tirou do bolso a navalha que sempre o acompanhava e partiu, de um dos queijos, mais ou menos uma terça parte, que reservou para si. O restante, mais o queijo inteiro, mandá-lo-ia para casa, junto com as duas broas, ficando ele com os bolos do pastor.

As roupas também foram experimentadas. Mas apenas umas das calças e uma camisa lhe serviam, com algum espaço de sobra. Foram as botas que lhe assentaram como luvas. Para pés que nunca antes tinham conhecido calçado, sentiu uma enorme felicidade, e já as não descalçou.

Em certo lugar, viu no chão alguns papéis de escola. Apanhou parte deles, para escrevinhar, como era seu uso. Tirando do bolso o lápis que sempre o acompanhava, escreveu o que lhe ia na alma, para deixar à mãe, junto com as coisas que tinha em seu poder.

Quando deixou o lugar, era quase noite. Ao passar pela povoação do Pento mais próxima de Ojafa, era já escuro como breu. Os cães locais não o deixaram passar por despercebido, com os seus ladridos, que fizeram assomar algumas pessoas às janelas, para verem quem passava. O Leão, cão que acompanhava um rebanho todos os dias, e que bem conhecia o Nino, aproximou-se. Cheirando-lhe as botas, como quem faz um cumprimento, afastou-se de seguida, para se juntar à matilha. E tudo se calou.

Ao chegar à Capela da Padroeira de Ojafa, que fica mesmo em frente da povoação, a luz mortiça das candeias de petróleo e azeite, com que então se iluminavam as casas nas aldeias, mal davam sinais de vida. Nem mesmo na loja do senhor Trimans.

Sentado nos assentos do coreto da música, Nino pensava na melhor maneira de fazer chegar as coisas a casa, sem ser visto por alguém.

A fim de fugir do centro do povoado, tomou o caminho da Mitoa, pelo Adro da Igreja, direito à loja do Palheiro. A porta, como sempre, estava fechada. Mas a fechadura, à antiga portuguesa, já por muitos anos não tinha chave. Era o dedo indicador que fazia o trabalho.

O Nino, tudo fez com cautela, para não acordar os irmãos que dormiam na parte superior.

Depois de cumprida a missão, encaminhou-se para o abrigo da Fonte das Meadas, pelo carreiro do campo da bola, por entre tojeiros e pinhais, nessa noite escura e encoberta. Ao passar pelo cemitério, viu uma luz aparecer no viso da Portela. Receoso, saiu do caminho e escondeu-se, para ver quem era. Era a sua mãe, mais um irmão, vindos das Parelhas, onde tinham o gado, a ver se o encontravam por ali.

Ao chegar a casa, a mãe foi à loja do pátio levar a lanterna. Quando viu aquele saco, que não era seu, ficou confusa, e abriu-o com alguma curiosidade! Mas, ao ver as coisas que continha, e pelo tamanho dos queijos, viu não se tratar de qualquer dádiva secreta. Além disso, havia o papel escrito. O que quereria ele dizer? Não! Não o iria dar a ler aos filhos. Poderia ser alguma coisa que eles não devessem saber. Guardou-o para o mandar ler ao bom samaritano, o senhor Trimans.

No dia seguinte, assim que viu o senhor na venda, logo se dirigiu a ele. Receosa, contou-lhe o acontecimento, ao mesmo tempo que lhe mostrava o papel que vinha junto.

O senhor começou a ler, apenas para si, fazendo, de vez em quando, um gesto com a cabeça, o que levou a mulher a perguntar:

- O que é, Senhor Gausto?

- Isto é do seu filho Nino. Como é que ele, atrás das cabras, aprendeu estas coisas?

E começou a ler à pobre mulher, em voz alta:

"Mãe! Desculpe-me pela decisão que tomei. Sei que não foi a mais apropriada, nem a mais sábia, mas talvez a mais adequada, dadas as circunstâncias da miséria que nos rodeia, e da maneira como a mãe nos reprime.

Não se preocupe comigo, porque estou vivo e bem, mesmo sem pão. Pelo menos tenho a liberdade de procurar a minha sobrevivência, o que farei, sempre que puder, de maneira digna e honrada. Mas, se tal não me for possível, não me condene, porque, nas batalhas entre a fome e o medo, o estômago acaba sempre por sair vencedor. E tais vitórias não podem nem devem ser punidas!"

Duma maneira ou de outra, todos temos e devemos trabalhar. Quem o não fizer, tão pouco merece comer. Mas, trabalhar como a mãe, acima das suas capacidades, e ainda passar fome, ou ter de pedir esmola, não é crime! É humilhação e desprezo, por parte de quem nos representa e governa.

Vivemos num mundo de políticos egoístas, que apenas pensam em si. Exibindo sempre uma máscara de santos e humanistas, menosprezam-nos, deixando-nos à mercê do destino e dos santos, já sobrecarregados com tantos pedidos!

Quem tem pão vive, quem o não tem, ou morre, ou passa muita fome. Mas, o mais grave, ainda, é induzirem as mentes humildes e pacíficas a aceitarem tudo isto como um castigo de Deus, em desconto pelos nossos pecados. Mas, eles, que são os grandes pecadores, rejeitam tal penitência. Este, é o maior insulto, não só contra o humanismo e a verdade, mas também contra Deus e a moral! Deus não castiga ninguém!... Porque, se castigasse, todos pensariam duas vezes, na miséria que sempre ignoraram.

Sinto com tristeza e mágoa a morte de meu pai e irmãos, condenados a morrerem antes da idade, por falta de recursos, de alimentos, medicina e higiene, bens impossíveis nas aldeias, de casas sem espaço, nem condições para albergarem as grandes famílias.

Como um dos filhos mais velhos, reconheço os seus sacrifícios, e as lágrimas que derramou, por essas serras frias e descampadas, nas malogradas batalhas contra a sua maior opositora: a miséria! Isso a que alguns chamam de destino, e de quem não podemos fugir, nem o podemos vencer. E por isso morreram! O que não aconteceria se houvesse um pouco de auxílio e compaixão, por parte de quem nos representa.

Reconheço a sua excelência de mãe! E ai de nós, se não a tivéssemos tido como tal. Sempre desejou que sejamos honestos, trabalhadores e dignos. E creia que o iremos ser. Mas pense, mãe! Nunca confunda maldade com a necessidade. É aqui que está o mérito da disciplina. De contrário, além de não termos pão, não teremos paz nem alegria. Até pensando que os castigos que nos impõe são mais de ódio do que de amor. O que não é verdade!

A natureza humana ainda é algo cheio de mistérios e, quando se sente na carne a súplica da fome, isso fomenta o ódio, e incita à revolta contra os responsáveis que nos desconsideram.

Nesta noite, seguirei por esses caminhos que bem conhece, a fim de encontrar um patrão, o único meio de viver sem furtar. Ajudarei os meus irmãos, para que a sua criação seja menos penosa e punida, pelo crime de se ser pobre!

O que aqui deixo, não é algo furtado, mas sim oferecido. Não o quis, nem a minha jovem, mas treinada consciência, me autorizaria a guardá-lo só para mim. O pão é um direito que deve chegar a todos e sem o qual não pode haver paz na terra.

O seu filho Nino, Junho/27/45

No final da leitura, o bom senhor aconselhou a mãe a rasgar aquele pedaço de papel, ou então a guardá-lo em lugar onde ninguém mais o pudesse ler. Mesmo sendo ainda uma criança, já podia ser incomodado, pois outros o tinham sido, por dizerem muito menos.

Foi esse livro então proibido
Que do velho pedinte herdou
E por tantas vezes o ter lido
Tudo no seu cérebro encaixou.

Dele tanto e tanto aprendeu!
Pois tanto tinha para ensinar...
Sabia não ser Deus que deu
A miséria vivida no lar.

Tal foi p'ro Nino um incentivo
Em ler tudo o que era proibido
Muito gostava dessa leitura!

Tê-los não havia liberdade
Porque diziam muita verdade
Que não queria a ditadura.

Os pinhais que rodeavam a Fonte das Meadas eram dos mais velhos e corpulentos daquela zona. Tinham como vizinhos, outros, mais novos, semeados quando era feito o cultivo do centeio. Havia também giestais, dentro dos limites chamados testadas, proibidos, pelos donos, para os pastos dos seus gados no Inverno.

Estes pinheiros eram o altar dos noitibós, das corujas, mochos e outras aves nocturnas, como também dos cucos, sempre que chegava a Primavera. Nos seus constantes cucares, nos ramos dessas árvores gigantescas e frondosas, eles espreitavam os ninhos das pequenas aves, a fim de lá porem os ovos, para entregarem a responsabilidade criativa a outras famílias. Os seus cantares faziam-se ouvir, perdidos na distância.

Nessa noite, Nino, com o estômago bem recheado, dormiu um sono descansado, deitado sobre as tábuas do velho palheiro, junto de alguma palha. O piar agourento das aves nocturnas não o incomodava. Fatigado pelo dia que tivera, mal se deitou, logo adormeceu.

O NINO E OS LOBOS

Acordou julgando madrugada, ainda a esfregar os olhos, meio estremunhado. Às apalpadelas, seguiu até junto do postigo, para que as estrelas lhe dissessem as horas. Mas o céu estava carrancudo e encoberto.

Nessa impossibilidade de saber o tempo que dormira, pegou no cartucho onde tinha e queijo e a broa, agarrou nas calças e camisa que até ali usara - pois vestia agora as que lhe tinham dado - e seguiu para junto do campo da bola, a fim de decidir o rumo a seguir.

No silêncio da noite, além das aves nocturnas, ouvia-se o ladrar das raposas, a amamentarem os filhotes. Enquanto Nino pensava se havia de ir para o lado de lá do rio, pelas terras de Góis, ou ficar nas da Pampilhosa

Depois de alguns minutos de reflexão, decidiu ir até à aldeia do Valdeiro, visto que dois pastores, que ele bem conhecia, estavam prestes a deixar os gados, para irem para a vida militar.

De botas, nuns pés mais habituados às topadas das pedras dos caminhos, do frio e da chuva, sentia agora um certo gosto em caminhar. Ficava um pouco mais alto, mais corajoso e até mais homem.

Por esse caminho deserto, perto do viso da serra, Nino seguia quase sem dar pelo movimento das pernas, com o pensamento ocupado mais na vida que nos medos e lobos tão comuns por estas montanhas, dos quais tantas histórias se contavam nos serões das longas noites de Inverno.

De repente, como se fosse um choque eléctrico, as pernas perderam as forças, e todos os cabelos do corpo se lhe arrepiaram. Era o aviso de que os lobos estavam nas proximidades. Tal coisa era bem conhecida por toda a gente destes lugares.

O Nino olhou para o cabeça, e viu, no viso, dois enormes bichos, no seu andar lento, para melhor poderem ouvir o barulho e observar as suas presas.

Estas duas feras seguiram-no até junto do cruzamento para Ojafa, Valdeiro e Duvial. Aqui era o términos do seu território. Todos os lobos tinham as suas áreas, que eles próprios respeitavam. Mas, sempre que apanhassem uma rês fora delas, logo a puxavam para a sua, e só ali a devoravam.

Se em perseguição de humanos, que tinham que violar o território alheio, não o faziam sem primeiro uivarem, pedindo permissão aos detentores daquele território.

A razão por que os lobos, de noite, andam pelos visos, é porque não têm faro, assim como as raposas. O seu grande forte é o ouvido.

As duas feras, quando chegaram ao fim da sua zona, depois de alguns minutos de espera, voltaram para trás. Mas, desta vez, tomaram o caminho em direcção a Ojafa.

O Nino não avançou mais. Fazê-lo, seria ir ao encontro deles, e isso é que ele não queria. Antes recuou, para se esconder num aqueduto, até que fosse de manhã. O sino da torre duma terra distante anunciava as duas badaladas da manhã.

Como pastor, já não era a primeira vez que contactava com estes indesejados. Conhecia bem as suas artes e manhas. O lobo é um animal muito preguiçoso, que só vagueia quando tem necessidade de alimento. É bastante feroz, mas tímido. Por mais fome que tenha, de noite não entra em lugares que não conheça, a menos que tenha a certeza que lá se encontrará a presa que procura. Foi por conhecer esta regra que Nino se meteu no aqueduto, antes de ser visto.

Ali dentro, no silêncio nocturno, ouviam-se passos de alguém, que vinha nessa direcção. Mas, se tirava a cabeça fora do buraco, o som não mais se ouvia.

Este fenómeno é a prova que a terra, tal como os fios, é portadora de sons. Não é por acaso que tantos animais, incluindo os lobos, quando procuram alimento, encostam o ouvido ao chão, a fim de detectarem o que procuram.

Agora, já não se ouviam apenas os passos, como também o som de vozes. Mas foram os lobos os primeiros a atravessar o aqueduto. O Nino só dali saiu quando teve a certeza que os viajantes estavam mesmo ali. Saiu do pequeno túnel e juntou-se a

eles. Dois homens, pai e filho, eram seus conhecidos, da aldeia mais perto de Ojafa. Ao verem-no ali, àquela hora, ficaram assustados, julgando tratar-se de alguma alma do outro mundo, encarnado no filho do Ti-Centive. Sem grandes explicações, este disse ir ao senhor Leuman do Valdeiro, oferecer-se para pastor. Enganara-se nas horas, razão pela qual ali se encontrava.

- Também vamos para lá - respondeu um deles - e para contactar a mesma pessoa!

A conversa entre pai e filho era sobre os lobos. Mesmo sem os terem visto, receberam o contacto das suas presenças. O desempregado pastor contou tudo o que vira, e a razão por que se escondera.

Os lobos continuaram a ser o fio da retórica, e todas as atenções estavam no entroncamento das estradas, a pouco mais de quinhentos metros.

Já a pouca distância, e tal como era previsto, lá estavam eles, na intersecção do caminho do Valdeiro, com os focinhos juntos e a cauda virada para a berma da estrada, coisa muito usada nestas feras, para medir a reacção das pessoas. Se dessem sinal de medo, e passassem ao lado, já tinham fortes problemas com eles, e dificilmente se afastariam.

Assim, o mais velho do grupo, ordenou que se munissem de dois seixos - por serem mais pesados - e o Nino, como era o mais fraco, ficaria no meio de ambos, mas sem mostrar medo.

Já estavam a poucos metros, sem que as feras se movessem das suas posições iniciais. Pelo que o chefe mandou que descarregassem sobre elas as pedras que traziam. Os lobos fugiram, sem lhes causarem quaisquer embaraços.

Vencidas as feras, mas não convencidas, não tardou que fossem ao viso do outeiro, uivar, a fim de chamarem os do território vizinho. A resposta do lado de lá, nos penedos dos Cachos, não se fez tardar, com um uivar longo, querendo dizer que receberam a mensagem.

Diante deste dilema, os viajantes não insistiram na caminhada. Antes se esconderam num bosque fechado ali perto, para apreciarem o cenário destes inteligentes animais.

Passados uns dez minutos, no viso do outeiro, viam-se já quatro lobos, em linha, a caminho do alto, onde tinham sido corridos à pedrada. E ali andaram por vários minutos, movendo-se dum lado para o outro, com o focinho no chão, e algumas paragens, como que a escutar qualquer som.

Talvez o apetite, e a vontade de terem uma refeição àquela hora, fossem fortes. Os dois carnívoros que foram chamados, viram-se enganados e traídos, pelo que entraram numa luta de grande ferocidade. Depois deste desentendimento, cada par foi à sua vida.

O líder, homem que bem conhecia estes eventos, deu por terminada a vigia, porque as feras não mais se juntariam nessa noite, visto terem sido enganados. Confiantes nessa afirmação, voltaram de novo ao caminho, sem que o instinto feroz dos animais jamais se revelasse.

Quando chegaram a Valdeiro, eram já quatro da manhã, bastante tarde para cumprirem a missão que ali os trazia. O homem do milho aconselhou os compradores a virem noutra ocasião, não fossem apanhados pelos fiscais da intendência no caminho. Se isso acontecesse, ficariam sem o cereal, e ainda seriam multados ou presos.

O Nino, que bem conhecia o senhor ali presente, e sem ainda lhe ter dito a finalidade porque ali se encontrava, disse:

- Senhor Leuman! Eu venho ver se precisa de mim para pastor. Caso necessite, eles levam o milho, junto com um papel escrito, como se fosse o senhor a mandá-lo à minha mãe, como parte da minha soldada. E estes homens apenas lhe estariam a fazer um favor a si, e a ela, não lhe podendo tirar o milho, nem serem multados. Teriam apenas que o deixar na minha casa, e depois iriam lá buscá-lo noutra ocasião. Se não se convencerem, a prova é a minha presença aqui.

Depois de tudo ouvirem com atenção, os dois homens maduros disseram:

- Tu és inteligente rapaz!

- Mas quem nos vai escrever esse papel, a uma hora destas, se nenhum de nós sabe ler?

- Eu sei!

- Então vamos lá medir o milho!

O Nino pediu um papel e uma caneta. Mas se tal não houvesse, ele mesmo tinha um lápis. No fim de escrever, deu o papel ao homem da sua freguesia e devolveu a caneta ao seu novo patrão.

Foi aos catorze anos, o seu primeiro evento de ajuda ao seu semelhante, a juntar a tantos outros, no decorrer da sua vida. Ao contrário do que previam, em todo o caminho não viram os fiscais. Mas passaram por Ojafa, a fim de darem conhecimento à sua mãe, e depois seguiram para a sua terra.

Como tinham o papel que servia como um salvo-conduto, e a mulher já estava ao corrente do que se passava, resolveram ir buscar o resto do milho que lá tinham deixado.

Já no segundo frete, e no regresso a casa com o milho, no alto da serra e na divisória de Ojafa e Brical, lá estavam os dois agentes da Intendência a perguntar-lhes por contas.

- O que levam aí? - perguntaram os fiscais.

- É um pouco de milho, que um senhor do Valdeiro nos pediu para entregar a uma senhora viúva, mãe dum filho que está a servir para ele. Se quiserem ver, levamos um papel para entregar à mãe. De acordo com o que ele disse, faz parte da sua soldada.

- Deixe ver o papel! - disse o agente.

O homem tirou-o do bolso e entregou-lho.

- Faz favor!

O agente, depois de lhe perguntar o nome e de onde eram, devolveu-lhe o papel e mandou-os seguir.

Com receio do que pudesse acontecer, foram direitos a Ojafa, e deixaram os sacos na senhora, seguindo para a sua aldeia, para voltarem depois.

Cerca de meia hora passada, alguém bateu à porta da mulher. Como era costume por aquelas aldeias, a senhora Aba gritou, lá de dentro:

- Quem lá está faça favor de entrar!

Depois, como as pancadas se repetissem e ninguém entrava, a dona da casa foi ver quem era.

Eram dois homens, que logo lhes perguntou:

- O que desejam?

- Desejamos saber se lhe foi entregue alguma coisa há cerca de meia hora?

- Foi sim senhor! Foi um pouco de milho, referente à soldada do meu filho.

- Podemosvê-lo?

- Sim! Sim! Venham comigo!

Ambos entraram e ela mostrou-lhes os sacos.

Depois de os verem, um deles disse:

- Olhe lá! Tem o papelito consigo?

- Tenho, sim!

Tirou-o do bolso do avental e mostrou-lho. Sem mesmo pegarem nele, agradeceram-lhe e saíram. Assim tinham sido enganados, dessa vez.

No dia seguinte os homens vieram buscar o que era seu. Queriam gratificar a senhora com meio alqueire de milho, mas ela recusou tal oferta.

Esta fiscalização da Intendência, em parte, até estava certa, para evitar a candonga e mercado negro. Só que às vezes, devido à ignorância duns e ao egoísmo de outros, o cumprimento da lei fazia mais sangue que justiça. O que teria acontecido desta vez.

A guerra tem destas coisas: a fome, a dor e pranto duns, serve para outros fazerem grandes riquezas. Não sendo, contudo, o caso dos que vendiam por ali uns alqueires acima da tabela, o que por vezes nem dava para o susto.

O manifesto das colheitas era coisa obrigatória. Uns para saberem o que lhe faltava; outros para saberem o quanto tinham para vender. Mas, como não confiavam no governo, porque nunca dele recebiam coisa alguma, também não queriam perder o que tinham. Por isso, as contas nunca eram dadas certas.

Neste caso, quem vendia, se não tinha declarado o produto no manifesto, tinha que o vender na candonga, por não poder passar guias. Havia sempre riscos para ambas as partes.

Portugal, uma República Corporativa
Baseada na igualdade dos cidadãos
Mas com a ditadura isto era uma mentira
Era sim, um covil de bandidos e ladrões.

Das seis famílias que viviam no Valdeiro, nenhum adulto sabia ler. Havia apenas um jovem recentemente saído da escola. Esta era uma das razões por que gostavam do Nino.

Nesse tempo, não era muito fácil encontrar um criado de servir que soubesse ler. O trabalho era a primeira prioridade; a escola ainda não era para todos. Apenas para alguns!

O Homem aceitou o Nino para seu pastor e com alguma satisfação, pois era um rapaz que sabia ler e escrever, o que lhe convinha. E, se o patrão estava feliz, não menos o estava o rapaz!

Estes patrões eram um casal sem filhos, onde os criados eram tratados como tal. Não eram sovinas, nem forretas; eram gentis e humanos.

No domingo a seguir, o homem foi à missa a Ojafa, para falar com a viúva, acerca do filho. Ao sair da Igreja, dirigiu-se a ela e apresentou-lhe o assunto.

Depois das saudações normais, o senhor disse-lhe:

- Como já sabe, o seu rapaz foi pedir para eu o aceitar como pastor. Como preciso, aceitei-o e, tanto eu como a minha mulher gostamos dele. Contudo, não quero que ele me sirva contra a sua vontade!

- Vontade não me falta, de o ver em sua casa, pois bem sei quem sois. Nem podia arranjar melhor patrão! Mas eu preciso dele... se é que queira vir, pois apesar de ser menor, à força não o trago. Não queria tirar o irmão da escola, sem que primeiro fizesse exame, a única coisa que gostava de deixar a todos. Já que nada mais posso... Se não vier, tenho mesmo que o tirar! Mas se depois disso ainda precisar, dispensá-lo-ei com todo o prazer.

O homem, ainda que contrariado concordou e despediu-se.

A caminho do Valdeiro, o homem pensava naquela mulher, na sua pobreza e tanta vontade de que os filhos aprendessem a ler, coisa ainda rara em muitos pais, por aqueles lugares.

Quase sem dar por isso, chegou à sua aldeia. Falou com a mulher acerca do assunto e também ela mostrou no rosto uma certa consternação. Mas, se era assim que tinha de ser, era isso mesmo que aceitariam. O pior seria para o rapaz.

Pela noite, quando o Zé e o Nino chegaram com o rebanho, o mais jovem dos criados foi ter com o patrão, a saber que novidades tinha para lhe dar! Este, ainda que analfabeto era inteligente! Ao ser abordado e interrogado pelo moço, disse-lhe:

- Sim... falei com a tua mãe! Ela não quer interferir nas tuas decisões, mesmo sendo tu menor. És um jovem com pensar de adulto e conchedor do bem e do mal... Ela aceita o que tu fizeres. Apenas me pediu para te dizer que a escolaridade do teu irmão depende de ti. Se não regressares, ele sairá da escola. Também com a promessa de que não serás mais molestado.

O Nino ouviu o patrão sem dizer uma palavra. Só depois dele terminar lhe perguntou:

- O que faria o senhor se estivesse no meu lugar?

- Queres que te diga a verdade?

- Sim! É isso o que eu desejo...

- Eu voltava! Mesmo que isso me custe a dizer-te...

O jovem agradeceu e retirou-se. Mas já a esposa os chamava para comerem a ceia.

Depois desta última refeição da noite, ponderou a situação do irmão, e mediante o parecer do seu amo, ainda que contrariado, resolveu voltar ao seio familiar. Preparou os seus pertences para sair logo pela manhã. A patroa não quis perder aquela oportunidade e pediu-lhe para lhe escrever duas cartas, às irmãs que tinha em Lisboa.

Nos dias que ali esteve, nem as botas nem o vestuário que trazia consigo, tinham sido usados. Usara, antes, calçado e roupa apropriados para o monte, que eles lhe tinham cedido. Agora, a senhora entregava ao Nino tudo o que era seu, limpo e passado a ferro, dentro dum pequeno saquinho.

No dia seguinte, ainda bem cedo, tal como era costume, todo o pessoal se levantou: os três criados e os patrões. Foi tomada a parva, para em seguida irem cada um às suas ocupações. Só o Nino, ainda que contrariado, voltava a Ojafa.

O jovem forasteiro vestiu a sua roupa e entregou a que usara. Mas ambos os patrões foram unâmines, insistindo que a levasse, assim como os tamancos. A ajuntar a isto, havia um saco com alguma comida e milho, para o Nino levar consigo.

Depois das despedidas formais, ficaram tristes os patrões em o verem partir. E ele ainda mais, por não poder ficar. Mas, tal como a mãe dissera, a escolaridade do irmão dependia de si. Não queria ficar com tal remorso na consciência.

Aquela hora, iria encontrar muita gente, que todas as manhãs ali vinham ao mato, com quem não gostaria de se encontrar, a fim de evitar as perguntas desnecessárias de pessoas curiosas e bisbilhoteiras. Por isso, resolveu mudar de trajecto.

Tomou um caminho de cabras, dali até à Relva do Rotelpo, onde faria ligação com outro carreiro que o levaria às Pedrelas. Até seria mais perto.

Como trazia dois sacos, dividiu o peso por ambos e atou-os, um ao outro, e pô-los ao ombro - um para cada lado - por ser mais fácil o carregamento, por aquela serra, bastante íngreme.

Subiu a serra por esse carreiro, tipo caracol, para se desviar dos constantes penedos, em que muitos deles, por serem grande e belos, tinham o seu próprio nome, vindo já por muitas gerações.

Já quase no cume do monte, na relva dos penedos Choqueiros - a sala de encontro dos pastores do Duvial, Brical e Ojafa - Nino, sentou-se no penedo chamado Liso, aliviando um pouco o seu cansaço físico e mental.

O Sol descia pela encosta, sem parar, aquecendo o mato cheio das cantarinhas criadas pelo orvalho da noite, que ao longe brilhavam como cristais.

Sentado no penedo, ao calor do gentil Sol matinal, o seu pensamento levava-o a todo o lado, mesmo àqueles lugares desconhecidos, que nunca vira.

A sua curta vida era, já por si, um cenário de desmoronadas ilusões. Mas tinha fé naquilo que dizia o seu livro, e nas palavras do pedinte - o seu dono original - a quem este exemplar pertencia. Esse velho, que tantas vezes lhe dera broa retirada das suas próprias esmolas.

O velho mendigo trabalhara uma vida inteira como tecelão nas fábricas da Covilhã. Aos sessenta e tantos, quando o seu trabalho já não dava o rendimento exigido, os lacaios dos encarregados, acusam-no como leitor de obras proibidas. Isso levou-o à prisão, onde esteve por seis meses. Depois disso, seria despedido, sem reforma. Sem meios de sobrevivência, tivera que aceitar o último recurso: pedir uma esmola. Viria a morrer no alto dum a serra, onde foi encontrado pelo Nino, e outros pastores de Ojafa.

Levantou-se, recordando com saudade as vezes que o velho repartira consigo as suas esmolas, quando passava pelos vales do Duvial, e das suas palavras de esperança e encorajamento, que lhe dava, mesmo tendo a certeza, que tal já não era para si.

A reviver estas passagens, já de taleigos ao ombro, tomou a vereda serpenteante do Roteplo. O Nino chegou às Pedrelas por volta das nove, guiado mais pelo instinto, que pela concentração. Era cedo. Os familiares ainda não tinham chegado.

Quando a Mãe apareceu, mais o filho Dero, ficou confusa, por não o esperar naquele local, àquela hora. Provavelmente, ambos se lembravam do que ali se passara, uma semana antes. Era a primeira vez que se viam, desde essa altura, mas a estranheza entre mãe e filho manteve-se.



Passados alguns minutos, foi a mãe que quebrou o silêncio, e perguntou ao filho:

- Que sacos são esses, que aí tens?

- Num, algum milho e comida, que me disseram para trazer.

No outro, coisas que também me deram...

- E o que trazes vestido?

- Foi-me dado também!

A mãe não fez mais perguntas.

O Nino comeu parte do que vinha no saco, e pôs uma porção no taleigo da merenda. Depois de tudo estar em ordem, partiu com o gado para o monte. A mãe e o filho Dero voltaram para casa.

As cabras, que todas acudiam pelos nomes, vieram uma em uma para junto dele, coçar a cabeça nas suas pernas, à espera duma festinha, e logo voltavam ao pasto. Os animais não sabem quem são os seus donos; mas nunca esquecem o seu tratador.

No mundo da humanidade
Por ignorância ou maldade
Faz-se aquilo que não se devia.
São os tais pecados sociais...
Uns morrem a comer de mais
E outros de barriga vazia.

O governo só teve desdém
Pois a pobre daquela mãe
Trabalhava e sem ter pão.
P'las serras sujeita ao perigo
Perdeu filhos, perdeu marido
Sem lhe darem uma atenção.

Na farmácia tanto deixou!
Por medicina que não curou
Receitada pelo Barbeiro.
Tudo fez para os salvar
Sem já ter mais para arriscar
Usou um remédio caseiro.

A morte da filha amada
Deixou a mãe transtornada
Quase perdeu a noção.
Junto ao cemitério chorava
Olhando a campa sagrada
Onde estava a filha São!

Dizia no Céu não ter guerras
Nem lobos famintos nas serras
Nem a falsa penitência.
Sem barracas nem cabanas
Nem tão pouco feras humanas
Com prazeres sem consciênciа.

Morreu na Mitoa a mãe amada
Deixou de haver p'ra garotada
O alívio da fome e da dor.
Até o viajante mendigo
Deixou de ter o seu abrigo
Como esse humano calor.

Na luta contra a fome e medo
Sempre, mais tarde ou mais cedo
O estômago sai vencedor.
Não importa qual o teu porte
O pão é a arma mais forte
Seja ela, a arma que for!...

Com pesarosa ironia
Sem o pão para cada dia
O ódio e revolta nos faz.
Porque a miséria é má lei!
Se tu não sabes, eu te direi
Sem pão, não pode haver paz.

O Nino fez muita asneira
Mas os figos dessa figueira
Tão cedo os iria esquecer.
Talvez fosse praga rogada
Pela voraz passarada
Por lhes tirar o seu haver.

Esses ares puros dos montes
Junto às águas frescas das fontes
Nos dias quentes de Verão
À sombra da velha parede
Bebia-se água sem ter sede
P'ra esquecer a fome e o pão.

Dizia quando interrogado
Furtar não era um pecado
Quando com fome, é normal!
Não tendo permissão de alguém
As avezinhas roubam também
E ninguém as leva ao tribunal.

Como um pedinte peregrino
Pedestre por esse caminho
P'ra do trabalho ter um favor.
Como não teve o desejado
Foi em busca de outro lado
Para servir como pastor.

Mas, como tal não desejavam
Pediu ao menos se lhe davam
Algo para se alimentar.
Mostrando por ele compaixão
Deu-lhe roupa, botas e pão
E umas coisitas p'ra levar.

Nova tentativa ele fazia!
Viu os lobos por companhia
Ao cimo do íngreme outeiro.
Por esses alqueives e quintas
Fugia das feras famintas
Nesse caminho do Valdeiro.

Juntou-se a outros, nesse lugar
Quando o milho vinham buscar
De noite, p'ra fugir ao fiscal.
Faziam isto em segredo
Não era um mercado negro!
Mas, mesmo assim, era ilegal.

UMA LUZ DE ESPERANÇA

O padre Redolfa pastoreou esta freguesia por mais de quarenta anos. Poderia ter arranjado uma fortuna, como tantos prelados seus colegas o fizeram, com a miséria dos outros. Esta era uma Igreja rica, cheia de paroquianos pobres, mas muito fervorosos.

Ele não dava aos pobres, porque nada tinha para dar. Era digno, respeitado e bom. Não explorava ninguém. Foi por essas razões que a sua morte foi tão sentida, não apenas nas freguesias que servia, de Ojafa, Pecos e Xeiratei mas também por todos os lugares onde era conhecido.

À sua volta e à sua custa, vivia um irmão, chefe de família que nunca ninguém os vira trabalhar, vivendo como verdadeiros príncipes, fazendo-o ainda mais pobre. Mas nem por isso ele se tornou ambicioso.

No seu pastoreio das almas, não existiam nele os impulsos comerciais, como acontece com tantos, infelizmente. Os seus serviços chegavam a todos, mesmo sabendo que não tinham dinheiro para lhe pagar. Este padre era o que se podia chamar um verdadeiro discípulo de Cristo.

Seis meses após a morte do padre Redolfa, o padre Toianno veio pastorear esta freguesia e as outras duas vizinhas. Era um jovem, recém-ordenado, que estava a exercer as funções de professor, no Seminário da Figueira. Por ordem do Bispo, quando ainda era seminarista, usava vir pela Páscoa ajudar o velho padre de Ojafa. Por isso, a terra não lhe era totalmente, estranha, assim como as pessoas. Era a sua primeira freguesia.

O jovem pároco, com apenas vinte e quatro anos, começava nesta terra a sua carreira sacerdotal. Este bom povo, sem nunca esquecer a saudade do velho pastor, aceitou este moço com a maior satisfação.

Foram dadas ao jovem padre - como atrás se disse - as duas outras freguesias de Pecos e Xeiratei. Já nesses tempos se começava a sentir a falta destes vigários de Deus.

Na residência paroquial, em Ojafa, tinha por companhia os pais, uma irmã ainda solteira - bastante bonita e jeitosa, a entrar nos vintes - e um irmão mais rapazote, recém-saído da escola, que iria nesse ano para o seminário. Mais tarde viria também uma prima carnal, filha duma irmã do pai, para os ajudar.

Ainda que na sua terra trabalhassem como quaisquer outros, aqui era diferente. Os familiares do padre faziam parte da elite local.

Tanto a Igreja como a casa paroquial estavam em estados degradantes. O velho padre bem o sabia, mas faltava-lhe o dinheiro, o fulgor da juventude, e até da saúde.

O Jovem Toianno, com o sangue ainda na guelra, em pouco tempo renovou e modificou a matriz, assim como a residência.

Como os cofres da Igreja estavam vazios, começou por fazer uma campanha de angariação de fundos por toda a freguesia, e também aos filhos desta, residentes em Lisboa e em outras partes do Mundo.

Em pouco tempo, tudo se concluiu, sem dúvidas para a Igreja. Este Moço começou por dar uma nova vida a Ojafa, quer em progresso, quer no convívio e distração da juventude. Dentro da igreja, ele era o padre Toianno; fora dela, era um companheiro e um amigo. Das suas novas ideias saíam novos valores.

Aos domingos, depois da missa, usava juntar a mocidade de ambos os sexos, e até pessoas mais idosas, instruindo-os em teatro, música, jogos e até mesmo ideias agrícolas. Ensinava como se enxertava e se podava, em que tempos e em que luas, etc.

Aos serões, levava para casa os rapazes e outros interessados, preparando-os para saberem ajudar à missa. E, nesses convívios agradáveis, havia sempre algo para mastigar, porque abundância não lhe faltava, nem a boa vontade de oferecer. E, como a necessidade não vivia só em casa dos Centives, muitos aproveitavam.

Arranjou ali uma equipe de futebol, treinando-os como deviam de jogar, com disciplina e regras, para a maioria ainda desconhecidas. Reparou-se o campo e, todos os domingos, depois da missa, havia jogos. Fez tudo isso e muito mais.

Quem ficou contente com esta vinda foi a viúva Aba. Ela e o Senhor Damiela, pai do padre, eram quase da mesma criação, primos carnais e muito amigos. Era um verdadeiro irmão protector. Além disso, era uma pessoa digna e humana. Isto veio dar-lhe um certo conforto e ajuda: uma luz de esperança na sua vida.

Como já se disse, esta paróquia era uma das mais abastadas de toda a Diocese.

Quando o jovem padre ali chegou, a Igreja não tinha sacristão. O ajudante do velho Redolfa encontrava-se a cumprir a vida de militar, tendo que se arranjar um novo. Assim, ele escolheu para ajudante o primo Séjo, o filho mais velho da viúva Aba, actualmente em casa.

Por essa razão, voltou a haver algumas mudanças na casa dos Centives. Com o mais velho em Sacristão, já pouco podia fazer nos trabalhos do campo. O lugar ocupava-o quase a tempo inteiro, nas missas, enterros, casamentos, baptizados, ofícios e coisa mais. Assim, Nino deixou o pastoreio e ocupou o lugar deixado pelo Séjo. O Deurado, que acabava de deixar a escola, tomou o lugar de pastor.

Com todas estas alterações, apenas um saiu beneficiado: foi o ajudante do padre. A partir deste ponto, já não tinha mais necessidades alimentares, nem de dinheiro. Porque, ser-se Sacristão, numa freguesia destas, era como ter uma mina de tostões sempre a pingar. Quanto aos outros, continuaram com a mesma penúria, e o Nino, passou a ser o mais penalizado em todos os sectores. Como, agora, o Séjo tinha a ocupação dos serviços sagrados, e o padre, como jovem, desconhecia as responsabilidades e necessidades da vida, e como queria companhia, levava sempre o seu ajudante para todos os lados. Por vezes sem motivos justificados. E os serviços duros do campo carregavam sobre os ombros da mãe, do Nino, e dos outros, que já trabalhavam.

Para acompanhar o padre, tinha que andar bem vestido, o que era óbvio. Desta maneira, a mãe teve que arranjar dinheiro para lhe mandar fazer um fatinho que, mesmo não sendo da melhor fazenda foi, contudo, o melhor que algum dia tinha entrado

naquela casa. Mas sob o juramento de que todo o dinheiro que recebesse o entregaria à mãe. Tal nunca viria a acontecer!

O padre gostava do primo como seu ajudante, pois este fazia-lhe todas as vontades, para lhe conquistar a amizade e confiança. Nada havia de errado nisso; mas talvez fosse essa a razão por que nunca perguntou à pobre viúva quanto dinheiro o filho entregava em casa, desses casamentos e baptizados, onde recebia por vezes cinquenta, sessenta e mais e apenas entregava dez. O mesmo acontecia com os baptizados.

O Sacristão não tinha ordenado, nem do padre, nem da Igreja. O que tinha era dez tostões por cada vez que ajudava à missa - pelo menos uma por dia - e 5\$00 por cada funeral. Nos casamentos e baptizados havia uma bandeja que era posta no altar, onde os padrinhos deixavam o dinheiro para o sacristão. Nunca menos de 2\$50 por baptizado e 10\$00 por casamento.

Mesmo em casamentos ou baptizados pobres, rara era a vez que não ficasse ali acima do estabelecido. Em muitos baptizados, os padrinhos deixavam aos 15, 20, 30 e mais escudos; como em casamentos aos 50, 60, 70 e até mais. Mas o filho tornou-se egoísta. Raramente ele entregava à mãe além do mínimo: os tais 2\$50 e 10\$00. A não ser nos realizados na Igreja Matriz, onde ela usava mandar um espião sempre que possível, para saber se era ou não enganada.

Poucos eram os sábados sem um casamento e domingos sem um ou mais baptizados. O dinheiro do Séjo crescia no buraco da parede do palheiro. Arranjou uma caixa fechada a cadeado, para ter alimentos extra, nos poucos dias que não acompanhava o Padre. Interrogado pela mãe, dizia ser para guardar as roupas. Enquanto ela e os filhos continuavam a viver com as dificuldades diárias.

O Nino e o Séjo eram companheiros na cama do palheiro. E, sempre que este queria usar esses alimentos, fazia-o às escondidas do irmão, não fosse ele dizer à mãe. Mas este já há muito que desconfiava.

Certo dia, após a ceia, que constou do habitual caldo de couves, e um pouquinho de farinha desfeita em água a ferver, com um pingo de azeite, o Séjo não comeu, dizendo não ter vontade.

- Já te não sabe a comida da casa! - disse a mãe! - Olha que os teus irmãos comem-na bem. E Deus queira que mesmo esta não nos falte...

Sem ligar importância a tais retóricas, ele retirou-se, dizendo ir para a Igreja. Pouco depois o Nino seguiu no seu encalço, indo dar com ele a saciar-se com comida seca, que guardava na caixa que arranjara para esse fim, e onde tinha também os seus pertences. O Séjo foi apanhado de surpresa. Feliz da vida, mastigava algum pão fino - coisa que nunca passou pelo estreito dos seus irmãos - e queijo, que certamente lhe teriam dado, e ele não entregara em casa. Ao ver o Nino, perguntou-lhe:

- Queres um bocado?

- Eu, querer um bocado? Como poderia eu aceitar, se aqui a dois passos estão os nossos irmãos cheios de fome? Sendo tu o mais velho a viver em casa, onde está a tua consciência e respeito pelos mais novos, que não se podem defender, nem mesmo para roubar? O que estás a fazer, não é apenas um acto de egoísmo selvático, mas também um crime! E nem é preciso ser-se Sacristão, para reconhecer tal delito. Já és privilegiado em teres uma roupa acima de qualquer da tua idade, enquanto os outros continuam descalços e esfarrapados. Encostado ao padre, és servido como um príncipe em todos os lugares de actos religiosos, onde nada falta, desde a boa sopa, até ao arroz doce. Mesmo assim, ainda escondes para ti, aquilo que pertence a todos! A mãe desconhece isso. Mas eu lhe darei conhecimento... As relações entre os dois irmãos não eram saudáveis: as suas maneiras eram totalmente opostas.

Aquele esganado sacristão
Era o único privilegiado
Foi apanhado pelo irmão
Feliz e muito bem saciado.

O Nino não achou aquilo bem
Tal não devia ser ignorada
Por isso contara àquela mãe
Desta má accção repudiada.



A partir deste ponto, as relações entre os dois irmãos, que já não eram boas, passaram a ser gélidas e agressivas, com desvantagem para o Nino.

A rapaziada usava ir a casa do padre todos as noites, depois da ceia. Jogavam as cartas e outros divertimentos. O Nino, tal como o Séjo, não faltava. Mas o sacristão não gostava da presença do irmão. Certo dia, declarou-lhe:

- Se tu fores não vou eu!

- Pois então não vás! - disse o Nino. - Eu vou!

E lá se foi. Ao voltar, a porta estava trancada por dentro, e o pobre teve de ficar na rua.

O Nino era fraco. O seu génio e os fígados da revolta não chegavam para enfrentar o irmão, agora bem alimentado. Mas nada contou à mãe. Não era de queixinhas. Preferia deixar chegar a sua vez, para se vingar. E a oportunidade não tardou.

A partir dessa data, o Nino não mais voltou àqueles convívios nocturnos. Quando perguntavam ao irmão a razão deste afastamento, este, cinicamente, respondia, que ele não quisera vir.

Numa noite de sábado, já bem avançada, o Séjo entrou no dormitório de pança cheia, vindo dum casamento realizado numa terra vizinha. Julgando o irmão a dormir, entrou em silêncio para não o acordar. Não pelo respeito do seu sono, mas antes para que a sua atenção não estivesse activa. O Nino fingiu que estava no primeiro sono. Mas, na verdade, estava acordado.

No escuro da noite, às cegas, guiado pelo tacto, o outro dirigiu-se com todo o cuidado a um dos cantos da casa. Removeu uma das várias pedras soltas da parede, e ali fez o seu depósito bancário. Em seguida veio deitar-se junto do irmão. O Nino continuava acordado, mas não se manifestou.

No dia seguinte, depois da missa, o padre e o sacristão tiveram de ir a uma das terras mais afastadas da freguesia, aonde ficariam para o dia seguinte. O revoltado Nino aproveitou a oportunidade para tentar descobrir o banco do irmão, e quanto era o seu depósito. Com boa ocasião, e a luz do dia a seu favor, seguiu os passos marcados pelo escuro da noite, em direcção à parede, e ver quais os xistos livres.

Removeu todas as pedras soltas, uma a uma, em busca do

tesouro, voltando a colocá-las nos seus lugares. Mas nada viu. "Será que tudo isto foi um sonho?" pensava. Não! Num que tirou viu haver um comprido buraco, mas sem vestígios de qualquer Banco secreto. Meteu a mão, rodou-a para a esquerda e para a direita, e encontrou algo que tirou para fora. Era uma saquinha de carneira, tipo porta-moedas, com dois bolsos. Num deles encontravam-se as notas; na outra a prata.

Tremendo, não sabendo se de nervoso se de ira, com alguma curiosidade abriu a pequena bolsa, para ver o quanto ela continha. Notas de cinquenta, havia quatro, e cinco de vinte; o restante eram moedas de 2\$50 e 5\$00. Totalizava 537\$25. Isto, ainda no tempo do salário ser de 5\$00 por dia, e o dinheiro para o negócio da mãe eram apenas 100\$00. O Nino voltou a fazer o depósito, fechou a porta do Banco e foi chamar a mãe. Esta, nem queria acreditar no que via.

Séjo, que não contava com tal desastre na queda da bolsa de valores, ficou como se deve calcular: doente, frustrado, e com sede de vingança. Mas tal agora não era possível, visto que a mãe estava ao corrente dos acontecimentos.

A mãe não quis dizer ao Padre, não fosse ele perder a confiança no rapaz. Pediu-lhe se podia aceitar o Nino como Sacristão, visto ser mais fraco e não dar o rendimento nas terras como desejaría. Mas como já esperava, ouviu uma recusa.

O Nino não fez tal por vingança
Mas pela desigualdade familiar...
Uns com dinheiro e cheia pança
Outros com fome a trabalhar.

Não se passava um só dia que o Sr. Damiela não viesse a casa da prima Aba, umas vezes pela meia manhã, outras pela tarde. E nestas visitas muitas vezes se fazia acompanhar de alguns géneros alimentícios que tão bom jeito dava.

Padre Rodolfa, o amado
Como outro nunca mais visto
Sempre humano respeitado
Por todos era adorado
Era um discípulo de Cristo.

Veio ocupar seu lugar
Esse jovem padre Toianno
Além de vir pastorear
Quis a mocidade juntar
Para seguirem o seu plano.

Na verdade era activista
Cheio de ideias geniais
Tinha sempre coisa em vista
Sem ser vaidoso ou egoísta
E dotado de valores morais.

A mãe Aba ficou contente
E com alguma confiança
Via agora certamente
Junto de si a sua gente
E a luz da esperança.

À noitinha, as seroadas
Tinham lugar depois da ceia
Ali eram cartas jogadas
E muitas histórias contadas
À luz duma velha candela.

O Nino o convívio deixou
Por má vontade do irmão
E isso bastante lhe custou
Com o tempo tudo passou
Esquecendo a má açção.

O SONHO DA SUA VIDA

Como os pais do prior precisavam de lenha, para os cozinhados e aquecimento da casa, de mato, para a cama do muar, e também para ajudar no serviço interno, tinham que arranjar alguém para o desempenho dessas funções. Não porque ali faltasse quem desejasse servi-los. Mas, talvez por questões familiares, resolveram ir a Capescones buscar uma sobrinha.

Esta moçoila tinha catorze anos, cerca de um ano mais nova que o Nino. O seu corpo estava em transformação, de garota para mulher. As suas ancas adquiriam os seus torneados, e os seios começavam a levantar-lhe a blusa, como duas incipientes colinas.

Em poucos meses estava formada uma linda e airosa rapariga. Mas, o que mais ênfase lhe dava era o seu sorriso sincero, a afabilidade das suas palavras, meigas e simples, e o seu coração puro, humano e leal. Nino, nunca antes tinha olhado para alguma jovem com sentido de amar. Os dons de Lália conquistaram não só a sua amizade, mas também o coração. Desde a primeira vez que com ela contactou, logo viu nela a mulher da sua vida.

Este botão de rosa, mesmo depois de abrir em mulher, era puramente inocente, sem a menor partícula de maldade. A sua beleza, aliada aos dons pessoais, atraíam qualquer jovem do sexo oposto, mesmo os mais exigentes em qualidades pessoais. Era liberal e afável para qualquer rapaz, sem pretensões amorosas. Só o Nino não pensava assim.

Lália foi o melhor que ali poderia ter aparecido. A Ti-Aimar, como tinha o dom da caridade, ao fazer a ceia, lembrava-se desses inocentes famintos, pelo que desejava reforçar a dose, para dar as sobras aos filhos da prima Aba. Mas quem, àquela hora, pelo escuro da noite as iria levar? A filha? Não, ela não iria fazer isso. Era a irmã do senhor Padre. Naturalmente, até se sentiria humilhada, se alguém a visse. Também para ela e o marido, embora pela bruma da noite, era difícil, ainda que algumas vezes o tivessem feito. Se os moços soubessem, eles lá iriam de boa vontade. Mas se não sabiam...

Nos primeiros dias da Lália em casa dos tios, a certa altura, ao cozinhar a ceia, a Ti-Aimar disse à sobrinha:

- Se tu não tivesses medo... fazíamos mais comida que a usual, e levavas as sobras aos filhos da Ti-Aba...

- Medo? De que hei-de eu ter medo, tia? Faça comida à vontade e deixe o resto comigo!

Nessa noite, em casa da mãe Aba, tiveram por refeição o tradicional caldo das couves, junto com uma fatia de broa, barrada com banha de porco. A mãe costumava partir as fatias consoante as idades, com a aprovação dos maiores e a rejeição dos mais pequenos. Em casa, o pão era pouco, mas havia liberdade de expressão! Tal como num parlamento democrático, a oposição - neste caso os mais pequenos - protestavam contra a mãe, pela desigualdade das fatias.

- A que deu ao Donafre é maior que a minha... e eu já faço mais do que ele!

Logo um outro descontente dizia:

- Queres trocar?

- Troco sim senhor! E ambas eram balanceadas, uma em cada mão, para ver qual era a mais pesada. Quase sempre a troca era desfeita, e cada um ficava com a que lhe pertencia. Mas as reclamações continuavam:

- Viste! Viste... como não quiseste trocar? Pois a minha é sempre mais pequena!

A mãe, tal como os políticos, tentava defender a sua imparcialidade, fechando sempre com esta:

" - Aqui tanto quer filipinho, como filipão... e mais come o filipinho, se lho dão!"

No meio desta contestação, de ataques e defesas, alguém bateu à porta, no sombrio da noite.

- Quem lá está que entre!

- Não posso! - respondeu a voz meiga da Lália.

- Vai abrir a porta! Anda, mexe-te! - diz a mãe.

Coberta com uma pequena toalha, a jovem carregava uma grande travessa de comida, que logo puseram sobre a mesa tripeça, onde nem migalhas havia.

- Ainda lá ficou mais um resto, que não pude trazer. Se o

quiserem...

Tal como um eco, responderam todos à uma:

- Queremos sim senhora!

A mãe Aba ordenou a uma das pequenas para a ir acompanhar. O Nino, que estava junto à porta, prontificou-se a fazer essa missão. Como não houvesse quaisquer entraves, nem da Lália nem da mãe, juntos saíram para o breu da noite, pelas ruas desertas da aldeia.

Mutuamente conversando, o Nino teve vontade de lhe dizer o que sentia por ela. Mas eram apenas duas crianças. Não faria sentido tal revelação. E quais seriam as consequências que daí adviriam? Não haveria mais sobras de comida, pelo que se sentiria de certa forma responsável. Perderia toda a confiança desta boa gente. Seria, até, uma falta de respeito, sem apreciação por quem nos faz bem. Não. O Nino não podia fazer isso! Iria tentar vencer na vida, e depois sim, tentaria fazê-lo dignamente. Já se tinha esquecido dos convívios em casa do padre. Lembrava-se agora, não deles, mas sim da Lália, até com uma ponta de ciúme.

Todas as noites, depois da ceia, começavam os rosários e outras orações, de graças a Deus, louvor aos Santos, e paz às almas das obrigações de cada um. Como a reza só tinha princípio e não tinha fim, o sono apertava logo no início, não passando do "Santa Maria mãe... de ...De..."

- Acorde, mãe!

- Eu não estou a dormir! Santa Maria mãe de...

E assim por diante.

Depois da segunda vez, já ninguém a acordava. Ela ia aproveitando o sono e, de vez em quando, lá se voltava a lembrar:

- Santa Maria, mãe de Deus...

E ficava por isso mesmo.

O Sacristão é que não ia no embrulho. Assim que a apanhava a comer as palavras, batia a asa para casa do padre.

Só queria rezar em casa dele. Segundo dizia, a oração era mais pequena e tinha mais valor. Além disso, como seu ajudante, também já tinha um pouco de santidade. Não necessitava de rezar tanto. E já não se sentia bem, junto daqueles pecadores de meia tigela.

Nem todos os dias haviam sobras, pelo que, em certas ocasiões, os garotos de menos fé se iam deitar meios desesperados e desiludidos, enquanto outros ficavam a fazer companhia à mãe, que sempre que abria os olhos, logo começava com a "Santa Maria, mãe de Deus..."

Numa dessas noites, quando já menos a esperavam, a Lália bateu à porta com as sobras, no seu bater já bem conhecido de todos. Os já deitados levantaram-se com tanta rapidez, que nem os Bombeiros, numa chamada de emergência.

Todos comiam da travessa, com exceção dos dois mais novos, para quem o Nino tirara à parte, e também para a mãe que ainda dormia. De contrário ficariam sem nada.

O Nino, também tinha vontade e necessidade de acompanhar os irmãos, mas tinha vergonha de o fazer em frente da Lália. Isso diminuía e humilhava a sua personalidade, e afastava-o mais de si próprio. Ele via nesta jovem algo de fulgurante, que o atraía, sem saber explicar a força dessa atracção. Era a primeira paixão da sua vida, que iria guardar no segredo dos deuses.

Sentia na sua alma o bulício da revolta, mesmo consigo próprio. Um miserável, sem roupa nem calçado, e cheio de necessidades alimentares, não tinha o direito de amar alguém. Se soubessem o que lhe ia no coração, rir-se-iam dele.

A vida melhorou bastante, na casa dos Centives, mas não para si. Atrás das cabras, folgava e tinha tempo de sobra para ler, agora faltava-lhe o tempo e a disposição. O seu corpo estava cada vez mais mirrado, pelo muito trabalho e pouca comida. Os restos que geralmente vinham pela noite, nunca tocava neles. Não queria ser mais miúdo, à frente daquela a quem amava.

Como nada é infinito nesta vida, as botas, calças e camisa que lhe tinham dado, também tiveram o seu fim. As outras coisas que entregara em casa, a mãe ajeitara-as para os outros filhos. O Nino estava na penúria, e sem grandes perspectivas de melhorias. Por esse motivo, foi pedir secretamente a direcção do seu padrinho, a uma irmã, filho dessa falecida Santa da Mitoa, estabelecido em Lisboa.

Escreveu-lhe uma carta, pedindo-lhe o favor de um emprego. Contou-lhe a sua presente situação, que tinha quase quinze anos e estava habituado a passar fome, e a trabalhar no duro. Aceitaria qualquer coisa, em qualquer lugar. Só queria ter pão com abundância, e juntar alguns cobres para se vestir e mandar à mãe.

Entretanto, em Lisboa, a Maira, filha mais velha da Aba, casara com um senhor da freguesia, estabelecido naquela cidade. Como tinha bom coração e dinheiro, foi um contribuinte substancial, para ajudar a eliminar a miséria naquele lar de pobreza.

De Lisboa, a carta do Padrinho não se fez demorar. Iam passadas duas semanas, quando o velho carteiro, Sr. Sonofa, perguntou ao Nino:

- Como te chamas?

- Chamam-me Nino, mas o meu nome completo é Natónio Nastos.

- Nastos? Se o teu pai se chamava Centive, porque diabo não hás-de ser Centive também?

- Não sei! Até nisso fui um infeliz... Todos são Centives, menos eu!

- Então esta carta é para ti! Já estava para a devolver ao remetente. Toma!

E entregou-lha.

O Nino abriu o envelope e caiu-lhe o coração aos pés, ao ver tão pouco escrito. Começou por ler a data:

Lisboa, 27 de Janeiro de 1946.

Caro afilhado, recebi a tua carta, ponderei o teu pedido, e vem quanto antes. Ficarás a trabalhar no meu estabelecimento.

Um abraço do teu padrinho.

Séjo Centive da Vilsa.

Após a leitura da carta, exibindo a felicidade no rosto, Nino foi dar a notícia à mãe. Mas esta ficou confusa e transtornada. Sem dizer ao filho uma palavra, falou para consigo em tom de desalento:

- Os meus filhos criados... os meus males dobrados! Mais esta meu Deus! Quem me vai fazer o serviço das terras? Aonde vou arranjar o dinheiro para comprar a roupa e o calçado para a viagem?

- Mãe... não fique assim! A vida não pode parar, porque, se tal acontecesse, tudo morreria. Isto são apenas males passageiros... ou melhor dizendo... aventuras, sem as quais não se vence na vida.

- Tens razão, filho! Eu é que não sei que voltas hei-de dar ao meu miolo. Não eram muitos os rapazes nesse tempo que iam para Lisboa antes da tropa. A não ser que ali tivessem os pais ou irmãos. Esta notícia caiu na aldeia como uma bomba, no seio da juventude. Um moço que ia para Lisboa nesta idade voltava um galã, para quem as raparigas dispensavam todas as atenções. Eram sempre os preferidos.

O Nino era duma delicadeza extrema para com as pessoas mais idosas, mas pouco comunicativo, porque se inferiorizava perante os da sua criação. Havia outros, também pobres, com quem convivia e eram amigos.

Pela noite, alguns lhe vieram dar os parabéns, com pena de terem de ficar. Mas quem não ficou contente foi o Séjo. O irmão tirar-lhe a vez? Não! isso não seria possível! Mesmo sendo o mais privilegiado de toda a freguesia, o que muitos chefes de família gostariam de ter. Mas tal notícia deixou-o angustiado, não querendo perder a sua primogenitura. Dizia ser uma humilhação que não podia aceitar. Tentou convencer a mãe para ir no lugar do Nino, e este, ficar em Sacristão.

Nessa noite, o Séjo não foi ao serão como de costume. Ficou a escrever uma carta para o cunhado, lamentando a vida na aldeia e se ele podia arranjar alguma coisa. Para arrematar os molhos, o irmão ia e ele ficava. Uma injustiça!

Se a mãe não teve conhecimento da carta que o Nino escreveu ao padrinho, tão pouco o teve da que o Séjo escreveu ao cunhado, que ainda não conhecia.

As moçóilas à volta da idade do Nino, que nunca antes lhe deram a mínima atenção, começaram por lhe falar com frequência e suavidade. Era mais uma oportunidade para um namorico, e quem sabe se até mais tarde não um casamento? Estes rapazes lisboetas eram muito disputados nas aldeias.

O Nino apercebia-se destas artes e manhas mas, para ele, não ia dar resultado. Sabia onde estava a sua futura namorada, se ela também o desejasse. A sua grande barreira era dizer-lhe o que sentia por ela.

A Ti-Aimar, sabendo das dificuldades do primo e da falta de meios da mãe, deu-lhe umas calças, um casaco e uns sapatos do filho, que fora para o Seminário. Assim, tudo ficou mais fácil para ela. Ainda que já tudo estivesse a mais de meio uso. Foi o melhor que se pôde arranjar.

O Nino, que nunca tivera melhor, e como também não era ambicioso, até ficou muito feliz. Com mais dois pares de ceroulas e camisolas interiores, coisa que ele nunca antes usara, ficou feito o seu enxoval.

A mãe teve conhecimento de alguém de família na sua terra, que ia para Lisboa na semana seguinte. Combinou com eles, para a companhia do seu filho.

Quando estava ainda a convencer-se da perda do rapaz, e da falta que lhe faria, eis que algo lhe acontece! Alguém chegou com um telegrama, vindo do cunhado e da irmã, para que o Séjo fosse também, visto terem trabalho e alojamento para ele. A pobre Aba reagiu de modo desesperado:

- Vós estais malucos, ou quereis fazer pouco de mim? Se sois vós os que ainda vão fazendo alguma coisa - embora tu já pouco faças - quem é que vai dar seguimento às coisas? E eu sem poder... Não! Os dois, nem pensar!

O Nino, como aquilo dizia respeito ao irmão e não a si, deixou-os ficar, e foi dar uma volta pelo povoado, antes da ceia, pois era sexta-feira, e segunda partiria para esse lugar que todos desejavam. Pouco tempo depois chegou para cear, e viu todo o agregado familiar num silêncio displicente, o que não era usual. Os miúdos estavam tristes, por saberem que o irmão iria deixá-los. A mãe por ter mais um problema que não esperava. Os irmão-

zitos faziam-lhe perguntas.

À hora da ceia, a mãe disse ao Nino:

- Olha lá! E se tu ficasses no lugar do teu irmão? Também é bom! Depois ias noutra altura. Como ele é mais velho, tem a tropa primeiro e sempre arranja uns tostões antes de ir...

- Mãe! Por ser mais velho, não significa ter direitos especiais e absolutas preferências. Eu gostava de ser Sacristão, e até seria melhor para o bem de todos, mas foi ele o eleito... Não! Não devemos dar aos outros o que não desejamos. Se eu estivesse no lugar dele, não ia.

Séjo, sem ainda saber o que a mãe iria decidir a seu respeito, saiu para casa do abade, enquanto Nino ficava. Não à espera dos restos, pois preferia ir para a cama de barriga vazia, mas sim à espera da Lália, que só fazia esta caridade depois de arrumar a cozinha, como é natural.

Já passava das dez quando ela bateu à porta. Mas nem por isso foi recebida de mau grado. A qualquer hora, era sempre bem-vinda. Cinco minutos depois, a travessa estava limpa. Ali se manteve por mais de meia hora e, por fim, disse:

- Tenho que ir!

- O Nino, não deixando perder a ocasião, disse que se ia deitar, e a acompanhava a casa, se quisesse.

- Então, se vais para cima... vamos!

Deram as boas-noites e saíram.

O Rossio da aldeia era na cruz da rua. Raramente ali se passava que não houvesse rapaziada, até as onze e meia noite. Mas, ultimamente, tinham trocado esse local de convívio pela casa do padre. Por isso estava deserto. O Nino tentava fascinar a atenção da rapariga com um certo romantismo. Já junto à porta, deixou escapar do coração a frase que há muito ali guardava:

- Lália... como vou depois de amanhã para Lisboa, desejava dizer-te uma coisa, que queria que soubesses...

Depois de alguns segundos de espera, ela perguntou:

- O que é?

- Espero que não te zangues comigo! Eu gosto de ti para minha futura mulher...

Ela ouviu mas nada disse. Meteu a chave à porta e, ao entrar, disse, numa voz quase apagada:

- Até amanhã Nino!

- Até amanhã Lália... Desculpa-me!

Na bruma da noite, o Nino afastou-se.

Foi a primeira frase de amor que ele fez sair dos seus lábios, e talvez o pedido mais sincero que ela ouviu na sua vida. As suas lindas faces, mesmo no escuro da noite, devem ter ficado da cor das romãs. Como não havia luar, não se pôde ver essa manifestação de vergonha, ou de felicidade.

O Nino foi-se deitar, a pensar no que dissera e naquilo que não ouvira. Contudo, embora preocupado, não fosse ela dizer à tia, como se ia embora, achou por bem ter-lhe manifestado o que sentia por ela. Como foi delicado, esperava que não se tivesse ofendido. Era um dos dons dela, que lhe faltava ainda conhecer.

Deitado na velha enxerga, quase sem dar por isso, adormeceu. Nem deu pela entrada do irmão.

Começou por sonhar que estavam a bater à porta, foi abrir, e encarou-se com a Lália, na sua missão rotineira de fazer caridade, o mais alto estímulo de alegria daqueles inocentes. Depois de devorarem os sobejos da obra de misericórdia, Lália pegou na travessa vazia e, já de pé, conversou por alguns minutos, para em seguida dizer: "Tenho que me ir embora!"

- Deixa-te estar mais um migalho disse a Sr. Aba!

- Não... Ainda tenho umas coisitas para fazer.

Na oferta para alguém a acompanhar, o Nino prontificou-se a fazer esse papel, para em seguida ir ver da deita.

As casas da aldeia, construídas de xisto e barro, cobertas de lajes pretas, faziam a noite ainda mais escura. Esse percurso para a casa paroquial era de quelhos e becos, a partir da cruz da rua. Este lugar, sala de convívio da aldeia, voltava a estar sem ninguém. Foi aqui, que ela quebrou o silêncio que os acompanhava, dizendo o seguinte:

- Nino! Desculpa-me por não ter sido afável como o merecias. Mas não é fácil reagir quando somos surpreendidos por algo que não se espera. As tuas palavras deixaram-me vacilante. Digo-te que também gosto muito de ti, e te amo de verdade! Se é essa a tua vontade, podes contar comigo! Mas temos que esperar que o tempo passe, pois somos ainda apenas duas crianças. Prometo, que pela minha parte, não haverá infidelidade na minha promessa.

- Na minha, tão pouco! - respondeu o Nino. - Dá-me a tua mão!

Já junto da sua casa, as mãos uniram-se e ambos as apertavam com alguma intensidade, o primeiro sinal de alguém que se ama. Nesse tempo, uma promessa era coisa sagrada, tal como a virgindade mantida numa pureza imaculada. As mãos mantiveram-se unidas por alguns momentos, ambos sentiram o calor duma paixão. Depois de as despegaram, ouviu-se mutuamente a frase da despedida:

- Até amanhã Nino...

- Até à manhã Lália!

A caminho desse amplo e frio dormitório, onde só iria ficar mais uma vez, no escuro e silêncio da noite, o Nino, feliz, assobiava uma melodia." Mas tal felicidade desmoronou-se pelos cantares dos galos da aldeia, a anunciarem a aurora de um novo dia. O Nino decepcionado, não podia acreditar que isto era uma utopia enganadora. E chamou traidor ao seu subconsciente, por o ter enganado uma vez mais.

Mesmo que o Nino não fosse o habitual escrivão da casa, a mãe pediu-lhe para fazer uma carta para a filha Maira - recentemente casada - agradecendo não só o convite que lhe fizera, como o dinheiro e as coisas que mandara.

- E o que mais quer que diga na carta?

- Que seja feliz, e que Deus lhe dê a sorte que eu não tive para mim!

- É só?

- Põe o que vires que fica bem!

O Nino, apόs ter escrito a carta para a irmā, chamou a māe para lha ler em voz alta.

Ojafa, 13 de Fevereiro de 1946

Querida filha, para ti e o teu marido, vāo de mim e teus irmāos, um abraço, com as melhores saudações familiares. Como sempre, fiquei muito grata, nāo só pelo convite, do qual peço desculpa por nāo me ter sido possivel acompanhar-te nesse acto, o mais solene das nossas vidas, como pelo dinheiro e restantes coisas que fizeste o favor de nos mandares.

Filha, nesta casa pequena, onde tambérm cresceste, sem lugar para albergar toda a família debaixo do mesmo tecto, estou cada dia a achá-la mais triste e vazia. Pelos que me deixaram pela morte, e pelos vivos, que seguem a lei de todos os mortais, em que o cordão umbilical, já nāo é suficientemente forte para vos segurar.

Que nāo recebas a hereditariedade da tua māe, numa vida tão cheia de trabalhos, miséria e desilusões, sāo os meus desejos. Nāo hā nada mais triste que um filho a pedir pāo, e nāo o haver, para lhe dar.

Se vieres a ser māe, que eles tenham a sorte de já encontrar novos governantes, mais compreensivos e humanos, para que os benefícios sociais sejam distribuídos nāo só aos privilegiados, mas a todos os necessitados em geral.

Como mais velha e experiente, olha pelos teus irmāos, para que nāo venham a ser tentados, no mundo das fantasias, e guiados pelos impulsos negativos da própria idade, que leva tantos à destruição.

Por hoje é tudo. Recebei beijinhos de todos nós, e, como sempre, um abraço desta tua māe, que te deseja as maiores felicidades do mundo.

*Pela māe, Aba de Sujes Centive
Natónio Nastos Centive. (Nino)*

- Como tu sabes dizer palavras tão bonitas meu filho! Que pena não teres nascido numa casa rica e que pudesses ter estudo! Algumas palavras que aí dizes, não sei o que querem dizer! Como essas de "benefícios sociais..." O que significam?

- Mãe! Benefícios sociais são, para nós pobres, uma lenda, que nem mesmo chega a ser um sonho! É o símbolo da hipocrisia de quem nos governa, porque só existem e os usam em papéis. Sem dúvida são palavras lindas, sempre que usadas e aplicadas naquilo a que se referem. De contrário, são tristes e feias, tal como a miséria que nos persegue. Em nossa linguagem, quer dizer ajuda do governo, em alimentos, vestuário, assistência médica e outras coisas, para quem delas necessita.

- Mas, a mim, nunca me deram nada!

- Eu sei mãe!

- Tem cuidado filho! Não vás dizer essas palavras lá para Lisboa, que te podem prender, como fizeram a um senhor da Vila, que também assim falava. O Sr. Tramins já me disse, para te dizer que tivesses cuidado, e não levares esse livro, onde aprendes essas coisas, porque que te podem prender.

A Sra. Aba, depois de se aconselhar com o primo Damiela, e mesmo com o padre, decidiu deixar ir também o Séjo. Desta maneira, preparou-lhes as coisas para a viagem.

Nesse tempo eram precisos dois dias para se chegar a Lisboa: um dia para a Lousã, onde usavam ficar na pensão Caranca para, no dia seguinte, pela manhã, apanhar o comboio que vinha de Serpins, ou a camioneta dos Claras, que chegava por volta das quatro a Lisboa.

Naquela casa paroquial
Morava agora outra gente
Quem ficou feliz e contente
Foi a pobre Aba Centive
Até os seus filhos de bibe
Sentiram a felicidade
Pela humana caridade
Recebida desse casal

Cozinhava além do normal
P'la ceia junto à noitinha
Encarregando a sobrinha
Já depois de tudo jantar
De àquela casa ir levar
As sobras dessa refeição
Quem fazia essa missão
Tinha nisso muita alegria
No jovem o coração bulia
Às vezes ficava chocada
Ao ver comer a garotada
Com toda a sua energia.
Para a cama ninguém ia
Sem os restos desse jantar
Estômagos a almejar
O que ainda lhes faltava
Alerta tudo esperava
Por esse anjo protector
A Lália era um beija-flor
Das flores do pobre jardim
Sem já esperarem, por fim!
Chegava a tão desejada.
Com a travessa já sem nada
A Lália voltava ao seu lar
E o Nino a ia acompanhar
P'la noite deserta e escura
No Rossio da Cruz da rua
Ele lhe disse que a amava
Se por ele, ela esperava
Não olharei para ninguém
Se é que tu me queres bem
Ela ouviu e não disse nada!

A IDA PARA LISBOA

Era hábito na aldeia, sempre que alguém partia para Lisboa, uma pessoa de cada casa acompanhava o viajante até ao cemitério. Ali esperavam, para o último Adeus, quando escapasse ao viso do Outeiro. Desta vez, tal não aconteceu.

O dia apareceu a chover, com fortes rajadas de vento à mistura. Quase parecia um ciclone.

Sempre à espera duma estiada, foram adiando a viagem. Mas tal nunca chegou. Os presentes eram unâmines em que a tempestade pararia ao meio dia, o que era tarde demais. De acordo com o que estava tratado, não tinham outra saída que não fosse enfrentarem o temporal. Por essa razão, as despedidas foram feitas no Adro da Igreja, onde havia alguns resguardos para se acoitarem.

A mãe chamou os filhos, um por cada vez, a fim de avivar alguns avisos e conselhos já dados, de acordo com a sua experiência. Não conhecia os grandes centros urbanos, mas acompanhara as doenças daqueles jovens que tiveram que regressar à terra, para quem trouxe remédios de Arganil e da Pampilhosa, que mais adiante vira partir para o lugar eterno, antes de entrarem na vida de militar. Não queria ver os seus filhos sofrerem esse mal.

Depois dos conselhos dados, os rapazes despediram-se dos acompanhantes e, por fim, dos familiares, partindo debaixo da chuva intensa, puxada pelos ventos frios do Norte. No último Adeus da Mitoa, que separa o Adro por duzentos metros, já sentiam a água no corpo.

Nesse caminho de quatro horas para a Pampilhosa, a passar por Capescones, terra de sua mãe, aonde se iriam despedir dos familiares. Dali partiriam, por volta das duas da tarde, para a Vila, onde apanhariam a camioneta do correio, que os levaria à Lousã.

O vento, colérico, fustigava-os com a chuva e o granizo, como se duma punição se tratasse. As mãos hirtas e geladas do Nino quase já não podiam segurar o cabaz da roupa e o farnel. Os dois irmãos, um à frente e outro atrás, por aquele caminho de cabras, iam alternando o cesto, para protegerem as mãos

enregeladas debaixo da camisa encharcada. Estes dois peregrinos, condenados pela miséria, esta agora os atirava ao mundo, mas antes tinham que cumprir esta penitência, nos visos das serras que iam deixar. Parece que até a Natureza e a Providência Divina eram contra eles.

Fora por estes caminhos, com tempestades idênticas, e piores, que a pobre mãe andara por anos, mesmo em vida do marido. Tinha que acudir aos desaires da sua infelicidade. Carregada até não poder mais de sardinhas ou louça, o seu modo de angariar o pão de cada dia.

Pobre mãe! Pensava o Nino neste testemunho real, de apenas uma só vez. Quantos não foram os sacrifícios daquela Mulher, agora arruinada para sempre.

No decorrer desse percurso, os dois irmãos quase não falavam entre eles. Ao passar pelo local onde a mãe caíra com a louça, Nino, que ia à frente disse ao irmão:

- Foi aqui que caiu a pobre da nossa mãe, e nunca mais foi o que era! O Séjo não ouviu, e a frase foi levada pelo vento.

As sacas que levavam na cabeça, como abrigo contra a chuva e o frio que deixariam na terra da mãe, eram esponjas de água gelada, tornando o andar ainda mais incômodo. Os corpos tornavam-se-lhes mais frios e pesados.

O caminho para Capescones, que era, para todos, o mais alegre e o que menos custava a percorrer, parecia-lhes hoje o mais difícil de sempre. Ao passarem pelo velho e conhecido pouso do Sapateiro - o meio do caminho entre as duas terras - o Nino, que agora seguia atrás do irmão, foi levado pela fúria do vento para o meio do mato. Na fragilidade do seu corpo, não havia forças para levantar o peso das roupas molhadas. O irmão não deu pela sua falta, por isso o Nino ficou só.

Ao voltar ao caminho, encontrou-se no pouso onde a mãe usava aliviar o carrego. O Nino olhou o local e não susteve as lágrimas, que se juntaram às gotas da chuva que lhe escorriam pelas faces.



Depois de duas horas e meia debaixo de intensivo temporal, chegaram à terra desejada. Ao passar junto da Capela de Capescones, o sino da torre dava as doze badaladas do dia.

Os tios já os esperavam, com um bom almoço e uma enorme fogueira, para aquecerem o estômago e o corpo gelado. Vestiram algumas roupas do tio Arres enquanto a deles enxugava, para voltar ao corpo de novo. O Nino levava apenas as calças e casaco que lhe deram para a viagem, e uma muda de roupa interior. Mas, os que ficavam atrás, nem isso tinham, tal como ele também nunca tivera. Depois de enxutas, ainda houve tempo para a tia Mileia as passar a ferro.

Eram duas e meia quando os dois irmãos e os locais deixaram este lugar, com destino à Pampilhosa. Tal como em Ojafa, as pessoas aqui, pelo menos uma de cada casa, iam acompanhar os viajantes até ao Chão Lavrado. Ali esperavam, até que escapassem ao Cortão das Pirraças, para desfraldarem os lenços brancos num último adeus. Velhos tempos! Depois desta obrigação, todos voltavam às suas ocupações.

Chegaram à Pampilhosa já depois das quatro. Mas como já tinham tirado os bilhetes, foi só entrarem na camioneta e esperaram pela partida. O que não tardou a acontecer. Nem o Séjo nem o Nino tinham alguma vez entrado num autocarro.

A saída deu-se às quatro e meia, tal como estava previsto. Os quatro lugares eram seguidos. Enquanto não caiu a noite, foram admirando as paisagens e as suas imensas florestas, que mais tarde o Diabo viria a queimar. O dia deixou de dar a sua luz, antes de chegar à Catraia das Cabeçadas. O resto dessas belezas ficariam para ser apreciadas noutra ocasião.

Eram cerca das oito quando chegaram à Lousã. Depois de todos terem os seus pertences, dirigiram-se à pensão Caranca, onde iriam ficar naquela noite. A partida seria pela manhã, no terminal da empresa Claras & Irmãos, com chegada prevista a Lisboa entre as quatro e cinco da tarde.

A tia Mileia, tal como usava fazer nas passagens para Ojafa, reforçara-lhes o farnel. Num anexo do restaurante da dita pensão, estes dois jovens, tal como os restantes passageiros, expunham sobre a mesa as iguarias do seu jantar. O Nino nunca antes vira

tanta fartura à sua mercê, para acabar comendo tão pouco. Lembrava-se que o que ali havia a mais era o que faltava aos irmãos, àquela hora.

Após a refeição nocturna, os seus guias, viajantes já maduros e viajados, quiseram mostrar-lhes a Vila, quase uma cidade, com algumas coisas inéditas para estes novatos, tal como o comboio, que eles viam pela primeira vez. A visita durou cerca de uma hora. De regresso à pensão, cada qual recolheu aos dormitórios. Séjo e Nino ficaram na mesma cama, por ser mais barato. Para o Nino, também fora a primeira vez a dormir em cama de lençóis.

Na cozinha da velha casa dos Centives, o ambiente nessa noite era triste e desolador, pela falta dos dois irmãos. A panela do caldo tinha duas malgas extras, para distribuir pelos mais famintos. E, talvez pela primeira vez na história daquela família, rejeitava-se a comida. Até mesmo os mais pequenos. Apesar de estavam interessados em fazer perguntas. Para onde tinham ido os irmãos? O que iam fazer? E quando voltavam?

- Será que o Nino vai guardar gado para algum patrão?

- E o Séjo vai lá ajudar à missa, vai?

Com a mãe já cansada, sem saber o que dizer, ordenou que se calassem. Agora eram os miúdos que se interrogavam entre si.

O casal Damiela e Aimar vieram juntar-se à prima Aba, nesse serão, para suavizarem a dor dessa falta, trazendo consigo alguma comida. Mas ninguém tinha fome essa noite.

Eram onze da noite, os primos voltaram à sua casa, e a Aba mais os filhos - que ainda estavam à fogueira - foram-se deitar. Antes de cair no sono, pensava nos filhos que partiam e nos que ficavam, e que meios tinha de dar à vida. Sem dar por isso, adormeceu, para acordar pela manhã, para mais outro dia. Cada nova luta, era uma nova esperança, porque o tempo não pára.

Deitado na boa cama na pensão Caranca, o olfacto do Nino transmitia-lhe o cheiro agradável da roupa limpa. Até quase sentia vergonha de se enrolar nela. Mas, como também era a primeira vez que pagava para dormir, não fazia sentido dormir no chão, como já ouvira contar que pessoas o tinham feito. Nesse ponto, Nino estava limpo de consciência e de corpo. Com o duche que apanhou no caminho de Ojafa até Capescones, seria impossível

encontrar nele alguma sujidade.

O Séjo já por mais de meia hora se ouvia ressonar. Mal caíra na cama começara logo a dormir. Ao contrário do Nino, sempre difícil de pegar no sono. Já de luz apagada, admirava por entre os vidros da janela a claridade da luz pública da avenida, dando-lhe a sensação de a noite ainda não ter chegado. Como gostaria de ver também iluminadas as ruas e quelhos de Ojafa. Mas tal não era possível, porque os governantes nem sabiam que tal aldeia existia.

Enquanto o sono não chegava, o consciente ia-lhe desfolhando este ou aquele episódio da vida atribulada da mãe, como também das boas pessoas que a tinham ajudado. Tais como o Sr. Tramins, sempre pronto e franco nos seus empréstimos, sem qualquer interesse lucrativo. Ou mesmo o Sr. Nuacção dos Pecos, o Ti-Damiela e a esposa, tia Mileia, tio Arres tio Carroba e tantos mais. Sem esquecer a jovem Lália, tão dócil e humana. E, a pensar nela, a sua cabeça deu por fim o trabalho daquela noite.

Pela manhã, depois de comerem qualquer coisa, todos se dirigiram ao autocarro, e cada um tomou os seus lugares. O Nino sentou-se ao lado do irmão. Mas, a este, uma vez mais a primogenitura deu-lhe o direito do lado da janela. Era mais cômodo para quem quer apreciar a paisagem.

O mais jovem tirou do bolso uma caneta - que lhe saíra numa rifa - e começou a escrever as coisas que mais atraíam a sua atenção: as grandes diferenças entre as terras planas e as aldeias dos montes; os carros de tracção mecânica, e os puxados a bois, do seu lugar; as pessoas limpas e bem vestidas, e aquelas sem condições de meios nem de higiene. Por um instante pensou: "não estarei eu num país diferente?"

Nos rabiscos desse papel havia perguntas sem respostas, feitas ao seu consciente. "Será que aqui também são os barbeiros que cuidam dos doentes? Alguns enterrados com vida, julgando-os mortos, como se ouvia contar?" Mesmo o coveiro, Ti-Anjo, dizia ter encontrado ossadas de bruços, devido a tal erro humano. Com estas minhoquices no pensamento, nem se deu pelo silêncio dos companheiros, incluindo o irmão, já a dormirem.

Como já ia com dores no pescoço, por olhar de lado, endireitou o corpo e deixou cair a cabeça para trás, fechando os olhos. Não por ter sono, mas para dar descanso ao cérebro. Só que tal não aconteceu.

O Nino pensava em qual iria ser o seu trabalho, na cidade. O irmão, ia trabalhar para a colchoaria do cunhado, com horário fixo e salário designado, com possibilidades de aprender uma boa profissão e podendo vir a ser um comerciante. Ou mesmo matricular-se numa escola de adultos, e tirar um curso. Mas ele, qual será a sua sorte?

Desde que falara com o primo, que fora leiteiro, e lhe contara o que era essa vida, ficou triste, por saber que se trabalhava muitas horas e pagavam mal. Mas como neste caso era o seu padrinho, talvez a coisa fosse um pouco diferente. Sem se dar pelo correr do tempo, nem do caminho, estavam em Torres Novas, na estação dos Claras.

Antes que alguém saísse, o condutor avisou os passageiros que a paragem seria por uma hora, com saída do mesmo local à uma da tarde. Indicou-lhes também o restaurante da companhia, para quem ali quisesse almoçar.

O Séjo acordou, começando por esfregar os olhos e perguntou ao Nino:

- Já chegámos a Lisboa?

- Ainda não! Tu chegaste foi a Torres Novas! A paragem é de uma hora para almoçar. Partimos à uma...

Os seus orientadores foram para o restaurante, convidando-os. Ambos agradeceram, mas tal como fizeram outros mais, comeram do que traziam, sem mesmo saírem do autocarro.

A comida era seca, e exigia algum líquido para a acompanhar. Por essa razão, o mais jovem disse ao irmão:

- É pá! Vai lá fora buscar uma gasosa para bebermos! Isto assim não passa!

O irmão disse qualquer coisa que o Nino não percebeu. Como nada lhe ouvisse de positivo, saiu, para ir procurar água para beber.

À saída, junto da porta da estação, encontrava-se uma mulher, ainda jovem, com duas crianças, a mais pequena agarrada ao peito duma mãe frágil, com um rosto de fome. Lia-se-lhe no trajo a necessidade, linguagem que bem conhecia. Ficou triste e desiludido, pois pensava que a miséria declarada só existia nas encostas e planaltos das isoladas serranias.

O Nino sabia que o irmão levava consigo muito dinheiro bem mais que aquele com que a mãe ficara para o governo da casa, ele nunca desistira da ratonice. Mesmo assim, nem pagara um pirolito! Com isso no pensamento, disse-lhe que ia beber água, mas não era essa a sua intenção. Tinha duas moedas de 2\$50 que lhe tinham dado, por isso resolvera comprar uma bebida para si.

Com as duas pequenas caravelas fechadas na mão, o Nino faz algumas perguntas à mulher:

- Quais são as esmolas que prefere, dinheiro ou comida?

- Quem pede não escolhe! - disse aquela mãe. - Mas, nesta ocasião, era alguma coisa para comer e dar a esta criança.

Como ainda levavam muito farnel, sem já ser necessário, voltou ao carro, a fim de falar com o irmão para darem algo do que tinham à pobre, mas ele não se encontrava ali. Pegou numa chouriça, e com a sua navalha de pastor cortou um naco de broa e queijo, que a tia Mileia em Capescones lhes pusera no cabaz e foi levá-los à mulherzinha, junto com a moeda destinada à compra da gasosa.

Conversou por mais um pouco com ela e estranhou ela não pedir, aceitando apenas o que lhe davam.

- Porque não pede? - perguntou-lhe.

- Não posso pedir!

- Não pode pedir?!

- Não... porque me podem levar presa!

- Por pedir?

- Sim... por pedir!

Esta senhora, mãe de quatro filhos, o mais novo de seis meses, o mais velho de seis anos, tinha o marido preso na cadeia de Peniche, havia oito meses.

- Qual foi o delito que ele cometeu?

- Isso gostava eu de saber! Mas vou-lhe contar o que sei. Ele trabalhava numa fábrica, aqui perto, onde era electricista. Numa altura em que faziam um certo trabalho, o ajudante, ainda bastante jovem, caiu dum andaime e ficou bastante magoado. Não podendo trabalhar, acusaram-no de manha, e despediram-no, sem compensação nem direitos sociais. Perante este problema, o meu marido começou a pedir aos colegas, a fim de arranjar alguns fundos, não só para a sua sobrevivência e da família, mas para um advogado de defesa.

Os chefes ou administradores, ou todos juntos, acusaram-no de angariador de fundos subversivos, e levaram-no preso. Foi este o crime que cometeu!

O Nino tirou do bolso a moeda que lhe restava e deu-a à senhora. Mas ela não a quis aceitar. Em seguida despediu-se daquela mãe, e foi retomar o seu lugar. A sua mente ficou naquela imagem, e agora recordava as palavras da mãe: "Nino, não fales dessa maneira em Lisboa, porque podes ser preso, tal como disse o Sr. Tranins." Nino sentiu desejo de voltar para a sua aldeia de novo.

À uma em ponto, a carreira dos Claras deixou Torres Novas, com destino a Lisboa. Ao passar junto do portão, a mulher já não se encontrava ali. Quem sabe se não fora levar aos filhos aquele alimento que lhe dera? Que mundo cão era este, que ele estava a descobrir.

O futuro leiteiro ia passando por esses mantos de beleza, olhava-os, mas não os via. O seu cérebro mudava-lhe o sentido, para outros lugares. Sem mais dar atenção ao que existia em redor, encostou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Viua a aldeia isolada que acabava de deixar, e estas pequenas cidades, e as suas diferenças. Ambas conheciam problemas, com infortúnios diferentes. Nino desconhecia ser proibido pedir nos



meios grandes. Afinal, nem tudo era mau nas aldeias. Nestas, pelo menos, o pedir ainda era livre! Com isto em mente, caiu no sono, para sonhar algo, que viria a ser uma realidade. Viu a estrada traçada do futuro dos dois irmãos. O Séjo, com bom acesso e facilidades, onde a luz verde da vida o encaminharia ao sucesso. O ex-Sacristão, era um rapaz com letras grandes. Era esperto, inteligente, ambicioso e de sorte. Não encontraria qualquer dificuldade em vencer na vida, junto do cunhado. Este pagar-lhe-ia um salário justo e honesto nas oito horas de trabalho, o que lhe daria para as despesas diárias, e mesmo para pôr algum de parte. Ensinar-lhe-ia a profissão e, em pouco tempo, seria mestre, apto a poder ser gerente de qualquer casa do género. Ele não teria a mesma sorte. Esta está sempre do lado dos ambiciosos e, nisso, ele era um desfavorecido. As suas oportunidades seriam poucas, com o horizonte sempre cerrado no seu caminho. No seu primeiro trabalho de leiteiro, não sabia quanto iria ganhar. Nem tão pouco as horas que teria que fazer. Mas sabê-lo-ia já no dia seguinte: levantar às cinco e meia da manhã e deitar às onze da noite. Sete dias por semana. Quanto ao ordenado, logo se veria!

Mas já o irmão o sacudia:
- Acorda... estamos em Lisboa!

Eram cerca das cinco da tarde, quando chegaram à Estação dos Claras em Lisboa, à rua Maria Andrade ali junto aos Anjos. Esperavam-nos o irmão Soutuga, na companhia de alguns primos e amigos. Depois de terem os seus pertences, despediram-se dos companheiros de viagem e foram conduzidos a casa da irmã Maira, onde o Séjo ficaria a viver temporariamente. Nino seguiria o destino do Campo-Pequeno.

Por volta das nove da noite, os familiares despediram-se. O Soutuga acompanhou o Nino ao seu padrinho e novo patrão, ali junto à Avenida Sacadura Cabral. O carro eléctrico que apanharam na Avenida da Liberdade e Barata Salgueiro, destinava-se ao Campo-Grande, mas desceram junto à praça de touros, seguindo a pé a referida Avenida até à Rua Augusto Gil.

A uma distância mais de 50 metros do estabelecimento, encontrava-se uma bicha de centenas de pessoas, que no passeio iam esperando pela sua vez, para entraram na leitaria, a fim de

obterem as 250 gramas de manteiga, como mandava a lei do racionamento.

A guerra acabara, mas este continuava bem activo, porque os alimentos eram escassos e muito procurados. O Soutuga entregou o Irmão, despediu-se e foi à sua vida. O Nino vestiu uma bata e foi para o armazém ajudar os empacotadores.

Nessa manhã de chuva e vento gelado
O povo da aldeia veio junto do Adro
Para daqueles jovens se despedir.
A miséria ao mundo os empurrava
Cheia de tristeza, a mãe chorava
Pelas condições em que iam partir.

As suas roupas logo ficaram molhadas
Pelos visos das serras descampadas
Seguiam os dois pobres peregrinos.
Mal comidos, mal vestidos e calçados
Maldizendo o dia em que foram nados
Pelo temporal vivido nesses caminhos.

Mãos enregeladas seguravam o cabaz
Lá seguiam, um à frente, outro atrás
Com a ideia na terra tão desejada.
Por meio de montes sem haver alguém
Onde tanta vez passara a sua mãe
De cesta à cabeça, sempre pesada.

À terra da promessa por fim chegaram
Os tios pelos sobrinhos esperavam
Com roupa enxuta e comida a granel.
Sem revés, na ida p'rá Pampilhosa
A saca, era agora mais volumosa
Porque a tia aumentou-lhes o farnel.

No autocarro da Viação das Beiras
Por entre curvas e íngremes ladeiras
O Nino ia pensando, nessa manhã.
Em cada catraia entrava mais gente
Em certa altura o seu consciente
Despertou-o, estavam já na Lousã.

Lousã, no sopé da alta serrania
Na pensão onde toda a gente dormia
Identificaram o médico de Góis
Tanto bem, que deste homem se dizia
O Nino, pela primeira vez dormia.
Em cama de folho e com dois lençóis.

No dia seguinte, pela madrugada
Passando nas aldeias dessa estrada
E assim chegaram em Torres Novas.
Aquela mãe que ele ali contactou
Tudo o que por ali ouviu e observou.
Confirmou-lhe as dúvidas com provas.

Pelo ódio que havia à liberdade
A PIDE negava a razão e a verdade
O humanismo, a paz e a luz do dia!
Abutres raivosos e sem coração
Negava aos humildes o próprio pão.
Levando o inocente à enxovia.

Com o vil da hipocrisia se prendeu
Encostou a cabeça e adormeceu
A pensar nestes inocentes presos.
Viu o seu futuro de dificuldades
A causa de não ter oportunidades
Por estar ao lado dos indefesos.

EM LISBOA

Na manhã do dia seguinte, tal como era feito diariamente, o Nino acompanhou o caixeiro ao depósito de Entre-Campos, a fim de trazer o leite para servir os fregueses matinais. Este serviço estava ao cuidado do distribuidor. Tal missão, a partir daqui, cabia ao novo empregado.

Com o despertador marcado para as cinco da manhã, Nino, depois de ir à montra e tirar alguns bolos, para comer pelo caminho, lá partia pela avenida calma e deserta, vendo, por vezes, numa esquina, o polícia do giro, em conversa com o guarda nocturno da área.

Quando voltava, ainda tudo dormia, e até ele tinha vontade de se deitar de novo. Mas, como fizera isso uma vez, e não acordara para servir os clientes da madrugada, o que lhe custou um par de bofetadas, nunca mais quis arriscar.

Era das cinco às onze, sete dias por semana, e sem saber o quanto ganhava. Não considerava isso escravidão, porque o serviço era leve, e comia o que queria.

Quando o Nino entrou, o padrinho comprou-lhe roupa e calçado, e tudo o que viu que mais necessitava para o afilhado, mas nunca lhe disse o quanto gastou, pois naquele lugar era mesmo exigido andar-se limpo. Como não havia contas, no fim de cada mês fazia um vale de cem escudos, para mandar à mãe. Se lhes dizia que necessitava de dinheiro, vinha logo a pergunta:

- Para que o queres?

Como também não tinha folgas, não precisava muito dele.

Na distribuição, o Nino arranjou vários amigos, e como é bom de ver, quando se juntavam, falavam dos seus patrões e daquilo que eles lhes faziam. Entre esses, havia um, de nome Vasíl, meio caixeiro dum aeroporto nas avenidas novas, que viria a ser o seu melhor amigo de sempre.

Já oito meses se tinham passado. Nino era agora um rapaz bem constituído e bem apresentado, com bastante prática de balcão. Soube pelo Vasíl que o seu patrão precisava dum meio caixeiro. Assim, resolveu ter uma conversa com o seu empregador

e padrinho dizendo-lhe:

- Gostaria de estar aqui por mais tempo, mas como são muitas horas e queria ir para uma escola nocturna, a fim de tirar o exame da quarta classe, resolvi procurar outro patrão que me dê acesso a esse desejo. Logo que tenha quem me substitua, ir-me-ei embora!

Depois de ouvir esse pedido - que não esperava - a reacção do patrão foi pouco amistosa, e não se fez esperar:

- Tu vais é já hoje!

- Se assim o entende... porque não?

E foi mesmo! Feitas as contas, nada recebeu... nada deu... e nunca chegou a saber o quanto ganhou. Se lhe ficaram a dever, ou se ele ficou em dúvida. O padrinho ficou desesperado... e talvez até tivesse razão. O afilhado ainda não conhecia o mundo dos oportunistas.

O Nino já tinha tudo assente com o novo patrão, mas não iria sem que desse tempo para ser substituído. Também não iria trabalhar com ele. A vaga em aberto era numa outra casa, gerida por um encarregado onde trabalhava o Vasíl. E, no mesmo dia em que se despediu, entrou ali como meio caixeiro, sabendo que ia ganhar 300\$00 por mês; cama mesa e roupa lavada, como era usual nestes trabalhos.

A dormida era num quarto nas traseiras da mercearia, com três divãs, um para cada empregado. A roupa lavada vinha uma criadita da casa, de nome Mila, levá-la e trazê-la todas as semanas. Mais tarde o Nino veio a saber ser sua conterrânea.

Quanto à comida, era feita pelos empregados. E tal encargo estava ao cuidado do Vital. A ementa só variava aos domingos, e nem sempre. Nos restantes dias da semana era, de manhã, batatas com bacalhau, e à noite, bacalhau com batatas.

Pela noite, depois de fechar a porta, havia sempre coisas para pôr nas tulhas e prateleiras, para tudo estar em ordem ao abrir da porta, no dia seguinte. Só depois desta ocupação se jantava e se era livre até ao dia seguinte.

O Vasíl começou por sair todas as noites. Mas nunca dizia para onde ia, vindo sempre depois das onze. A amizade com o Nino, ainda não tinha criado raízes. Conheciam-se como amigos da rua, mas não como colegas de trabalho. Ambos eram bastante cautelosos no campo das amizades.

O primeiro mês terminou sem que o patrão ali viesse dar o dinheiro, ou dar ordens ao encarregado para o fazer. Pelo que, no segundo dia do segundo mês, o Nino falou ao responsável que necessitava de dinheiro. Este disse-lhe que fizesse um vale. Sem mais demoras, pegou num papel e rabiscou: Lisboa 2/12/1946. Vale de 300\$00 para despesas pessoais. Assina A. Nastos Centive (Nino). E entregou-lho.

O Vital pegou naquele cheque improvisado de papel de embrulho, olhou-o, e disse em seguida:

- Não sei se terá cobertura!

- Como assim? - diz o Nino. - Se eu ganho trezentos escudos, é isso que me devem, e é isso que eu quero! Eu vou falar com o patrão e depois dou-te uma resposta.

Nunca passou pela cabeça do Nino que o padrinho o roubou. Pelo que lhe comprou e mandou para a mãe, as contas não podem pender muito para qualquer dos lados. Mas não era este método que o Nino desejava. E prometera para consigo: fosse qual o patrão que servisse... mês terminado, ordenado pago. Era isto que agora exigia. Foi só à noite que o Vital o chamou, para lhe dizer o que tinha do patrão:

- Ele diz que tem que ficar parte em depósito, podendo tu levantar apenas dois terços em cada mês.

- O quê? Eu amanhã falo com ele!

No dia seguinte e depois do almoço, ainda que na casa houvesse telefone - mas para falar mais à vontade - foi a um telefone público. Sabia que àquela hora deveria estar em casa, e foi para lá que ligou. Fez a ligação e foi mesmo o patrão que atendeu.

- Está... quem fala?

- É o Nino... seu empregado aqui das Avenidas!

- O que queres?

- Patrão! O Vital disse-me que o senhor quer que fique em depósito um terço do meu ordenado. Será que foi isso que nós contratámos? Não foi, por certo... Eu tenho cumprido, e cumprirei, enquanto for seu empregado, no melhor que sei e posso. E se me quiser ter a trabalhar para si, terá de fazer o mesmo! Na idade em que estou, quero ter o meu dinheiro para gastar. E há duas coisas que prefiro ir-me embora, a ter que fazer: é ter que meter a mão na gaveta e roubar, ou mendigar, para receber o que é meu.

Do outro lado, o homem, apenas ouviu o Nino, disse:

- Não vai haver problemas. Logo falarei com o Vital a esse respeito. Ele depois te dirá.

Perto do fechar da porta, Nino foi levar as compras a um freguês. Quando chegou, Vasíl, que ia a sair, sorriu-se para o companheiro e disse:

- O patrão e o Vital estiveram a falar a teu respeito, e isso vem-me ajudar também. Assim é que é!

É que este rapaz já tinha em depósito mais de 1.000\$00, e iria receber todo o seu dinheiro.

Poucos minutos depois, o encarregado comunicou ao Nino o que o patrão lhe transmitira: para lhe dar o total e passar ele a fazê-lo no fim de cada mês, assim como ao Vasíl.

COMPANHEIROS DA BOLA E DO KARATÉ

Foi isto que abriu a porta à grande amizade e confiança entre os dois companheiros. A partir daí, foram como dois irmãos. E logo lhe revelou para onde ia todas as noites, querendo mesmo que ele o acompanhasse. Não houve mais segredos entre ambos.

Na noite seguinte, depois de feitas as obrigações, Vasíl perguntou ao Nino se o queria acompanhar, ao que ele respondeu que sim. E lá seguiram ambos para os lados do Arco do Cego, para uma zona de vivendas, que revelavam, pela sua arquitectura e amplo terreno, terem já umas boas dezenas de anos.

Ainda sem saber o fim daquele passeio, ao chegarem ao local, o Vasíl premiu o botão da campainha. Uma longa corrente de elos, no interior da residência, ligava ao trinco duma pequena porta, que se abriu para eles entrarem.

Na ampla cave desse casarão, encontravam-se já umas dez pessoas, entre os quinze e os trinta anos. Mas mais estavam ainda chegando. Nino, que continuava a desconhecer o fim desta presença, julgando tratar-se de qualquer culto religioso, perguntou ao amigo:

- Então onde está o Padre?
- Ainda não chegou, mas não vai tardar.

Poucos minutos depois, entraram dois esguios e corpulentos homens, à volta dos cinquenta anos. Todos os presentes os cumprimentaram, menos o Nino, que ficou pregado à cadeira. Enquanto um começou a preencher a inscrição de algum novato, o outro ordenou para se irem vestir.

Pouco depois apareceram na sala de calças e casacos brancos, apertados por cintos de diferentes cores. Era uma escola de artes marciais!

Antes de iniciarem os treinos, estiveram por alguns minutos imóveis como estátuas. De cabeças baixas e de olhos fechados, como se duma oração se tratasse, repetiam o mesmo exercício ao terminarem. Tudo isto era uma novidade para o Nino.

De volta a casa, Nino queria saber porque rezavam antes e depois?

- Aquilo não é rezar... É a concentração. O golpe mais difícil e importante nas artes marciais. Quem aprende tal tem que saber controlar-se, para nunca perder as suas faculdades de auto-domínio, quaisquer que sejam as circunstâncias.

- Não entendo! - disse o Nino.

- Eu vou explicar-te. Quem conhece esta arte deve evitar desordens. Mas, se nelas forem envolvidos, não podem usar os golpes mortais, a menos que as vidas corram perigo. Apenas os defensivos.

- Já comprehendo! E quanto se paga?

- 100\$00 por mês!

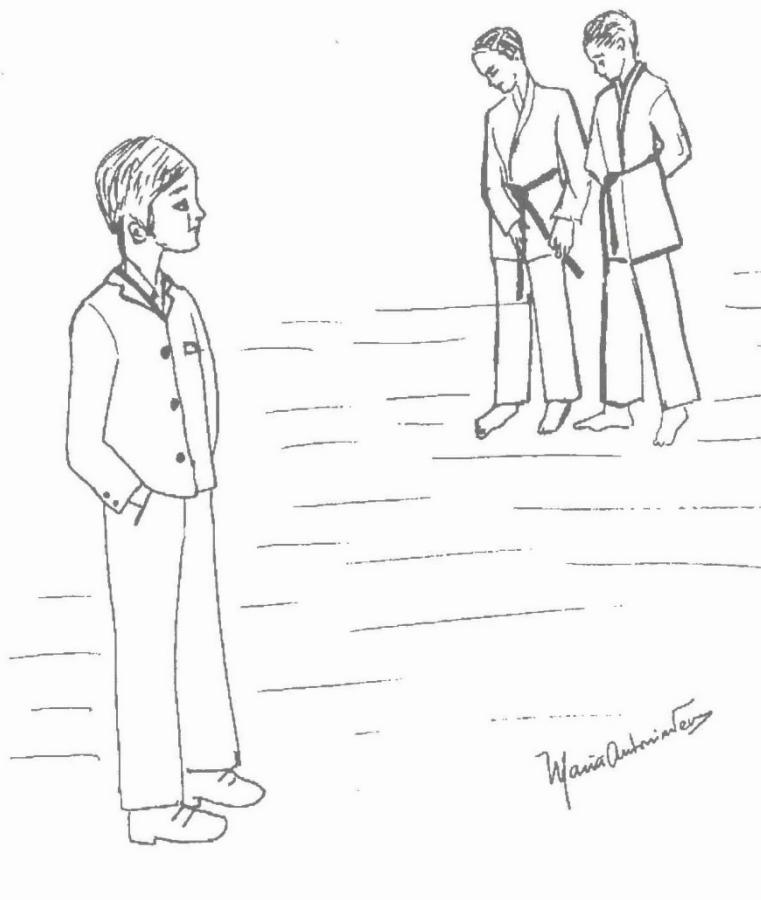
O Nino pensou nos cem escudos, e nos outros cem que mandava à mãe. Duzentos era muito dinheiro para si! Mas depois de conversar a este respeito com o Vasíl disse-lhe: - Também quero aprender.

Mas não era apenas isto que o Vasíl praticava: era também jogador de bola, na classe de infantis, dum clube da segunda divisão nacional. Iria passar aos juniores, quando completasse dezassete anos. Vasíl e Nino eram da mesma idade.

Vasíl sabia que a grande paixão do Nino era a bola. E, como reconhecia nele também alguma habilidade, um dia pediu ao seu treinador se podia trazer o seu companheiro para os treinos. Como a resposta fosse positiva, Nino passou a treinar, e em pouco tempo fazia parte da equipa, passando a ser também o seu companheiro de futebol.

Passaram-se seis meses. Ambos tinham feito dezassete anos, e eram agora a asa direita dos juniores do seu Clube. Contudo, ainda continuavam no curso de artes marciais.

A Maira tinha dado à luz a sua primogénita, convidando para padrinhos o Nino e uma irmã mais jovem, que então a servia. Como ainda não tinha visto a sobrinha, certo Domingo que foram jogar com o C.O.L., a Marvila, passaram por Santa Marta, para a visitar. Como eram horas de almoço e ainda não tinham comido, não se fizeram rogados, quando lhes fizeram o convite.



Talvez pela vontade, ou pela maneira como tudo estava confeccionado, percebeu-se haver um pequeno silêncio no agregado familiar. Os dois rapazes estavam mais interessados em saciar o apetite do que em falar. Foi Vasíl que interrompeu:

- Senhora Maira... porque não ensina estas receitas tão boas ao seu irmão?

- Só se ele não quiser!

- Seria a maneira de mudarmos a nossa ementa, das batatas e bacalhau, e do bacalhau e batatas.

- Sim? Vou passar umas receitas e logo lhas darei. Ou melhor, vou dar-lhe um livro de cozinha que tenho a mais.

Do dia seguinte em diante o encarregado Vital deixou de ser o cozinheiro dos três, ocupação que passou para o Nino. E o prato trivial poucas vezes mais se repetiu. O cheiro aromático da comida começava a fazer tremer os beiços aos fregueses que ali se aviam.

O Vital não era apenas um bom encarregado, mas também um bom companheiro. Tudo quanto fosse para comer, não punha objecções. Facilitava os colegas em tudo o que era possível. Conseguiu-lhes até dois aumentos. A pontualidade em dar o dinheiro também não falhava. Mesmo que se partisse qualquer coisa, nada era descontado. Era como uma família de três. Todos se sentiam felizes.

A Mila continuava a levar e trazer a roupa. Tinha agora dezasseis anos e, como é de prever, estava uma mocetona bonita e jeitosa. O Vasíl já há muito andava a castigá-la com olhares cobiçosos e ela correspondia por igual.

Numa certa ocasião, ela veio ali, à hora do almoço, trazer a roupa. Como a porta estava fechada, o Vasíl acompanhou-a ao carro e pediu-lhe namoro. Ela aceitou.

Algumas semanas depois, quando ali voltou, Nino perguntou-lhe:

- De que terra és tu, Mila? Pelo teu sotaque pareces ser da minha região!

- Eu sou do concelho de Góis! Conhece?

- Por acaso conheço! Mas é mesmo da Vila?

- Não! Sou cá mais da serra, da freguesia de (...). Você também é de lá?

- Sou de perto... de Ojafa!

- Oh, conheço bem. Até lá tenho família.

O Nino aproveitou para falar daquelas aldeias e das misérias e dificuldades ali existentes. Só então soube que ela era também órfã de pai, a mais velha de seis irmãos, vindo para Lisboa com treze, para os ajudar a criar.

O Nino, de olhos fixos na Mila, encontrou-lhe alguns traços que lhe fizeram lembrar a sua amada Lália, e aproveitou para lhe dizer:

- Mila... não te fies no Vasíl, nem em qualquer outro homem que venhas a arranjar. Como és uma jovem atraente, serás muito cobiçada. Não deixes que nenhum te amordace. Tem cuidado, não te esqueças!

Estes dois jovens, sem ainda conhecerem o mundo da exploração, viviam felizes e pensavam ter patrão até irem para a tropa. Mas tal não aconteceu. Havia meses que um cunhado do encarregado tinha regressado a Portugal, para ficar, vindo do então Congo Belga. Montou uma espécie de Supermercado, e convidou o Vital para seu sócio gerente. Desta maneira, o bom ambiente na mercearia das Avenidas teve o seu fim.

VASÍL E NINO MUDAM DE PATRÃO

O novo substituto do Vital, além de ser gerente, era também patrão, a quem deram sociedade. Com a malícia de quase todos os patrões, este também abusava em ambição e egoísmo. Não mais permitiu os cozinados do Nino, alegando ser demasiado fino para gente pobre. Voltou tudo ao antigo, quer no odor, quer no sabor das batatas e bacalhau. Mas agora sempre à miséria, por conta e medida.

Como a comida não era o suficiente para saciar o apetite dos jovens, estes, sempre que o estômago lhes tocava a campainha, faziam sanduíches e comiam mesmo à frente do patrão. Este ficava furioso e a falar sozinho. Pela noite arranjava sempre novos trabalhos e ensinamentos como mais se podia roubar o freguês, fechando-lhes as portas às suas privacidades.

Um dia, após o jantar, Nino levantou-se com alguma indignação e ar de fúria. E, enquanto o patrão e o Vasíl acabavam de comer, foi buscar algum pão e atum, e pô-los sobre a mesa.

O patrão reagiu de imediato:

- Mas o que é isto?

- É para comermos! Trabalhar e passar fome, bastou em criança. Se não me quiser assim, mande-me embora!

- Pois está mesmo despedido! A partir do fim do mês, não o quero mais!

Os dois amigos já tinham concluído o curso de artes marciais e apenas se dedicavam à bola. Por isso, estarem aqui, ou noutra lado, pouco os afectava. O Vasíl, mesmo sem ser despedido começou também à procura de outro lugar.

No dia seguinte ao desentendimento, Nino comprou o Diário de Notícias, para ver os anúncios dos trabalhos. Numa das colunas, lia-se a seguinte oferta:

"Precisa-se de meio caixeiro, bem apresentado e com bastante prática de balcão. Contactar pelo telefone número (...) das dez às onze da noite."

Naquele mesmo dia contactou o ofertante, tal como as indicações, ficando assente, de o Nino se encontrar com esse desconhecido, no dia seguinte entre as nove e as dez da noite.

Em vista de tal compromisso, depois da porta fechada, apressaram as suas obrigações, para estarem livres às nove horas. Ambos saíram. O Vasíl apanhou o eléctrico do Carmo, para ir visitar uns familiares a Campolide, e o Nino o dos Restauradores, saindo no Marquês. Daqui seguiu o resto do percurso a pé, até junto do Rato, ao número onde era esperado.

Depois de uma longa lista de perguntas e respostas, de direitos e deveres, de ordenados e condições de trabalho, pagamentos, etc. houve uma concordância entre o empregado e empregador. Ficou assente começar no primeiro dia do mês seguinte.

O Nino voltou a casa a pensar naquele novo patrão, não tendo gostado da sua pinta, e ainda menos do outro meio caixeiro. Pareceu-lhe agreste e cínico, e não se costumava enganar; mas isso era para depois. Conforme fosse a melodia, assim seria a folia. O que mais o preocupava, agora, era o Vasíl.

Quando chegou a casa, o Vasíl ainda não tinha chegado. Esperou por ele, para lhe contar o sucedido. Enquanto não vinha, tirou debaixo do colchão um livro que só lia às escondidas, por lhe dizerem ser proibido.

Com tanto entusiasmo estava na leitura, que o Vasíl entrou sem que desse por isso. Este advertiu-o de novo:

- Se não paras de ler esses livros, um dia destes vais preso. Eu bem te aviso... mas tu não me ouves!

- Deixa lá isso, agora. Vamos ao que importa. Eu sempre vou ficar na casa, e começo já no primeiro do mês.

O companheiro, jubiloso com a notícia, disse-lhe:

- Dá cá a tua mão! Eu acabo também de arranjar trabalho em Campolide, num indivíduo da minha terra. A minha felicidade não era completa, por não saber se ficavas. No primeiro do mês vamos os dois.

O fim do mês chegou, e o patrão teve de fazer contas com os rapazes. A fim de se ocultar de um dos novos empregados que já ali se encontrava, chamou-os ao seu pequeno escritório. Deu a

cada um deles um envelope fechado, acompanhado dum papel com alguns dizeres para assinarem.

Antes de ler o que estava escrito, o Nino abriu o envelope e contou o dinheiro. Não estava certo! Sem deixar que o Vasíl assinasse, disse-lhe:

- Confere o teu dinheiro!
- Oh! Faltam-me 40\$00!
- É o que me falta, também.
- Porque é este desconto?
- É pelas sanduíches que vocês comeram sem necessidade.
- Sem quê? - diz o Nino. - Por favor, dê-nos o que falta, para evitar coisas desagradáveis. Por sermos seus empregados, não quer dizer que sejamos seus escravos. Nem tão pouco que, por sermos ordeiros e pacíficos, tenhamos de ser cobardes e deixarmos roubar. Se pensa que somos dois rapazecos indefesos, prontos a aceitar, não o que é nosso, mas o que lhe querem dar, não tente!

O homem caiu em si e deu-lhes o que faltava.

Nessa loja das Avenidas
Tudo corria no seu normal
Não havia causas punidas
Assim como duas medidas
Entre o Vasíl, Nino e Vital

Os pagamentos eram pontuais
Em todos os meses que passavam
Sem necessidade de fazer os tais
Esses vales sempre usuais
Que os patrões muito gostavam.

O Nino, o bom cozinheiro
Na arte uma revelação
Até se lambiam com o cheiro
E sem se gastar muito dinheiro
Variava-se a refeição.

Pensavam ali ter patrão
Até à ida para militar
Como não há sim sem senão
Veio a malvada desilusão
Não mais lá quiseram estar.

Mas tudo o vento levou
O imprevisto lhes apareceu
A felicidade deles acabou
Quando o Vital os deixou
E algures se estabeleceu.

O seu novo substituto
Faltava-lhe formação moral
Era ambicioso e bruto
E por dinheiro era maluco
Voltou-se ao velho bacalhau.

Nessa manhã, na mercearia do Rato, entraram duas caras novas: o Nino, para meio Caixeiro, e um moço de quinze anos, para Marçano. Com o outro que já lá trabalhava, mais o patrão, completavam o elenco do estabelecimento.

Nos primeiros dias, depois de fechar a porta, havia os ensaios, como melhor e mais se podia roubar o freguês. No tempo, nada era empacotado. Tudo era pesado e medido, e o bom empregado não era o que mais trabalhava e cumpria mas, antes, o que mais roubava ao cliente, sem discriminar ninguém, nem mesmo o que só podia comprar os dez tostões de café e o decilitro de azeite.

Tudo foi correndo dentro da normalidade e, quanto mais avançava no tempo, mais se identificava a si próprio, a ignorância neste ramo. Mesmo com os quase três anos de comércio, era apenas um calouro, nestas medidas e balanças fraudulentas, operadas por mãos sem escrúpulos nem consciênciia. Com o fim das tais riquezas fáceis, com a miséria daqueles que iam fazendo mais um furo no cinto.

O Nino conhecia estes pecados sociais, pelos livros proscritos, que ia conseguindo aqui e além. Roubar não era a sua ideologia, e muito menos àqueles para quem todos os tostões tinham valor no seu pão do dia-a-dia.

Chegou-se o fim do primeiro mês. O patrão já se tinha esquecido do seu principal dever: pagar a quem trabalhava. Nino teve que lho pedir. Aos outros, como nada reclamavam, ficava no cofre.

O marçano, a quem chamavam de Tó, veio para este patrão por intermédio duma irmã, criada duns ricaços ingleses, fregueses da loja. Moravam a dois passos dali, em S. Mamede. Quando iam para a Inglaterra, usavam levá-la.

Num certo dia, o Nino e o Tó foram levar as compras a um cliente. Na volta encontraram-se com a Irmã, e conversaram por alguns minutos. A jovem criada agradeceu ao Nino por ser amigo do irmão, e estar sempre em sua defesa.

Foi no meio desta palestra que vieram a saber serem do mesmo concelho: Pampilhosa da Serra. Nunca antes se lembrara de perguntar ao Tó de onde era, nem este ao Nino.

Mirra, o meio caixeiro, e mais antigo, não encarava com o Nino, nem o Nino com ele, por ser um engraxador e mau colega. Já ambos se tinham pegado várias vezes de conversa, por abusar do Tó. Agora, que sabia que era seu conterrâneo, mais ainda o tentava proteger.

Houve uma altura em que o patrão teve de ir à sua aldeia, algures, em qualquer parte do Minho. E deixou a responsabilidade ao mais antigo. Este, respeitava o Nino, mesmo sendo um ano mais velho e mais antigo na casa. O mesmo não acontecia com o jovem marçano, três anos mais novo.

Numa ocasião, Nino estava a aviar um cliente, mas atento ao que se passava entre o caixeiro e o marçano. Este dizia que o carregamento era pesado de mais para as suas forças, e ainda a distância, pois era junto a S. Sebastião da Pedreira. O outro respondeu que já os tinha levado mais pesados e ainda não tinha morrido, e que ele não sabia o que era alombar.

A teima concluiu-se, por "manda quem pode e obedece quem deve", pondo sobre as costas do rapaz a pesada carga. As pernas do moço vergaram e abriram-se, como cambas, ouvindo-se um murmurio em voz de humildade:

- Maldita a hora em que nasci!

O Nino, ao ver um escravo a crucificar outro escravo, ficou fora de si. Deu um salto sobre o balcão, numa agilidade de atleta, tirou o cesto das costas do marçano, e pô-lo nos ombros do caixeiro, ao mesmo tempo que vomitava uma frase cheia de ira:

- Quem julgas tu que é este rapaz? O Cavalo do teu pai... ou a Mula da tua mãe?

Com alguma rapidez, o Mirra pôs o cesto no chão e tirou de lá uma garrafa, que atirou em direcção à cabeça do Nino. Este apanhou-lhe o pulso no ar e, num dos seus golpes de defesa, a garrafa caiu-lhe aos pés, e o braço do outro ficou inanimado. O Mirra bem queria levantá-lo, mas não o podia.

De olhos fixos no companheiro de trabalho, Nino advertiu-o:

- Não voltes a fazer o que tentaste, porque posso não ter a mesma calma, nem a mesma compaixão. Lembra-te disto!

Agora, o Mirra queria movimentar o seu membro superior, mas não tinha acção nele. Nino quis que passasse algum tempo, antes de o trazer à sua normalidade, para lhe dar uma lição. Se não se soubesse defender, como ficaria ele, com uma garrafa cheia de azeite pela cabeça?

Foi já junto à noite que o Nino disse ao colega:

- Deixa ver o braço, para to pôr no lugar.

Depois de lhe dar o golpe de misericórdia, como se usava chamar, tudo ficou como de antes.

Pela noite, quando já os três estavam no quarto, preparados para a deita, o Mirra veio junto do Nino e pediu-lhe desculpa pelo acontecido. Este, sem qualquer reserva, estendeu a mão ao companheiro, pedindo também desculpa por aquilo que lhe dissera. E foi mais além:

- É contra os meus princípios ofender alguém, e tal estupidez saiu-me da boca, contra a força da minha vontade, mas expelida pela força do ódio à injustiça. Todos nós, duma maneira ou de outra, somos vítimas, não apenas do sistema que nos rodeia, mas

também da nossa própria ignorância.

Somos nós que temos que nos ajudar e defender mutuamente, porque navegamos no mesmo barco, no mar dos explorados e indefesos, remando contra os vagalhões do egoísmo e da ganância.

- Não sou contra os patrões, disse Nino. São eles que nos dão o pão a ganhar, e é um dever contribuirmos com o nosso melhor, sem necessidade de sermos injustos uns para com os outros. Eles nunca agradecem os nossos zelos excessivos. Quantos são os que cumprem perante os seus empregados, pagando o salário devido, ao fim de cada mês? Quantas vezes comemos os restos que eles deixam, sem saciarmos o que os nossos estômagos pedem? Como é que eles nos olham, quando fazemos umas sandes? Pensem nisto, e lutemos juntos!

Com esta lição, o Mirra mudou totalmente a sua maneira de ser e proceder. Deixou de ser um espião dos colegas, para ser um bom camarada, em quem se podia confiar. Quando fazia as encomendas para o Tó levar, ele próprio lhe dizia para não levar além das suas forças. Nino começou a fazer as suas leituras, sem se ocultar dos colegas.

O Vasíl e o Nino apenas se viam no dia do treino e aos domingos, nos jogos. Mas nem por isso a amizade entre ambos diminuía ou refreava. Qualquer novidade ou problema que um tivesse, de imediato o outro tinha de saber, para uma opinião. Foi o que aconteceu nesse dia, em que foram jogar contra o Operário da Graça.

O entendimento entre o Nino e o Vasíl fazia com que fossem uma das melhores asas direitas dos Juniores da Associação Futebol de Lisboa, nesses dois anos que jogaram na categoria. Mas não foi nessa manhã.

Ganharam um a zero, golo de Nino. Mas nunca se viu tanto desentendimento entre ambos, nem antes, nem depois. Se fosse nos dias de hoje era substituído. Mas, naquele tempo, não havia substituições. Os onze que começavam eram os onze que acabavam. Se algum se alejava, ficavam com um a menos. O número nas camisolas ia de 1 a 11. Era o número que identificava o lugar de cada um.

O Vasíl não estava em campo essa manhã. No final do jogo, o treinador perguntou-lhe o que se passava?

- Hoje não estou nos meus dias - disse-lhe o rapaz. - No Domingo espero fazer melhor.

Foi no caminho que ele desabafou com o amigo, contando-lhe a razão do seu descontrolo. Os patrões da Mila tinham saído por uma semana, ficando ela e a outra criada. Mas como esta foi passar a noite de sábado a casa de familiares, a Mila ficou só. O Nino tremeu, apercebendo-se do que acontecera.

- Marcámos o encontro e, no fim, levei-a a casa e entrei. Como estávamos sós, e já há muito que andava a querer convencê-la, não quis deixar perder aquela oportunidade.

- Então queres dizer que...

- Sim... Foi mesmo na cama dela.

- Ela nunca tinha?

- Não! Foi a primeira vez!

- Como é que ela caiu assim, tão facilmente?

- Dizes fácil? Não foi fácil assim! Ela não me queria deixar entrar em casa. Mas com receio de que os vizinhos ouvissem, acabou por ceder. Lá dentro fiz-lhe mil e uma promessas, todas batendo no casamento. Ela não queria que falasse alto, para não despertar a atenção dos vizinhos. Eu vi nisso uma arma para conseguir os meus intentos. Ela chorava e dizia que eu a iria abandonar, para depois ser uma desgraçada. Ao mesmo tempo que, quase à força, lhe fui tirando a roupa, peça por peça, até chegar à mais desejada. A partir desse ponto, continuou a chorar, mas não pôde resistir mais!

- O que pensas fazer dela agora? - perguntou o Nino.

- É isso que me preocupa! Como sabes, tenho a da terra. Se a Mila sabe disso, mata-se! Eu sei do que ela é capaz!

- Qual é a que pretendes para casar? Se é que pretendes alguma...

- A da aldeia...

Nino, talvez devido a um atavismo que lhe vinha dos seus antepassados, não podendo ver injustiças, parou por uns instantes, para reflectir, e disse ao amigo:

- Eu julgava-te mais crescido e mais homem... Finalmente,

ainda não te conheço! Se tinhas tal intenção, porque foste fazer uma loucura dessas? Tu bem sabes que, nos dias em que vivemos, uma rapariga, seja qual for a sua idade, sempre que tenha pretensões ao casamento, a pureza é o seu maior tesouro. Moça desonrada... é moça desgraçada!

Quando desfloradas e abandonadas, poucas são as que aceitam essa falsidade como coisa normal. Quase todas ficam diminuídas, frustradas e vencidas de desespero. Umas encontram como saída o suicídio. Outras, são os viveiros das casas de prostituição. Mesmo as que casam em tais condições, na sua maioria, são olhadas pelos maridos como prostitutas de segundo grau. Tal falta é a sombra negra de tanta mulher honesta e digna, a quem as feras humanas privaram da sua felicidade. Tenho duas irmãs mais novas a servir, como sabes, que contacto a cada semana, para estar sobre os acontecimentos. Como jeitosas e bonitas que são, temo que sejam enfeitiçadas pelos olhares dos predadores da humanidade. Desejo que nunca tal aconteça com elas. Mas, se houver tal fatalidade, o autor da façanha, se não pagar... morre! Ou não fosse eu um Nastos Centive. E o que farias tu Vasíl, se tal fizessem a uma das tuas? Pensa nisso...

Os dias faziam semanas, e os meses iam passando. Os amigos continuavam a encontrar-se, às sextas e domingos. Na mercearia, tudo corria normalmente entre os companheiros. O Mirra era agora um rapaz franco e liberal, sincero e amigo do amigo. Pediu namoro à Tina, irmã do Tó, uma linda rapariga, com quem mais tarde veio a casar.

Todos os domingos de folga acompanhavam o Nino e o Vasíl, onde quer que jogassem. A Tina costumava levar consigo uma colega, que gostava muito do Nino. Mas ele continuava com o sentido na Lália, a quem em breve iria pedir namoro.

O NINO DE NOVO EM LEITEIRO

Numa ocasião, o Vasíl falou ao Nino duma venda de leite que ia ser vendida. Era feita por um rapaz da sua terra, mas, porque houvesse desacordo entre patrão e empregado, este saiu e levou-lhe metade dos clientes.

Como os fregueses que restavam eram insuficientes para ter um distribuidor a tempo inteiro, o patrão resolveu vender o resto.

Nesse mesmo dia, o Nino foi falar com o senhor, a fim de saber quantos litros eram, e quanto ele queria por essa pequena venda. Tinha que fazer as contas, para ver se dava para viver. Se não desse para cobrir as despesas, não merecia aventurar-se.

Segundo o dono, entre a manhã e a tarde, eram cerca de quarenta litros. O preço era de cem escudos por litro, o que daria quatro mil escudos. Mas em virtude da venda ser pequena, fazia pelos três mil. E se algum freguês desejasse ter o leiteiro ao domicílio, entregá-lo-ia.

O patrão fez-lhe a seguinte proposta:

- Ficas como empregado durante um mês. Pago-te o mesmo que estás a ganhar na mercearia. No fim desse tempo, se te convier, compras; se não, recebes o combinado, e cada um fica com o que tem. Nino aceitou.

Naquela noite disse aos colegas que os ia deixar, e contou-lhes o motivo. Ambos ficaram contristados em o perder, mas a vida não parava.

No dia seguinte, e quando encontrou o patrão a jeito, contou-lhe o seu plano, e a sua intenção de sair, se possível no fim do mês.

Sem mesmo deixar chegar a conversa ao fim, virou as costas e ouviu-se-lhe, por entre dentes, já à distância:

- É sempre a mesma (...). Agora vai este, e qualquer dia é o outro, para a tropa. Já estou cansado de ver caras novas. Vou é passar isto a patacos.

No fim do mês entrou um novo empregado, que procurava a sua primeira aventura.

Nino, que estava acostumado a distribuir leite, sabia bem como fazer este serviço. O patrão apenas foi dois dias com ele, para lhe ensinar onde eram os fregueses, e o apresentar a eles.

O novo distribuidor fez uma lista com a morada e quantidade de cada freguês. Ao terceiro dia, já não foi preciso ajuda de ninguém. Estava dentro do esquema daquele trabalho.

No fim do tempo estabelecido para pegar ou largar, o Nino aceitou! Como o contrato era de pagar 50% no acto da entrega e os outros 50% no fim de quatro meses, pegou em mil e cem escudos, a juntar aos quatrocentos que lhe devia dar, o que fazia os mil e quinhentos, e ficou desde logo a trabalhar por sua conta.

Uma vez assim, tinha que arranjar um lugar para viver, de preferência num rés-do-chão, com um saguão para lavar o vasilhame.

Foi-lhe indicada a casa duma senhora, viúva dum sargento da marinha, que vivia só, junto ao Jardim das Amoreiras, a uns quinhentos metros da mercearia onde trabalhara. E, como uma parte da venda era naquela área, até lhe convinha.

Foi ter com a senhora, dizendo o que queria, e da parte de quem vinha. Esta, como tinha a casa livre, e as condições serviam a ambos, aceitou. Nino pagou adiantado a renda que lhe pediu, que achou bastante razoável. E, quanto à casa, ficou arrumado.

No domingo a seguir, depois do jogo que teve lugar no campo das Salésias, com os Juniores do Belenenses e, por iniciativa do Vasíl, foram almoçar a um restaurante em Campolide, onde estaria também o seu conterrâneo, o tal ex-distribuidor.

Este rapaz era também beirão do lugar de (...) do concelho de Proença-a-Nova. Nino já o conhecia, mas apenas de vista. Tinha trato fino, com personalidade bem esclarecida, que a escola do cabaz preparou para a vida. Era outro que não gostava de ver injustiças, opondo-se à exploração, à maldade e ao oportunismo.

Foi o Vasíl quem abriu o jogo:

- Néca! Como vais para a tropa já em poucos meses, podias fazer com que parte da freguesia que levaste ao teu antigo patrão viesse para o meu amigo. Não lhe roubas nada, porque para ele também foi de graça. E o Nino melhorava a sua situação!

- Já tinha pensado nisso, e até vontade de o fazer, visto que o meu patrão nunca agradeceu o que eu fiz. São todos iguais. Mas como o não conhecia... Agora sim! Não vou fazer para que venha parte, mas sim todos.

O Nino manteve-se calado, ouvindo apenas o que ambos falavam. Em determinada altura apresentou-se ao Néca:

- Néca! Ficar-lhe-ei muito grato, se conseguir isso para mim. Mas só aceitarei com uma condição: não a de lhe comprar esses fregueses, mas de receber de mim o que lhe pretendo dar.

- Mesmo que apenas consiga dez litros, dou-lhe 500\$00. Está bem?

- Está, sim! Mas vou fazer tudo para que seja a totalidade. E esse dinheiro só mo dará depois de ter os clientes na mão!

Esta clientela que veio com o Néca, apenas ele a conhecia. Uma semana antes de sair, levou o Nino consigo, apresentando-o como o seu substituto.

A partir daqui a venda dobrou em freguesia e rendimento, com estabilidade para poder modificar de vida em qualquer ocasião, sem receio de problemas financeiros.

No fim dos quatro meses, Nino pagou o que ainda devia, sem a necessidade de pedir nada a ninguém e, já com alguma reserva, foi pagar ao patrão. Quanto ao dinheiro do Néca, mandou um vale de correio para a sua terra, onde lhe foi entregue. Só que em vez de 500\$00, mandou mil. O Nino gostava de ser justo, para quem o fosse consigo.

A guerra já tinha acabado
Mas as bichas por todo o lado
Essas é que ainda não
Tudo isso veio encontrar
E até nelas a alinhar
Desde o peixe ao carvão
Porque havia muita escassez
Faltas que viveu muita vez.

Ia ao leite p'la madrugada
E quando a casa chegava
Já tinha alguma freguesia
O trabalho não era pesado
Mas chegava à noite cansado
Eram muitas horas por dia.
Aos oito meses ele se mudou
E nunca soube quanto ganhou.

Foi para uma mercearia
Mesmo que a tal leitaria
Deixasse alguma saudade
Teve um encarregado gentil
Tal como o colega Vasíl
Por quem teve grande amizade
Ligada a laços fraternais
Que nem irmãos, amigos leais.

Só os seis dias se trabalhava
Aos Domingos estava fechada
Era o seu dia de folga.
Pela noite, depois do jantar
As marciais tinham lugar
E aos domingos era a bola
O que ali havia de mau
Eram as batatas e bacalhau.

O Nino, foi um dia visitar,
A Maira, que lhe quis ensinar
Alguma arte culinária
Que escreveu no seu roteiro
E passou a ser o cozinheiro
E logo mudou a diária
Para si, Vasíl e p'ró Vital
Nunca antes se comera igual.

O vento por fim tudo levou
E o bem que tinham acabou
Por terem perdido o mestre
O que veio para o seu lugar
Tudo e a todos quis mudar
Era uma verdadeira peste
Como era um sovina e mau
Voltaram às batatas e bacalhau.

Vasíl disse ao Nino certa vez
Aquilo que com a mocinha fez
Sôfrego de prazer sem paixão
Deixando-o triste e doente
Em defesa da pobre inocente
Teve uma forte reacção:
Se tens em ti algum critério...
Pensa nisso bem a sério!

Se era verdade que estava a ganhar dinheiro, não era menos verdade o muito trabalho para si só. Era a altura ideal para escrever à sua amada e pedi-la em casamento. O dinheiro e o trabalho chegava para os dois, sem necessidade de serem empregados de ninguém.

Havia ainda a vida militar, mas isso não era problema. A Lália ficava na venda, e ele requeria a tropa para Lisboa. Por isso ia-lhe escrever. E era já.

Lisboa, 10 de Março de 1949

Cara Lália,

Com as maiores saudações, junto de algum nervosismo e ansiedade, como é natural nestes casos, venho de novo ao teu encontro.

Não será para ti uma surpresa receberes uma carta minha, com o fim a que a mesma se destina, pois bem sabes que te amo. Talvez seja o primeiro homem na tua vida a fazer-te tal declaração.

Naquela noite cinzenta, com as nuvens a esconderam a Lua e as Estrelas, tais não puderam ser testemunhas da minha sinceridade. Sei que ouviste, mas nada disseste em troca. Éramos apenas crianças.

Hoje, já adultos, aqui estou de novo, a confirmar essa verdade viva e pura, e dizer uma vez mais que te amo, e desejava ter-te por minha esposa.

Agradeço que me dês essa resposta ainda em aberto, e que seja com um sim. Se é que vês em mim o homem da tua vida.

Com saudações, deste, que te ama:

A. Nastos Centive (Nino)

O Nino leu a carta, para ver se tudo estava como desejava, fechou-a no envelope e meteu-a no correio.

A Dona Lesia, onde o Nino morava, era quem lhe fazia a comida e lhe tratava da roupa, mediante uma importância por mês. Tanto o rendeiro como a arrendatária se sentiam confortáveis, num ambiente familiar.

Ma mercearia do Rato, houve também várias mudanças. O velho dono trespassou o estabelecimento a um certo indivíduo, a quem a sofreguidão pelo dinheiro desvia o sentido de consciência e humanismo, para praticar a ambição da crueldade.

O Mirra saíra, para cumprir o serviço militar. Dos antigos empregados, apenas o Tó ali se mantinha, como marçano, vindo depois a ser despedido, de maneira cobarde e selvática, negando-lhe mesmo o que era justo, sem qualquer humanismo.

O caso passou-se assim: o melhor freguês da casa residia junto à Alameda do Campo Grande. A lista das compras era feita pelo telefone e, a cada dois dias, lá ia o marçano, carregado que nem um jumento, levar as compras pedidas. No regresso, se lhe

davam gorjeta, e o condutor do carro eléctrico o deixava arrumar o cabaz a um canto, vinha de transporte. De contrário era a pé, ou à pendura. Foi o que fez o Tó, dessa vez.

A boa senhora, além das compras, pediu o envio da conta, para mandar o dinheiro pelo rapaz, como sempre fazia. Mas, desta vez, não houve gratificação, por falta de trocos, ficando a promessa de não se esquecer, na próxima.

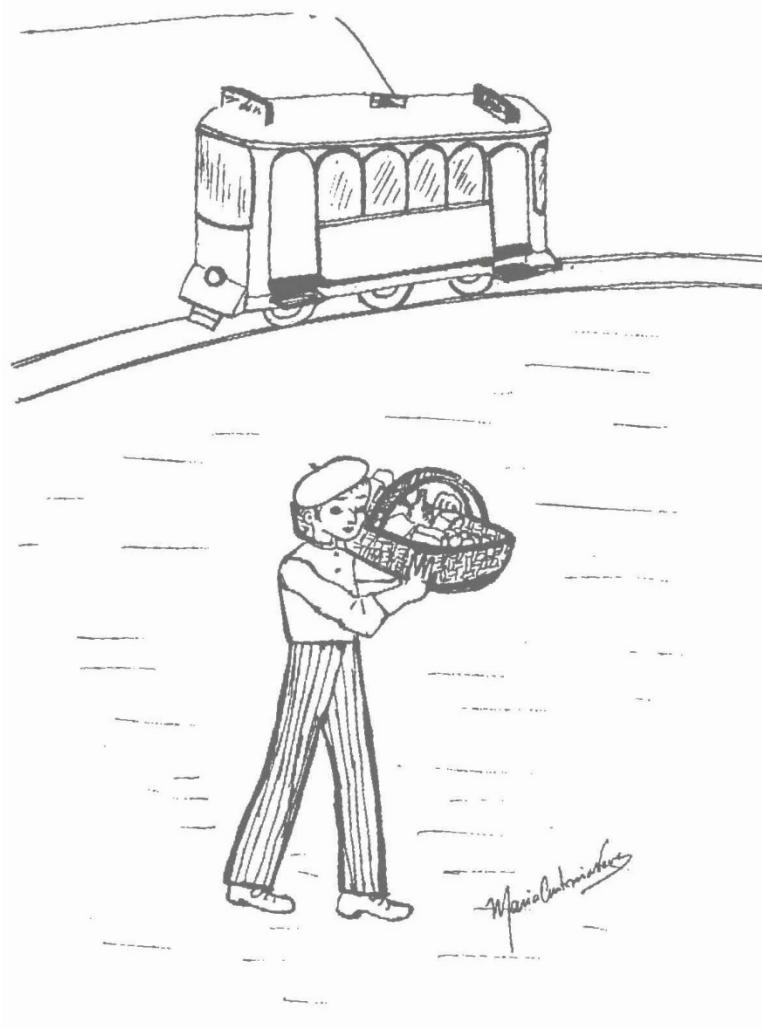
Sem dinheiro para o transporte, o Tó como já muitas vezes fizera, optou pela pendura. Só que desta vez aconteceu um imprevisto. Agarrado ao salva-vidas da retaguarda do eléctrico, saltando duns para os outros, lá ia encurtando o caminho, com os condutores, uns que não o viam e outros que ignoravam a sua presença. Na Avenida da República, antes do Saldanha, o malvado do cobrador, que já o vinha a observar, tirou um punhado de areia reservada aos travões do eléctrico e esperou que o carro tomasse velocidade, para lhe mandar com ela aos olhos, quando o moço menos esperava.

O rapaz caiu, perdeu os sentidos e também o cesto. Os sentidos, veio a recuperá-los quatro horas mais tarde, depois dum cirurgia no hospital. Quanto ao cabaz - a sombra negra dos marçanços - deve ter terminado a sua existência. Soube-se mais tarde que ficou todo amassado, quando o rapaz caiu sobre ele. E custou-lhe mais que a estadia no hospital.

Sem escrúpulos nem consciênciia, e como os patrões tudo podiam fazer aos desprotegidos e indefesos empregados, descontou-lhe cem escudos, quando o valor real seria entre vinte a trinta no máximo.

O patrão foi informado do acidente através da polícia, horas mais tarde. Exausto, não por pena do empregado, por quem nada sentia, mas receando perder o dinheiro que ele recebera do freguês, saiu, desvairado a caminho do Hospital.

Identificou-se como patrão, exigindo falar com ele. Tal não lhe foi permitido, por estar ainda na sala de operações. Como não conseguiu isso, quis saber aonde estavam os seus pertences, a fim de obter o seu dinheiro. Mas o seu desejo foi-lhe negado. De volta a casa, ia cego e sedento de se vingar da fatalidade do infeliz.



A meio da manhã, no dia seguinte, após o acidente, o patrão voltou ao Hospital, dizendo querer ver o empregado. Como não era família, e ainda estava nos cuidados intensivos, foi-lhe recusada a visita. Como o semítico patrão revelara uma enorme excitação em ver o rapaz, a pessoa responsável disse:

- Desculpe, mas não pode! Mas não se preocupe que ele está a recuperar bem.

- Recuperar bem ou mal, tanto me faz. Isso é problema dele. O que pretendo saber é onde está o dinheiro que recebeu do meu freguês?

- Os pertences do seu empregado só a ele serão entregues, quando os pedir, e assinar pela sua devolução.

Se tal tivesse sido contado ao doente, antes do contacto com o patrão, as contas teriam sido feitas justas e correctas. Mas assim...

Uma semana depois, já nos cuidados normais, à hora da visita, ali apareceu de novo. No meio de uma amabilidade que não era sua, perguntou-lhe como ia, quando julgava sair, etc. Para em seguida lhe pedir para irem ao depósito assinar pelo dinheiro. Sem qualquer hesitação, o doente fez-lhe a vontade.

Quando já tinha o dinheiro no bolso, deixou cair a máscara do fingimento e perguntou ao rapaz:

- E o cabaz?

- Não sei! - respondeu o jovem. Eu perdi os sentidos, e só acordei depois da operação...

- Não devias era ter acordado mais! Pois ficas sabendo que, a partir do dia do acidente, estás despedido.

O patrão, se bem o disse, melhor o fez! Três semanas depois, quando teve alta do hospital, para entrar no estado de convalescença, dirigiu-se ao patrão, certamente sem vontade. Mas a quem se deveria ele chegar? A única pessoa que tinha de família era a irmã, criada de servir, e mesmo essa estava em Londres!

Quando o viu, sem lhe dizer uma palavra, o monstro humano foi lá dentro e trouxe um envelope e a mala dos seus pertences, dizendo:

- Aqui tem o que é seu. As contas e o dinheiro estão dentro do subscrito. Sem mais dizer, virou-lhe as costas.

Este esganado operava aquele estabelecimento havia apenas três meses. Ainda não tinha feito contas com ninguém. Os vales eram a desculpa da maioria destes comerciantes mal intencionados. Nunca havia contratos escritos para se poderem queixar. Eram as tácticas destes arquitectos da exploração.

Além do crime de roubo, era o crime da crueldade em pôr um empregado na rua em tais condições, sem poder trabalhar, e sem dinheiro, nem abrigo. O jovem sentiu o coração despedaçar-se-lhe de revolta e de ódio, contra aqueles que tiram o magro pão de quem os serve.

Com palavras que só existem no vocabulário da razão, acompanhadas pelo aprumo da dignidade, devolveu-lhe o envelope, dizendo:

- Hoje sou um jovem! Amanhã serei um homem. É nesse amanhã que virei fazer contas consigo. Não se esqueça!

De braço ao peito, pegou na malita e na muleta na mesma mão, saiu da loja e fechou a conversa, com esta mensagem:

- Não peça perdão a padres nem a santos, porque isso o senhor não vai ter!

Dito isso, enfiou pela rua fora, sem saber o destino a tomar. Quase ao acaso, encontrou-se no jardim das Amoreiras. Sentou-se num banco, junto duma cascata de água, que corria cantante, mas não dava pelo som da corrente. O seu consciente não estava consigo.

Encostou a cabeça contra as costas do banco e fechou os olhos cansados de fadiga e de dor. As pessoas iam passando junto dele, mas não o viam. O sino da igreja do Rato batia a segunda hora da tarde. Também o estômago já lhe tinha anunciado essa hora. Ainda nada tinha comido nesse dia.

Já não tinha muito tempo para resolver a sua situação, pois tinha que arranjar albergue para a noite. Se ainda lá tivesse a irmã... Mas até isso estava contra si. Continuou a dar voltas ao miolo e, por fim, pensou em ir à polícia, que ficava a pouco mais de cem metros, para pedir protecção. Ou então à Igreja, que ficava mesmo ao lado.

Os transeuntes iam passando, mas ele, como se sentisse vergonha de si próprio, mantinha os olhos fechados, sem curiosidade de saber quem passava. Voltou a ouvir passos à distância, que vinham em sua direcção. Mas, quando chegaram junto a si, pararam. Tó levantou a cabeça e abriu os olhos, para ver quem era. Ambos se olharam extasiados por alguns segundos, para, em seguida, se abraçarem com forte fraternidade.

Era o Nino. O Tó contou-lhe a história do seu acidente, e do que o patrão lhe fizera, quer nas contas, quer do despedimento. O leiteiro mudou de cor, com as veias a saírem-lhe do pescoço, o sinal dos seus nervos contras as injustiças.

- Esse ladrão merecia ser morto! Eu vou ajustar contas com esse filho da (p...)

- Não! Quem vai ajustar essas contas com ele, sou eu, e mais ninguém! Mas será no tempo certo...

O Nino pegou na mala do colega e convidou-o para ir consigo. Levou-o para casa, falou com a Senhora Lesia, e ali esteve por três meses, até estar restabelecido e poder voltar ao trabalho. Foi-lhe dado todo o carinho e toda a assistência necessária, sem que nada tivesse que pagar. O Tó jamais pode esquecer esse bem.

No Banco desse jardim
O Tó, encostado pensava
Nesse constante sem ter fim
Onde encontraria pousada.

A MILA EM PROBLEMAS

Num domingo, depois do jogo, o Vasíl mostrava-se desolado e apreensivo, por algo que o preocupava. Recebera a notícia de que o pai fora vítima dum acidente e se encontrava hospitalizado. Teria que o ir ver. A outra coisa era que lhe parecia que a Mila estava grávida. Se tal fosse verdade, era um desastre na sua vida.

Não podia ir avante! Já tinha comprado um remédio, segundo diziam muito eficaz nestes casos de abortos caseiros, que um amigo, ajudante farmacêutico, muito em segredo, lhe arranjara. Com a sua idade, era difícil que uma parteira, mesmo clandestina, se arriscasse a fazer tal serviço.

Na sexta-feira seguinte, o Vasíl partiu para a aldeia, ver o pai e a família, onde permaneceria por duas semanas. Nesse domingo, o Nino sentiu a sua falta, tanto no campo como fora. Voltou a casa mais cedo, e almoçou com a Senhora Lesia.

Estavam a meio da refeição, quando alguém tocou à campainha. O Nino levantou-se para ir à porta, mas a senhora deteve-o:

- Eu vou!

- Oh! Que prazer... Entre, Mila! Não podia vir em melhor ocasião...

- Quer dizer que estão a comer?

- Estamos! Mas chega para si, também. Ainda há pouco estive a pensar em si!

- O Nino está?

- Está, sim!

- Eu preciso muito de falar com ele.

- Entre!

O Nino quase tinha a certeza da causa daquela visita. Cumprimentou-a, tal como uma irmã, e como sempre fazia, acompanhado de uma graça:

- Então ficaste viúva por duas semanas?

Ao contrário das outras vezes, não houve resposta à graça.
Antes deixou rolar sobre as suas lindas faces algumas lágrimas.

- O que é isso Mila? São apenas duas semanas...

- Eu sei!

- Então?...

- Não é nada...

Ao mesmo tempo, com o lenço, limpava os olhos vermelhos e cansados de chorar.

A dona da casa levou à boca mais duas ou três garfadas de comida, para se levantar e seguir em direcção da cozinha.

- Conversem à vontade, que eu vou à minha vida.

- O que tens para me dizer, tem que ser tão em particular que a Senhora Lesia não possa ouvir?

Mila encolheu os ombros e fez um (uh...).

- Deixe-se ficar, por favor! - ordenou o Nino.

- Mila! Tu conheces a Senhora Lesia, mas não tanto quanto eu. É alguém em quem se pode confiar. A sua experiência pode ser proveitosa e útil naquilo que tens para me dizer. Por isso, fala à vontade, e tudo ficará aqui, nestas quatro paredes.

E a Mila começou.

Mas, antes de iniciar a conversa, voltou a tirar o lenço do bolso, para limpar as lágrimas que dos olhos lhe brotavam com mais intensidade.

- Eu penso que estou grávida! E não vejo outra saída que não seja o suicídio. O Vasíl deu-me um medicamento para tomar, dizendo que tudo voltava à normalidade, mas não sei o que fazer!

O Nino e a Senhora Lesia escutaram-na com toda a atenção. No fim, foi a vez do Nino retorquir:

- Mila! Sempre te aconselhei tal como uma irmã! É mentira?

- Não! É verdade.

- Vou-te dizer o que deves fazer, mediante a promessa sagrada de nada sair de entre nós os três, pelo menos enquanto a tua situação não for resolvida. Não quero perder um amigo, que tanto estimo e respeito. Mas também não te quero ver perdida no mundo selvático, ou alimentares desesperadas loucuras.

- Tu podes tomar esse medicamento e nada resultar. Não actua em todas as mulheres. Pode até afectar a saúde do feto, e a criança nascer defeituosa, como já tem acontecido. E isso é que seria uma desgraça. Não tomas absolutamente nada. Contudo, dizes ao Vasíl que tomaste. Não fomentes loucuras, nem te incomodes com o que as pessoas possam dizer. Não és tu a primeira, e nem serás a última. E se todas as que caiem nessa falta cometesssem suicídio, não haveria lugar para sepultarem tantas jovens. És ainda uma menor. Se ele não fizer caso de ti, a justiça te protegerá, e eu estarei a teu lado. Mas tal não irá a acontecer! Conheço o Vasíl como ninguém, não só das suas leviandades, como do seu humanismo, e responsabilidade pelos seus actos. Farei com que tudo se resolva pelo melhor. Isto é só uma questão de casar mais cedo. Eu escrevi à Lália a pedi-la em casamento. Quem me dera que ela aceitasse, e fossemos à igreja já amanhã. Isto é próprio da vida, Mila!

Senhora Lesia! Dê também o seu parecer sobre o que ouviu, e como mulher, se estivesse no seu lugar o que faria...

- Faria exactamente aquilo que você lhe disse. Mila minha filha, para grandes males... grandes remédios! Eu tenho fé que hás-de ser muito feliz.

Ambas se abraçaram. Dos olhos da jovem raiava agora alguma felicidade.

Ao aprenderem a ser adultos
Deixavam os jovens a aldeia
Nas cidades tudo se enleia
Aos sacrifícios que Deus sabe
P'ra tantos não havia entrave
Pela áurea das ambições
Iam usando os aldeões

Nesta selva do mundo cão
Onde havia tanto patrão
Em busca de maior riqueza
Roubavam a gente indefesa
Muito normal, até à-vontade
Sem escrúpulos nem piedade
Raramente havia contrato
Foi assim com o patrão do Rato
Pôs na rua esse sinistrado
Ferido, lesado e roubado
Esta era a lei da ganância
Mas tal não tinha importância
No Inferno estejas, malvado!

PAGAMENTO DA DÍVIDA

Mesmo antes de casar, a Maira já por bastante tempo não ia à aldeia. Como já tinham carro - coisa ainda rara na gente local - lá seguiram viagem, assim mais confortável. Não era necessário chamar o táxi. Isto dava uma certa importância, para alguém que dali saíra para servir, e voltava à terra no seu próprio automóvel. Havia alguma ansiedade, por parte da mãe Aba, em conhecer a sua primeira neta.

Antes da primogénita dos Centives deixar a cidade, houve uma reunião dos irmãos mais velhos, a fim de pagarem entre os quatro a dívida existente da casa, encarregando a Maira e o cunhado de o fazerem.

Na aldeia, a Maira, ao entrar naquela casa, viu que muita coisa mudara, durante os cinco anos que ali estivera pela última vez, logo após a morte do pai. Havia um acréscimo na casa, onde fora feito um quarto, que mantinham limpo, para alguma visita que chegasse. Os irmãos que ainda ali se encontravam, já andavam vestidos e calçados como os melhores da aldeia, sem sinais de fome ou de miséria. A caixa onde outrora se guardava a broa - quando a havia - fora substituída por uma adequada a esse fim. Nela se encontrava algum pão, assim como algum queijo sobre a mesa. As camas onde dormiam já todas tinham lençóis. Felizmente que a penúria tinha acabado, na casa dos Centives, a mais pobre da freguesia, se não mesmo a do concelho.

O Rutra, marido da Maira, homem com uma certa dignidade, no dia seguinte pediu à sogra para que lhe dissesse a quem devia, para lhes pagar. Não queria que os criticassem, por não pagarem a quem deviam e com carro.

A Senhora Aba foi ao armário da sala e trouxe consigo um canudo, onde guardava alguns papéis importantes, entre outros, os das dívidas. Estes estavam escritos em duas folhas, cada uma em diferentes línguas: um, quase na totalidade escrito pelo Nino, num português legível; o outro, escrito em traços, cruzes e pontos, em posições diferentes, mostrando alguma semelhança com a escrita chinesa. Era a escrita da mãe. Ela leu a sua escrita, à sua maneira,

e disse ao genro:

- Ao Sr. fulano, deve-se tanto; ao Sr. sicrano, é tanto. E há aqui também umas pessoas a quem devo, mas é pouco. Totaliza (X). Quanto dá aí?

- É isso mesmo... sem tirar nem pôr! A senhora Aba foi ao armário do seu quarto, e tirou dali algum dinheiro que em seguida deu ao genro.

- Este é algum que já tenho de parte, para dar a abater.

- Esse dinheiro é seu! Arrecade-o.

Mudam-se os ventos... invertem-se os tempos! Em vida do marido, toda a preocupação era ter mais fazenda, para ter mais milho e mais pão para os filhos. Agora, lamentava-se por não poder cultivar toda a terra que tinha, e que lhe ficava de relva. Há sempre qualquer coisa que não nos deixa ser completamente felizes.

A mãe acompanhou a filha e o genro no cumprimento das suas dívidas. As contas estavam exactas. Os credores deram os parabéns à senhora Aba, pelos filhos e genro que tinha, pelo contributo dado ao bem-estar da família.

Como não podia deixar de ser, os devedores insistiram para que lhes fossem debitados juros. Ambos os credores, contudo, recusaram firmemente tal sugestão, contrapondo:

- Se levássemos juros, estávamos a fazer um negócio. A nossa intenção era humana, não comercial. Dais-nos uma grande alegria, não em nos terem pago o dinheiro, pois não tínhamos pressa em o receber, mas pelo bom comportamento de todos vós. É uma acção digna, através da qual a vossa mãe venceu, no passado, para que os vossos irmãos mais novos pudessem ter aquilo que vós não tivestes. Esta mãe, nos restantes anos da vida, não mais conheceu o sabor amargo da miséria.

Neste mundo da humanidade
Ouve-se contar tanta maldade
Mas há muita gente boa também
Combatendo a necessidade
Vão dando toda a caridade
Foi o que fizeram àquela mãe.

Entre os quatro foi tratado
A Maira voltou ao povoado
Com seu marido e a filhinha
E foi pagar a esses senhores
Não aqueles enormes favores
Mas a dívida que neles tinha.

Já sem a vida amargurada
Era feliz a pobre mãe Aba
Depois de tanto sofrer e chorar
E as serras altas descampadas
Eram agora águas passadas
Que não queria mais recordar.

Duas semanas se passaram.

Vasíl voltara às suas actividades. Vinha mais satisfeito do que quando partira, visto que o seu pai saíra do hospital e tudo estava a correr pelo melhor. Os restantes familiares também estavam bem.

Era a Mila que o estava a preocupar, pois segundo lhe disse, já tinha tomado aquela droga e o período ainda não tinha aparecido. Tinha que pedir ao seu amigo outra dose e, se possível, mais forte, para ela voltar a tomar.

O jovem leiteiro esteve para explicar ao amigo qual o perigo que daí poderia advir, mas preferiu calar-se, não fosse ele ficar a pensar qualquer coisa de inconveniente.

O Nino, desde que viera para ali, via o amigo a toda hora. Passaram-se mais duas semanas, e o Vasíl mostrava-se a cada dia mais apreensivo.

Num domingo em que foram jogar à Tapadinha, na volta para casa, o Nino convidou-o para ir almoçar consigo, pois a Senhora Lesia já o esperava. No caminho, o outro contou-lhe a razão do seu desalento.

- Sabes Nino! A Mila já tomou mais uma quantidade e nada resultou. O meu amigo disse para não insistir mais, porque pode ser perigoso para ela! O que vou eu fazer, quando os patrões souberem que ela está grávida? Não tem família, não tem ninguém... E eu também não tenho para onde a levar! Além disso, tenho a outra na terra...

- Deves-lhe alguma coisa?

- Não! A mofina nem um beijo me deu!

- Essa é que tem juízo... Olha! Não é fácil arranjaras melhor, nem tão boa como a Mila. É bonita, jeitosa, e fisicamente bem constituída. É também simpática, honesta e com maneiras agradáveis. Que mais queres tu?

Chegaram a casa sem terem terminado a conversa. A mesa já estava posta e, como havia confiança bastante com a senhora, a conversa continuou.

Foi o Nino quem sugeriu àquela boa mulher:

- O Vasíl pensa que a Mila anda de bebé. Se fosse possível da sua parte, e como um especial favor, eu ia ocupar o quarto pequeno, da estudante que vai sair e o meu passava para ela.

A senhora ficou calada por alguns segundos, para alvitrar em seguida:

- Se o Nino está disposto a mudar, eu posso fazer isso... Mas numa condição! Se ela para aqui vier - não me incomoda que sejam casados ou juntos você tem que a acompanhar!

- Espero que não seja preciso. Mas, se tiver esse azar... eu aceito!

Depois de almoçarem, despediram-se da dona da casa, agradecendo a sua atenção e saíram.

No pequeno jardim das Amoreiras, todos os bancos estavam ocupados, na sua maioria pelos namorados domingueiros. Tal como usavam fazer, subiram a travessa da fábrica dos pentes, tomando a rua de Artilharia 1, descendo a Joaquim Aguiar, para o Parque Eduardo VII.

Este parque era o viveiro dos namoricos. Aos domingos, ali se viam raparigas e rapazes, aos pares, todos com o mesmo fim: eles na conquista duma jovem; elas em busca dum futuro marido. E se alguns desses namoricos se malogravam, muitos mais se convertiam em casamentos de sucesso.

Quando os dois amigos se encontravam sentados num dos bancos do jardim, duas lindas moças passaram por eles, e lançaram-lhes um sorriso, um sinal bem conhecido, como que a quererem dizer que eram livres para as acompanharem.

Perante esse convite, mais em sentido de gozo do que por vontade, Nino disse ao amigo:

- Vamos atrás delas?

O Vasíl, que nunca tinha uma nega em questões de conquista, disse, com uma certa melancolia:

- Ainda mais?... Eu já tenho mulheres que nem sei o que lhe fazer. Tenho a minha juventude estragada!

Aqui, o Nino interveio:

- Como somos diferentes Vasíl! Se a Lália me dissesse que sim, ainda casava este ano. Nem quero mesmo pensar que me dê com a tábua. Se isso acontecer, seremos dois vencidos, por motivos opostos...

Com o Nino sempre a esconder os pontos negativos ao amigo, o dia chegou ao fim.

Não tardou muitas semanas, para que, na Duque de Ávila, os patrões da Mila desconfiassem da sua gravidez. Não pela barriga - isso era ainda impossível - mas pelos vômitos e enjoos. Levaram-na ao médico, e essa desconfiança foi confirmada.

Ainda que já trabalhasse para eles há cinco anos - os únicos patrões que ela conhecerá - isso não chegou para obter deles a clemência e compaixão, nem mesmo o bom senso humano se revelou. Fizeram-lhe as contas, bem ou mal, e foi empurrada para o mundo das abandonadas, como tantas o eram, infelizmente. Só que esta teve alguém a seu lado.

Chorosa, a Mila telefonou ao Vasíl, contando-lhe o que se estava a passar. Este pediu ao patrão dispensa por algumas horas, passou por casa da Senhora Lesia, dando-lhe conhecimento e, em seguida, foi buscar a Mila. Nino acompanhou-o.

A estudante que ali vivia já tinha deixado o seu lugar, para onde passou o Nino. O jovem casal, tal como fora planeado, foi ocupar o quarto que era o seu.

A Senhora Lesia era uma discípula da paz e do amor, que tiveram sorte em conhecer. Vivia sem dificuldades. Tinha a sua pensão de viuez, e a casa onde residia era de sua propriedade. Não tivera família, tudo o que ela mais desejara. Os hóspedes que ia tendo, era mais pela companhia, que por necessidade.

A Mila encontrou naquela senhora uma mãe adoptiva, dedicada e carinhosa, que jamais pôde esquecer. Para a Senhora Lesia, a Mila foi a filha querida e adorada que nunca tivera, que viria a ser a sua companhia, até ao fim da sua vida. Para se ter amor de mãe, não é necessário que tenha havido ligações umbilicais. Foi o que aconteceu com estas duas mulheres.

O Vasíl acabou por se adaptar bem à vida conjugal e, poucos meses depois, vieram a casar, numa cerimónia simples e de poucos convidados. A grande inquietação do Vasíl era aquela malvada droga que a Mila tomara, não fosse ela afectar a saúde e o estado físico da criança.

O Vasíl tinha dons especiais
Dons que o Nino admirava
Nas raparigas era como os mais
Se a oportunidade lhe o dava.

Mila, moça linda e engracada
Dum coração puro e alma sã
O Nino sempre a aconselhava
Tal como se fosse sua irmã.

Mas há sempre uma fraqueza!
E uma ocasião mordaça
Depois um fica com a tristeza
O outro tenta bater a asa.

Foi o que à Mila aconteceu
E acontece a qualquer de bem
A esta, o Nino a protegeu
Mas tantas não tinham ninguém.

Tal como fora aconselhada
A pobre jovem tudo isso fez!
E dessa droga não tomou nada
P'ra evitar uma gravidez.

Tentou esconder o seu pecado
Duma maneira muito sua
Após conhecerem o seu estado
Logo a puseram na rua.

Numa accção nada propícia
Não houve por ela um agrado
Recebeu-a a Dona Lesia
Como já se tinha combinado.

O NINO EM DIFICULDADES

Já lá iam dois meses, desde que o Nino escrevera à sua amada Lália, e ainda não tinha tido resposta. Soube que o pai dela morrera, logo após lhe ter escrito. Esperançoso, pensava ser essa a razão de tal demora. Contudo, andava preocupado, não a tivesse perdido para alguém mais apressado. Mas como no tempo, nas aldeias, raro se procurava uma rapariga antes dos dezoito anos e ela ainda só os ia fazer...

Nesse tempo, o Campeonato Nacional de Juniores era disputado ao nível de todos escalões divisionários. Uma equipe da terceira divisão jogava com o Benfica, Sporting, Belenenses e outros. Foi desses Clubes pequenos de onde saíram os grandes internacionais. Não era por acaso que o C.O.L. (Oriental) era quase todos os anos finalista.

Nessa manhã de domingo, o C.A.F.C. recebia no Campo do Aliança o poderoso Benfica. Para o clube da casa, apesar de ter uma boa equipe, a derrota era quase dada como certa. Para irem mais à frente, tinham pelo menos de empatar, o que não era fácil, visto que os encarnados precisavam da vitória. Devido ao interesse deste desafio, o Aliança estava completamente cheio. O jogo começou às dez em ponto e, logo no primeiro ataque, o Vasíl, recebeu um passo de Nino, chutou e a bola foi à trave. Poucos minutos depois, Zêco, o ponta esquerda, mandou outra bola também ao poste. Os benfiquistas, quer jogadores quer adeptos, estavam surpreendidos com esta equipe do escalão secundário, que chegava ao intervalo com um resultado nulo. Com muita sorte para os visitantes.

O treinador estava feliz com a exibição dos seus pupilos, dizendo que, se isso fosse a final, ainda continuavam. Mas, se jogassem na segunda parte como o tinham feito na primeira, o Benfica não os iria humilhar.

A segunda metade começou e, logo na primeira avançada do Benfica, o seu número 8 faz o primeiro golo. Iam decorridos seis minutos, o extremo esquerdo dos encarnados faz o 2 a 0. Estava encaminhada a goleada.

Vasíl, o capitão da equipa, falou com os médios, e defesas, a fim de passarem mais bolas para a asa direita, tirando vantagem da forte corrida do Nino. Em seguida, falou com este, combinando o seu jogo. Com esta táctica, a partida tomou nova acção e rapidez. Iam passados vinte minutos, o Nino apanhou a bola no meio campo, correu pela extrema direita, deixou tudo para trás, passou ao Vasíl e este, de cabeça, fez 1 a 2. Numa outra arrancada, Nino chuta e vê a bola ser devolvida pela barra.

O jogo ia decorrendo, com os donos da casa a fazerem um excelente trabalho, e a perderem as melhores ocasiões de golo. O Nino não era um malabarista em domínio de bola, mas era dos seus pés que saíam sempre as vitórias. A sua grande velocidade era o trunfo da equipa.

O Benfica precisava da vitória e golos, pelo que não paravam de carregar. Em determinada altura, já a poucos minutos do fim da partida, quase todos os encarnados estavam na área adversária. Há um jogador que passa a bola ao Nino. Este conseguiu desenvencilhar-se da barafunda e correu pelo campo contrário, sem que ninguém o apanhasse. O guarda-redes veio ao seu encontro, ele faz-lhe um chapéu, e estava feito o empate e o resultado

Estiveram mesmo perto da vitória, quando, noutra fugida de Nino, ele chutou a bola, que passou a milímetros da trave. Mas o resultado não se alterou.

Os jogadores do C.A.F.C. foram muito aplaudidos, em especial o Nino. Quando recolheu às cabines, ouviu alguém da assistência chamar:

- Centive! Centive! Eu espero-te aqui!

Foi tomar o seu banho, ao mesmo tempo que pensava a quem pertenceria aquela voz que o chamava? Não havia hipótese de engano, pois nenhum dos outros tinha esse nome. Mas em breve iria saber quem era.

Depois de se despedir dos colegas, saiu, na companhia do Vasíl, e viu um soldado dirigir-se a si. Naquele instante, não o reconheceu.

- Não sabia que também jogavas a bola! Não gostei que tivesses marcado aquele golo, mas mereceis os parabéns.

Era um primo seu, da terra da Lália, que andava na tropa, ali

mesmo em Artilharia 3. Nino convidou-o para almoçarem juntos, oferta que o primo rejeitou, por a irmã já o esperar.

Como pouco passava do meio-dia, e ele ia para S. Bento, tomando a mesma direcção, seguiram a pé. Na rua das Amoreiras, ao atravessarem o auto-estrada, uma linda rapariga passou por eles, conhecida do Nino, a quem ela amava de verdade. Lançou-lhe um adeus, toda sorridente, e ele retribuiu com um gracejo, que chamou a atenção dos companheiros.

- Esta morre por ti! - disse o magala.

- Não é tanto assim... Com a sua beleza, não lhe faltam lobos, a quererem-na atacar.

Lá foram andando, conversando sobre o presente e o futuro, das dificuldades e aventuras, das desilusões que matam e das esperanças que alimentam a vida, etc.

- Foi para ter a certeza dessa esperança, que eu fui à terra... - disse o primo. - Tu não fazes uma ideia das raparigas lindas que lá há!

Como era óbvio naquelas idades, logo havia a curiosidade, "como vai esta, aquela, e a outra". O Nino aproveitou para lhe perguntar:

- Viste a Lália?

- Vi! Está mesmo linda e jeitosa... Namora com um primo, e parece que vão casar em breve. Ele está também aqui, em Lisboa.

Os ouvidos do Nino começaram a emitir um zumbido forte e estranho; a terra como que lhe fugia debaixo dos pés. A cara mudou-lhe de cor, mostrando um aspecto terroso, coisa nunca antes vista. Ambos notaram que o Nino não estava bem. O primo, confuso por tal situação, perguntou:

- O que é que se passa com ele?

O Vasíl apercebeu-se de imediato da causa de tal situação, e disse àquele familiar, para não se ralar. Eram crises que ele bem conhecia. Como já estavam perto da casa, o Vasíl e o Nino despediram-se do militar, ao mesmo tempo que este perguntava:

- O que é que tens?

- Foi uma coisa que me deu, que não sei explicar!

Naquela casa viviam agora quatro pessoas, cada uma de diferente linhagem, num só agregado familiar. Todos conheciam

a paixão do Nino por aquela que tanto amava. Tal choque, foi como que se fosse casado e tivesse perdido a mulher amada. Todos compreendiam a sua dor, até talvez o que a Mila trazia no ventre, por lhe ter salvo a vida.

Arrasado e vencido pela desilusão, entrou em casa, para logo sair, depois de pedir desculpa, por não poder estar presente ao almoço.

O Vasíl reagiu:

- Não! Tu não podes sair!

- Por favor! Eu tenho que ir a Alfama, falar com outro primo, que é especialistas nesta coisa de novidades amorosas. Quero ter a certeza se tal notícia é verdadeira. Não se aflijam! Eu venho cedo.

Contra a vontade dos três, lá foi.

Apanhou o eléctrico da Baixa, até à Praça do Comércio e, como era ali a dois passos, foi mesmo a pé. Chegou ao local, tocou à campainha e foi o primo quem lhe abriu a porta.

- Oh! Que prazer, ver-te aqui, seu mariola! A que devo a honra da tua visita?

O Nino tinha sempre uma saída fácil.

- Fui fazer um jogo a Almada e, como saí aqui do Barco, lembrei-me de passar por aqui.

Estava com ele outro rapaz, de vinte e tantos anos, de braçadeira e gravata preta. Aquele familiar apresentou-lhe o Nino.

- Este é o filho da minha tia Aba, de Ojafa.

Ao mesmo tempo que perguntava ao Nino:

- Não o conheces?

- Não!

- É o irmão da Lália que esteve na tua terra.

- Ah! Muito prazer. Tive conhecimento de que o seu pai tinha morrido...

- Morreu sim!

O Nino estendeu-lhe a mão:

- Os meus sentimentos!

- Obrigado!

- E como vai a Lália? - perguntou-lhe?

- Vai bem...

- Ouvi dizer que estava para casar... É verdade?

- Bem... ela está a namorar um rapaz que ainda é da família.

Mas dai até casar, ainda vai muito...

- Isto foi o que me disseram!

- Pois...

Não existiam dúvidas. Estava correcto o que o primo lhe dissera. Já tinha a certeza. Já não estava ali a fazer nada.

- Bem, meus amigos... foi um grande prazer! Mas tenho que ir andando...

- Já?

- Sim! Estão à minha espera, para almoçar.

E despediu-se do primo e do irmão da Lália.

O Nino nunca tinha fumado na sua vida. Na primeira taberna que encontrou, comprou um maço de cigarros e mandou vir um copo de vinho. Nunca antes bebera fora da refeição. O vinho soube-lhe mal, mas tal como um remédio que tem que ser tomado, assim fez ele àquele líquido roxo que não lhe apetecia. Tirou um dos cigarros e, pela primeira vez, os seus lábios conheceram o sabor da nicotina.

Depois entrou noutro estabelecimento e voltou a beber. E mais noutro. E, a partir daí, não soube quantos mais... Já embriagado, sem tino, talvez por toada, tomou o caminho de casa. Ao chegar, não entrou. Sentou-se no jardim. Era já noite. Nem se lembrava das horas que tinham passado, nem como ali chegara.

Em casa, todos estavam preocupados. Já várias vezes tinham vindo ao jardim à sua procura. Como já era noite, o Vasíl pensou em ir dar mais uma volta, para ir a casa da irmã, saber se ele lá estava.

As duas mulheres acompanharam-no até ao jardim. Cada qual procurava em diferentes lugares. Foi a Mila quem deu com ele, deitado no banco, todo sujo e vomitado, como um ebrio repugnante e desprezível.

- Meu Deus! - disse ela. - Será possível este ser o Nino?

Gritou pelo Vasíl. Quando ele chegou, levantaram-no agarra-do a eles e lá o arrastaram para casa. Trataram dele com respeito, carinho e amor, para o deitarem em seguida.

No dia seguinte, tal como era costume, deixou a casa bem cedo, não levando consigo o agrado e boa disposição que é necessário a um vendedor. O seu aspecto era triste e doentio, o oposto ao seu feitio natural, coisa a que os clientes não estavam habituados. Nos primeiros dias até acharam graça, julgando ser mais uma das suas brincadeiras. Mas, aovê-lo desalinhado, com falta de brio pessoal e profissional, alguns fregueses começaram a mudar-se para outros leiteiros. Os colegas, ao verem o seu fraco, tentaram tirar disso vantagem. Era a ver quem mais freguesia lhe podia levar. O Nino era como uma zebra doente, na selva, rodeada de hienas, sem poder escapar à morte.

Passou a ser um rapaz vencido, sem amor nem afeição à vida, perdendo o interesse por tudo, até mesmo pela bola, de que tanto gostava, não mais comparecendo a treinos nem a jogos. Isolava-se de tudo e de todos, fugindo até do seu maior e mais sincero amigo.

O Vasíl não podia acreditar no que via. Aquele que sempre conhecera como um conselheiro dos indefesos e dos explorados, defensor da justiça e da razão, oposto aos prazeres sem consciênci-a, e a tudo que não fosse justo e recto, era agora uma vítima da própria fraqueza humana.

Aquilo que antes mais detestava era aquilo que agora fazia. Tudo o que ganhava derretia, nas bebedeiras e jogatina. Quando a irmã teve conhecimento, veio ao seu encontro. Mas, em vez de o acarinar, ainda lhe bateu, como se isso fosse o remédio para o seu mal. O Nino teve o bom senso de não reagir à agressão da irmã. Mas a sua atitude em nada o ajudou, antes agravou ainda mais o problema. Um dia, em casa, confessou aos três amigos não andar bom, e ir mesmo abandonar a venda, e tomar outro rumo, por ainda ter o sentido da vergonha de quem o conhecia.

O amigo reagiu:

- Nada disso!

- Mas eu estou a perder a venda a cada dia que passa, sem capacidade de a poder recuperar. Se tivesse quem me desse metade do que dei, vendia-a!

- Eu vou falar com o meu patrão, para ver se ele sabe de alguém.

A Mila que estava junta deles disse: - Nino! Todos nós sabemos que o teu problema foi essa rapariga, que tu amavas, tal como que fosse tua mulher. Mas se ela namora com outro, é coisa normal! E não é por aí que vai acabar o mundo, para ti. Será que te faltam raparigas? Claro que não! Esquece-a! Provavelmente, até à altura em que tu lhe escreveste, ela nem sequer saberia que gostavas dela... O que lhe disseste em miúdo, não tem crédito de segurança.

- Mila! No presente, o meu mal não é ela. Sou eu que não ando bom!

Lália foi a primeira paixão
Que o Nino um dia conheceu
Mas não foi menor a desilusão
Quando para alguém a perdeu.

Julgava-a como já sendo sua
E como esposa a esperança
Tal declaração na noite escura
Não teve nenhuma segurança.

Se tal pedido não fora feito
Foi por dignidade e respeito
Sem nada querer fazer ao calha.

Uso, que já não se respeitava
Assim perdeu a sua amada
Mas o que nos pertence não falha.

O NINO VISITA A ALDEIA

O patrão do Vasíl - que até era amigo do Nino - aconselhou o empregado, mediante uma dispensa do trabalho, para que ficasse ele a fazer a venda. Como a perda de freguesia era ainda recente, havia a facilidade em a adquirir de novo.

E o Nino ir até à terra, para aliviar.

Após fechar a porta e cumprir as suas obrigações, Vasíl foi à taberna onde o Nino usava parar e forçou-o a ir mais cedo para casa, nessa noite. No caminho, contou-lhe o que ia fazer para si. Nino ficou feliz e abraçou o amigo. Na manhã seguinte, os três ordenaram ao Nino para que se fosse barbear e limpar, para se tornar igual e si próprio. Foram ambos fazer a venda, e visitaram mesmo os fregueses já perdidos, pedindo-lhes que reconsiderassem, porque tudo voltaria ao normal. Nino não andava bem. Ele ficaria no seu lugar, até à sua total recuperação. Abandoná-lo assim seria um castigo demasiado pesado para ele. Alguns aceitaram nesse dia. Quatro dias depois do Vasíl começar na venda, o Nino tomou o conselho dado e resolveu passar algum tempo na aldeia. Deu ordens ao seu amigo para que, se soubesse de alguém interessado na venda, a trespassasse. Tinha-a comprado a pensar na Lália, e decidido casar antes de ir para a tropa. Uma vez que os planos tinham falhado, já nada disso lhe interessava. Pagara 4.000\$00, mas se lhe dessem 3.000\$00, já ficava muito feliz. Se ele a quisesse, vendia-lha por 2.000\$00. Mas, vendas de leite, era coisa que nunca seduzira o Vasíl.

Os casos inverteram-se. Era o Nino quem agora recebia as repreensões, os conselhos e a ajuda do amigo. Prepararam-lhe a mala com a roupa, para que pudesse aparecer na aldeia vestido com dignidade.

Os seus três melhores amigos, Vasíl, Mila e a Senhora Lesia, acompanharam-no a Sta. Apolónia. O comboio com a carruagem para Serpins, que saía às onze e dez, deu o primeiro sinal de partida para se despediram. O Nino abraçou-os. Nos olhos dos quatro havia lágrimas, sem faltarem as palavras de encorajamento. As carruagens começaram a deslizar, e as mãos a dizerem o último

adeus. Foi já à distância que a Mila gritou:

- Se for à minha terra, diga aos meus familiares que nós estamos bem!

Por essa altura, em Ojafa, já havia um carro de aluguer. O Nino tinha escrito ao seu proprietário, para o vir buscar ao Lorão.

No comboio, pouco depois, o Nino adormeceu, para acordar já perto da Lousã, quando a aurora começava a assomar no alto das serras que ele bem conhecia. Depois de esfregar os olhos, e com o consciente no seu lugar, pensou nas diferenças entre o autocarro e o comboio.

Não restavam dúvidas, que o comboio era bem mais confortável. Era pena que não pudesse subir a serra, até Ojafa. Assim teria de utilizar o transporte rodoviário, por essas curvas e contra-curvas, em que os estômagos mais sensíveis mostravam as suas fragilidades com vômitos constantes.

Esta carreira dava ligação a outra, vinda de Castelo Branco, na vila de Pampilhosa. Como ali era o mercado nesse dia, as pessoas enchiam os assentos. Havia um segundo autocarro, em desdobramento, para apanhar as pessoas deixadas pelo primeiro. Assim, chegaram àquela catraia antes da hora prevista. Mas o senhor que vinha pelo Nino, já ali o esperava.

Além do Nino, saíram outras pessoas que se destinavam a diferentes lugares. O taxista, como não conheceu nenhum, ficou sem saber quem era o seu passageiro. Entrou no estabelecimento, onde havia mais gente à espera do segundo carro. O Nino foi lá dentro, junto do homem, e disse:

- Como está o senhor (?) Será que espera por mais alguém?

- Oh! És tu, Nino! Estás um homem perfeito! Estava bem longe de te conhecer...

- Então os seus, como vão?

- Está tudo bem, obrigado!

- E a minha mãe e irmãos, como andam?

- Também estão bons! A tua mãe foi para o mercado, mas como não sabe que vieste... Tal como me pediste, nem à minha mulher disse. É natural que fique em Capescones, para amanhã. Cá na terra ninguém sabe da tua vinda.

Entraram no automóvel e tomaram o destino de Ojafa. No caminho, enquanto o homem ia falando disto e daquilo, o Nino admirava os montes tão seus familiares. Mas, tal como ele, pareciam também ter mudado. Achava-os diferentes e menos elevados do que quando era pastor. Sem dar por isso, estavam no adro da Igreja de Ojafa.

Era um hábito da aldeia, desde que ali começaram a vir os carros, a miudagem e as pessoas mais curiosas logo acorrerem ali, para ver quem chegava. Além de darem as boas-vindas, espalhavam a notícia pela terra. Desta vez, também não fugiram à regra.

Nessa assistência de boas-vindas, encontravam-se bastantes miúdos que cortaram o coração do recém-chegado.

A maioria das crianças estavam descalças e vestidas pobramente, de barriguitas salientes e caras magras, o sinal da fome. Devido à sua situação não contactara com a irmã, razão porque não sabia em totalidade como estavam a viver. Temeu ver entre eles algum dos seus irmãos, com ele ali feito fidalgo. Só ficou aliviado quando lhe disseram quem era o irmão, já calçado e vestido normalmente, esguio, sem mostrar no rosto o cunho da miséria que ele conhecera. Foi junto dele e beijou-o. Este era o mais novo dos irmãos.

Perguntou-lhe pela mãe e pelos outros? Com um certo à vontade, o Turrazito respondeu-lhe:

- A mãe foi para o mercado, o Donarfe está na escola, o Dourado anda no monte e a M. Séjo na fazenda.

Se é certo que algumas pessoas não se chegavam ao Nino, por não o conhecerem, outras não o faziam por se sentirem inferiorizadas perante ele. Um perfeito galã. Mas, como era aberto e liberal, cumprimentou-os a todos.



Ao chegar a um grupo de três, um destes disse-lhe:

- Estava aqui a contar do temporal que estava, quando tu e o teu irmão deixaram a aldeia.

- Estava, sim! Não foi fácil, por essa serra descampada.

Depois de se despedir daquela gente, seguiu para casa, tendo como companhia o irmão e a restante garotada. Os dois irmãos entraram, mas os pequenos ficaram à porta.

O Nino olhou em toda a casa, e viu que haviam sido feitas algumas alterações, tal como a mãe lhe dissera numa carta. Dos trastes antigos, já poucos restavam. Até os utensílios da cozinha eram outros. As tigelas de madeira feitas pelo pai tinham sido substituídas por outras, de louça, e as colheres e garfos de ferro eram agora em alumínio. As camas já todas tinham lençóis e, debaixo das mesmas, viam-se alguns sapatos domingueiros.

A FOME DEIXOU A CASA DA ABA

Estava satisfeito ao ver a transformação que houve naquele lugar já sem o aspecto miserável doutros tempos. Voltou de novo à cozinha, para ver a velha caixa de madeira, onde guardavam a broa, tão restrita e desejada, onde nunca havia migalhas. Sentiu felicidade, ao ver ali um bom naco, juntamente com alguns bocados, já duros, à sua volta. Era a certeza de que a fome os abandonara.

O irmãozito que o acompanhava em todos os passos, tal como um espião, talvez ainda pouco seguro de que fosse o irmão, disse: - Se você quiser comer, a minha mãe tem queijo e marmelada no armário.

- E tu, não queres?

- Não! Não tenho fome.

Era a primeira vez que ouvia tal frase dentro daquelas quatro paredes.

O lisboeta perguntou ao irmão:

- O que fazem a estes bocadinhos de broa?

- A minha mãe às vezes faz uma açorda; outras, amolece-os e dá-os às galinhas.

- Porque os deixais endurecer?

- Não sei! A minha mãe diz que estamos fidalgos. Mas a si, lá no adro também o chamaram de fidalgo. O que é fidalgo?

- Fidalgo quer dizer muita coisa. Mas no sentido com que a mãe vos chama, quer dizer que sois esquisitos. Compreendes?

- Ah!...

Ambos os irmãos saíram. O pequeno juntou-se ao seu grupo, que, cá fora, o esperavam, e o Nino foi ao senhor Trimans. Não apenas para o visitar, assim como para lhe agradecer o que sempre fizera por eles. Este bom homem, tal como os demais, também não o conheceu.

Depois de alguma palestra, o Nino quis saber se as contas da mãe estavam em dia!

- Oh... sim! - disse o lojista. - A tua mãe, felizmente, venceu o passado. Desde que todos vós começastes a mandar, tudo mudou naquela casa. A dívida foi paga, como sabes, e pouco tempo depois que vós vos fostes, como já tinha dinheiro, quis dar algum para baixar na conta. Como eu tal rejeitasse, passou a levantar toda a mercearia e a pagar com dinheiro. Não vou dizer que só comam acepipes, mas fome, felizmente já ali não existe. Dou-vos os parabéns, por darem à vossa mãe o que ela merece.

Os garotos encontravam-se junto da porta. De vez em quando, um deles assomava, como que a quererem dizer que ainda ali estavam. Em determinada altura, o Nino chamou o irmão e perguntou-lhe se eles desejavam alguma coisa? O Turrita puxou o braço do irmão, para ele se baixar, e disse-lhe ao ouvido:

- Eles querem que vossemecê lhes compre figos secos!

- Quantos são?

O rapazinho começou a olhar para o ar e a mexer nos dedos. Depois de alguns segundos de hesitação, pouco confiante na sua matemática, veio cá fora, para em seguida divulgar a contagem:

- Comigo, somos oito!

- Mas tu ainda há pouco me dissesse que não tinhas fome?

O miúdo, num encolher de ombros, disse:

- Figos, é diferente!

Dois quilos a dividir por oito dá 250 gramas. Dê lá dois quilos de figos aos rapazes?

- Isso é de demais! - respondeu o lojista.

- Mas será que os não comem?

- Por comer, comem...

- Então avie lá isso!

O senhor pesou os figos, que entregou à miudagem. Estes, ninguém mais os voltou a ver, nesse dia.

A mãe, antes de sair para o mercado, dera ordens à filha, sua substituta nos afazeres da casa, em caso de ficar em Capescones, com as irmãs, o que veio a acontecer. Por volta das oito da noite, Nino estava na Cruz da rua, juntamente com outros rapazes, quando o Turrita o foi chamar para jantar. Seguiu em companhia do moço, e só então viu os restantes irmãos.

No agregado familiar, todos o tratavam por senhor, à exceção da irmã, que já tinha treze anos. Nos restantes três, havia uma diferença de oito, dez e doze anos. O Nino disse aos irmãos:

- É “tu”, e não “você”! Ouviram?

A irmã serviu a ceia, tirou do açafate a toalha que estendeu sobre a mesa, para em seguida pôr os garfos, colheres e algumas facas. Mas já nada era ferrugento. Não comiam todos da mesma travessa como dantes. Cada qual tinha o seu prato. O Nino estava admirado e feliz com a mudança.

- O que aconteceu com as malgas de madeira, onde se comia a sopa?

- Não sei! - disse a irmã. - Há muito que se come em pratos...

Depois veio o segundo, que a jovem irmã serviu a cada um, ficando ainda comida no tacho. No final, a Séja perguntou aos irmãos se alguém queria aquele resto. Mas nenhum se manifestou. O Nino aproveitou para perguntar à irmã:

- Já viste a diferença de hoje, e de quando a Lália nos trazia os restos, sempre tão esperados?

- Sim! Houve uma grande mudança. As dificuldades eram muitas, e os mais pequenos também as passaram, só que já não se lembram...

Os jovens Centives estavam felizes em ter entre eles o Nino, no convívio dessa noite. Houve muitas perguntas feitas pelos irmãos, a que ele ia respondendo com alguma satisfação. Depois de se acabarem as perguntas, decidiu ir ver o Padre, que ainda o não tinha visto. A irmã mostrou ao Nino o lugar onde iria dormir, reservado às visitas.

Na manhã que se seguiu, ele disse à irmã que não contasse com ele para o almoço. Ia a Capescones e só voltaria pela tarde.

No caminho da serra da Amarela, viu a mãe à distância, e quis ver se ela o reconhecia. Ao passar por ela deu-lhe os bons-dias, tendo ela correspondido como se se tratasse de qualquer pessoa desconhecida. Ele, depois de dar alguns passos, voltou-se para trás e perguntou-lhe:

- Mãe! Então a senhora não me conhece?

A mulher voltou-se e não queria acreditar que aquele era o seu filho Nino.

Voltou para casa com a mãe e, pelo caminho, contou-lhe não andar muito bom da cabeça. Por isso resolvera vir passar umas semanas na aldeia. Mas recomendou-lhe que não fizesse alarde disso, até porque a coisa não era tão má assim.

A terra estava cheia de mocidade, em especial feminina. Não lhe faltava companhia e, ainda que convivesse e desse atenção a todas, nunca se quis comprometer com nenhuma, porque, lá bem no fundo, ainda tinha uma esperança naquela que nunca deixara de amar.

Uma semana depois, foi ver os seus familiares a Capescones. Ali tinha vários tios e tias, gostando de todos eles. Mas os tios Arres eram como se fossem verdadeiros pais.

Nessa tarde de sábado, quando ali chegou, o tio Arres tinha ido tirar as cabras, ficando a tia a tratar da ceia. O Nino, que ainda não se tinha esquecido do segredo de abrir a porta, entrou para dentro do pátio, e deu com a tia a rachar alguma lenha para o fogão. Não conheceu o sobrinho. Ficou confusa como é que aquele desconhecido ali entrara.

- O que é que você quer daqui? - perguntou a tia.

O Nino riu-se e disse-lhe:

- A tia já não me conhece?

- Eu não!

- Sou o seu sobrinho Nino...

- Nino?...

- Sim! O filho da sua irmã Aba, de Ojafa.

- Oh, meu filho, como tu estás um homem perfeito!

- Deixe a lenha, que eu trato disso!

Cumprida a missão, foi conversar com a tia.

Depois de falarem sobre isto e aquilo, foi a vez do Nino perguntar sobre a Lália?

- Parece que namora um primo...

- Namora, sim. É tão boa rapariga e tão amiga de ajudar. É das coisas boas cá da terra. Ele também é bom rapaz.

- Então, que Deus os ajude... - disse o sobrinho.
- Porque perguntaste isso?
- É que se não namorasse...
- E eu bem gostaria que te arranjasses com ela...

Se o Nino não fosse alguém digno, ia até a sua casa, falar sobre a carta que lhe escrevera, de Ojafa, sobre o passado e presente e, como era atraente e de grande conversa, podia, se não conquistá-la, pelo menos deixá-la a pensar. Mas não faria isso. Não gostava de fazer aos outros o que não queria para si. Se ela era do outro, não seria sua!

No dia seguinte voltou à sua terra natal, passando por várias pessoas, a quem dava a salvação, mas que não conhecia. Na serra, viu alguns rebanhos, e ouviu o tilintar dos chocalhos e campainhas, o que lhe deixou saudades dos tempos de pastor. Não da miséria que passara, mas da amizade, respeito e compreensão que estas pessoas tinham pelos seus amigos.

Tinha-se passado um mês, e o Nino voltava a ser igual a si mesmo: alegre e comunicativo. Trabalhava e convivia com todos. Numa coisa estava pior: não sabia, ou não era capaz de segurar o seu dinheiro. Não olhava a gastos nem despesas, e muitos à sua volta tiravam vantagem disso.

Estava o Nino com outros rapazes, no Adro, ouvindo e contando anedotas, quando o carteiro passou e os interrompeu:

- Como é o teu nome, Nino?
- A. Nastos Centive.
- Então, é para ti. Toma!

E deu-lhe uma carta.

Ao ler o remetente, viu ser do seu amigo Vasíl. Desviou-se do grupo, abriu o envelope e começou a ler a carta.

Caro Nino.

Com o desejo das tuas melhorias, e umas férias agradáveis, tenho a dizer-te que já trespasssei a tua venda. Consegi recuperar alguns, mas não todos os clientes. Não foi por aquilo que eu desejava, contudo, foi por mais do que aquilo que tu pedias.

*Não tenhas pressa! Quando chegares cá tens o teu dinheiro.
Saudades de nós os quatro. Sim, quatro... porque o freguês
por enquanto só mexe.
Um abraço, até à volta.*

O amigo Vasíl.

O Nino voltou para junto do magote, mas mais contente e mais feliz. As anedotas continuaram, e ao regressar a casa, passaram pela taberna, onde pagou o que quisessem beber.

Na semana que ainda ali esteve, voltou a Capescones, para se despedir dos tios.

Acompanhado pela saudade dos familiares e amigos, voltou para a cidade que já bem conhecia.

Amigos quando puros e leais
São mais valiosos que corais
E tudo o que no mundo se ama!
O Nino p'los amigos tudo fez
E agora era deles a vez
Para o não deixarem na lama.

Tal como um pai faz a um filho
Porque viram o Nino perdido
Tentaram salvar o que era seu
Pensaram ser a melhor maneira
Mandarem o pobre p'ra aldeia
Para recuperar o que perdeu.

A sua dignidade voltou
Seu problema não se revelou
Perante a gente do seu lugar
Muito aberto sempre liberal
Para todos ele era igual
Quer no convívio quer no falar.

Tinha na mente a recordação
Daquele lar triste e sem pão
E das lágrimas daquela mãe
Enfrentando frio, chuva e vento
Para dar aos filhos o sustento
Apenas ela e mais ninguém.

Recuperado dessa paixão
Com uma ponta de ilusão
Duma esperança não findada
Assim de novo volta à cidade
Começar sua actividade
Para patrões de alma gelada.

Veio direito à casa da Senhora Lesia, onde estava a família Vasíl. Já todos estavam em casa, e ficaram muito felizes ao verem o amigo com um aspecto diferente daquele que tinha quando os deixara.

Depois do jantar, o Vasíl contou-lhe tudo o que se relacionava com a venda. Fizera-a durante quatro semanas, sendo a última já para ensinar o novo dono. Puxou por um envelope onde tinha o dinheiro e um papel com as contas. O ganho desse mês fora de 1.238\$25, e a venda fora passada por 6.000\$00, num total de 7.238\$25.

- Aqui tens as contas e o teu dinheiro, disse o Vasíl. Uma vez que só estive um mês, o meu patrão pagou-me como se estivesse de férias. O meu trabalho não é nada, pois fica muito aquém do valor da nossa amizade. Sei que também o farias por mim!

O Nino olhou para o Vasíl e disse-lhe:

- Não se pode viver sem amigos, e esta é a prova que a amizade é mais valiosa que corais. Eu ficava muito satisfeito de ir buscar o que dei. Com o teu trabalho, conseguiste o que estava fora da minha imaginação. Uma coisa é termos amigos para nos acudirem nas aflições; outra é para tirarmos vantagens da amizade. Tirou 2.238\$25 do dinheiro que acabara de receber e entregou-lhos:

- Toma! Isto é teu! Os 1.238\$25 é o teu trabalho; os outros 1.000\$00 entendo que os devo dar.

Daí começou a teima. Um porque sim, o outro porque não. E, como não é possível uma concordância entre dois teimosos, a Mila entrou. Mas fê-lo a favor do seu cônjuge. O Nino, ao ver que não os podia vencer, pegou no dinheiro e entregou-o à Senhora Lesia, dizendo-lhe:

- Por favor, guarde este dinheiro para o enxoval do menino. Ainda houve protestos, mas a contenda ficou encerrada.

Nesta altura, o Vasíl era o primeiro caixeiro da mercearia do senhor da sua terra. Tinha um ordenado de 900\$00, secos, visto que já tinha família formada. Ao abrir a loja, na segunda metade do dia - às três horas - o Nino foi consigo, para agradecer ao patrão pela ajuda monetária e humana, e tudo o mais que ele e o Vasíl tinham feito por si, para não perder o que tinha, quando da sua crise emocional.

O Nino, quando comprou aquela distribuição, foi a pensar em casar com a Lália, que julgou como certa. Como tal não se consumou, viu fugir-lhe o eldorado da sua juventude, tendo de voltar ao mundo da exploração e dos explorados, enfrentando as consequências e reacções dos que podem e querem, e dos que não podem, mas não querem ser lesados.

Tal como lhe dissera o sonho a caminho de Lisboa, nunca teria sorte com patrões. Apesar de cumpridor e honesto, o que sempre fora, só apanhava o que não prestava. Como o seu temperamento era oposto à exploração e à maldade, andava sempre no entra e sai.

Arranjou trabalho numa mercearia, em Campo de Ourique, mas este patrão não fugia à regra, sendo para si o pior de quantos já tinha servido. A sua sovinice era desde o pagamento, à comida. Além disso - talvez devido ao seu físico - os mal-entendidos entre ele e os empregados eram resolvidos pela lei do mais forte, saindo sempre vencedor. Pelo que já era conhecido na esquadra de polícia da sua área.

Passou-se o mês, e não se falou em contas. Viu logo não ser patrão para ali criar musgos. Um dia, um dos empregados contou ao Nino o que se passara com o empregado que ele viera substituir: quebrou uma garrafa com azeite, pela qual teve de pagar. Daí desavirem-se e ter-lhe dado uma tareia, e tê-lo posto na rua. Segundo o empregado, tal coisa era muito useira naquele patrão.

Estavam decorridos dois meses, e a partir da altura em que o colega lhe contou aquela história, nunca mais o olhou como homem, e já sabia que ia ter problemas com ele. Acabado o jantar, ele tomou o rumo do seu escritório, enquanto os rapazes faziam algumas arrumações.

Como voltou a não lhe falar em pagamentos, o Nino foi ter com ele e pediu-lhe o dinheiro.

- Faça um vale! - disse o homem.

Como já ia preparado de caneta e papel, fez um mesmo ali na sua frente e entregou-lho.

- O que é isto?

- É um vale de 800\$00. O senhor não vê?

- Vejo! Mas, na minha casa, não trabalha assim...

Um não queria dar o que devia; o outro, que se julgava no direito de receber o que era seu. E assim entraram em litígio. A força do argumento foi aumentando, e os fusíveis não foram suficientemente fortes para evitar o curto-círcuito. As duas partes chocaram-se, e, pela primeira vez, o patrão teve de chamar a polícia, para resolver o problema que ele próprio criara.

Perante o Subchefe da esquadra, cada qual apresentou as suas queixas e defesas. Como o merceeiro insistia em levar o caso para a frente, o representante da ordem, que deveria ser descendente do Rei Salomão, disse ao queixoso:

- O cântaro tantas vezes vai à fonte... que um dia fica-lhe lá a asa. Foi o que lhe aconteceu a si!

Se levar o caso para tribunal, há aqui alguns registos que identificam o seu abuso em bater nos empregados, sendo o último há apenas dois meses. Além disso, segundo acaba de confirmar, ainda o não tinha na caixa de providência e o senhor sabe bem quando começa o prazo ...!

O irreverente patrão anuiu ao seu desejo inicial. Assim, a

autoridade mandou-o sair, mas disse ao Nino para ficar, para lhe fazer mais algumas perguntas e dar-lhe um conselho.

O Subchefe, depois de ter arrumado a contenda, da melhor maneira para os dois, quis saber do Nino o que é que ele lhe tinha feito, para deitar abaiixo um homem daqueles, que tudo resolvia à bofetada.

- Meu Subchefe... ele bateu-me e eu defendi-me!

- Eu já vi tudo... - disse o agente da autoridade. - Tem cuidado!

E concluiu:

- Se tiveres algum lado onde ficares esta noite, não fiques em sua casa! Eu conheço bem este homem, e tudo aquilo de que é capaz. Como sempre fez o que quis com os empregados, custa-lhe a aceitar esta humilhação, e pode tentar uma vingança. Vai, e tem cuidado! - disse o representante da lei.

- Vou aceitar o seu conselho! Muito obrigado, senhor Subchefe.

O Nino podia ter ido dormir a casa da Senhora Lesia, pois sabia que o lugar que deixara estava vago. Mas não queria dar àquelas pessoas amigas mais perturbações, frutos da sua pouca orientação. Iria procurar um lugar para não ficar ao relento, e, no dia seguinte, logo se veria.

Saiu da esquadra, e foi andando ao acaso, quando deu por si, estava junto do Arco do Carvalhão, e subiu a Campolide. A leitoria de quem lhe passara a venda ainda estava aberta, mas não entrou. Seguiu pela rua de Campolide abaiixo, distraidamente. Ao chegar à travessa do Tarujo, desceu-a. Quase sem se aperceber, estava na grande estação dos comboios da C.P.

Ali havia centenas de carruagens paradas diariamente, umas fechadas, outras abertas. Passou por uma, cheia de fardos de palha, com as duas portas meio abertas, talvez para circular o ar. O Nino viu não poder encontrar melhor estalagem. Sem pensar duas vezes, fechou uma das portas, e meteu-se dentro para, em seguida fechar a outra. Instalou-se o melhor que pode e não tardou que adormecesse.



Pelo decorrer da noite e sem que desse por isso, os funcionários trancaram as portas por fora, engataram a carroagem e lá seguiu viagem. Quando acordou e deu por ela, já ia a passar em Entrecampos. Tentou abrir a porta, para descer em andamento, mas estava trancada por fora.

Foi só em Vila Franca de Xira que a porta foi aberta, para descarregarem a palha, e a primeira oportunidade para ele sair. E como iria voltar para Lisboa, se não trazia dinheiro consigo? A boleia era a única saída.

Esteve mais de vinte minutos, à beira da estrada, na pedincha do transporte, mas sem sucesso. Pensou ver se encontrava algum carro, parado, com destino a Lisboa e contar-lhe as suas peripécias.

Junto a uma taberna estava um camião com a chapa de Lisboa. Dentro da cabina encontrava-se uma grande fotografia da equipe do Benfica, identificando a sua cor clubista. O Nino viu tratar-se de um doente da bola. Iria tentar dar-lhe a injecção deste vírus, em troca duma passagem.

Depois de esperar alguns minutos pelo condutor, entrou dentro do estabelecimento, sem mesmo darem por si. Havia vários quadros com as equipas principais. Aproximou-se da do Benfica, e deteve-se a olhar para ela, enquanto o taberneiro e outro homem conversavam sobre futebol. Em certa altura, o candidato a boleia, chegou-se para junto deles e disse:

- Desculpem em me meter na vossa conversa, mas, como também jogo à bola, tenho a certeza duma realidade: nunca há dois jogos iguais... O futebol é como tudo na vida. Há jogos em que tudo sai bem. Há outros, que por mais que se tente e se esforce, tudo corre mal. Olhem! Nós os Juniores, quando na primeira volta fomos ao Campo Grande, jogar com o Benfica, levámos 7 a 2. Há uns meses atrás, recebemos o Benfica no Campo do Aliança, e empatámos 2 a 2. Mas podíamos ter ganho por duas ou mais bolas de diferença. Eu dei o primeiro golo a meter, marquei o segundo que foi o do empate, e tive três bolas na trave. Todos quantos viram o jogo disserem ter sido o melhor jogador em campo. E nisso não tive dúvidas! Contudo, no domingo antes, na Tapadinha, trabalhei que me farrei, e fui uma miséria.

- Era você o número sete?

- Era, sim!

E mostrou-lhe o cartão que o identificava.

- Eu vi esse jogo! Sem sombra de dúvida, você foi de longe o melhor dos vinte e dois!

O Nino estava em família. Agora era só pedir o que queria. Sem perder mais tempo a fazer a parte, perguntou aos senhores:

- A que horas haverá uma camioneta para Lisboa?

- Você vai para Lisboa? - perguntou o condutor.

- Vou, sim! Então vai comigo! Até calha bem, porque não tenho ajudante, e em caso da polícia mandar parar, passa como se o fosse.

Em todo o percurso para capital, as conversas entre o condutor e o presumível ajudante foram só sobre futebol. Quase sem darem por isso, estavam em Lisboa. Como o motorista se dirigia a Cascais, deixou-o ficar nas Amoreiras, não muito longe da mercearia. Não teria de andar muito tempo a pé.

O patrão já tinha a mala do Nino e todos os seus pertences no interior do balcão. Quando este chegou, entregou-lhe o que era seu, junto com o envelope com as oito notas de cem. Depois puxou de um papel e pediu-lhe para o assinar. O Nino, depois de o ler, assinou e entregou-lho de volta.

Sem haver mais palavras entre o despedido e o empregador, este via sair da sua frente talvez o primeiro que lhe dera uma lição, e um aviso, que também pode haver dias negativos para esses que se julgam acima de tudo e todos.

O Nino, de mala na mão, não sabia onde a deixar, para ir falar com um senhor que contactara pelo telefone, acerca de um novo trabalho. Passou na rua Campo de Ourique, mesmo em frente onde morava a sua meia irmã, Ruilanda. Nunca até aquela data a vira ou visitara, e sem mesmo haver grandes saudades. Precisava de deixar a mala em qualquer lugar, mas não seria ali. A sua visita não seria ainda desta vez. Como ela nunca ligara aos irmãos, e estes sobreviveram sem ela, também venceria este obstáculo da mala.

Nesses tempos que já lá vão
Para um moço ganhar o pão
Tinha uma vida humilhada
O dinheiro era raro vê-lo
Trabalhando como um Camelo
Levando por vezes porrada

Para tudo é preciso sorte!
O Nino nunca perdeu o Norte
Mas também não foi afortunado
Era honesto e trabalhador
Mas não queria deixar o suor
No cofre de qualquer esganado.

A causa por tanta questão
Quando via essa exploração
Ficava furioso e revoltado!
Por se defender a si e aos mais
Desses usurpadores tão banais
Logo ficava desempregado.

O CASAMENTO DA MILA E VASÍL

O Nino, que no dia anterior preferira ir ficar num vagão, só para não dar a conhecer aos amigos os fracos da sua vida, não via, de momento, outra saída que não fosse ir bater-lhes à porta, e foi para lá que se dirigiu.

Bateu à porta e veio a Senhora Lesia.

- Olha, Mila! É o Nino. Ela veio também.

- Como estás?

- Estou bem!

- Tu pregas-nos cada partida!... Não só não nos visitas, como não dizes onde trabalhas, para nós te procurarmos. O Vasíl está muito zangado contigo!

- Com ele me entendo eu bem...

O Nino entrou para dentro e, num âmbito familiar, começou a conversa:

- Mila, a tua barriguinha mostra que o teu herdeiro está a crescer de dia para dia... Como tens passado?

- Bem...

A Senhora Lesia aproveitou para dizer:

- Nos primeiros tempos que aqui chegou é que passou muito mal. Mas, agora, graças a Deus... Já lhe contaste?

- Não! Mas vou contar - disse a Mila.

- Nino - disse a Mila - tu continuas sempre a ser para mim um irmão protector. E a Senhora Lesia, uma mãe, que me tem orientado e ensinado a fugir dos vazios deste mundo selvagem. Sem ela, seria uma órfã não apenas de pai, visto que a miséria me fez separar da minha mãe real, que nada mais me pôde fazer que pedir a Deus pela minha protecção. Se não fosseis vós, seria mais uma infeliz, abandonada neste mundo onde não há lugar para os desprotegidos e indefesos.

Chamou-os para junto de si e abraçou-os. E foi então que disse ao Nino: - Tencionamos ir à Igreja neste sábado a oito dias, e vós sereis os meus padrinhos.

A grande preocupação daqueles três, era terem tudo preparado, e não saberem do Nino, nem onde o poderiam encon-

trar. Como apareceu, tudo ficou mais feliz e salutar naquela casa. O Nino já só foi procurar trabalho depois do casamento.

A cerimónia foi celebrada de maneira simples, mas digna. O Nino e a Senhora Lesia foram os padrinhos da Mila, e, pelo Vasíl, os seus patrões. Teve como convidados dois rapazes, colegas da bola, e seis pessoas mais, das suas relações ou familiares. Do lado da Mila, não havia ninguém, além do Nino e Senhora Lesia, que ela considerava como íntimos familiares. Eram catorze pessoas no total.

Após o acto religioso foram almoçar a um restaurante não muito longe da Igreja. Depois do almoço - onde nada faltou - cada qual seguiu a sua vida. Como o dia estava bom, os noivos, o Nino e a Senhora Lesia foram mudar de roupa, para depois irem até ao jardim. Concluía-se, assim, o casamento de alguém pobre, que casava por amor. Sem pompas de passadeiras, nem o anunciar dos sinos, e o som dos órgãos, para testemunhar essas promessas de fidelidade, tantas vezes falhadas.

O casamento é uma união!
De pessoas de sexo oposto
Às vezes felizes não são
Por só se conhecerem no rosto.

Na segunda feira, o Nino saiu logo pela manhã, para ver o Jornal de Notícias, e os anúncios que lhe convinham. Os trabalhos eram poucos e muito procurados. Os bons patrões passavam deste àquele, e nunca eram anunciados. Apenas os ruins. E eram estes onde o Nino ia sempre a cair.

Não tinha sorte com eles, mas estes, também não a tinham consigo. Era trabalhador e honesto, um bem e um mal, porque também o era para o freguês, ao contrário dos regulamentos dos ambiciosos patrões. Não admitia injustiças nem abusos sovinosos. Se lhe dava a fome entre as refeições, fazia uma sandes e comia, o que enfurecia os esganados. Os seus direitos tinham de ser cumpridos, e incutia nos camaradas a necessidade de fazerem o mesmo.

As ofertas de trabalhos, nessa manhã, nada diziam para si,

além de um pedido para caixeiro de uma casa de vinhos e petiscos, num estabelecimento na outra banda. Mesmo sem nunca antes ter lidado com bêbados, depois de falar pelo telefone, foi contactá-lo pessoalmente. Apanhou o barco para Cacilhas, e dali a camioneta Beira-Rios para Corroios.

O proprietário era um senhor ainda novo, mas já bastante rico. As suas características eram de alguém esperto, e comerciante sem escrúpulos nem dignidade. Ao fim de uma curta conversa, o homem aceitou-o como empregado. O Nino voltou a Lisboa, para falar com os seus amigos, e levou a mala com a roupa necessária.

Este senhor, ainda que casado, tinha a mulher e filhos na aldeia. Esta era a versão do outro empregado. Era ele que fazia os petiscos para vender. Quanto à comida do agregado, qualquer um era o cozinheiro. Como a ementa era sempre batatas e bacalhau, também não requeria grande ciência.

A poucos metros da taberna, havia um armazém, onde vendiam carvão, petróleo e todos os derivados de carvoaria. Tais produtos eram também vendidos pelas portas, que o jovem empregado fazia com uma carroça.

Este rapaz, um ribatejano de quinze anos, era fraco e com uma pequena deficiência no andar, causada pela firmeza das pernas, no puxar e segurar das pesadas cargas. Era o mais velho de cinco irmãos. Quis a miséria e o destino dos pobres empurrá-lo para o mundo da exploração aos treze, quando perdera o pai, que fora fazer trinta e sete anos à cova. Empregados e patrão ficavam no mesmo quarto, numa dependência do estabelecimento. Numa certa ocasião, foi uns dias para a outra loja, que tinha à sociedade com um outro indivíduo, em Lisboa, onde pernoitava também. Os empregados da margem Sul estavam sós. O rapaz contou ao Nino da sua pobreza, e a causa da morte do pai.

- Meu pai usava trabalhar para um certo latifundiário da nossa zona. Mas a jeira nunca era paga de acordo com as horas feitas. Tudo se calava, com medo da repressão do encarregado. Um dia, desesperou-se e falou em defesa de todos. Poucos dias depois, vieram buscá-lo, preso, e lá o tiveram por alguns anos. Quando o soltaram, vinha doente, a deitar sangue pela boca, e morreu pouco

depois. Tinha trinta e um anos, e eu tinha nove, quando o levaram. Lembro-me como se fosse hoje! Estávamos a dormir, e acordei com os gritos da minha mãe. Vi o meu pai ser metido num carro preto, no escuro da noite nebulosa.

- Para onde o levaram?

- A minha mãe falava em Peniche.

- Se tu tinhás nove e o teu pai trinta e um, também casou bastante novo...

- Isso é outra história! A minha mãe veio servir para uma casa onde também servia uma irmã do meu pai. Vieram a ser grandes amigas, mesmo com alguma diferença de idades. A minha tia era para ela como uma irmã protectora. Três anos depois casou, e era com ela que passava os dias de folga. Mas surge o problema. A minha tia saiu, mas não houve substituta. As horas de trabalho aumentaram para a minha mãe, começando a perder o apetite, e a sentir-se fraca e cansada. Foi levada ao médico, e este descobriu-lhe uma fraqueza pulmonar. Os patrões, ao saberem do seu mal, não tiveram por ela qualquer compaixão. Com umas desculpas improvisadas, fizeram-lhe as contas e mandaram-na embora. A pobre foi à minha tia, a fim de se despedir, e voltar à terra que a viu nascer, para também a ver morrer. O marido da minha tia, também ribatejano, era enfermeiro numa certa companhia. À noite, quando chegou a casa e teve conhecimento, ficou triste e revoltado. Convenceu-a a não ir para a aldeia em tais condições, visto ali não haver recursos. No dia seguinte, foi tratar do seu internamento. Foi internada no Hospital dessas doenças, onde o meu tio tinha uns certos conhecimentos, ao nível de doutores e enfermeiros. O meu pai era então soldado em Lisboa. Como já eram conhecidos, ia-a ver quase todos os dias, e dai ficaram-se a namorar. Depois de estar curada e ter alta, casaram e foram viver para o Ribatejo, terra do meu pai.

- A tua mãe também é de lá?

- Não! A minha mãe é das Beiras. O seu concelho é Arganil. Como eram muito pobres, veio servir para Lisboa, logo após deixar a escola.

- É mesmo Arganil?

- Duma terra ali perto, banhada pelo Rio Alva.

- Eu também pertenço à Comarca de Arganil!

- Oh, isso me dá uma certa confiança e conforto - diz o moço.

O Lafarél, que já trabalhava havia dois anos para este indivíduo, ainda não sabia ao certo quanto ganhava. Fazia um vale de 100\$00, cada mês, para mandar para a mãe, e para si, sempre que necessitava. Nada mais sabia do seu dinheiro, nem quanto estava depositado no cofre do seu patrão.

- Então, tu não sabes quanto ganhas?

- Ao certo, não sei!...

- Mas, como não sabes?

- Porque, quando lhe pergunto, responde em palavras vagas, sem me dizer o que pretendo. Penso estar a ganhar o mesmo que ganha o da outra casa, que é da minha idade e entrámos no mesmo mês. Começou com 200\$00, e já um ano está com 300\$00. E não trabalha tanto como eu...

- Nós vamos ver isso!

- Ao fim de quanto tempo foi ele aumentado?

- Aos seis meses passou para 250\$00, e ao fim dum ano para 300\$00.

- Tens assentado todos os vales que passaste?

- Tenho sim! Um de 100\$00, cada mês, para mandar para a minha mãe. Ao todo, são 2.400\$00, mais 1.200\$00 das minhas despesas pessoais, o que dá um total de 3.600\$00.

- Se ganhares o que tu julgas, ou seja, o mesmo que o outro, tens a receber 6.300\$00. Como já tens em vales os 3.600\$00, o patrão deve-te 2.700\$00.

- E como vou eu saber se é isso que ganho?

- É muito fácil! Ele conhece a tua letra?

- Conhece, sim!

- E a da tua mãe?

- Essa não!

- Se tens alguma carta dela, mostra-ma?

O rapaz foi à sua mala e trouxe um envelope.

- Aqui está!

O Nino mirou a letra, e disse em seguida:

- Muito bem escreve a tua mãe!

- Ela é muito inteligente e bastante bonita! Nos seus retratos

de solteira parece uma princesa. O meu pai usava chamá-la a princezinha do Alva.

- Para que a caligrafia seja igual à do envelope, em caso dele pegar na carta, eu vou escrever como que seja ela, a imitar a sua letra, dizendo que precisava de 2.700\$00 para pagar uma obra que fora obrigada a fazer. Tu levas o vale já feito e entregas-lho. Ele não te dará o dinheiro sem primeiro fazer as contas. Se to der, está a pagar-te o que julgas. De contrário, ficarás também a saber o quanto ganhas.

- E o que vou depois fazer ao dinheiro?

- Se for numa altura que o patrão esteja em Lisboa, vais à Cova da Piedade, e abres uma conta na Caixa Geral de Depósitos e fazes o depósito dele. Se ele estiver, dizes que vais mandar o dinheiro para a tua mãe e deposita-o.

- Oh, Nino, você tem ideias fantásticas! Nunca me tinha lembrado de fazer tal. É mesmo isso que vou fazer! Só vou esperar que a minha mãe escreva.

O sócio do patrão, no outro estabelecimento, por qualquer razão, teve que ficar por mais uns dias na aldeia, e este ali se manteve, durante essa ausência. Umas vezes telefonava, outras vinha só pela noite, depois de fechar a porta. O rapaz já tinha a carta preparada para lhe falar, mas achou melhor, esperar pelo seu regresso definitivo.

Havia ali dois grupos de rapazes jovens, denominados: um por Laranjo, outro por Fajardo, com algumas diferenças entre eles. Enquanto os Fajardinos eram vadios, por princípio, tendo casa e família, os do Laranjo não tinham família nem lar. Eram filhos da infelicidade, sem eira nem beira, que a pobreza ia juntando ao escuro da luz social, candidatando-se no mundo do furto e até provável no crime

Estes desprotegidos da sorte iam vivendo das escórias de vários metais, que o Arsenal do Alfeite despejava junto do Corpo dos Marinheiros. Esses desperdícios, que apanhavam e vendiam no ferro velho, eram o seu modo de vida, para não roubarem ou morrerem de fome. Estas duas quadrilhas travavam lutas quase diárias. Os elementos dos Fajardos eram mais fortes e agressivos. E, como as escaramuças eram muito comuns no local da jorra,

tornava-se complicado para os Laranjenses fazerem daquele mister, o seu modo de vida.

A jorra nem sempre dava para o sustento destes jovens, tendo que usar outras artes e manhas para poderem sobreviver. Contudo, eram mais humanos que os fajardenses, estes não tinham respeito por ninguém. Usavam espreitar os marçanos, quando na distribuição das compras aos clientes, roubando-lhes a mercearia dos cestos, ao mais pequeno descuido. Às vezes, até mesmo o dinheiro.

A guarda de Almada só a cada oito dias ali passava em patrulha, a menos que para isso fosse chamada. Eram muito fáceis tais abusos, nestes lugares. Essa era a razão por que o pobre Lafarél andava sempre a comer tareia da quadrilha do Fajardo.

Há tanta história que existe
Às vezes nos deixam pavor
Ao vivê-las fica-se triste
Pelo que sofre o trabalhador.

O pai daquele jovem morreu
Logo após sair da prisão
Por um direito que defendeu
Perdeu a sua vida e o pão.

Filhos órfãos e mãe viúva
No destino da triste sorte
Tal como em noite escura
Vão procurando o seu Norte.

Assim aconteceu ao Lafarél
Por esse gang do Fajardo
Levando tareia a granel
E por cima ainda roubado.

EM DEFESA DO COLEGA

Numa altura em que só estavam os dois empregados, o mais jovem encontrava-se no armazém do carvão, quando apareceram ali três elementos dessa quadrilha para o tosarem. Certa pessoa veio dizer ao Nino para chamar alguém mais, visto serem três matulões, armados de navalhas, um desnível numérico e físico. Como estava só, correu o risco e foi ele apenas em defesa do colega.

O Nino foi dar com o rapaz na parte interior do armazém, e a porta trancada por dentro, para se proteger dos valdevinos, espreitando-os por entre as frestas da madeira. Eram três rapazolas, dois para o seu corpo e idade e o terceiro um pouco mais jovem e fraco.

O caixearo já sabia o que ia encontrar. Com certa calma e sangue frio, perguntou-lhes:

- O que querem vocês do moço?

O chefe dos três disse, correndo na sua direcção:

- Queremos-lhe o mesmo que a ti!

O Nino, numa agilidade de macaco, apoiou as mãos no solo e desferiu um pontapé na nuca do rufia, deitando-o por terra. O segundo, veio de navalha em punho, para lha cravar. Fugiu-lhe, numa flexão de corpo, para em seguida lhe lançar um golpe de pé, no braço que detinha a arma branca. Mas fê-lo de tal maneira, que o canivete voou sobre o telhado do armazém. Em seguida deu-lhe um golpe de cutelo no cachaço, que o deixou inanimado sobre a poeira do carvão.

O Lafarél saiu de dentro com um pau para lhes bater, mas o Nino deteve-o:

- Nunca se bate a uma pessoa que esteja caída no solo. Tal coisa, é cobardia.

Sem mais conversa, o Nino avisou-os para não voltarem ali mais. Chamou o colega e voltaram à taberna.

O jovem moço dizia ao Nino:

- Eu não sabia que você...

Mas ele preveniu o novato para nada daquilo se contar ao patrão, ou a alguém.

A quadrilha do Laranjo não tardou a saber do que se passara. Felizes, batiam as palmas de contentes. Pela tarde, o seu chefe e outros elementos vieram dar-lhe os parabéns. O Nino desmentiu esse dito.

Alguns dias depois, o sócio voltou da aldeia, e o patrão regressou ao seu posto. Como sempre, perguntou ao Nino como tudo tinha corrido, a que este respondeu nada haver de anormalidade. E, com o fim de tornar mais fácil o que combinara com o Lafarél, contou-lhe o problema do colega, sobre o que a mãe pedia.

Assim que o jovem teve oportunidade, chegou-se junto do dono e leu-lhe o conteúdo da carta. Em seguida pediu-lhe todo o dinheiro que tinha em depósito, para mandar à mãe. Tal notícia, deixou-o embarulado e a falar só.

Pela noite, chamou o rapaz de parte, a fim de satisfazer o seu pedido. Só então soube o quanto ganhou e estava a ganhar, ao receber apenas 1.500\$00, em vez dos 2.700\$00, segundo as suas contas.

O pobre marçano perguntou, indignado:

- Mas eu não estou a ganhar o mesmo que o meu colega de Lisboa?

- Não!

- Como não, se quando lho perguntei o senhor me disse que sim? Mesmo a trabalhar mais que ele e a levar tareia dos que me roubam, me é descontado, e ainda me paga menos!...

Foi então que o Nino teve conhecimento que, nos 1.200\$00 que tinha de vales, estavam incluídos 310\$00, que esses vadios lhe tinham tirado, junto a uma grande tareia. Agora arrependia-se de o não ter deixado dar uma valente surra de paulada naqueles malandrins.

As contas que estavam a ser feitas eram confidenciais; mas quebrou-se o silêncio, começando por se ouvirem vozes de discordância e a subir de tom, entre patrão e empregado. A voz agressiva do explorador abafava, com ameaças de tareia, o pobre explorado. O Nino observava de perto, para agir, se tal fosse necessário. Mas, felizmente, nada aconteceu desta vez.

Pouco depois, o rapaz saiu a chorar e com o vale na mão, tal

como que um cheque sem cobertura, dizendo ao mesmo tempo que aquilo era um roubo. Dizia que não queria explorar ninguém.

- Vejam agora? Isto é pior que no pinhal de Leiria...

Este rapaz, calmo e acanhado, era alguém cuja revolta o obrigava a falar mais alto que as suas forças. O Nino tentou conformá-lo.

Pela manhã, o jovem foi o primeiro a levantar-se. Ao contrário dos outros dias, vestiu o seu fato dominguero e preparou a mala. Esperou pelo patrão para lha mostrar e receber o dinheiro para se ir embora. Não estava disposto a trabalhar mais para tal indivíduo.

Quando ele chegou e o viu vestido de limpo, disse-lhe:

- Mas o que é isso? É alguma festa ou está a pensar em ir à missa?

- Estou à sua espera, para que veja a minha mala se quiser, e receber o meu dinheiro. Não quero trabalhar mais para si! Fazê-lo, era estar a dar oportunidade a ladrões.

Os criminosos nunca querem que lhes chamem pelo que são, nem os exploradores por gatunos. Por isso não gostou do que ouviu. Levantou o braço, e deu um soco de tal ordem nas fontes do empregado, que este caiu sobre os mosaicos, de sentidos perdidos. O Nino correu para vingar a agressão, mas antes preferiu socorrer o companheiro, estatelado no solo. Mas jurava para consigo não perder pela demora.

Depois de lhe molhar a cabeça por várias vezes, com uma toalha, no sítio afectado, o rapaz voltou de novo ao seu consciente. E dele se ouviram estas palavras:

- Ai, se o meu pai fosse vivo!

- Deixa lá o teu pai em paz, e descansa que não estás sozinho - disse-lhe o Nino.

Quando o patrão viu o moço recuperado, foi buscar as 15 notas e entregou-lhas, junto com um papel para assinar. O órfão meteu o dinheiro ao bolso, nada assinou, e disse-lhe:

- Não se esqueça que me roubou mais de 1.200\$00!

Em menos de uma hora, toda a gente das redondezas sabia dessa brutalidade. Era um jovem conhecido por todos, não só como trabalhador, mas também por ser educado, respeitador e

pacífico. Logo lhe apareceu um lugar para servir como meio caixeiro, com melhor ordenado e mais condições, sem necessidade de sair dali.

Como o Lafarél se foi - que era o descascador das batatas para o jantar - o patrão incumbiu o Nino de fazer essa tarefa, naquela noite, ao mesmo tempo que ia aviando este ou aquele freguês, enquanto ele jogava as cartas com os que para ali vinham para esse fim.

Mesmo ocupado na jogatina, estava sempre atento às batatas que ele ia pondo na panela, com as constantes chamadas de atenção para não pôr mais, porque para ele só queria duas. Um dito já corriqueiro. Mas, quando se sentava à mesa, comia mais que nenhum. O que levou o Nino por algumas vezes a levantar-se da mesa e ir fazer umas sandes.

O mesmo se repetiu nessa noite com o Nino.

- Não descasque mais que eu só quero duas!

O empregado não o ouvia, pois toda a sua atenção estava no que se passara naquela manhã. Via o colega desmaiado, e ouvia a sua voz: " Ai se o meu pai fosse vivo..." Distraído com isso, as batatas iam sendo peladas, quase por instinto.

O patrão parou de jogar e veio junto dele, revelando alguma ira:

- Para quantos está você a descascar batatas?
- Para mim e para si!
- Eu só quero duas!

- Então, se só quer duas, é essas que vou descascar, porque todas estas são para mim. O Nino quase tinha a certeza de ser esta a sua última ceia naquela casa.

Além dos que jogavam, havia sempre os assistentes, a torcerem por estes ou aqueles, e onde estavam dois elementos da quadrilha do Laranjo. Um deles o chefe.

O Caixeiro avisou o patrão de que a comida estava pronta. Este cedeu o seu lugar, e dirigiu-se à mesa onde a comida já o esperava. O Nino, tal como sempre fizera, deixou que ele se servisse primeiro. Só que desta vez, depois de ter tirado as duas batatas, e ia pôr mais, o antigo pastor, com a sua forte manápula deteve-o:

- Não! Você já tem a sua conta! Não foi duas que disse que queria? Aí as tem!

A voz do proprietário alterou-se com algumas ameaças e provocações ofensivas, o que chamou a atenção dos presentes. Ele ainda não conhecia o Nino. Julgou-o talvez inofensivo, como o Lafarél naquela manhã, e mandou-lhe com as batatas à cara, mesmo em frente dos presentes.

O empregado, com alguma calma, levantou-se e foi junto do lava-copos passar alguma água pelo rosto. Voltou em seguida para a mesa onde comia, avisou o agressor para não mais voltar a repetir tal façanha, porque podia ser mau para ambos, visto não ser aquele indefeso a quem batera naquela manhã. Os presentes não estavam só com raiva ao esganado, mas também a ele, pela sua reacção pacífica.

- O que fiz ao outro, faço-o a si, se se atrever a chamar-me aquilo que o outro me chamou!

- Pois então, aí vai: o senhor não é apenas um gatuno, mas é também um canalha da pior espécie que já encontrei. Devia estar preso, onde outros o estão com menos causas e razões...

O patrão, ao ouvir aquelas palavras, levantou o punho com toda a sua força em direcção ao rosto do Nino. Este desviou-se, e o outro foi cair sobre a mesa. O rapaz deixou que ele se levantasse, mas logo o agressor tentou de novo.

O Nino avisou os presentes para não se meterem, e, a partir desse momento, só pensou em consumar a sua vingança. Mesmo assim houve interferências, em ajuda do patrão. Mas não lhe puderam evitar a maior tareia da sua vida. Nino só desistiu quando o explorador caiu, tal como caíra o seu colega, nessa manhã e no mesmo lugar.

A toalha usada para recuperar os sentidos do órfão, ainda húmida, voltou a servir de novo, mas desta vez para o patrão, e um freguês que actuou em seu favor. O Nino acabava de cumprir aquilo que a si jurara.

Algum tempo depois, o homem voltou a si, e ainda tentou a desforra. O empregado advertiu-o para não pensar em tal, pois seria estar a remar contra a maré. E não estava interessado em dar mais espectáculo... a vingança estava cumprida. Quis contas ainda

essa noite e, no mesmo dia, o canalha perdeu os dois empregados.

O Lafarél, ao ter conhecimento da tareia que o patrão levara, veio abraçar o Nino, com ar feliz.

Eram onze da noite. Não havia transporte para Lisboa, mas ali não poderia ficar. Mas logo o chefe da quadrilha do Laranjo, ali presente, lhe fez a oferta de ir ficar à sua barraca. O Nino aceitou. Depois das contas feitas, acompanhou o Cabeças. Esta alcunha era por usar a cabeça como arma de defesa.

Rapaz tímido mas educado
Por todos era respeitado
Indefeso, sem mal p'ra ninguém
Era o auxiliar de sua mãe
Que a infância também marcara
Pela necessidade empurrada
Para a selva do mundo cão
Caída num escroque patrão
Sem compaixão nem caridade
Quando na sua infelicidade
Essa má doença contraiu
E só por isso a despediu
Sua amiga lhe deu mão
E em contraste a tal acção
Fora-lhe amiga e fiel
Agora era o filho Lafarél
A sofrer o mesmo pecado
Sempre aos pobres reservado
Pela maldição da pobreza
E quando em gente indefesa
Sem haver protecção ou ajuda
A dor é mais triste e aguda!
Foi para vingar esse evento
Do patrão o atrevimento
Que o Nino lhe deu à fartura!

NINO, O NOVO CHEFE

Este bairro de barracas, embora não sendo tão grande como o Casal Ventoso, tinha, contudo, um aglomerado de algumas centenas de famílias ao longo da encosta do Alfeite.

A pocilga onde viviam os rapazes fora construída pelo avô do chefe, pouco depois de ter saído do Limoeiro, onde estivera por vários anos. Parece que ia matando o senhorio, e o seu hóspede, que em combinação fizerem com que perdesse a casa onde habitava. Aos sessenta e tantos, sem lar, sem família e sem pão, procurara aquele lugar, onde residia um seu amigo que conhecera na prisão.

O pai do Cabeças fora para o Brasil, pouco depois do casamento, deixando a mãe grávida. Escreveu-lhe ainda algumas cartas, para depois não dar mais sinal de vida. Devido à miséria e ao excesso de trabalho para criar o filho, a mãe tuberculizou, vindo a morrer aos trinta e dois anos, quando o filho tinha dez. Sem família, sendo o mais chegado parente o avô, este trouxe-o para junto de si, para a barraca, e deu-lhe o melhor que tinha: pouco mais que a boa vontade.

A caminho da barraca, o Cabeças contava ao Nino as causas e razões porque havia tantos jovens debaixo da sua orientação e protecção. Reconhecia não ser um bom guia; ele próprio era um jovem a viver as mesmas privações.

Em vida do avô, tudo era mais fácil. A sua experiência e capacidade de cozinhar, fazia com que não passassem tanta fome, e nem terem de roubar tanta vez para comer. Mas também eram menos.

O Cabeças manifestava a sua tristeza e preocupação por, dentro de três semanas, ter de deixar estes desventurados entregues à sua própria sorte, sem ter alguém, ao menos, para os defender das tareias. Ia cumprir o serviço militar, e não mais poderiam contar consigo.

Quando chegaram, ainda tudo estava desperto, na barraca. Mostraram grande felicidade em ali verem o Nino, que já conheciam. O chefe chamou a atenção de todos, de que ele iria ali

ficar essa noite, e quantas o desejasse, e que ninguém tentasse mexer em nada que fosse seu. O despenseiro tirou da pilha uma esteira, e entregou-a ao Nino, indicando-lhe o seu lugar.

Mesmo na dureza do solo, tendo apenas a esteira como colchão, o Nino adormeceu, e só acordou pela alta manhã. Levantou-se, olhou em redor, mas não viu ninguém. Estava só. Mirou em tudo o que ali havia, pensando como aquela enxovia podia albergar treze vidas, sem as mínimas condições de conforto e higiene, sem água, sem luz, nem saneamento. Depois saiu, para dar uma volta àquele bairro de barracas.

Este aglomerado humano estendia-se ao longo da tapada do Alfeite. Um pouco desviado das barracas, havia uma espécie de poço aberto, onde faziam os despejos diários. Voltou para a sua stalagem, e decidiu ir-se embora, sem mesmo dizer deus. Mas logo chegaram os outros.

Já com a mala na mão, começou por despedir-se deles, agradecendo a hospitalidade daquela noite. Mas os rapazes não o deixaram ir. Teria que almoçar com eles, assim o tinham determinado. Era uma sardinhasada que foram comprar à lota - por lá se comprar mais barato - enquanto os outros fizeram o usual: ir à jorra pela manhã. Nino aceitou o convite.

Nesse dia, o produto da jorra fora bom. Dava para irem comer à taberna das palmeiras, e ainda restava algum. Era o que sempre faziam, quando havia dinheiro. Quando não o tinham, passavam com um bocado de pão e azeitonas, umas vezes pedido, outras roubado, ou até mesmo tirado dos caixotes do lixo, onde não faltavam gatos, cães e ratazanas em busca do mesmo.

Se comiam na taberna, só o podiam fazer depois das duas horas da tarde, ou das nove da noite. Diziam que as suas presenças davam uma má imagem à casa, e não eram bem vistos pelos comensais. Mas o que estava acima de tudo era o interesse económico do proprietário, por, àquelas horas, poder vender os restos destinados a deitar fora.

Depois de comerem, começaram a jogar às cartas e, quando o Nino se levantou, para os deixar, pediram-lhe para ficar e irem todos à jorra pela manhã, podendo assim jogar às cartas até mais tarde. Como também gostava de estar no convívio, Nino deixou-

se ficar.

De manhã, ainda lusco-fusco, lá vai a malta do pé descalço. Dos catorze, apenas o Nino ia calçado. Nesse dia, havia muito desperdício de metais. Às dez, já estavam de volta, com uma quantia muito razoável de dinheiro. Com pilim no bolso, o Cabeças deu ordem para comerem uma sandes e beberem um copo de três, na tasca do Jerico, onde o vinho branco era melhor e os copos sempre mais cheios

- Não faças isso, Cabeças! - disse o Nino. Isso vai custar trinta e tantos escudos. Com menos de metade, come-se mais e melhor... A jorra nem sempre dá!

- Então, faz à tua maneira.

Em menos de meia hora, o Nino arranjou comida para todos, por um terço do que teriam gasto. A má administração é que muitas vezes os fazia roubar e passar fome.

Enquanto comiam, o chefe chamou a atenção para dizer o que eles já sabiam:

- Daqui a três semanas, estarei longe! E quem ficaria a chefiar-vos?

A malta parou de mastigar. E, como se fossem uma só voz, responderam:

- O Nino!

- Também eu ficaria feliz se ele aceitasse ficar convosco.

O Nino pôs o último bocado da sandes na boca, mastigando com alguma calma e, quando as maxilas deram por fim a sua missão, disse:

- Eu estou aqui... mas não sou daqui! Apenas vos acompanhei estes dois dias, por um incidente, como todos sabeis! Treze são bastantes, nesta vida nómada, humilhante e miserável. Não é apenas pelo dinheiro que não ganho, mas é sacrificar a minha juventude, arriscar a minha liberdade, o perigo de perder a minha saúde, e difamar o meu nome e a minha reputação. Se eu aceitasse tal, em pouco tempo sabê-lo-iam na minha aldeia. E o que iria sofrer a minha mãe? Ainda se soubesse a verdade!... Ninguém iria pensar, nem dizer, que estava a ajudar um grupo de jovens desprotegidos. Antes me acusariam de chefiar um bando de ladrões! E se ainda pudesse fazer alguma coisa por vós... Mas

como?

Todos ouviram com atenção, e o padre levantou a mão, para falar. Tal alcunha fora-lhe dada por nunca se deitar, levantar ou comer, sem que orasse; como também não roubava, nem zaragateava.

- Nino! - disse o jovem. - O que nos apresentaste é a mais pura das verdades! Mas, se tu ficas a olhar por nós serás recompensado... Disso eu te dou a certeza! Nós precisamos de ti! És o único que nos podes salvar; e tudo isto já foi planeado por Deus.

O Nino ficou comovido com as palavras daquele semi-analfabeto, que tão bem sabia falar e sempre de maneira emocional. Disse ir pensar, durante esse dia.

A meio da tarde, o Nino perguntou ao Cabeças quanto pagavam por cada refeição, na taberna das Palmeiras?

- 7\$50, se apenas bebermos três decilitros, e não formos além dum quarto de pão escuro. Mas come-se mal. Quase sempre são os restos que já não vendem, ou até os sobejos que os fregueses deixaram nos pratos. Mas, como é onde comemos por menos dinheiro, é ali que vamos.

- Quanto dinheiro tendes? - inquiriu o Nino!

O chefe perguntou:

- Patacas, quanto dinheiro temos?

- Cerca de 400\$00!

Esta era a alcunha que lhe davam por ser o que guardava o dinheiro.

- Então pede-lhe 200\$00, vamos comprar as coisas necessárias e passamos a fazer a comida aqui.

- E quem a faz?

- Se decidir ficar, eu a farei! Se não, ensinar-vos-ei a fazê-la.

O Nino e o Cabeças foram a um armazém de louça, a Cacilhas, onde compraram uma panela de 28 litros, algumas facas, colheres, garfos e outros utensílios. Em seguida entraram numa loja de ferragens, para obterem um fogareiro a petróleo. E, finalmente, passaram pela mercearia, para comprar as coisas para a próxima refeição.

À hora que usavam ir à taberna, estes jovens comiam pela

primeira vez uma refeição quente, naquela barraca. No fim de fazerem as contas, e verem o quanto economizaram, o Nino disse:

- Quem come na taberna, duas casas governa!

Como o Nino resolveu permanecer, enquanto os outros iam à jorra ele ficava a fazer o rancho para a malta. Nunca houve tanta felicidade naquele lugar, nem o Patacas viu tanto dinheiro à sua guarda. Nessas três semanas, amealhou-se perto de mil escudos.

Finalmente, chegou a hora do Cabeças os deixar. Despediu-se de um por um e, por último, do Nino. Com algumas lágrimas, disse ao grupo:

- Vou feliz em saber que ficam bem entregues. Se ele aqui tivesse chegado há mais tempo, estaríamos em melhores condições, e não teríamos passado tanta fome e roubado tanta vez. Eu fui um bom defensor, mas um pobre orientador. Fiz tudo o que pude e sabia. Mas acredito no que o Nino é capaz!

O Nino, que daquele momento em diante passou a ser o chefe, disse ao grupo:

- Temos cerca de mil escudos. Estais de acordo em dar metade desse dinheiro ao Cabeças, que parte sem vintém?

Todos apoiaram. Mas o Cabeças recusou, alegando:

- Uma vez que não querem que vá limpo de todo, aceito cinquenta escudos.

O novo chefe ordenou ao Patacas para lhe dar cem.

Com as lágrimas a rolarem nas faces de todos, o chefe cessante deu o seu último conselho ao grupo que fora seu:

- Ficais com um bom líder, para vos defender e orientar. Colaborai com ele, obedecei às suas ordens e acatai os seus ensinamentos, para que vos possa remir deste cativeiro e virdes a ser alguém. Ele sabe onde vos quer levar...

Todos o acompanharam à camioneta.

Na manhã seguinte, o Nino foi à jorra com eles, premeditando o que os adversários eram capazes, ao saberem que o Cabeças tinha partido. Sem ele, estes teriam que arranjar outro modo de vida, e sair daquele lugar, porque os membros da outra quadrilha não lhes dariam paz.

Tal como previra, lá estavam eles à espera, na mata, para mais um ajuste de contas. Ao avistá-los à distância, bloquearam o

estreito caminho, num acto de provação. O Padre, como não batia, também não queria apanhar, e disse que ia voltar para a barraca. Mas o Nino deteve-o.

- Ninguém volta para trás, nem ninguém sai do caminho. Eles é que hão-de sair. Deixai-me ir à frente...

Ao aproximar-se, o Nino reconheceu o chefe deles, um dos que levara a surra, quando pretendera bater ao Lafarél. Deu-lhes os bons dias, e pediu para se desviarem, que eles desejavam passar. Sem revelarem qualquer provação, ou agressividade, os outros afastaram-se e o Nino esperou que o último do seu grupo passasse, seguindo-os depois. Não os viram mais, nessa manhã, nem mesmo no local da jorra.

De volta, já com a mercadoria para venderem no ferro velho, ao passarem pelo burgo, o Nino, mandou o Padre ir à barraca buscar a lata, para trazerem água para os primeiros cozinhados.

- Olha! - disse-lhe o Nino. - Não faças como o Trempes, que em vez de levar a da água, levou a da (me...) – Havia duas latas iguais, com diferentes finalidades: uma para o uso da água e a outra para as necessidades fisiológicas, que depois iam depositar na fossa pública. E como o Trempes se enganara uma vez...

Depois de tomarem o pequeno almoço, Nino pegou num pequeno papel onde tinha algumas anotações e começou por dizer:

- Aqui o Padre já queria fugir, o que não se pode condenar porque, quem foge, não quer guerra. O que não quer dizer que fique livre dela... A partir de hoje, nem ele nem ninguém foge, sempre que esteja na minha companhia. Eu cá estou para vos defender! E agora vamos ao que se segue. É por vós que me estou a sacrificar, em todos os aspectos. A razão porque fiquei, não é apenas para vos fazer companhia, e ser vosso defensor, como fazia o chefe Cabeças. Se fosse só por isso, nunca ficaria. Eu quero muito mais! Felizmente, todos sois aptos e activos. Podeis ser alguém na vida, esta, que está apenas a começar. Foram os grillhões da miséria de uns, e a exploração de outros, que aqui vos trouxeram, e que aqui vos mantêm. Sem que estejais isentos de culpas, pela vossa falta de orientação. Neste ano e pouco que me falta para ir para a tropa, desejaría que esta barraca ficasse vazia, e vós lançados no mundo da dignidade, onde também tendes lugar.

Sem que vos olhem com aversão e desprezo, e vos julguem e acussem por aquilo que não sois. Por isso tomem atenção, ao que exijo e quero de todos.

E, de seguida, perguntou-lhes:

- Quantos de vocês não sabem ler?

Cinco se manifestaram.

- Mas não sabeis mesmo nada?

- Pouco mais que juntar as letras...

- E quantos aqui têm família?

Nem um respondeu.

- Quantos já trabalharam no comércio, e têm alguma prática de balcão?

Três disseram ter.

- Quantos já roubaram?

Todos disseram sim, menos o Padre.

- Quantos já estiveram presos?

Cinco se pronunciaram, incluindo o Padre.

- Tu? Se não roubas, não zaragateias, nem fazes mal a ninguém?...

- Fui apanhado a pedir em Lisboa, e levaram-me para a Tutoria. Ali não se pode pedir, nem andar descalço.

- E porque saíste? Não estarias lá melhor?

- Tu não sabes o que aquilo é...

- Quem gostaria de trabalhar?

Todos se manifestaram.

- Dos que não sabem ler, quantos gostariam de aprender?

Todos levantaram a mão.

- Há aqui algum com mais que a instrução primária?

O Pességas levantou o dedo.

- Eu tenho o segundo ano!

- E então, com o primeiro ciclo, estás aqui?

- Estou!

E contou a sua história: morava ali perto, com a sua avó, já viúva e conhecera o Cabeças, quando um dia ia para o liceu de Almada. A partir daí, sempre que o via falava-lhe. Os pais estavam em África, onde viviam. Mas num acidente de viação, ambos perderam a vida. Como um azar nunca vem só, a avó, com quem vivia - a única família que lhe restava no mundo - não resistiu ao choque e, três meses depois, morreu também. Essa era a razão porque ali se encontrava. Queria procurar trabalho e ter uma vida decente, mas onde tinha ele o dinheiro para se vestir e calçar, e alugar um quarto para começar a vida? Este era o seu mal, e o de todos os que ali se encontravam.

O Nino preveniu-os de que não queria que roubassem nada a ninguém. Mas logo o Carapinha se manifestou:

- E quando não houver jorra, do que vamos viver?
- Se tivermos que roubar, roubar-se-á àqueles que também roubam, para ficarmos perdoados.

- Então explica isso!

- Quando chegar a altura sabereis como. Roubar a pobres, como fizeram os outros, ao Lafarél, e ainda lhe darem tareia, não! Isso nunca tolerei! É mais que um roubo! É também um crime.

Na chefia do Cabeças, só iam à jorra pela manhã, para depois se dedicarem à vagabundice. Agora tudo mudara. Enquanto se fazia o almoço, o Nino dava-lhes meia hora de aulas de artes marciais, para se saberem defender. Da parte da tarde, o Pességas ficava a dar aulas aos cinco analfabetos. Os outros, acompanhados pelo Nino, iam de volta aos desperdícios metálicos, conseguindo mais uns cobres.

Com três meses de chefia, o Nino depositara nas mãos do Patacas, uma reserva, que dava para sobreviverem por três meses de crise, sem necessidade de furtar. Isto era um segredo entre o tesoureiro e o chefe.

Em determinada altura, pensou investir parte desse dinheiro em roupas e calçado, para os empurrar para o mundo do trabalho. O petroleiro que estava a ser construído no Arsenal estava quase concluído, e a jorra que dali vinha era já quase nula. Eles, como não sabiam o dinheiro que havia, andavam já pensativos e preocupados. Agora, já nem pela manhã nem pela tarde se

conseguia um simples vintém.

O Nino chamou a atenção de todos, para dizer:

- Chegou a altura de termos que roubar... mas só a quem se deve! Quem vejo aqui em melhores condições de o fazer é o Carapinha, o Alicate e o Capador, por poderem voltar ao comércio. Estais de acordo?

- Eu estou! - disse o Carapinha. - Mas como?

- É muito simples. Como tendes prática de balcão, podeis ir trabalhar como meios-caixeiros. E, quando no serviço, irá um colega a esse estabelecimento, e, sem que dê nas vistas, fará com que sejam vocês a aviá-los. Pede algo, que pagará com cinco tostões, e receberá de vós o troco de cinco escudos. Se, por qualquer eventualidade, não o puderdes servir, há um sinal de tosse. E, como sempre andará acompanhado de outra moeda de um escudo, ou sai, ou pede para lha trocar em duas de cinco. Não se pode fazer mais que duas vezes ao dia e, de cada vez, será uma cara diferente, para não comprometer, nem ser comprometido. Esta será a táctica!

- Está muito bem estudada. E é de artista... - disseram os futuros caixeiros. Mas onde temos a roupa e calçado paro nos apresentarmos a uma entrevista?

- Tudo isso se vai arranjar, e é já amanhã!

No outro dia o Nino vestiu-se e calçou-se à domingoiro, meteu num saco os seus sapatos do trabalho, para os companheiros usarem, um em cada pé, caso vissem a Polícia perto. Com um pé calçado e outro descalço, já não se era preso. E lá marcharam os três a caminho de Lisboa.

Começaram pelos Armazéns do Conde Barão, onde havia coisas com pequenos defeitos, em saldo, que compravam por metade do custo: peúgas, roupas interiores e até algumas camisas. Seguidamente foram a uma casa que já conhecia, de roupas em segunda mão, onde compraram três fatos por baixo preço, e calças de trabalho, assim como alguns pares de sapatos, de acordo com as suas medidas.

Com as compras feitas, encaminhou os companheiros até ao barco, dando as instruções no que deviam comer pela noite, e para não tocarem nos sacos até à sua chegada. Ele ficaria, para ver os seus mais directos amigos, não sabendo quando iria voltar.

Na Praça do Comércio apanhou o eléctrico da estrela, para descer nas Amoreiras. O condutor dirigiu-se-lhe:

- O senhor, faz favor!
- Dê-me um bilhete de oito tostões!

Dentro do carro ia apreciando a grande diferença que havia entre o lugar onde vivia, e esta área citadina, com as pessoas bem vestidas e as ruas limpas. Até as árvores da avenida e dos jardins pareciam mais belas que as do Alfeite. Sentiu saudades. Quase sem dar por isso, estava no sítio desejado.

Depois de descer do carro, sentiu prazer em dar uma volta pelo jardim, e só depois foi bater à porta dos amigos.

A Mila veio abrir. Ao vê-lo, abraçou-o feliz. Já o não via há bastante tempo.

- Como tens passado, Mila?
- Graças a Deus, muito bem!
- Julgava que já vinha encontrar gente nova!
- Não vieste, mas não vai demorar muito. Entra, fica à vontade! Tenho uma coisa ao lume, mas volto já! O Nino sentou-se no sofá, e ela voltou pouco depois, para se sentar à sua frente e começarem a conversar.

- Então o que é feito da Senhora Lesia?
- Vai bem! Não vai demorar...

A senhora do Comandante, que tu conheces, mandou a criada chamá-la. Precisava que lhe ensinasse a fazer uma coisa...

- Como tem ela sido para ti?
- Uma verdadeira mãe!
- E a tua vida conjugal?
- Também muito bem! O Vasíl, a princípio, custou-lhe muito convencer-se que era casado, mas sempre me tratou bem, e é muito meu amigo. Não me posso esquecer o que tu e esta santa me fizeram.

- Estou feliz, pelo que me contas.
- A Senhora Lesia meteu a chave à porta e, ao abri-la, encarou

com o Nino.

- Mas que surpresa!

De braços abertos correu para ele e abraçou-o. Em seguida disse-lhe:

Mas tu estás mais magro! Ou trabalhas demais, ou comes de menos. Tem cuidado!

Os três ali conversaram fraternalmente, de tudo um pouco. Algum tempo depois, a Senhora Lesia - porque já há muito tempo não comiam em família - disse ao Nino.

- Tu vais jantar com a gente! - Agora eles comiam em comunhão como mãe e filhos.

- Isso não, tenho que ir!

A Mila insistiu:

- São seis horas: Às oito, o mais tardar, o Vasíl chega, e até às dez, não é tarde para ti.

- Está bem! Como preciso de falar com o teu marido, vou ficar.

Ao pressentirem que o Vasíl estava a chegar, o Nino escondeu-se e, alguns minutos depois, diz a Senhora Lesia:

- Sabes quem aqui esteve hoje, Vasíl?

- Não faço a mínima ideia! Não foi o Nino certamente?

- Foi ele mesmo!

- E que horas eram?

- Umas seis... quando saiu!

- E esse cabrito, com cornos e tudo, não esperou por mim?

Ou não lhe ofereceram de jantar?

- Oferecemos! - disse a mais idosa. - Mas ele que tinha que ir...

- E como é que o acharam?

- Um pouco mais magro, mas bom.

Ao mesmo tempo, o Nino aparece.

- Mas que cambada de aldrabões há nesta casa...

Os dois amigos abraçaram-se, na maior das cordialidades, vivendo alguns momentos de boa disposição.

Já passava das nove e meia quando o Nino deu por completa a visita que viera fazer aos seus amigos. Foi já à saída que se lembrou do que lhe pretendia dizer. Era para pedir ao presidente

do Clube pela sua carteira de jogador. Gostava de se inscrever no Clube da Piedade mas, sem carta, não o podia fazer.

- Como eras bom jogador, não sei se o farão... Mas vou tentar. O Nino deu o último adeus daquele dia e partiu.

Eram onze horas quando entrou na barraca. À luz do gasómetro, enquanto uns jogavam às cartas, o Pessêgas continuava a dar aulas aos seus cinco alunos, que já liam e escreviam, faziam algumas contas e outra matemática. Este era o maior e mais valioso investimento que o Nino fazia naquele agregado.

Como já não havia jorra, não havia a responsabilidade em se levantarem tão cedo como era usual. Eram oito horas, quando o Nino bateu com a colher de mexer a sopa numa das latas existentes, a fim de despertar os que ainda dormiam. Em seguida, ordenou ao Patacas, que desse vinte escudos ao Padre, a fim de ir comprar o pão e algum conduto para a primeira refeição matinal. O Nino acendeu a máquina e pôs a panela ao lume, com a medida de água, de acordo com a quantidade de cevada moída, para o café dessa manhã.

Depois de comerem, abriram-se os sacos e distribuiram-se as roupas àqueles a quem elas estavam destinadas. Além de um fato, camisa, roupa interior e dois pares de meias, coube-lhes ainda umas calças e camisa para o serviço. Estes estavam aptos a começar a procurar uma nova vida, no campo do trabalho.

Havia ainda dois pares de botas, calças, camisas, cuecas, e camisolas, para o Dentadas e o Nesga, que junto com o Nino iriam começar como moços, no Mercado da Ribeira, a carregar as caixas e cabazes de fruta, que os comerciantes ali compravam, levando-os às camionetas que os distribuíam pelos estabelecimentos. Tal serviço era entre as seis e as dez da manhã.

Em menos de uma semana, os três do comércio arranjaram patrões: dois em Almada e um em Cacilhas. Quando o primeiro saiu, os outros dois também já tinham patrão. Começaram dias depois. O Nino deu-lhes alguns conselhos:



- Sêde trabalhadores e honestos. Além da missão que vos destinei, em ajudar temporariamente os colegas, não se toca em nada! E, mesmo esta ajuda, vou lutar para que não seja necessária. Não deixem acumular ordenados nos cofres dos patrões. Se vos mandarem fazer vales, levantem-nos na totalidade. Por último, as roupas que vestis, foram pagas com o dinheiro de todos. Mas não há mais. Sem roupas, não se pode procurar trabalho... Quanto aos vossos companheiros, continuarão a ser prisioneiros da miséria, se vós não os ajudardes. Não se esqueçam disso!

Nessa segunda feira, o Nino e mais dois companheiros foram para a Ribeira logo pela manhã. Conseguiram alguns fretes logo nos primeiros fregueses, e depois, na enchente, entre as sete e as oito. A partir daí, quase todos tinham os seus moços certos, e pouco mais deu. Às dez atravessaram o rio, com os ombros esfaldados, e 55\$00 no bolso, entre os três. Não era muito, mas quase dava para comer, sem necessidade de roubar.

Chegaram a casa ainda não eram onze horas. O Patacas, segundo as ordens, estava a tratar da comida e, o Pessêgas, em volta dos seus alunos. O Nino assumiu o lugar de cozinheiro, e mandou o seu tesoureiro montar na bicicleta - que comprara em segunda mão - e ir ao Alfeite, para ver se havia alguns restos metálicos. Mas nada encontrou.

Pela noite, o rapaz bancário mostrou interesse em também ir para a Ribeira, tal como os restantes. Mas não podia ser. O primeiro não ia por não ter vestuário. Os outros, além disso também lhes faltar, eram novos e fracos, e as aulas estavam em primeiro lugar. Até porque o Pessêgas já falava em ir à secretaria da escola da C. da Piedade, fazer o requerimento para o exame. O Nino deu algumas ordens dos afazeres para o dia seguinte, e foram-se deitar.

No dia seguinte, à mesma hora, lá partiram mais uma vez, na esperança de conseguirem mais alguns cobres, arrancados à custa de suor e lágrimas. Mas já não lhes custou tanto como no primeiro dia, e regressaram com dez escudos a mais, ou seja, 65\$00 no total.

AS ECONOMIAS DO NINO

Ao darem por terminado o serviço daquela manhã, os três companheiros subiram a calçada da Bica, direitos ao Calhariz, para irem à Caixa Geral de Depósitos, onde o Nino tinha o seu dinheiro da sua venda. Levantou parte dele, o que achou necessário, de acordo com as compras que tencionava fazer. Depois seguiram mais acima, à casa das roupas em segunda mão.

Antes de ali entrarem, foram ver o que havia, e o preço que melhor servia, em várias casas de penhores, como já anteriormente fizera. Comprar novo era impossível. Estava decidido a comprar a roupa e calçado para todos, mesmo que tivesse que ir levantar o resto do seu dinheiro. Naquela situação de farrapilhas, era como se fossem prisioneiros, recentemente em liberdade.

Na casa de segunda mão, comprou tudo o que havia e lhes servia, e o mesmo fez na casa de penhores. Passaram pelos Armazéns dos barateiros, levando o que ainda faltava. De volta, carregados com os sacos, os três companheiros sentiam-se satisfeitos, pois mais coisas iam mudar na vida daqueles indefesos desprotegidos. Eram duas e meia quando chegaram à barraca. Ali, ninguém tinha comida, à espera dos companheiros. Como a comida estava feita, não perderam mais tempo e começaram a saciar-se com uma bela feijoada à Nino.

Depois de comerem, o chefe pediu a atenção de todos. Tirou do bolso os papelitos do dinheiro que gastara, e entregou-os ao secretário, pedindo-lhe que os somasse, e anunciasse a quantia gasta.

- São 2.960\$00! - disse o Patacas!

O Nino tirou da algibeira 40\$00 e entregou-lhos.

- Com este, faz três contos. É quanto o grupo me deve.

Era o dinheiro que conseguira amealhar, e pouco mais lhe restava que o reservado para enviar à família.

Antes de fazer a distribuição disse:

- Temos aqui roupa e calçado para todos, para que a vestimenta não seja mais as algemas da vossa inactividade, e escárnio pela vossa miséria. Sei que é muito difícil ou mesmo impossível ter este dinheiro de volta... ou mesmo parte dele. Tal como o Cabeças, serei um recruta que chega ao quartel sem vintém, como tantos, infelizmente. Mas o mais importante, para mim, é que este dinheiro, gasto em vosso benefício, seja o primeiro passo para uma vida limpa, no seio da sociedade humana onde também tendes lugar. Que possais ser alguém, úteis a vós, e aos outros.

- Não tenho preferências por nenhum de vós. Para mim, sois todos iguais. Quero que compreendam que, nesta distribuição, uns ficam melhores que outros, conforme a natureza dos trabalhos. Seria para mim uma punição de crueldade se, depois de todo o meu empenho pela vossa libertação, viesse a ser acusado de parcialidade! O Padre levantou a mão e disse:

- Não creio que nenhum de nós possa mesmo pensar em tal!

Ouviu-se a voz de todos, como num eco:

- Isso nunca!

Em seguida fez-se a distribuição.

O Nino pediu para que se conservassem com as roupas vestidas, para ver se tinham de fazer nelas quaisquer emendas. Para quase todos teve que ser. Mas como a poucas barracas de distância havia uma costureira, isso não era problema. Felizes e alegres, pegaram no Nino, e deram algumas voltas com ele aos ombros ao redor do barraquim.

Como tinham trazido cabides, pregaram-nos em pregos, e pendurou-se a roupa nos taipais. Cada qual era responsável pelo que era seu. E, para dar continuação à felicidade, o Pessêgas disse o que fizera naquela manhã. Fora à secretaria da escola requerer o exame para os seus alunos. O Nino abraçou-o, feliz, e disse estar venturoso por ali ter ficado.

O avô do Pessêgas tinha sido sargento na Marinha, sendo também toda a sua paixão o mar. Ele gostava de ir como voluntário para aquela arma, mas reconhecia não ser fácil, nas condições em que vivia. Sabia ter ainda alguns tios avós, numa aldeia da Sertã. Terra do seu avô. tal como da avó, algures no concelho

do Fundão. Por isso, não tinha família a quem recorrer, neste mundo onde as pessoas são mais aceites pela aparência e pelo que vestem, do que por aquilo que são na realidade.

Aquele jovem disse também: a pobreza do nosso trajar, identifica-nos como rebeldes e vadios, mesmo sem o sermos. Para quem não há portas abertas, nem mesmo essas dos maus patrões. Agora, via uma luz ao fundo do túnel, com uma possibilidade de fuga.

O Nino conhecia aquele Comandante da Marinha, com alguma amizade pela Senhora Lesia. Como sabia do desejo do Pessêgas, já há muito pensava em lhe pedir. A Marinha tinha sempre mais requerentes do que os que precisavam, nos alistamentos. Os que tinham pedidos, eram os primeiros a serem escolhidos. Com isto em mente, o Nino perguntou:

- Quem de vós gostava de ir como voluntário para a Marinha? O Pessêgas e mais três dos seus alunos disseram que sim.

O Nino, poucos dias depois, foi a Lisboa. Desde que o Mitinho nascera, ia ali com frequência. Desta vez, foi mais para falar com a Senhora Lesia, acerca do que desejava para os amigos. Ela, ao ter conhecimento de que o Comandante já se encontrava em casa, pediu-lhe que a acompanhasse, para irem os dois falar com ele. O Nino apresentou ao senhor o que desejava.

Este ilustre marinheiro, depois de explicar o caminho a seguir, deu-lhe uma norma, para preencher os requerimentos e, em seguida, onde os deveriam entregar. Aconselhou também que o fizessem com a maior brevidade, visto a próxima chamada para um novo alistamento ser dali a três meses. Deu-lhe o seu cartão pessoal, dizendo para comunicarem com ele, quando viesse a ser necessário. Com algum respeito e cortesia, o Nino agradeceu e retirou-se.

Pela noite, quando chegou a casa, contou o que conseguira, e o que queria que fosse feito já no dia seguinte. Mas só o Pessêgas ficou feliz; os restantes mostraram a sua dor, por lhes faltar o exame, e não poderem concorrer.

- Mas quem vos disse que não podeis concorrer? - perguntou o Nino! - Há muitos marinheiros sem exame. Sem dúvida que quem o tiver tem mais vantagens. O que não quer dizer que todos

sejam aprovados, e os que não o têm sejam todos reprovados! E, como na data do requerimento não é preciso mostrar o diploma, e em breve ides a exame, estou convicto que ireis ficar bem. Requeréis como se o tivésseis...

Com esta explicação, o júbilo voltou aos rostos dos rapazes.

Na manhã seguinte o Nino ficou, para acompanhar aquele expediente, seguindo o Patacas em seu lugar. Já tinha roupa e calçado. Nada o impedia de ser livre, coisa que há muito ambi-cionava.

Depois do café o Nino foi comprar as meias-folhas de papel selado, fizeram-se os requerimentos de acordo com as instruções e foram postos no correio. Restava aguardar o resultado.

As reservas económicas ficaram limpas, e o Nino desembolsado de 3.000\$00, vivendo com o que os três moços traziam, para alimentarem as dez vidas ainda existentes. O chefe pensou em voltar ao trabalho. Mas, para ele ir, outro tinha que ficar, e ninguém queria a missão de fazer comida.

Além de chefe, o Nino era o cozinheiro, e fiel da barraca, e raro ia à Ribeira. De vez em quando montava na bicicleta e ia ver os colegas, agora empregados, para ver como tudo corria.

O Pességas e os cinco estudantes não podiam perder as aulas, visto terem os exames em duas semanas. O Nino não queria recorrer à ajuda dos colegas, visto estarem felizes com os patrões. O dinheiro era pouco para alimentar tanta boca mas, como era bem administrado, lá ia dando, com algumas restrições.

As duas semanas chegaram, e o dia do exame também. Tomaram o pequeno almoço mais cedo e, pela primeira vez, depois de para ali terem entrado, calçavam um par de sapatos e vestiam uma roupa decente. Penteados, limpos e lavados, com um leve cheiro a perfume, o professor e os cinco candidatos a exame lá seguiram pelo caminho entre as barracas, até à paragem do auto-carro, vistos e admirados pela gente do bairro, que ficavam pasmados a olhar para aqueles vagabundos irreconhecíveis.

- Mas o que é que se passa? - murmuravam entre eles. Isto não é possível! Ou lhes saiu a lotaria, ou então roubaram o cofre de algum conde. E se ainda fosse só um! Mas logo seis! Não! Ali havia gato...

As duas da tarde, apareceram o professor e os cinco alunos, tão alegres e felizes que fariam inveja a qualquer jovem ricaço. Todos eles tinham ficado aprovados! O Nino estava esperançado nisso, pelo que fizera um almoço especial, junto com uma bebida, para celebrarem o acontecimento.

Estavam no melhor da festa quando a Guarda lhes bateu à porta, a perguntar quem era o chefe. O Nino levantou-se, com alguma serenidade, e foi junto dos agentes da ordem:

- O que desejam?

- Queremos saber aonde foram buscar o dinheiro para comprarem as roupas que esses meninos têm vestidas!

O Nino foi à sua mala, trouxe a caderneta da Caixa e pediu ao Patacas os papéis das compras, que mostrou aos guardas.

- Aqui têm!

O chefe, mostrando-se seguro das suas palavras, disse aos agentes da autoridade:

- Estes rapazes foram hoje fazer exame, ensinados nesta barraca por não haver dinheiro para pagar a um professor. Não quis que fossem descalços e esfarrapados. Com o meu dinheiro, comprei-lhes algumas roupas. Será que há algum crime nisso? Ou vêm mandados pelo sistema social, para me darem o dinheiro que pus por eles? Ficaria muito agradecido se levassem a conta e a enviassem a quem de direito, para que me fosse restituído o que tenho gasto, e o quanto tenho perdido, para os orientar! Sem falar nos sacrifícios e outros danos pessoais e morais.

- E quem o mandou gastar? - disse um dos agentes.

- Porque o sistema os abandonou e os desconhece. Vocês bem sabem que vivemos aqui! Mas ainda ninguém se incomodou em saber se temos agasalho e pão. Mas porque vestiram uma camisa lavada, já querem saber de onde veio, e quem a lavou.

- Já estás a falar é demais!

- Não! Estou apenas a dizer a verdade que bem conhecéis.

Os agentes da autoridade entregaram-lhe a caderneta e os papéis, e saíram, sem mais nada dizerem.

Naquele domingo, o Carapinha veio ali ver a rapaziada. Ficou feliz pelo que viu, e ficou conhecedor de quem pagara por tudo aquilo. Entregou 500\$00 ao Patacas, para a ajuda das despesas. Disse também haver uma vaga para marçano na sua loja, não sendo de rejeitar, visto que o patrão era compreensível e humano. O ordenado era de 300\$00 por mês, com cama e mesa.

Os candidatos a este trabalho só podiam ser o Fisga, ou o Canivete, por serem os mais novos, com apenas quinze anos. Como ambos o desejavam, deitaram-se sortes, e calhou ao Fisga. Nessa segunda-feira, o Nino, fazendo-se passar por irmão, foi apresentá-lo ao comerciante. Acertou com ele alguns pontos e condições, e já nesse dia ficou seu empregado.

Na semana seguinte, veio também o Alicate e o Capador. Ficaram espantados com tal transformação, e logo abraçaram o Nino, pelo seu humanismo e capacidade, que nenhum jamais poderia esquecer. Estavam apreensivos por nunca terem ido fazer a colheita, como tinha sido combinado! O Nino atalhou:

- Foi por não ver nisso a melhor opção. Podia comprometer-vos e terdes que voltar à estaca zero. Não! Isso não era uma boa solução, nem um bom começo para vós. Preferi seguir outro caminho.

Também eles entregaram algum dinheiro ao Patacas, e ficaram cientes do quanto o Nino tinha desembolsado.

Ao despedirem-se, o chefe pediu aos dois para ver se descobriam algum patrão jeitoso, perto deles, para o Canivete que era, de todos, quem mais o preocupava, devida à sua idade. Ambos ficaram de procurar.

O emprego para o Canivete apareceu uma semana depois, para o mesmo patrão do Carapinha e do Fisga. Não para o mesmo estabelecimento, mas para uma drogaria, ao lado, que o patrão tomara. O Nino e o companheiro abraçaram-se, felizes. No dia seguinte, o rapaz iria conhecer o seu primeiro emprego.

O Nino, a cada dia que passava, lembrava-se da sua casa, distante, e da miséria que passara. Um após outro, os irmãos tinham furado, na floresta humana, e a mãe vivia agora com algum conforto e glória, ainda que com alguma preocupação e amargura, pelos rumores que pairavam sobre o céu da sua aldeia, de que o filho, era o chefe duma quadrilha de ladrões.

Na barraca estava-se a passar o mesmo fenómeno. Cada um que saía era um alívio, e uma vitória para si. Já estavam cinco, e a maioria dos outros encaminhados para tomarem também o seu rumo. O seu desejo era ser o último a sair, sem que houvesse mais ninguém. O que diziam a seu respeito, pouco o incomodava, mesmo que a verdade não viesse à luz. A sua consciência estava leve e limpa e, tal como dizia o Padre da barraca, Deus lhe pagaria pelo que fizesse por eles.

Nesse dia, quando os moços chegaram a casa, o Nino viu pela primeira vez a discórdia entre os seus subordinados. O Dentadas tinha aceitado um trabalho efectivo num fornecedor, e outros dois contestavam, um para o outro:

- Como poderemos, só nós os dois, conseguir o suficiente para o suporte da grande família que ainda somos?

Ao fim de alguns minutos, Nino interveio:

- Não vejo nenhum mal em ele arranjar trabalho, e por ser menos um a trazer dinheiro para casa... Tomara eu que vós os dois também o conseguíssseis

- E quem traz o dinheiro para as despesas? - diz o Patacas. - Temos apenas em caixa o que os nossos colegas deixaram. Mas esse é parte do que puseste para nós.

- Não importa! Ele, por certo, também nos vai ajudar!

- Vede se arranjais alguma coisa para vós! Isso me daria mais uma felicidade...

Naquela tarde, depois do almoço, o Padre foi à mercearia para onde vinha a correspondência de todos, para ver se tinham alguma carta. Havia três, para os concorrentes à Armada. No dia seguinte, chegaria a outra que faltava, anunciando o dia da inspecção. Estes jovens estavam alegres, mas nervosos. tal como o Nino, sem o demonstrar, ainda que, confiante.

Todos entregaram os seus bilhetes de identidade ao Chefe

para, no dia seguinte ele os levar ao Comandante, de acordo com as instruções que recebera, aproveitando para fazer uma visita aos amigos. E para ver o Mitinho, de quem já tinha saudades.

No escritório do Oficial, este ia tirando os apontamentos dos respectivos bilhetes, para em seguida os devolver ao Nino. Ao chegar ao do Lécas, tomou as primeiras anotações, mas logo parou. Leu e releu a sua identidade e, em seguida, encostou a cabeça ao cadeirão, como que a querer recordar algo distante.

- Há algum problema, meu Comandante? - perguntou o Nino.

- Este rapaz é filho dum primo meu, que o pai trouxe para Lisboa muito novo. Um ano depois, quando o moço tinha, ao que parece, uns treze anos, o pai morreu, tuberculoso. O rapaz, sem mais família, ficou por aí, ao Deus dará, sem ninguém saber dele. De vez em quando ainda escreve à mãe, segundo a versão da minha empregada, que também é da nossa terra. Mas parece que não manda remetente, para não o contactarem. Diz-se que faz parte dum bando de rapazes abandonados, que vivem a roubar. Fugidos do oportunismo e das prisões juvenis, com o nome de Tutoria, em maioria dos casos punidos pelo crime da fome e da miséria, enquanto os responsáveis vão fechando os olhos às necessidades destes sem lar, sem agasalho e sem pão.

O Comandante quis saber mais acerca daquele rapaz.

Nunca passara pela cabeça do Nino reparar, nos cartões de identidade, de onde eles eram. Cheio de curiosidade, pediu licença ao senhor para ver. Depois, perplexo, acrescentou:

- Mas que coincidência, meu Comandante!

- O que é, desta vez?

- É que eu também sou dali perto...

- E de onde és tu?

- Sou de Ojafa.

- De Ojafa?

- Sim!

- Estou ligado a essa terra por laços de amizade. Tenho grandes amigos de lá.

Agora o Nino não teve qualquer receio em lhe contar toda a verdade. Tal como ele próprio a eles se ligara. Mas que nunca contasse à Senhora Lesia, nem aos amigos. Ajudá-los era a razão porque ali estava. Depois de concluir a conversa, agradeceu-lhe e pediu licença para se retirar.

- Nenhum deles é cego nem aleijado, pois não?
- Não, meu Comandante!
- Que não se preocupem...

Depois de deixar a casa daquele oficial marinheiro, foi dizer mais um adeus à Mila e a Senhora Lesia, e tomou o caminho da outra banda, tão contente como um gato com um chocalho, por tudo parecer estar a correr bem para aqueles jovens.

Ao chegar junto deles, contou-lhes tudo o que se passara, e sem deixar ir mais longe, virou-se para o Lécas:

- De onde és tu?
- Perto de Arganil...
- Já alguma vez ouviste falar em Ojafa?
- Nunca lá fui. Mas ouvia muitas histórias de lá...
- Essa é a minha terra.
- Então somos vizinhos?
- Somos!
- Dá cá um abraço Nino!
- Mas há mais... O Oficial a quem pedi para vos proteger, ainda é teu primo.
- Oh! Não me digas!... Como é o seu nome?
- É (...)
- Não o conheço. Mas diziam ser uma excelente pessoa!

Agora, o Nino perguntava a um... por um... mesmo aos que estavam a trabalhar, quais os seus lugares, ou de onde eram oriundos! Depois desta investigação, veio a concluir que neste grupo de catorze, quer por directa naturalidade, quer por raízes genéticas, ali havia representação de todo o país. Com maior impacto das Beiras.

O chefe Cabeças era de Almada, filho de pai alentejano e mãe algures de Vila de Rei; Carapinha, de uma aldeia pertencente a Oliveira do Hospital; Capador, do concelho de Oleiros, Beira Baixa; Canivete de Figueiró dos Vinhos; Pessôgas de Lisboa,

oriundo da Sertã e do Fundão; Dentadas de Miranda do Corvo, com costelas da Lousã; o Padre, duma aldeia sertânea; o fiel, Patacas, de algures de Pedrógão Grande; o Trempe, do Montijo, pai da Figueira da Foz, e mãe trasmontana, do concelho de Mirandela; Lécas, do concelho de Arganil, com costelas maternas de Góis; Alicate, da Cova da Piedade, pai da Covilhã e mãe de Tondela; Nesga, do Barreiro, filho de pai minhoto, e mãe da Guarda; Fisga, de Lisboa, mãe tabuense e pai algarvio; e por último, o chefe Direituras - este foi o epíteto que deram ao Nino, de Ojafa, Pampilhosa da Serra.

Chegou o dia da inspecção, que teve lugar no Corpo dos Marinheiros, no Alfeite, local que todos conheciam bem, a poucos metros de onde usavam ir à jorra. Os quatro mancebos foram inspecionados na parte da manhã. Depois de concluídos os trabalhos médicos, foram avisados para esperarem na sala, a fim de saberem os resultados.

Era meio-dia, quando veio o sargento enfermeiro, com a lista na mão, fazer o anúncio àqueles jovens da sua sorte. Os quatro companheiros estavam apurados para todo o serviço da Armada Portuguesa.

Na maior das alegrias, correram para a barraca, a fim de darem as boas novas e abraçarem o seu chefe, aquele que fora o seu protector e guia, e a quem deviam todo o sucesso. Houve festa, e todos celebraram mais uma vitória.

Algum tempo depois receberam a ordem do alistamento, para entrarem na Armada como grumetes, ali ao lado, no Corpo dos Marinheiros. O Nino fez questão de irem depois de comer, tomar café juntos, pela última vez.

Depois da refeição, o Chefe, que para eles deixaria de o ser em poucos minutos, quis dar uma pequena palestra, como sempre fizera aos que iam saindo. Perante os sete elementos presentes, com os olhos banhados de lágrimas, o Nino disse-lhes: - Todos aqueles que por aqui passaram estão ligados a uma história, mesmo que nelas haja algumas diferenças. Mas uma coisa é certa: não procurastes esta barraca em busca de mais conforto, mais carinho, mais agasalho e mais pão. Mas antes por tudo isso vos ter

faltado, na vossa juventude. Dizem nos jornais, que a árvore frondosa do sistema dá muitos frutos, mas nem todos estão ao alcance de os poderem saborear, por não terem a eles permissão nem acesso. Na melhor idade da minha juventude, aliei-me a vós, para repetir as dificuldades e misérias dos primeiros anos de vida, deixando de ganhar o que podia e pondo em prol da vossa causa tudo o que tinha. Espero que vingueis na vida, e que o meu sacrifício não tenha sido em vão! Pela vossa causa, estou a ser acoimado de valdevinos, por chefiar uma quadrilha de gatunos, o que não é verdade. Mesmo que perca o dinheiro que por vós investi, junto com a minha energia e capacidade, sou alguém feliz, pela vossa vontade em quererdes sair da lama. Juntos conseguimos a libertação do caminho do crime, do roubo e até da miséria a que estivestes condenados. Foi-vos mostrada a luz da liberdade e as probabilidades de singrardes no mundo da dignidade. Tudo o que fiz e vos dei será, por certo, o melhor investimento da minha vida.

O Padre, que também fazia parte dos marujos, e sempre o porta-voz do grupo, falou em nome de todos, para contar um pouco da sua história:

- Sou duma aldeia sertaneja, bem perto do concelho do Nino "Pampilhosa". Tal como tantos, a miséria me empurrou para um mundo que exige a nossa honestidade, mas ensinam-nos a ser desonestos. Depois da porta se fechar, eram dadas as instruções, como mais e melhor se podia roubar o cliente. Reneguei-me a tal, para dar o seu a seu dono. Pois tal não era a minha doutrina... por isso fiquei sem trabalho e sem lar. E, quando atirado na rua, fui levado à tutoria, onde vim a conhecer o Lécas. No meio de toda a espécie de jovens, criminosos, ladrões, todos éramos tratados por igual. Porque todos eram malfitores, mesmo os que ali caíam por falta de abrigo e de pão, e mesmo por quererem ser honestos, como era o meu caso. Foi ali que conhecemos também o Cabeças, que fugiu, e nos ensinou como o fazer. E aqui estive até esta idade, a pagar pela minha honestidade. Também sou acusado na aldeia de viver da ladroagem...

- Nino - continuou o Padre - não te importes do que te possam dizer, ou acusar. O que conta foi a tua obra, o que nos deste, fizeste e ensinaste. Foi assim que subimos o primeiro degrau, o que, sem

essa ajuda, não seria possível, especialmente para mim. Ao passares por essa gente, olha-os nos olhos, para que sejam eles a baixarem a cabeça, com o peso do remorso duma difamação que falsamente te apontam. Obrigado pelo que recebemos de ti, e de todos. Obrigado, por saberes esperar pelo pagamento daquilo que te devemos. E, como a vida também tem pontos positivos, é provável até, que te o possamos dar quando ainda dele precisas. Quanto ao resto, nem eu, nem os outros já mais te pagaremos, porque para tal não há valores que o possam fazer. Como são horas, temos que nos ir...

Um a um, foram abraçando o Nino, e todos iam deixando as lágrimas na sua camisa, o prémio mais sincero e valioso que jamais se pode receber como agradecimento. A cada um ia dando igual mensagem:

- Vê se podes fazer aos outros, o que tu recebeste.

O Nino e os outros companheiros foram acompanhá-los ao fim do bairro das barracas. As pessoas, ao vê-los passar, vestidos com aprumo e pundonor, ficavam a falar entre eles, talvez por inveja, ou, quem sabe, se de felicidade. Ali esperaram que escapassem no viso da tapada. Lá do alto, e em fila, levaram a mão à altura da testa, e fizeram continência ao Nino, dizendo todos em alta voz.

- Obrigado... meu Comandante!

O Nino acenou com a mão para, em seguida, tirar o lenço do bolso, e voltar a limpar as lágrimas, enquanto eles desapareciam por detrás dos arbustos. Os três voltaram à barraca. Mas já não parecia a mesma. Era demasiado grande e triste. Dos treze, já só restavam estes três. Pela noite, nenhum comeu, apenas tomaram um café.

No dia seguinte, o Nino acompanhou-os à Ribeira. Como o dia estava fraco, às nove deram por terminado o trabalho, com quarenta e poucos escudos, entre os três. Não era muito. Mas como eram só eles, ainda não o gastavam todo.

Sós, já não se sentiam bem na barraca. Pela noite, conversaram acerca do rumo a tomarem. O Nino mencionou o caso de Dentadas, por ter arranjado trabalho e estar contente. O Nesga interveio e disse:

- Nino! Eu ainda não estou a trabalhar permanentemente, pala simples razão que alguém tinha que ganhar para os que ontem se foram. Amanhã irei falar com a pessoa que me ofereceu trabalho.

No outro dia, lá voltaram os três amigos à luta, para conseguirem mais uns escudos, sempre difíceis e escassos. Mas o primeiro serviço do Nesga foi ir perguntar ao dito senhor se ainda estava interessado nos seus serviços. A resposta foi positiva. E uma vez que ambos concordaram nas condições, já não fez fretes, nessa manhã.

Tal como fizera aos demais, Nino aconselhou-o à honestidade, ao zelo pelo trabalho, e ao cumprimento dos seus deveres para, com dignidade, exigir os seus direitos. Abraçaram-se, tal como os anteriores companheiros, sem poderem conter as lágrimas: um, por felicidade; o outro, por gratidão. Às nove e meia daquela manhã, apenas o Nino e o Patacas atravessaram o rio para a outra banda.

Já em Cacilhas, o Nino disse ao seu último companheiro:

- Uma vez que somos só os dois, e nada mais temos em vista, vamos a uma tasca comer qualquer coisa, e depois fazer uma visita aos nossos colegas, o Carapinha e os dois mais novos, que trabalhavam para o mesmo patrão.

Ambos concordaram.

Depois desse almoço antecipado, mais bem pago que servido, seguiram rua acima, directos à mercearia. Ali estavam apenas o Carapinha e o Fisga. O Nino estava à vontade. Conhecia bem o dono, e ele pensava que o Fisga era seu irmão.

- Então estais sós os dois? - disse o Patacas.

- Não! O nosso chefe está nessa casa ao lado, mais o Canivete.

- Como vão as coisas?

- Olha Nino, até à data, tudo nos tem corrido muito bem. Como patrão, ainda não tive melhor. É cumpridor e humano. Se nos apetecer comer uma sanduíche, não diz nada. Estamos à von-

tade. Eu penso que ele também está satisfeito connosco, pois tentamos fazer o nosso melhor.

- Estou encantado com isso! - disse o Nino. - Eu vou lá vê-lo!

E saiu.

- Olá Senhor Mingas! Como está?

- Estou bem! Mas com muito trabalho. Isto já não é para mim... nem tenho necessidade. A mercearia já me chegava. Mas tomei isto, por ser mesmo aqui ao lado. E estou a ver que fiz asneira... Não tenho quem me ajude. O meu único filho formou-se, foi para a África e não quer saber disto para nada...

- Não, Senhor Mingas! É só questão de meter mais um empregado, e o senhor é só orientar...

- Como é a sua graça, que já se me passou?

- Nino!

- Olhe, Nino! Esta coisa de empregados, também é preciso ter sorte com eles. Eu sempre os tratei bem, e não tenho sido muito recompensado... Se não me engano, parece que desta vez acertei. Tanto o seu irmão, como o caixeteiro, são muito trabalhadores e responsáveis. Mas não perdem nada com isso!

O Nino já tinha notado, quando ali viera trazer o Fisga, para ele seu irmão, que era humano. E era para um patrão assim que gostava de trabalhar, mas nunca o encontrara. Deu-lhe vontade de lhe pedir para si. E o Patacas? Não! Este estava em primeiro lugar. Se lhe desse trabalho, ficaria felicíssimo.

- Bem, Senhor Mingas... Passei por aqui só para saber como é que tudo vai. Se pensar em meter mais um empregado, eu conheço um, de excelentes qualidades. Só não tem é muita prática, porque a profissão dele era ser tesoureiro dum grupo de associados...

- Isso não era problema! se for esperto e com vontade, são apenas duas semanas... e fica apto.

- Ele até veio comigo, se o quiser conhecer, está ali a falar com o caixeteiro...

- Deixa-me ver o rapaz!

E entrou na outra loja.

Foi o Nino que disse ao Patacas:

- Este é o senhor Mingas, o dono destes estabelecimentos. Segundo me disse, é provável que venha a meter mais um empregado. Um bom patrão para ti...

- E eu teria muito gosto em o servir... - disse o Patacas.

- Aqui o Nino já me disse que não tem muita prática de balcão, pois o serviço de tesoureiro é um pouco diferente. Mas isso eram duas semanas, para ganhar experiência... Deixe ficar a sua morada e, se eu resolver, não meterei nenhum sem falar consigo primeiro...

Pouco depois, despediram-se cordialmente do proprietário e dos colegas, e tomaram o rumo da barraca.

Já no caminho, diz o Patacas ao Nino:

- Então tu vais-lhe dizer que eu era tesoureiro dum grupo de associados?

- E menti-lhe? Não foste, e ainda és, o nosso caixa? E nós não éramos sócios? O que não lhe disse, foi o ramo de negócio...

Na barraca, vazia, enquanto o Nino fazia a comida para os dois, no enorme panelão, o Patacas fazia as contas do dinheiro existente, pela última vez.

Depois da refeição, o honesto financeiro pôs sobre a mesa todo o dinheiro que restava, e disse:

- Toma, Nino! É tudo o que há... São 1.138\$00. Como hoje é sexta, e amanhã não há praça, e necessitamos de dinheiro para o fim de semana, tiram-se os 138\$00, e tu guardas os 1.000\$00. Perdeste, com este negócio, dois contos. Fraco investimento...

- Estás errado, Patacas! Este foi o maior e melhor investimento da minha vida!

Chegou o domingo, um dia solitário e triste. Na barraca, quando o Patacas e o Nino jogavam bisca de nove, apareceram o Carapinha e os dois companheiros, o Fisga e o Canivete. Mostravam-se felizes e sorridentes, como um mensageiro que trazia uma boa-nova. E eles traziam uma boa-nova! O Patacas iria começar a trabalhar no mesmo patrão, já nessa segunda-feira. A ventura voltou, por instantes, àquele lugar, onde já só iria habitar o Nino e a solidão.

Não é preciso ser rico ou poderoso
Como tão pouco intelectual
Para definir o bem e o mal
Neste mundo da humanidade
Sem haver limite de idade
Neste palco da ilusão
Onde tanta gente sem pão
E outros o têm demais
Porque os direitos sociais
Foram sempre mal divididos
É o povo dos desprotegidos
Que o afirma com verdade
São esses jovens na caridade
Tais como os dessa barraca
Porque a sorte lhe foi madrasta
Vagueavam no mundo bandido
Fora-lhes mudado o sentido
Por um outro jovem sofredor
Que no sangue tinha o fervor
E a revolta à exploração
Esta, a mais sagrada lição!
Do quanto o amor é capaz
O Nino tudo deixou pata trás
Gastando tudo o que tinha
Mudou o sentido e a linha
Para as correctas direcções
Com reconhecidas gratidões
Todos seguiram seu traçado
Enquanto o Nino difamado
Por ser um chefe de ladrões!

NINO FECHA A BARRACA

Ao alvorecer do dia seguinte, os dois amigos deixaram aquele local, um para sempre o outro por mais alguns dias. Como ainda era cedo, o Patacas acompanhou o Nino ao barco, com o destino à Ribeira. Ele ficaria por ali, até que chegasse a hora da entrada, para depois se apresentar ao serviço.

Mal o barco acostou, as poucas pessoa vindas de Lisboa começaram a sair, enquanto outras esperavam, para entrar. O Nino puxou o companheiro para o lado, para lhe dizer o que devia.

- Patacas! Como nunca conheceste patrões, não imaginas o quanto se sofre, e se é roubado e explorado, neste mercado de trabalho. É coisa rara encontrar-se um patrão honesto, comprehensível e humano. Tal como dizem os nossos companheiros, este é uma excepção.

Tenta servi-lo com zelo, e honestidade, dando sempre o seu ao seu dono. Nunca esqueças as tuas responsabilidades e deveres. Só depois reclamarás os teus direitos, de maneira inteligível e justa. Nunca exijas além do que se deve e se pode. Ninguém poderá dar o que não tem. Especialmente quando servimos patrões que sabem respeitar o lado oposto. Lembra-te sempre do jovem Lafarél, a quem o patrão roubou e espancou. São estes que não devemos esquecer, para sabermos apreciar os que tudo merecem de nós.

O barco deu o apito da partida. Na mais ampla fraternidade, os dois amigos abraçaram-se. Já desligados, o Patacas voltou a abraçá-lo, mas agora ambos sentiram mais viva a grande atracção da amizade. O Nino entrou na embarcação, que começou a flutuar nas águas agitadas do Tejo. Levantou a mão para mais um adeus. Junto à doca, o outro disse, em alta voz:

- Adeus, irmão protector!

O Nino sentia-se ditoso, por tudo quanto conseguira fazer àqueles jovens, com pouca diferença de si próprio. Mas, no fundo, era um rapaz triste, porque lhes ganhara amizade, e já os não tinha na sua companhia. Como lhe faltavam a disposição e forças, desistiu ao segundo frete, e voltou a atravessar o rio para a outra margem, sem saber se alegre, se triste.

O MELHOR PATRÃO DA SUA JUVENTUDE

Em Cacilhas, comprou o Diário de Notícias, leu a página dos anúncios, e viu o pedido para caixeiro, numa rua, ali a dois passos, em Almada. O seu dono era do vizinho concelho de Tábua, que há tempos tomara este estabelecimento, mas merceeiro não era a sua profissão.

Esta vaga era para gerir o estabelecimento, pois por não confiar em quem lá tinha, mandou-o embora. Como o seu mister era outro, só ali aparecia pela tarde. O Nino foi aceite para aquele cargo, lugar que desempenhou de maneira zelosa e honesta, até ir para a tropa, seis meses depois.

Depois de acertarem as condições, o bom homem, sem nunca antes ter visto o Nino, abriu-se e contou-lhe os seus problemas, entre outros, fazerem-se vendas e não aparecer o dinheiro. Esta confissão deixou o novo empregado chocado.

- Confie em mim, que eu saberei o que se passa. Como já podia ficar naquele dia, disse ao novo patrão ir arrumar um assunto, e que voltaria mais tarde.

O Nino foi à barraca, pôs tudo nos devidos lugares, escreveu um papel com a direcção onde se encontrava a chave, e deu-o à vizinha mais próxima, em caso do Cabeças ter licença e passar por ali. Acondicionou as suas coisas pessoais na mala, amarrou-a à bicicleta e, feliz, assobiava a grande vitória da sua juventude, e talvez a maior da sua vida.

No cargo para que fora indigitado, começou a controlar tudo, desde as compras domiciliares, até ao que levavam para o consumo da casa. O dinheiro da gaveta era contado a cada quarto de hora. Pela noite, começou a deixar sinais nas portas. E como só ele tinha acesso à chave, ao abrir, via se tudo estava como o deixara. Se houvesse ladrões, ou deixariam de roubar, ou seriam descobertos. Havia mesmo gatunos, mas só que, a partir dali, não mais o tentaram, e os lucros começaram a subir. O homem não mais se viu nervoso e pensativo.

Ao segundo mês, quando lhe fez o pagamento, vinham cem escudos a mais.

O Nino chamou-o à atenção.

- Esse é o seu novo ordenado. Foi pena não o ter conhecido há mais tempo!

- Também eu, disse o Nino.

Nos restantes quatro meses, antes de ir para a tropa, e sem necessidade de tirar ao cliente, o dinheiro aumentava no cofre, de maneira impetuosa. Foi nesta última parte da sua juventude que o Nino descobriu que também havia patrões bons, conscientes e honestos, mas nem sempre reconhecidos e apreciados por bem.

No dia em que soube a data do seu alistamento, à hora do almoço, foi ver os seus colegas, que trabalhavam ali perto. Se algum estava insatisfeito, tinha uma boa oportunidade de melhorar.

O Alicate, que namoriscava a filha do patrão, disse não sair dali. Os seus planos estavam feitos. Quanto ao Capador, este aceitou, sem olhar para trás. As relações entre empregado e empregador não andavam saudáveis.

O Nino recomendou-lhe que fosse falar com ele, essa noite, visto ir avisar o patrão da sua saída. O bom tabuense já sabia que ia perder o seu empregado. Só desconhecia quando.

Ao chegar, pela tarde, o Nino contou-lhe. Aquele deixou-se cair sobre uma saca de feijões e disse:

- A minha alegria foi boa, mas durou pouco. Quem vou eu arranjar, de confiança, para o teu lugar?

- Eu sei onde está alguém de plena confiança, e já hoje lhe disse para vir falar consigo.

- É como tu?

- Penso ser igual!

- Isso deixa-me mais animado.

Já pelo escuro, o rapaz chegou. O patrão perguntou ao Capador o quanto estava a ganhar.

- Quatrocentos escudos!

- Foi isso que comecei a pagar ao Nino, e é isso que lhe vou pagar também a si. No fim de dois meses, se for zeloso e honesto como ele, passo-o para 500\$00, o que lhe pagava a ele. Não é

verdade Nino?

- É sim, patrão!

- Quanto ao trabalho, é o Nino que lhe vai explicar.

O ex-chefe do Capador, contou-lhe a bondade do homem, e a seita que tinha à sua volta. As artes e manhas que teria que usar, para não o deixar ir à ruína.

- Sei que a maioria não gostam de mim, porque não os deixo roubar. Os bons devem ser estimados!

- Está descansado, Nino, que não te vou deixar mal.

O Nino aceitou a chefia!

Destes quase da sua idade

A fim de os tirar da enxovia

Para o mundo da dignidade.

No Barraco tudo mudou

A fim de uma vida mais pura

O roubar nunca mais se usou

E com mais asseio e fartura.

Tudo lhe calhou como queria!

E tudo previsto na data

Lançou-os todos na vida

Ficando ele só na barraca.

A sua alma estava cheia

E feliz em cumprir a missão

Sem os dois contos na carteira

Ia servir um novo patrão.

Foi este que serviu por fim

Não queria de alguém o suor

Ah se todos fossem assim?...

O Mundo estaria melhor!

O NINO EM MILITAR

Como o ponteiro do tempo não pára, chegou a hora da partida, para o cumprimento do serviço militar, em Cavalaria 8, Castelo Branco, com passagem pela aldeia, onde permaneceria por uma semana.

À frente do novo empregado, o patrão fez as contas ao futuro recruta, dando-lhe mais algum dinheiro extra. Houve uma troca de saudações de amizade, e o Nino partiu, a caminho de Santa Apolónia, para tomar o comboio da Lousã, nessa noite. Acompanhado pelos seus mais directos amigos.

Tal como fizera na vez anterior, escreveu ao homem do táxi, para o vir buscar à serra, à hora da chegada da carreira. Era ainda o mesmo senhor de dois anos antes. Na conversa, durante o percurso, o Nino notou que o taxista escondia qualquer coisa que não lhe queria dizer.

O Adro da aldeia, ao contrário do usual, estava deserto. Apenas o Ti-Manuel da Espiga e Ti-Joaquim Raposa ali se encontravam, sentados no muro, saboreando as fragrâncias das beatas que distraidamente mantinham ao canto da boca, mesmo quando falavam.

- Então, como vão vocês? - disse o Nino!

- Olha, meu rapaz! Já não valemos para nada. Passamos os dias à sombra deste freixo, recordando as nossas memórias, que nenhum escritor se atreveria a escrever, sem chorar. Já ouvia dizer ao meu avô que, quando os velhos aqui se sentassem, a fumar e a rezar, e as pessoas a passarem, sem os verem, era sinal de que os seus dias estavam perto do fim.

- Mas essa árvore é assim tão velha?

- Velha?

- Este freixo tem mais de quinhentos anos! E o outro, que cortaram por mor da estrada, ali à poça, de que tu ainda te lembras, e que era quase o dobro deste, era ainda mais velho...

- O meu avô morreu com quase cem anos, e lembro-me de ele contar que já o seu avô aqui se vinha sentar, e o freixo era o que é hoje. Isto é bicho que ninguém sabe a sua idade...

- Então fiquem com Deus! Até mais logo - disse o Nino.

- Vai tu "tamaim", com a graça do Senhor!

Com o correr dos dias, passados na aldeia, mesmo sem ninguém lhe dizer nada, o Nino ia-se apercebendo daquilo que as pessoas julgavam a seu respeito. Não se via na juventude, em especial feminina, aquela atracção que tinham por ele. Agora estava cônscio da razão, porque escrevera a A e B e nunca obtivera resposta.

Um dia, já pela noite, ao calor da fogueira, quando os seus três irmãos - os únicos que ainda ali se mantinham, devido à sua tenra idade - já estavam deitados, a mãe fez uma pergunta directa ao filho:

- Nino, diz-me a verdade! Tu fizeste, ou fazes ainda, parte de algum bando de ladrões e malfeitores?

O Nino, com um leve sorriso, respirando felicidade, respondeu-lhe:

- Por que razão a mãe me pergunta isso?

- Porque se diz por aí que tu és o chefe deles! Eu tenho chorado tanto... tanto! Até fujo de me encontrar com certas pessoas!

- Se a mãe conhecesse a verdade, talvez se sentisse orgulhosa, pela acção humana que o seu filho tomou... Lutou muito, mas conseguiu desviar do mau caminho, esses jovens sem família, sem lar e sem pão, ignorados pelos comandos que nos governam, que corriam a passos largos para o barranqueiro da destruição. Sim mãe! Esta é a verdade que deve saber, e não o que lhe contaram. Contudo, não eram rufiões criminosos ou gatunos, mas crianças, tal como os seus filhos, empurrados para o mundo do salve-se quem-puder... Se não acredita em mim, tome esta morada, e escreva para este senhor, Comandante da Marinha, que é natural de (...). Foi ele quem me ajudou a lançar alguns deles, no caminho da dignidade. No meu tempo de pastor, a mãe costumava dizer que não me conhecia. E ainda continua a não me conhecer! Assim, vai acreditando em coisas que vão contra os sentimentos e personalidade do seu filho, aquele que ainda desconhece.

Já depois do Nino ter saído para o cumprimento do serviço militar, a mãe foi ter com o Padre, e escreveu mesmo ao senhor. A resposta não se fez esperar, elogiando-o e confirmando toda a verdade. A carta foi lida pelo Padre em público. A mãe sentia agora orgulho pelo que o seu filho fizera.

A caminho de militar
Na aldeia que o viu nascer
A mãe quis o filho esconjurar
Por aquilo que ouvia dizer.

A caminho da capital da Beira Baixa, onde iria assentar praça, passou por Capescones, para fazer uma visita à família. Ficou em casa da tia Mileia até ao dia seguinte.

Em conversa, foi perguntando à familiar como iam as coisas pela aldeia, e se a Lália já tinha casado.

- Não! Eu penso que o rapaz está também na tropa, ou então deve estar a ir. Tu gostas dela, não gostas Nino?

- Gosto! Mas há que esquecer...

Naquele regimento, arranjou vários amigos, que conservou pela vida fora. Alguns deles, vieram a contactá-lo no estrangeiro, à procura dum vida mais próspera, ou fugidos à perseguição e repressão que se vivia no tempo. Ali tirou a recruta e a especialidade de condutor-auto, sendo depois transferido para Lisboa.

Nesta cidade, que bem conhecia, o tempo era pouco para visitar o número de amigos que tinha. Os primeiros a visitar foram a família Vasíl. Este também estava na tropa, ali a dois passos, em Artilharia Um, em Campolide. Era desarranchado, e vinha ficar a casa todas as noites.

A Mila arranjara um trabalho numa fabriqueta, em Campolide, e a Senhora Lesia tomava conta do Mitinho, o seu netinho, como o usava chamar.

Esta família sabia que o Nino estava na tropa, pois eles mesmos o acompanharam à partida, mas julgavam-no ainda em Castelo Branco. Assim, a Senhora Lesia ficou muito surpreendida, e até assustada, quando um Jeep do exército lhe parou em frente da casa e lhe bateram à porta.

Uniformizado, de polainas, esporas e cinturão à cavalaria, e também mais magro, parecendo-lhe até mais alto, a senhora não o reconheceu.

- O que deseja?

- Que me desse um copo de água!

Ao vê-la, meio indecisa, o soldado disse-lhe:

- Não se incomode, que eu sei onde é a torneira...

E faz que entrava. Só então ela descobriu ser o Nino.

Como ia em missão de serviço, pouco conversaram. Mas prometeu voltar em breve, e com mais tempo.

- Pois venha, que temos muito que falar! Sempre me saiu cá um mariolas!

- Não me diga que fiz algo de errado?

- Não fez, não senhor! Fez uma obra digna! Mas podia-nos ter contado, o que nunca fez!

- Não sei do que está a falar!

- Depois lheuento...

- Oh, quase que me passava... E o Mitinho?

- Está muito bom, felizmente. Mas neste momento está a dormir.

O magala pôs o motor em movimento e disse adeus. Subiu a rua das Amoreiras, em direcção do Batalhão de Sapadores, em Campo de Ourique, onde ia destinado.

Depois do rancho das cinco e meia da tarde, havia a dispensa de formatura, podendo recolher até à uma da noite. Todos podiam sair do quartel, excepto os punidos, ou de serviço. O Nino, como estava livre, resolveu ir nessa noite a casa do primo, da terra da Lália, que morava em Alfama.

Este rapaz, o tal soldado que lhe dera a novidade do namoro da Lália, naquela manhã de Domingo, após o jogo no campo do Aliança, informava-o agora do rompimento de ambos, dando ao Nino uma nova esperança.

A certa altura, os primos despediram-se, e o Nino, sem perda de tempo, tomou o itinerário do seu aquartelamento, a fim de lhe escrever ainda essa noite, antes do toque do silêncio.

Iam passadas três semanas desde que tinha escrito, quando recebeu a carta tão desejada, mas desapontadora. Dizia o seu conteúdo:

Nino, junto às maiores saudações, vai o desejo de que te encontres de saúde. Quanto a nós, estamos bem, felizmente.

Estou-te muito grata por te teres lembrado de mim uma vez mais, pois usa-se dizer que quem nos procura... bem nos quer! Não é porque não goste de ti... ou não veja na tua pessoa a excelência em qualidades, mas pela razão de recentemente ter dado a minha palavra a alguém que me procurou. Como estava livre, e vi nesse rapaz o perfil da dignidade, aceitei. Não quero ser escrava do meu sim, ainda que a minha firmeza me traga consequências negativas. Contudo, um namoro não é um casamento. Se o nosso destino estiver guardado um para o outro, ele se encarregará de nos unir.

Sem outro assunto, vai, para ti, o desejo das maiores felicidades.

Lília.

O Nino leu a carta e, alguns minutos mais tarde, voltou a lê-la de novo, dizendo para consigo: «Que bons sentimentos tem esta moça! Que Deus lhe dê o que merece, seja com quem for.

Em determinada altura, o Nino tirou uma dispensa de fim de semana, para ter tempo de visitar todos os ex-companheiros da choupana e, se possível, dar um salto ao Corpo dos Marinheiros, onde pensava ainda estarem os amigos. O primeiro a ir ver foi o Capador, ansioso por saber como corriam as coisas na mercearia. Ao contactá-lo, viu neste um ar feliz, confiante e senhor de si, no cargo que lhe fora confiado. Depois de se cumprimentarem com um saudoso abraço, o Nino perguntou:

- Como é que tudo vai, por aqui?

- No presente, tudo bem! Mas, no princípio vi-me perdido...

- Mas os rapazes já não são os mesmos que ficaram quando eu abalei?

- Cala-te lá!... Como era hábito já do teu tempo, sempre que ia ao mercado, eu vinha na frente, para abrir a porta, e eles ficavam, para conduzirem as caixas da fruta ao seu destino. Um dia dei pela falta duma caixa de laranjas, mas não disse nada. Ao segundo, contei ao patrão. Ele, como nada percebe disto, ficou atarantado, sem saber o que fazer. “Ponha-os na rua!” disse-lhe eu. Ele fez-lhes as contas e mandou-os embora. Mas sabes o que eles tramaram?

- Não! Diz lá!

- Juntou-se a eles o que te queria lixar, e os três vieram para me darem uma surra. Se não tivesse aprendido aqueles golpes que nos ensinaste, bem a tinha levado... Assim, levaram-na eles. O patrão muito se ria...

- E como tem ele sido para ti?

- Uma jóia! Eu é que ponho e disponho. Confia em tudo o que faço. Essa é a grande razão porque me sacrifico em fazer o meu melhor. Tal como me disseste à despedida, ser-se desonesto para um homem destes, é ser delinquente dum duplo crime.

- Quanto te está a pagar?

- O mesmo que te pagava. Ao terceiro mês, lá vinham os cem escudos a mais, tal como prometera. Uma noite, depois de fazer a caixa e lhe entregar o dinheiro, estivemos a conversar por horas, onde lhe contei toda a nossa história. O homem ficou tão comovido, que até chorou. Ele ficou com uma total admiração por ti.

- E eu também por ele...

O Cabeças tinha passado à disponibilidade. Como encontrou a barraca vazia, ficou preocupado, pensando estarem todos na grelha. Tranquilizou-se quando a vizinha lhe disse onde estava a chave, e todo o incógnito que ali se passara. O ex-chefe quis que o Capador lhe explicasse o que acontecera.

- O Nino não mais parou, desde que te foste. Na sua palestra inicial, manifestou o desejo de que, quando saísse, estivesse tudo orientado, e ele ser o último a deixar o barraco. E foi isso mesmo que aconteceu! Vou-te contar como tudo se passou!

Depois do Cabeças estar a par dos factos, disse ao companheiro:

- Abençoada tareia que ele deu ao patrão, e bendita a hora que eu o levei para a choupana. Se tal não tivesse acontecido, continuaríamos sem eira nem beira, sem futuro, nem esperança.

- Olha! Os sapatos e a roupa que estão pendurados no cabide são para ti. O Nino não te quis discriminar. Sabia que nada trarias contigo, e esta era a maneira de poderes começar a trabalhar.

- Mas nós temos que lhe pagar todo o dinheiro que gastou connosco?

- Temos, sim! Temos que nos reunir, para lhe dar o que lhe devemos.

Depois de ouvir o cavaqueado que tivera com o Cabeças, o Nino pediu-lhe para o deixar telefonar aos colegas de Cacilhas. Desta conversa, resultou em se juntarem na barraca, no dia seguinte, domingo, para uma almoçarada, e contactarem também o Dentadas e o Nesga, para esse fim.

O Capador deu ao seu ex-chefe, que quis ir ficar ao barraco essa noite, fazendo companhia ao recém desmobilizado, algumas coisas relacionadas com o almoço do dia seguinte.

Nesse domingo, enquanto o Nino ia preparando as coisas para o almoço, o Cabeças foi ao Corpo dos Marinheiros, pedir ao oficial, ou Sargento-dia, se poderia falar com algum deles. Minutos depois, ali apareceu o primeiro grumete número (...)

Os quatro ainda se mantinham naquela unidade. Dois deles estavam de folga. Os outros dois estavam de serviço, ficando livres ao render da parada, que tinha lugar ao meio dia.

O ex-chefe voltou feliz e satisfeito ao burgo, por tudo estar encaminhado para se juntarem ali todos mais uma vez, e por certo a última. Só que desta era para reviver o passado. O grande panelão voltou a encher-se, mas com uma caldeirada à lagareiro, também uma especialidade do Nino. Havia peixe em abundância, sem a necessidade de o dividir, para chegar a todos. Como antes acontecia.

No fim dos estômagos estarem saciados, o Padre pediu a atenção para, em nome de todos, usar a palavra:

- Julguei nunca mais ter a felicidade de nos encontrarmos de novo. A nossa família é muito grande e, quando assim é, não é fácil uma total reunião. A razão porque todos hoje aqui estamos deve-se às cicatrizes profundas que marcam a nossa mente, e avivam o reviver de quantos nos fizeram bem e mal: o motivo por que aqui chegámos e o amor que daqui nos tirou.

Estes dois rapazes, com pouca diferença de idade de nós, foram os nossos chefes. Um, por vários anos, sempre pronto a dar a vida e a arriscar a sua liberdade para nos defender; o outro, embora por menos tempo, valeu por décadas de esforço feito, para nos poder integrar no caminho da civilização. Privou-se do conforto e dos prazeres da sua mocidade, junto dos danos morais, passando por chefe de ladrões, enquanto ele detestava e se opunha a tal maneira e modo de vida! O seu exemplo e a sua disciplina, humanismo e amor, tornaram-nos mais adultos e responsáveis. Ainda que jovem tal como nós, o seu fulgor de homem maduro, é alguém que não teve tempo de conhecer as leviandades duma juventude. O dinheiro que recebemos no fim de cada mês na Armada, ainda que pouco, é um tanto mais que no exército, além da alimentação ser mais abundante e melhor. Assim, é mais fácil juntar algum. Por essa razão, nós, os quatro marinheiros, queremos dar hoje a nossa parte que devemos ao Nino.

Mas o Patacas levantou a mão.

- Nós os quatro, que tivemos a felicidade de nos voltarmos a juntar profissionalmente, para servirmos a quem se pode chamar a flor dos patrões, trazemos dinheiro suficiente para lhe pagarmos o que contraiu para nós. Dois contos, a dividir por doze, não chega a 200\$00 cada um. Quem não tiver, dá-o depois!

O Cabeças levantou o dedo, para interferir:

- Eu quero contribuir com a minha parte, ainda que agora não tenha para o dar, porque também fui herdeiro! Mas logo o marinheiro Trempe o fez calar.

- Tu não pagas nada! Isto é coisa nossa. Já todos vínhamos prevenidos para esse fim...



O Patacas fez a colecta e deu ao Nino o que era seu.

O soldado-motorista pegou no dinheiro que o Patacas lhe deu e disse, com alguma emoção na voz:

- Primeiro de tudo, tenho em minhas mãos 2.400\$00, e o que me deveis são 2.000\$00, um saldo positivo de 400\$00. Se estiverdes de acordo, dão-se ao Cabeças no presente o mais necessitado.

Todos aplaudiram.

- Segundo ponto: estou feliz por ver que todos vós tendes mais dinheiro que eu. O pouco dinheiro que levei, acabou-se, e o que me dão na tropa quase não chega para a graxa das botas. E como a comida não é em abundância, nem de qualidade, os poucos vinténs vão ficando na cantina do quartel. Mas custa-me mais receber este dinheiro, ainda que meu, do que me custou a levantá-lo, para vos libertar daqui! Esta é a grande realidade, de que há mais felicidade em dar, que há em receber!

Por fim, o Cabeças fechou dizendo:

- Entre mim e o Nino houve diferentes maneiras de chefiar. Reconheço a minha administração não ter seguido o melhor caminho. Contudo, dei-vos o que estava nas minhas capacidades, ainda que pouco dignas e limpas, mas não via outra maneira de podermos sobreviver. Sempre respeitei as ideias de quem de mim discordava, como no caso do Padre, em não roubar. O Nino procurou diferentes horizontes e conseguiu, com êxito, os seus intentos, devido ao seu dinamismo, humanidade e amor. Arriscou as suas economias em favor dumca causa em que acreditava e vos liberou. Mas o prémio dessa vitória vai também para todos vós, porque aceitastes e seguistes os seus ensinamentos e a sua disciplina.

Finalmente, vieram as despedidas, e cada qual seguiu à sua morada. Alegres, prometeram um dia voltar a juntar-se naquela barraca-escola, onde aprenderam de tudo um pouco, desde o alfabeto, até como se devia pedir e roubar, passando pela defesa pessoal. Outro convívio igual não mais se repetiu.

Tudo se voltou a juntar...
Reunidos à mesma mesa
Podendo assim recordar
Este albergue da pobreza.

Todos venceram o passado!
Esses agros que a vida tem
A Aurora iluminou o cerrado
Para fazer deles alguém.

Depois dessa almoçarada
Que esta família viveu
Toda a dívida foi paga
E o Nino tudo recebeu.

O outro fim de semana, o Nino reservou-o para o passar com a família Vasíl, até porque este também andava na tropa. O Mitinho ia a caminho dos dois anos, uma criança bonita e sadia, o encanto não só dos pais, como também da Senhora Lesia, a quem chamava de vovó.

Este inocente, mesmo que estivesse sem ver o Nino por algum tempo, sempre que ali vinha, não mais o largava. Agarrava-se a ele, e enchia-o de abraços e beijos, como que ligados por uma atracção sanguínea. Tal fazia confusão ao pai, visto ele ser uma criança muito fechada para com as pessoas de fora. A Mila e a Senhora Lesia olhavam entre si e riam-se.

Estavam todos à mesa, quando o Vasíl perguntou ao Nino:

- Conta-nos lá o que é que se passou contigo, pela outra banda, que nunca nos quiseste dizer nada!

O amigo contou.

Nós soubemos pelo Comandante, que recebeu uma carta do padre da tua terra, a perguntar se conhecia algo a teu respeito, devido ao descrédito que sobre ti pairava na aldeia. O Comandante, que conheceu toda a realidade, e também fez parte da história, ficou triste, mas feliz, por poder esclarecer toda a verdade.

O Nino nunca lhes contou
O que estava a acontecer
Para ninguém o estorvar
Daquilo que desejava fazer.

Como todos estavam bem
Sentia alguma felicidade
Não era o mesmo com a mãe
Que sofria como ninguém
Enquanto não soube a verdade.

O NINO CONQUISTA A LÁLIA

As semanas e os meses foram passando, e veio a disponibilidade. O Nino, que não queria voltar mais para o comércio, requereu para várias corporações, de acordo com as suas habilitações e capacidades. A primeira que lhe apareceu e o aceitou, desiludiu-o. Em cerca de dois anos largou-a, para se alistar noutra, que lhe parecia melhor, e que na realidade o seria. Esta corporação, com cerca de quinze mil empregados era, sem dúvida, um lugar que a maioria desejaria ter, com alguma estabilidade para um jovem poder organizar a sua vida, ainda que, vista por fora, tivesse um colorido mais cor de rosa do que o era na realidade.

Já com emprego assegurado, arranjou uma parte de casa, com vista a procurar uma companhia, coisa que, para si, não seria problema de maior. A qualidade é que o preocupava. Lembrou-se de escrever mais uma vez à Lália, mas o diabo da moça tinha sempre rapazes de reserva.

Numa festa na casa do concelho da Pampilhosa, ali às Escolas Gerais, em Alfama, o Nino esperava que terminasse aquela moda, para depois tomar parte no baile.

Ao seu lado, dois rapazes da terra da Lália, que não o conheciam, falavam sobre os namoricos da sua aldeia, onde este nome veio à baila. Um deles disse:

- Ela rompeu com o (...). Vou-lhe escrever!
- Mas tu tens aqui namorada!
- E o que é que isso tem? É só para passar um bocado de tempo...

O Nino sentiu vontade de lhe arrebentar o focinho com murros, por andarem a empatar estas jovens bem intencionadas. Sem mais querer saber de danças, foi à tabacaria comprar a respectiva carta e selo, passou pela leitaria, mandou vir um café, e ali a redigiu. Uma vez escrita, desceu a Santa Apolónia, para que ainda seguisse nessa noite. Depois desta operação, voltou ao bailarico.

Duas semanas iam decorridas, quando chegou a casa, encontrou uma carta da Lália. Com algum nervosismo, rasgou o envelope e começou a ler. No segundo parágrafo, ela dizia:

«Nino, recebi a tua carta, e estou-te muito grata por continuares a lembrar-te de mim, o que prova a sinceridade das tuas palavras. Como no presente momento não tenho qualquer compromisso com ninguém, aceito o teu pedido, e tu recebe a pureza da minha palavra, com a certeza de que a nossa união, nunca quebrará pela minha parte.

*Com as maiores felicidades, desta que promete ser-te leal.
Lália.*

O Nino era agora um rapaz feliz. Era aquela que ele desejava ter por esposa, a mãe dos seus filhos, a companheira da sua vida, para com ela partilhar o prazer e a dor. Mesmo sem ainda ter grandes dinheiros, começou a pensar no casamento, que veio a celebrar-se em menos de um ano.

Tantas ilusões que imaginou
E insistências que falhou
Finalmente chega a desejada!
Aquela que fora a primeira
Que queria como companheira
Essa Lália sua amada.

Em Lisboa, a Lália, como era jeitosa e bonita, em breve ficou uma senhora fina. O Nino meteu-a na escola, a fim de se poder cultivar um pouco mais, vindo a ser uma grande profissional de cabeleireira.

Os princípios foram marcados por muitas dificuldades, não de carácter conjugal - porque sempre foram amigos - mas por diferentes factores, incluindo o financeiro. Não porque o salário fosse insuficiente para manter a família, mas por imprevistos não esperados. Mas, pouco depois, a vida do casal passou a sair do

profundo pesadelo, e a ter a luz da abundância e da felicidade

O Vasíl, depois da tropa, voltou ao comércio, no estabelecimento que deixara. A lei concedia o direito ao lugar deixado, quando no cumprimento do serviço militar. Mas, como eram novos donos, as coisas não corriam nada bem. Por esse motivo, pediu ao Nino se o conseguia encaixar na companhia onde trabalhava. O amigo não perdeu tempo em o fazer, e não tardou que fosse chamado a provas. Como tinha ali algumas ligações, não houve dificuldades na sua integração na empresa. Voltavam a ser colegas.

A Lália montara um instituto de beleza, e o dinheiro não mais foi problema na vida deste casal. O Nino disse não às horas extraordinárias, trocando-as por uma escola nocturna, para obter um maior grau de cultura.

A sua vida, por alguns anos, foi cheia de venturas. Veio um filho, e mais adiante, uma filha. Tinha a felicidade de os ver crescer com a abundância, que ele nunca conhecera, nem sonhara ter para os seus.

A amizade com o Vasíl nunca resfriou. Era pura! Ajudavam-se mutuamente, sempre que necessário. Foi o Nino que propôs um dia à Mila para deixar o seu trabalho, e ir para junto da Lália, aprender a sua arte, com a promessa de os ajudar. A Mila recusou, por não ter tal vocação.

Como folgavam no mesmo dia, muitas vezes juntavam-se e iam passear, cada um levando o seu miúdo. O Mitinho já andava na escola. A diferença de idade entre ele e o Lito - o filho do Nino - era de quatro anos. O Lito tinha ciúmes do outro, por andar sempre agarrado ao pai. Quanto ao Vasíl, fazia-lhe confusão o filho quase não ligar a ninguém, e para o Nino era um céu aberto.

Um dia de folga, estavam o Nino e o Vasíl sentados num banco do jardim das Amoreiras, a conversar acerca de qualquer coisa enquanto os rapazecos brincavam ali à volta, quando passou, junto deles, uma brigada policial da Câmara no serviço de fiscalização, a que davam o nome de varejo.

Estes senhores tinham sempre uma ponta por onde pegarem, quando queriam dar uma autuação. Passaram junto a eles e, a

poucos metros de distância, os três agentes da autoridade pararam, a olhar para os dois amigos.

- Olha aqueles cabrões que nos estão a mirar! - disse o Vasíl.

- Manda-os à mãe que os lambeu!

Um deles vem junto do banco, virando-se para o ex-Capitão da Malta, e perguntou:

- Desculpe... o senhor não se chama Nino?

Este, não reconhecendo de quem se tratava, ainda que fosse delicado, respondeu de maneira fria e seca:

- Sou! Não me diga que trazem alguma ordem de captura, para me prenderem.

- Não é disso que se trata! Eu sou o Tó, aquele rapaz que o senhor sempre protegeu, que é do seu concelho, e que trabalhou consigo ali na mercearia. E que depois me teve em sua casa, quando saí do hospital, da queda do eléctrico!

- Olha, o Tó!

Levantou-se e abraçou vivamente o ex-colega. O agente da autoridade chamou o seu colega, e o superior e disse-lhes:

- É este o tal nosso conterrâneo, de quem tanto lhe tenho falado! O subchefe veio abraçar o Nino, num gesto de grande amizade. O Tó contava agora da sua vingança contra o monstruoso ex-patrão, por o ter vigarizado e posto na rua, sem dinheiro e sem saúde, para se poder defender.

O Nino apresentou o Vasíl:

- Este é o meu melhor amigo, nas boas e más ocasiões! Olha, Tó, sabes onde ele vive? É na casa da Senhora Lesia, que te aceitou e acarinhou, quando da tua convalescença.

- E como vai ela?

- Vai bem! - disse o Vasíl.

- Tenho que a vir ver. Ela é uma santa! Dai-lhe cumprimentos, e que qualquer dia a venho visitar.

O Nino deu-lhe a sua morada, e o Tó deixou a promessa em o ir ver. Os agentes foram à sua vida, e os dois amigos voltaram a sentar-se no banco, para mais dez-reis de conversa.

Nestes que a amizade se fez
Entre o Nino e o Vasíl
Eram colegas outra vez
Agora no ferro ao carril.

NINO, O LÍDER DA SUA CLASSE

Na escola, o Nino ia aumentando os seus conhecimentos, mas ao mesmo nível crescia a sua revolta contra as injustiças praticadas na classe: umas ao nível directivo, outras impostas pelos chefões, sempre com o intuito de conseguirem postos de mais glória e melhor remunerados.

Tantas coisas ali se praticavam contra os direitos do trabalhador, e reprovadas pelo Instituto Nacional de Trabalho! Mas ai daquele que não aceitasse de boca calada! Passariam ao rol dos agitadores, e entregues aos bufos, que na altura própria os denunciariam como comunistas.

Foi assim que se encheram as cadeias da PIDE, com analfabetos políticos, só por não aceitarem de bom grado as arbitrariedades patronais, ilegais e injustas.

Como os sindicatos não defendiam os direitos do operariado, a classe criou um sindicato interno, com o nome de Grupo Excursionista, para se defenderem a eles próprios. Tal já existia antes do Nino ali chegar. Para que os bufos não se infiltrassem lá, os directores eram escolhidos pelo Conselho Geral em cada mandato.

As capacidades e qualidades do Nino, em breve se tornaram conhecidas no meio colectivo. Os responsáveis por esse organismo, abordavam-no a cada momento, enquanto ele se ia escapando. Levara uma juventude cheia de privações humilhantes, com difamações imerecidas, por amor a uma causa humana e justa. Agora, queria só viver em paz. Havia a família, e os seus problemas recarriam sobre eles também. E, se tinha uma vida privilegiada, para que se havia de meter nos cornos do touro, se quase todos os que por ali passavam acabavam por ser presos como agitadores?

Não! Já sofrera que chegasse, ainda que bem compreendesse tratar-se dum bem colectivo, para uma maior segurança e estabilidade da classe. Nada tinha a ver com políticas, e alguém tinha que ocupar esse cargo mas, se pudesse, escapar-se...

O tempo dos que estavam expirou, e uma outra direcção veio a ser escolhida. Na Assembleia Geral para apresentação dos novos corpos directivos, lá estava o Nino na lista, como primeiro secretário, o lugar chave desse organismo.

O Nino foi junto da Assembleia manifestar o seu descontentamento, tendo como resposta o seguinte:

- Todos queremos benefícios, mas ninguém quer responsabilidades. Os estatutos dizem que nenhum membro se pode recusar, a não ser por doença, ou falta de capacidades e confiança da classe. Doente, não me parece que sejas, e capacidade tens de sobra. Falta de confiança também não! No fim de dois anos, se não quiseres ou não puderdes servir mais a colectividade, tens todo o direito de recusar!

O Nino não teve saída. Aquele seria o seu lugar!

O Nino não pôde fugir!
Àquele estatuto legal
Por o que era justo pedir
Forçou-o mais tarde a sair
A tal lei do fado mortal.

Com apenas uma quota mensal de 5\$00, todos os associados tinham o seu salário garantido, quer por doença, ou quaisquer outras eventualidades, além de tantos outros bons benefícios. A razão de que, com tão pouco, se tinha tanto, devia-se à administração honesta, e ao trabalho voluntário desses elementos, dando todo o seu melhor pelo bem-estar geral.

Se, por um lado, os membros directivos eram honestos e zelosos, o mesmo já não acontecia com alguns dos membros. Eram os tais que andavam sempre na espreita dos pontos fracos dos estatutos, para mais uma oportunidade fraudulenta. Ou meia fraudulenta. Vários levaram boas somas de dinheiro que, embora legais, não deixavam de ser injustas. As direcções cessantes, talvez com medo de represálias, nada tinham feito para eliminar tais abusos.

O Nino, sempre adverso a sanguessugas oportunistas, tinha

ideias de como travar estes colegas mamões, que só podiam ser implementadas por meio duma alteração de estatutos. Depois de ponderar bem este assunto, viu quais as mudanças a fazer. Convocou uma assembleia extraordinária para apresentar à classe os seus intentos, que à luz da sua consciência lhe pareciam benéficos e justos para todos.

O Nino não só tinha um grande dom de palavra, mas também uma maneira especial de apresentar os factos. Nessa assistência, de várias centenas de colegas, expôs a sua tese:

- Caros companheiros! Este organismo foi criado pela classe, para que todos pudéssemos ter uma maior segurança e estabilidade no campo laboral. Com a garantia de que jamais nos faltarão o pão de cada dia, como antes acontecia. Devido aos infortúnios e fatalidades, quer pela doença quer pelo trabalho. Como humanos, por vezes somos levados e guiados pelas lentes duma consciência cega, que não nos deixa ver a imparcialidade dos factos. Mas apenas o que nos convém! E, como os estatutos foram feitos a pensar nos necessitados, e não para se defenderem dos oportunistas, talvez por isso, que no presente eles estão ultrapassados. Com roturas, que dão aos menos escrupulosos de sacarem o que legitimamente não lhes pertence. É da responsabilidade geral, pôr cobro a estes abusos, que são os frutos duma moral chamada Eu...!

Trago comigo algumas alterações, que me parecem sensatas, e que vou ler, para a apreciação de todos vós.

O Nino tirou da pasta uma folha de papel, e começou a ler. Após a leitura, todos quantos estavam no auditório se levantaram, aplaudindo-o calorosamente. Em seguida, pôs a moção à prova, e foi aprovada por uma esmagadora maioria.

À saída, O Vasíl, que também esteve presente, veio junto do amigo, em companhia de um outro funcionário e disse-lhe:

- Davas um grande advogado!

Mas logo o outro insinuou:

- Ele dava era um grande juiz!

A partir daquele momento acabaram-se os abusos e, com esses dinheiros que deixaram de pagar, criaram-se outras regalias. Uma delas era dar um tanto para as despesas fúnebres, quando algum colega ou membro familiar falecia.

Muitos colegas, quando tinham dificuldades, quer a nível profissional, quer particular, procuravam-no, para obterem o melhor dos seus conhecimentos e capacidades. E, se é certo que tudo o que fazia era de maneira imparcial, e sem fins de interesse, não é menos verdade que muitos o procuravam só para o atraíçoarem.

Passaram os dois anos de mandato, ainda que com bastante trabalho, mas nada se passou de anormal entre a classe e companhia. Não notou alguma vingança contra si, devido a certas sugestões e pedidos feitos à direcção, em favor daqueles que representava. Algumas coisas mudaram, e outras se conseguiram por meio de insistências e pedidos. E tantas mais na calha. Mas o que lhe estava reservado, isso é que ele não sabia!

Sindicatos de grandes portas
E muito maiores os mamões
Os operários pagam cotas
Para defenderem os patrões.

Eram cheios de tantas lacunas
Com tendências p'ro patrão
Uns aumentavam as fortunas
A outros faltava-lhes o pão.

O Nino desempenhou a missão
Que a si fora confiada
Fez STOP a tanto mamão
A quem o escrúpulo não diz nada.

Por sugarem de sofreguidade
Foi-lhe cortada a mamadeira
Mas agora a sua vontade
Era pôr o Nino na cadeia.

Aproximava-se mais uma campanha eleitoral para a presidência da República. No tempo, tais eleições tinham duas finalidades: a primeira, enganar a opinião pública mundial, que era o povo português que escolhia os seus governantes e os seus destinos; a segunda era para passar o povo pela joeira, a fim de saberem quem eram os seus opositores, para depois os levarem ao tratamento que lhes impunham. Na classe do Nino, muitos foram vítimas dessa traição.

Nas eleições de 1958, com o General Delgado a concorrer pela oposição, foi, em toda a história da ditadura, a que mais detenções se fizeram. Os colegas do Nino, hoje dois, para a semana três, depois mais, e mais, chegaram a mais de quarenta. Como qualquer salário dum trabalhador, no tempo, mal dava para uma vida de miséria, um só dia perdido desequilibrava o orçamento da casa por mais dum mês. Por isso não havia reservas económicas para garantir o pão da família em tais anormalidades.

O Nino, e muitos outros Ninos da classe, reuniram-se, para estudarem este problema de auxílio a prestar às famílias. Como recebiam à semana, decidiram fazer um peditório aos colegas, nos dias do pagamento, quase às escondidas.

Nos primeiros tempos, as dádivas recebidas e entregues a cada família, davam para cobrir o ordenado, e ainda sobrava algum, que punham de parte. Mas conforme o número de colegas aumentava nos cárceres, as receitas provindas da caridade diminuíam significativamente, o que tornava mais difícil a vida de quem recebia, e mais complicado o trabalho dos angariadores.

Fazendo das tripas coração, uns pelo que davam, outros pelo risco de pedir, hoje saíam dois da prisão, para amanhã entrarem quatro. As semanas e meses foram passando, cada um destes seres humanos a ver quando chegava a sua vez.

Certo dia, o Nino foi avisado para depor perante um agente daquela polícia. Ouvia contar a alguns que os interrogatórios, quase sempre eram feitos por dois agentes: o primeiro com uma coroa de anjo, e o outro com a chibata do Diabo.

Com algum nervosismo, o Nino ia fazendo o seu depoimento, perante aquele que não chegou a saber se era angélico ou diabólico. Com perguntas feitas sobre isto e daquilo, chegou a da angariação de fundos para as famílias dos presidiários. O Nino respondeu de maneira frontal:

- Faço sim senhor! Não por ideais políticos, porque não os tenho e nem os quero, mas por fins humanitários. Sempre julguei, e continuo a julgar, tal não ser um crime!

- Em determinadas circunstâncias, é crime, sim! E grave. - disse o agente. - E, a partir deste momento, não tentem fazer mais pedinhas, se quiserem viver em liberdade. Por hoje, pode-se ir embora!

Além do Nino, outros mais receberam o mesmo aviso. Continuar, era meter mais achas na fogueira, e criar mais fome e miséria.

Depois de muitas ideias e sugestões, determinou-se serem as esposas a irem a esses lugares de trabalho, receber a caridade dos colegas, nos dias de pagamento. Estas, nada tinham a perder. Se fossem presas, teriam que levar também os filhos e sustentá-los, e isso não queriam eles. E foi assim que fizeram.

Esse por quem fora interrogado
E do peditório o proibiu
Não soube se era Anjo, se Diabo
Ou se era a (...) que o descobriu.

Cerca dum ano antes, o Nino tirara o passaporte, para ele e para a família. Talvez fosse melhor dizer que o comprara, devido às dificuldades em o obter.

Tinha pensado em dar umas voltas ao estrangeiro, em lugares onde tinha amigos, que já lhe tinham oferecido a casa, e até ajuda se ali quisesse residir. Mas nisso não estava interessado, pois onde iria ele arranjar melhor vida que a que tinha em Portugal? Com a prisão dos colegas, não lhe foi possível concretizar esse sonho. Mas os passaportes mantinham-se em dia.

O Nino escrevera diversas cartas, a diferentes ministérios,

umas de carácter colectivo, para denunciar as ilegalidades e injustiças ali praticadas. Outras de natureza social, tal como as reformas das viúvas, que depois da morte dos maridos ficavam na penúria, à mercê da caridade dum familiar, ou da generosidade de alguém.

Tudo era controlado pela PIDE, e os bufos estavam em todos os lugares. O Nino pensava cada dia nas palavras daquele agente: Nós sabemos de tudo!

Isto deixava-o preocupado, não fosse dado como agitador. Dentro do trabalho, alguns daqueles sugadores a quem ele fizera uma paragem, eram informadores, e tentavam uma vingança contra ele. O cerco era cada vez mais apertado, e mais escura a luz da liberdade.

Certa noite, depois do jantar, alguém bateu à porta. A empregada foi abrir.

- Está o senhor Nino?

- Está sim!

- Diga-lhe que é o (?)

- Entra! - disse o Nino, lá de dentro. - É um grande prazer ver-te, meu amigo! Dá cá um abraço! Há que tempos não te via!

NINO FOGÉ À PRISÃO

- Sim... já há algum tempo!
- O que é que tens? Vejo-te triste!
- É a vida... Nunca sabemos quando o imprevisto nos trai!
Preciso de falar contigo, em particular.

Entraram para uma sala e ficaram sós.

Era o Pessêgas, o ex-professor da barraca, que fora voluntário para a Marinha. Ali tirara o quinto ano, alistando-se depois na PIDE. Esta ocupação, levou-os a muitas discórdias, mas nunca deixaram de ser amigos. Foi ele o incumbido de fazer a sua investigação, e de outros seus colegas. Estava já ao corrente de todas essas coisas que fizera, que, ainda que com o propósito humano, tal como a ajuda prestada a algumas famílias fora da Companhia eram condenáveis à luz do sistema ditatorial.

Desde que este ex-companheiro se alistara naquela corporação, sempre que se encontravam, quase que se despediam zangados. Sabia que eles não conheciam nem mesmo a família. Contudo, nunca perdera a confiança nele. A prova estava na sua presença, que no maior dos sigilos, o aconselhava a fuga, e a melhor maneira de o fazer. Tal, podia também custar-lhe a perda do pão e da liberdade.

O Nino levantou o dinheiro que tinha em depósito, junto ao que tinha em casa, e foi a uma casa de câmbios trocá-lo, para a moeda do país onde se destinava. A Lália disse às empregadas ir uns dias à terra, dando-lhes as instruções que devia. Não houve despedimentos de ninguém, além do Vasíl, recomendado a nada dizer, nem à própria família, antes que estivessem longe. Três dias depois deixavam Portugal, com a maior cautela e secretismo.

O Pessêgas era excelente!
Moço de quem muito gostava
Mas agora era um agente
Da PIDE que ele odiava.

Nele nunca perdera a confiança
Dele em nada se retráia
Como se alistou na matança
Não sei o que aos outros fazia.

Não queria ver o amigo preso
Estava ciente da sua tortura
Razão porque muito em segredo
Quis ajudá-lo na sua fuga.

Tinha passado uma semana, quando vieram para levar o Nino. Mas este já ali não se encontrava. Tanto o instituto de beleza, como a residência, foram passados a pente fino, em busca de qualquer ligação partidária. Nada mais encontraram que as cópias de cartas enviadas a diferentes ministérios, reclamando justiça pelas irregularidades praticadas contra a classe trabalhadora.

Os seus colaboradores na angariação de fundos destinados às famílias dos presos, estavam escritos por códigos, não podendo ser identificados, tal como as pessoas beneficiadas. Foram estes actos humanos, que à luz do sistema eram considerados crimes, pelos quais tantos tiveram que trocar a sua pátria pelo exílio, contra a força da sua vontade

Nesse mundo distante que o acolheu, tudo era livre, até a exploração. E tantos eram os explorados, com liberdade de expressão sem que se pudesse expressar. Estes despojados da pátria sofriam os abalos da ditadura, pagando a alto preço o custo do humanismo e da liberdade.

Nesse princípio de difícil adaptação, as mãos gretadas pelos frios e os calos criados pela rudeza dos trabalhos testemunhavam de quem nasceu sob o signo de servir e de sofrer. Não importa qual seja o sistema político ou social.

Também a Lália, com suas mãos finas, habituadas a pôr nas cabeças das madames a beleza dos mais modernos penteados, ficaram entumecidas pelos ácidos dos detergentes. Um dia, o Nino deu com ela a chorar, não só pelas dores físicas, mas também pelas emocionais. Abraçou-a e disse-lhe:

- Desculpa por tanto te ter feito sofrer. A minha insistência estragou a tua felicidade. Eu nunca devia ter casado, para ninguém pagar pelos meus actos.

- Nino, isso ofende-me! Eu tenho muito orgulho em ti, e de te ter como marido. O meu choro é em parte pelas dores, e também pela felicidade de ser tua esposa. Não desistas desse dom, e terás sempre o meu apoio. Sofrer pelo bem fazer, não é sofrer. Este mal é apenas temporário. Nós venceremos.

Isto animou-o.

O Nino não era pessoa de se abalar pelos desânimos, ou deixar-se vencer pelas dificuldades e baixas remunerações. Voltou à escola nocturna, para aprender aquele idioma que não era o seu. Uma vez integrado na língua e no sistema, arranjou um trabalho digno, instruindo-se ainda mais.

Ao estar bem seguro da lei, dos direitos e deveres, começou a defender os que por si não o podiam fazer. Passou a ser o defensor dos indefesos, e a levar ao tribunal alguns exploradores destes pobres, que aceitavam o que lhes davam, o que nem sempre correspondia ao justo e legal.

O Nino, em breve se tornara conhecido no meio da comunidade trabalhadora e estes, quando lesados, o procuravam para a sua defesa. Coisa que sempre fizera - e ainda faz, na data em que este livro foi impresso - de maneira zelosa e gratuita, nesta sociedade livre, onde também havia lei. Lei não cumprida por quem de direito, e não exigida por aqueles que ela protegia, por falta de conhecimentos. Esta, a razão por que nem sempre os infractores eram levados aos bancos dos tribunais.

Nesse país livre e distante
Onde a língua era diferente
O pior para um emigrante
É quando humilhado de frente.

Nesse país de oportunidade
Onde não falta ambição
P'ra tudo havia liberdade
Até mesmo p'ra exploração.

Isso fez o Nino estudar
Para esse idioma aprender!
A fim de se poder integrar
Para melhor se defender.

Tudo isso que ele aprendeu
Serviu para si e tantos mais
Muitos explorados defendeu!
E levou patrões a Tribunais.

NINO VOLTA A PORTUGAL

Chegou o 25 de Abril. O Nino pulava, feliz e contente. Mesmo com uma boa posição, quer profissional, quer financeira, neste país que o adoptara. Pensou no regresso à pátria, onde já tinha um apartamento, e voltaria à companhia que deixara, à base da nova lei.

Assim que teve oportunidade, pegou na sua família, e lá foram, para conhecer o país livre, e respirar o ar puro da liberdade, na terra que o vira fugir, para não pagar pelo crime do seu humanismo. Mas não foi preciso sair do aeroporto para ficar desiludido. E que desilusão, ao ver uma liberdade sem ordem nem lei.

Ao sair da gare, sentiu vontade em voltar ao avião que o trouxera, quando viu três indivíduos a bater num polícia, situação em que interveio a favor da autoridade. O homem do táxi que o levou ao apartamento, não pôs o taxímetro a trabalhar, para melhor poder roubar o cliente e o patrão.

Já no local, quando o Nino perguntou quanto lhe devia, este, sem a apresentação de factura, respondeu-lhe:

- São 500\$00!

- O quê? - exclamou o Nino. - Isso não é possível! Há poucos dias recebi uma carta dum amigo, que aqui está de férias, e dizia-me ter pago, incluindo bagagem e gorjeta 100\$00! Como é que o senhor me exige esta quantia?

- Porque quem faz os preços somos nós. O fascismo já acabou!

- Então a liberdade até dá para roubar?

- Veja como fala, seu fascista!

Com alguma calma, o Nino pegou-lhe na gola da camisa, e disse-lhe:

- Não volte a usar essa palavra para mim! Fique sabendo que foi pelo fascismo que eu tive que deixar o meu país, e as cicatrizes ainda não desapareceram da minha mente. Mas se isto é a nossa liberdade, melhor seria vivermos em ditadura! Tem aqui cem escudos, e não me diga mais nada! De contrário, não leva nenhum

e ainda leva um arraial de pancadaria. Mesmo esse, não vai chegar às mãos do patrão!

O Nino dirigiu-se ao administrador, a fim de obter as chaves do seu apartamento. Ficou para morrer, quando este o informou da sua ocupação. Deceptionado, sem saber o que fazer, sentou-se junto das malas. Mas logo se levantou e foi ter de novo com o responsável dos condóminos.

- Diga-me! Foi você que lhe deu as chaves, ou entraram por meio de arrombamento?

- Fui obrigado a dar-lhas!
- Tem alguma mais?
- Tenho uma!
- Dê-ma, por favor!

Em seguida subiu ao andar e experimentou-a, mas não abria. Bateu à porta, e também ninguém respondeu.

Bateu na porta ao lado por várias vezes, até que alguém respondeu, sem abrir a porta.

- O que é que deseja?
- Eu sou o dono deste apartamento que foi ocupado, e acabo de chegar do estrangeiro.

Com algum receio, abriu uma nesga da porta, presa pela corrente de segurança. Contou tudo o que se passara, dizendo terem um rapazote, que vinha almoçar por volta do meio dia.

- Muito obrigado!

Para não fazer espetáculo, meteu as malas no vão da escada e foi à esquadra da polícia, que não era muito longe, a pedir providências.

O graduado que o atendeu expressou a sua pena, mas disse nada poder fazer.

- Nós não temos força!
 - Então, se me matarem, ou se eu matar alguém, como é?
 - O subchefe encolheu os ombros.
 - Não sei o que vou fazer, mas não vou ficar assim!
 - Você tem razão. Mas tenha cuidado consigo!
 - Se cá vierem fazer queixa, espero que haja actuação igual!
- E saiu em seguida.

Deu ordem à família para se manterem onde estavam, e ele seguiu para o seu piso, esperando pelo filho, ou alguém que abrisse a porta. Não tardou a sua chegada e, ao abrir a porta, o Nino não lhe deu tempo para a fechar e gritou aos familiares, para porem as malas no elevador e subirem. Aquela era a sua casa!

O moço começou a chorar.

- Não chores! - disse o Nino. - Ninguém te vai fazer mal. Onde estão os teus pais?

- Não sei!

- Há quanto tempo aqui morais?

- Umas três semanas!

- Sabes quem é o dono disto?

- “Nã” senhor!

- Sou eu! Se aqui há alguma coisa vossa, diz, que é para eu a tirar!

- Não! O que temos ficou na barraca.

- Avisa o teu pai, se tem amor à vida, que não pense em voltar mais a este lugar!

Ainda esse dia, mudou a fechadura.

Ninguém mais ali apareceu, ou se registou qualquer incidente. Mesmo assim, o Nino foi alguém com sorte.

As pessoas pareciam ter perdido o senso humano, e a responsabilidade pelos seus actos. Era uma liberdade onde só existiam direitos, ignorando tudo o que eram deveres. Nem mesmo os amigos tinham aquele calor da amizade de outrora. O Nino sentia-se humilhado na sua terra.

Por tal motivo, pensou em procurar a família Vasíl e nada mais. Mas como já não moravam nas Amoreiras, e no trabalho não lhe deram a morada, não o conseguiu ver.

Foram à aldeia visitar os familiares que ainda ali viviam, onde estiveram por algumas semanas. Ao voltarem à capital, antecipou as viagens, e voltaram ao país de acolhimento. A intenção de se radicarem em Portugal desmoronara-se no mesmo dia em que chegaram.

Nesse país do além, desiludido pelas indigestões liberalistas, sem respeito nem lei, que passara dos oito aos oitenta, o Nino não pensava em voltar tão cedo à sua Pátria. E só muito mais tarde voltou, quando, quinze anos eram passados.

Pela liberdade eu lutei
E também pela democracia
Mas sem respeito e nem lei
É pior que uma anarquia.

Tal o deixou desiludido
Esse excesso de liberalismo
Isso lhe fez mudar de sentido
E fugir daquele sismo.

Assim se viam sujeitos
Com errados procederes
Para quem só havia direitos
Mas a ignorar os deveres.

Pela razão sempre estarei
Seja qual o lugar e altura
Ter uma liberdade sem lei
Que Deus nos volte à ditadura.

O Nino parara de trabalhar aos sessenta. Já com os filhos criados, e sem problemas económicos, quis visitar alguns países europeus, incluindo Portugal. E, desta vez, gostou.

O povo, na sua maioria, aprendera que a liberdade e democracia têm um preço: respeitar, para ser respeitado. Ainda que muitos, infelizmente, continuem a ignorar esta verdade.

Desta vez, o Nino iria procurar o Vasíl e a Mila, saber se eram vivos, e como ia a vidas deles e dos filhos. Vasíl era apenas um diminutivo do seu nome, tal como Nino. Soube que já estava aposentado, mas a sua residência, ou a desconheciham, ou não lha quiseram dar.

Como o nome não era muito vulgar, foi à lista telefónica e começou a chamar, um a um. À sexta chamada, uma voz feminina respondeu do outro lado:

- Fala do consultório do Doutor (...) Faz favor de dizer...

- Desculpe! - disse o Nino do outro lado. - Eu venho do estrangeiro, e ando à procura dum amigo que deixei e nunca mais vi. Mas já vi que é engano.

O Nino ouviu uma voz de homem dizer:

- Passe-me o telefone!

- Está lá?

- Estou, sim!

- Diga lá o que deseja!

- Sabe... - disse o Nino - eu tinha um grande amigo, que já não vejo há mais de trinta anos, quando fui forçado a sair para o estrangeiro. Mas perdi o seu contacto.

- Não diga mais? Como está o senhor Nino?

- Eu estou bem! Mas diga-me com quem estou a falar? É com o filho, o Mitinho?

- É esse mesmo!

Houve uma longa conversa, ficando de contactar o Nino numa próxima ocasião.

Algumas semanas depois, o doutor, filho do Vasíl, comunicou-lhe da chegada dos pais, vindos da aldeia da mãe, aonde usavam passar férias. E, ao mesmo tempo, convidando-os para almoçarem.

Nesse dia, no almoço, além do médico, esposa e filhos, estavam também a filha, genro e netos. O Nino fazia-se acompanhar da Lália. Já não se viam há mais de trinta anos. As feições físicas tinham mudado totalmente e não se conheceriam se passassem um pelo outro na rua. Só elas ainda mostravam muitos traços da sua beleza.

Ali viveram algumas horas de verdadeiro convívio, falando do presente e do passado, revivendo as suas idades juvenis, as suas aventuras e dificuldades. No fim do almoço, quando só se encontravam os adultos na sala, foi a vez do filho, com um sorriso nos lábios, perguntar à sua visita:

- Conte-nos, senhor Nino, da partida que pregou ao meu pai!

- Partida ao seu pai?

Meio confuso, o Nino respondeu:

- Que eu saiba, nunca lhe preguei partida nenhuma! Eu e o seu pai fomos amigos puros, ajudámo-nos mutuamente e sem partidas! Não é verdade Vasíl?

- É sim, Nino!

- Eu não tenho tanta certeza... - disse o médico. - Conte a senhora, mãe!

- O quê?

- A partida que fizeram ao pai! Aquele segredo que ficou entre si, o senhor Nino e a minha avó Lesia.

A mãe corou, mas disse não saber do que falava.

- Então vou eu contar.

- Eu tinha muito apego, e continuo a ter, pelo Sr. Nino. Um dia disse à avó Lesia o que sentia por ele. Ela respondeu:

- Eu sei porque é meu filho... e a partir daí, nunca mais a deixei sem que dissesse o que eu não sabia. Prometeu contar-me, mas só quando fosse adulto. Já estava formado, quando lhe exigi dizer-me o que desconhecia. Veja lá se ainda se recorda! Quando o pai pregou a partida à minha mãe, e ela ficou grávida, o senhor, seu malandreco, tentou fazer o mais fácil, mas o menos humano. Arranjou o tal remédio para abortar. Só que ela, foi-se aconselhar com o Nino, a quem tinha como um irmão protector, e ele ordenou-lhe que não tomasse nada, pelo perigo que correria a criança, em caso de tal não resultar. Um conselho sábio e humano - disse o filho - que não só salvou uma vida, como uma possível deficiência, e quem sabe, se também não um suicídio... Essa seria a razão do meu grande afecto por ele, mesmo sem conhecer a história. Espero, Pai, que não se zangue com o Sr. Nino, ou com a Mãe, como eu tão pouco fiquei ressentido consigo, pois comprehendo a vida!

- Desculpa Vasíl, mas eu quis proteger este teu filho, de quem tanto te orgulhas, e por quem tudo fizeste na vida. E a tua mulher, para não vir a ser mais uma condenada, na selva das feras humanas. E, por último, porque sempre fui teu amigo. Não me leves a mal por ter procedido assim!

- Obrigado Nino, por teres sido mais responsável e humano que eu.

Ambos se abraçaram, enquanto os restantes familiares batiam palmas àqueles que sempre foram amigos leais.

Este seria o último abraço entre eles.

Ao fim de trinta e tantos anos
Voltaram-se a encontrar os amigos
O Nino, e Lália sua mulher
O tempo muda a qualquer
Quando gastos na sua jornada
Tanta coisa foi recordada
Nesse almoço familiar
O filho quis ali falar
Da grande amizade entre os dois
Para em seguida depois
Já só com adultos na sala
Com um certo sorriso na fala
Algo ali foi revelado
O tal segredo bem guardado
Quando da Mila a gravidez
Reservado no coração dos três
O filho agora o dizia
Os Olhares do Nino e da Mila
Marcaram aquela lembrança
Quando o Mitinho era criança
Tinha pelo Nino atracção
Vasíl soube agora a razão
Que o Nino tudo fez por bem
Os amigos, e o filho também
Todos juntos se abraçaram
E com saudades recordaram
Essa Lesia, a boa mãe.

Duas semanas depois, o casal Nino voltou a essa cidade linda, do país rico e belo que também já era seu, onde deixou ficar os melhores anos da sua vida, junto das suas raízes. Umas que foram e outras que ali nasceram. Não deixando, contudo, de recordar com saudade, esse berço que sempre amou. Mesmo tendo na memória o pão difícil e amargo da sua juventude, as cicatrizes da injustiça que tracejaram o seu coração, nunca esqueceu esse cantiño à beira mar, onde nascera e crescera e onde repousam as cinzas dos seus antepassados. Enraizado aos costumes, e também como cidadão desse país, nunca desprezou a sua língua, e mesmo a ensinou aos filhos.

Na frente da sua casa, empoleirava o escudo que ele próprio esculpira, o símbolo identificador da sua origem. No jardim das traseiras, as parreiras cobriam a latada, a recordar as casas da sua aldeia, nesse Portugal distante.

NINO COM OS NETOS

Sentado à mesa desse pequeno jardim, protegido do sol pelas parras da videira, pensava muitas vezes, fora do barulho humano, sem dar pela presença constante do chilrear da passarada. Nos dias calmosos de Verão ia estudando a maneira de melhor poder defender os explorados indefesos, vítimas dos oportunismos, que neste país procuram as tais riquezas rápidas e fáceis, à custa do pobre coitado.

Ali escrevia para os Ministros desta e daquela tutela pedindo algo em favor de alguém, ou reclamando coisas injustas. Também para jornais e revistas da comunidade na língua de Camões, o diário das suas memórias, que usava contar aos netos, quando ali vinham, e que eles conheciam pela "História do Nino pobre".

E, como ainda continuava activo no palco do cenário terrestre, ia registando novos casos, que depois de escritos lhes contava, e eles ouviam com muita curiosidade e atenção.

Um dia, estava o Nino a escrever as passagens da ida a Portugal, quando ouviu o sapatear duma senhora, que duas crianças deixavam para trás, correndo na sua direcção. Era a nora e os dois netitos, que iriam ficar por algumas horas com ele, enquanto a mãe ia a qualquer lado.

Já quando estavam sós, pediram ao avô para lhes contar, uma vez mais, a "História do Nino pobre".

Os netos já conheciam a história melhor que o avô e, se falhava em alguma passagem, logo o interrompiam, e o faziam voltar atrás. Nunca se fartavam da história, porque havia sempre novos casos, para fazerem novas perguntas. As horas passaram e a mãe chegou.

Ela chamou-os, mas eles continuavam com as perguntas, referentes aos últimos episódios, duma ajuda dada a alguém que dele precisou. A nora agradeceu e despediu-se do sogro, dizendo aos filhotes para fazerem o mesmo, para se irem. Eles beijaram o avô e, ao mesmo tempo, disseram-lhe:

- Gostamos muito de ti... e do Nino pobre!

Acompanhados pela progenitora, e já ao virar da esquina, o

mais velhito virou-se para trás.

- Quando "crescer grande", quero ser como o Nino pobre, para fazer bem às pessoas!

O mais pequenito, que a mãe levava pela mão, virou a carita de lado.

- E eu também, vovô!

- Deus vos ouça, meus filhos, que possais continuar nessa luta genética, a construir um mundo pacífico, mais justo, mais digno e mais humano, pelo qual os vossos antecessores tanto lutaram, para muito pouco conseguirem!

O Nino, voltou a sentar-se debaixo da parreira, mas agora solitário. Fixou a atenção nos passarinhos que o rodeavam, voando num vai e vem, como que envolvidos numa missão em que não pode haver falhas nem atrasos. Ninguém os manda, e ninguém os explora. Todos trabalham, porque o seu instinto lhes mostra as suas responsabilidades. Como é linda a Natureza! Pensava... e sem dar por isso adormeceu e sonhou: mas o seu consciente não! Este, ia-lhe focando o Mundo das maravilhas, pelo qual sempre lutou e nele desejava viver:

O Mundo era uma só nação!
Na abundância de paz e de pão
Toda a gente se deleitava...
E só um homem mandava
Com escolhidos auxiliares
Ali, não existiam lugares
Para corruptos governadores
Que se julgam ser os senhores
E vivem no mundo a sugar...
Todos tinham que trabalhar!
No campo da sua profissão
Não existia nenhum mandão
Pois tudo cumpria o seu dever,

Menos quem o não podia fazer
Pela doença ou pela idade
O Homem numa fraternidade
Respeitava credos, raças e cor!
Todos se estimavam em amor
No mais perfeito do sublime...
Não havia roubo e nem crime.
Já não havia chaves nas portas!
Pela noite às horas remotas
Não se viam bandos armados
Nas ruas não se viam drogados
Tal como mulheres prostitutas
Tinham sido banidas as lutas!
Tão frequentes pelas escolas
Nem mendigos pedindo esmolas!
Quer por vício ou necessidade
Nesta imperfeita comunidade
Feita pelos humanos mortais
Ninguém fazia aos ademais...
Aquilo que p'ra si não gostava!
Era isto que ele tanto amava ...
Era o sonho dos seus ideais!

FIM

POST SCRIPTUM

Esta obra é baseada em factos reais, ainda que exista uma ou outra história composta e inventada. E, como no presente, há ainda muitos figurantes vivos, que dela fizeram parte, não sendo possível contactá-los, razão por que oculto as suas identidades. Assim, os nomes as ditas personagens que nela constam, são todos criados pela imaginação do autor, tal como os lugares a que pertencem. Tudo isto, para salvaguardar em totalidade a privacidade de cada um.

Em tais condições, se alguém tentar identificar qualquer desses elementos, quer vivos, quer mortos, por isto ou aquilo, não o conseguirá em realidade! E se algo houver de comparável semelhança, não passará de mera coincidência.

Quero pedir desculpa aos meus leitores por qualquer falha no meu português, coisa normal, para quem há mais de quarenta anos está ambientado a outra língua.

Quero agradecer ao meu amigo Prof. Luís S. Ferreira, pela sua primeira, e cuidada revisão posta neste livro, e também pela sua adaptação ao computador.

Ao meu compadre e amigo Dr. António Lourenço, pela sua revisão final, tal como já antes o fizera, nas minhas obras já publicadas.

A David Carvalho Garcia, de Lavacolhos, do vizinho concelho do Fundão, ex-colega, e o melhor amigo que tenho neste país Canadá, pela sua leitura de apreciação, e ideias sugestivas, ditadas por alguém de vivência beirã, a quem a vida muito ensinou.

À boa senhora e amiga, grande artista e escritora, Maria Antónia Neves, pelo seu excelente trabalho de desenho das figuras que constam neste livro, inclusive a da capa. Além da gratidão, vai para si também a minha admiração, quer na sua escrita, quer na sua arte.

A Daciel e Lucy Ferreira, Director e Editora do Jornal "**Nove Ilhas**," pelo anúncio publicitário em cada número, feito aos meus livros.

A Severiano e Fátima Silva, Directores da Revista "**Gente Modesta**" pela mesma razão, em divulgarem as minhas obras junto do meu artigo, a fim de as tornar mais conhecidas.

Para todos vós, vai o meu reconhecido agradecimento.

ÍNDICE

A CONSCIÊNCIA	4
INTRODUÇÃO.....	5
COMEÇO DUMA RELAÇÃO.....	8
INÍCIO DUMA VIDA CONJUGAL	14
DE VOLTA À CASA PATERNA.....	17
A PRIMEIRA DOS TREZE FILHOS.....	20
OS DONS DUMA FAMÍLIA	22
QUANDO NÃO HÁ PÃO.....	26
A MISÉRIA FAZ VÍTIMAS.....	36
A SAÍDA DA FILHA RUILANDA.....	47
A DOENÇA DO PAI CENTIVE	56
A MORTE DO PAI CENTIVE.....	75
O DESÂNIMO VENCE A CORAGEM	88
NO AUGE DA MISÉRIA.....	99
O NINO E OS LOBOS.....	119
UMA LUZ DE ESPERANÇA	134
O SONHO DA SUA VIDA	143
A IDA PARA LISBOA	156
EM LISBOA	169
COMPANHEIROS DA BOLA E DO KARATÉ.....	173
VASÍL E NINO MUDAM DE PATRÃO	178
O NINO DE NOVO EM LEITEIRO	187
A MILA EM PROBLEMAS	198
PAGAMENTO DA DÍVIDA	202
O NINO EM DIFICULDADES	209
O NINO VISITA A ALDEIA	216
A FOME DEIXOU A CASA DA ABA.....	221
O CASAMENTO DA MILA E VASÍL	235
EM DEFESA DO COLEGA	242
NINO, O NOVO CHEFE.....	248
AS ECONOMIAS DO NINO.....	262
NINO FECHA A BARRACA.....	278

O MELHOR PATRÃO DA SUA JUVENTUDE.....	279
O NINO EM MILITAR	282
O NINO CONQUISTA A LÁLIA.....	294
NINO, O LÍDER DA SUA CLASSE.....	299
NINO FOGE À PRISÃO	306
NINO VOLTA A PORTUGAL	310
NINO COM OS NETOS.....	318
FIM.....	320
POST SCRIPTUM.....	321

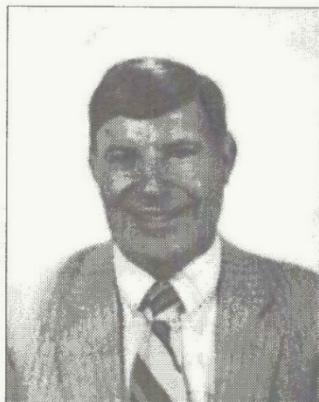
ILUSTRAÇÕES

UMA SENHORA COM A GAMELA DA BROA	3
UMA CRIANÇA A FUGIR	32
MÃE COM UM FRANGO.....	39
DUAS PASTORAS	51
UM CASAL NA SERRA COM TEMPESTADE.....	61
UMA SENHORA COM UMA CRIANÇA.....	74
UMA SENHORA COM UM SAQUINHO.....	87
UMA MULHER CAIDA COM A LOUÇA PARTIDA	94
UM CASAL COM UM PUTO.....	105
UM PASTOR NO MONTE.....	129
DOIS RAPAZES NO PALHEIRO	139
DOIS RAPAZES NA SERRA SOBRE TEMPESTADE.....	158
UMA MULHER COM DUAS CRIANÇAS	165
DOIS RAPAZES NO KARATÉ.....	175
UM PUTO E UM ELECTRICO	194
O NINO NA ALDEIA.....	219
UM RAPAZ A DORMIR NA PALHA.....	231
UM PUTO A ENSINAR OUTROS	260
UM ALMOÇO NA BARRACA.....	290

Impressão e Encadernação na SOGRASUL — MONTIJO
Depósito Legal N.^o 154672/00

SÊ HUMANO

Sê humano meu irmão!...
Porque a Deus nada lhe passa,
Nunca uses discriminação
Contra o seu credo ou raça.
Prelo, branco ou qualquer cor,
Não te julgues valeres mais
Quando se chora a sua dor
Têm emoções iguais.
Se for oposto ao credo teu,
Não o tenhas mal tratado
Pois mesmo o que é aleu
É Deus quem o há-de julgar.
Se és rico faz algum bem
Aos sem agasalho e sem pão
Pois o pobre que nada tem
Também ele é teu irmão.
Se és sábio e inteligente,
Usa sempre o teu saber
Em favor da humilde gente
Que não pode defender.
Se és Juiz, julga imparcial!
Sê justo, digno e prudente
Não hesites em punir o mal
E absolveres o inocente.
Se és corajoso com esperança
Emprega a boa lealdade
Não te valhas duma fraqueza
P'ra mais uma oportunidade.
Não sejas egoísta oportuno,
Faz por ser alguém amigo
Pois nada trouxeste ao Mundo
E nada levarás contigo!



ANTÓNIO DOS SANTOS VICENTE

Nasceu na antiga Vila de Fajão, do concelho de Pampilhosa da Serra, situada na encosta norte da Cordilheira Estrela-Lousã e debruçada sobre o Rio Ceira. Filho duma família das mais pobres e numerosas da região.

Ali viveu uma infância de privações e miséria, tantas vezes cheio de fome, descalço e esfarrapado, acompanhando o rebanho que estava à sua guarda.

Orfão de pai, e um dos mais velhos duma irmandade de treze, aos 15 anos emigrou para Lisboa, onde se ocupou como marçano durante três anos. Conheceu toda a espécie de patrões exploradores, sem escrúpulo nem consciência, negando por vezes os proventos do seu trabalho.

Revoltado contra as injustiças patronais de que tanta vez fora vítima, procurou outros meios de sobrevivência, ainda que honestos, eram pouco remunerados e dignos. E assim se manteve até à ida para militar.

Depois deste dever cumprido, ingressou na Companhia Carris, onde veio a ser motorista dos autocarros daquela corporação. E por ter o desejo em obter um pouco mais de instrução, matriculou-se num colégio, passando a ser trabalhador estudante.

O seu dom de palavra, facilidade de escrita, e espírito colectivista, em breve se tornou conhecido na classe, que logo o foram buscar para líder, o cargo que desempenhou com zelo, justiça e dignidade. Muitas coisas se conseguiram com a sua luta persistente, e outras ficaram a meio, por ter que fugir à repressão da Pide que o perseguiu. O Canadá foi o país de acolhimento.

Neste país, os princípios também não foram fáceis, porque a falta do Inglês, era uma porta aberta aos oportunistas exploradores. Assim, aprendeu a língua, e tirou entre outros, os cursos de contabilidade e navegação. Veio a ser piloto dum barco de carga e passageiros no Lago Ontário, ao serviço do Governo desta província.

Tal como fizera em Portugal, lutou sempre contra as injustiças, opondo-se à exploração, defendendo os fracos e idefesos. Assim o prova o seu livro. "Vida Difícil do Emigrante".

É autor do Livro "Vida e Tradições nas Aldeias Serranas das Beiras", publicado em 1995, "Vida Difícil do Emigrante" 1997, e Serras Altas Descampadas em 2000.